Luiz Antonio Giraldi

A Bíblia no Brasil República

Como a liberdade religiosa impulsionou a divulgação da Bíblia no país de 1889 a 1948







SBB

Luiz Antonio Giraldi

A Bíblia no Brasil República

Como a liberdade religiosa impulsionou a divulgação da Bíblia



Sociedade Bíblica do Brasil

Missão da Sociedade Bíblica do Brasil:
Promover a difusão da Bíblia e sua mensagem como instrumento de transformação espiritual, de fortalecimento dos valores éticos e morais e de incentivo ao desenvolvimento humano, nos aspectos espiritual, educacional, cultural e social, em âmbito nacional.

G433h Giraldi, Luiz Antonio
A Bíblia no Brasil República – Como a liberdade religiosa impulsionou a divulgação da Bíblia no país de 1889 a 1948 / Luiz Antonio Giraldi. Barueri, SP

ISBN: 978-85-311-1343-7 (formato ePub)
978-85-311-1475-5 (formato Mobi)

Contém índices, cronologias, bibliografia e galeria de fotos.

1. Bíblia Sagrada 2. História do Brasil 3. Colportores 4. A Bíblia no Brasil República I. Título

220.81

O conteúdo do texto é de inteira responsabilidade do seu autor e não reflete, necessariamente, a posição da Sociedade Bíblica do Brasil, que publica a presente edição no intuito de servir o Senhor Jesus Cristo e ajudar o leitor a conhecer a história do Livro Sagrado no Brasil.
A Bíblia no Brasil Império
© 2012 Sociedade Bíblica do Brasil
Av. Ceci, 706 – Tamboré
Barueri, SP – CEP 06460-120
Cx. Postal 330 – CEP 06453-970
Visite nosso site www.sbb.org.br
Todos os direitos reservados
Projeto gráfico, revisão e edição:
Sociedade Bíblica do Brasil

À memória de minha mãe,
Ana Dias Giraldi, que me
ensinou a amar a Bíblia.

SUMÁRIO



PREFÁCIO

INTRODUÇÃO

1. RUI BARBOSA E A BÍBLIA (1849—1923)

O grande líder republicano

Um menino brilhante

Advogado e jornalista

A questão religiosa

O Livro *O Papa e o Concílio*

A luta contra a escravidão

A Proclamação da República

O exílio

Tradutor da Bíblia

O político

O estadista

O educador

Rui Barbosa e a religião

Rui Barbosa e a Bíblia

2. A LIBERDADE RELIGIOSA E A DIVULGAÇÃO DA BÍBLIA (1890—1900)

Nasce o Brasil República
Começo tumultuado
A liberdade religiosa na Constituição da República
A reação à liberdade religiosa
Os evangélicos no início da República
O Mackenzie e a Bíblia
A Bíblia e a tempestade
A Versão Revista e Corrigida de Almeida
Cresce a distribuição das Escrituras no Brasil
A Bíblia com endereço errado

3. GONÇALVES DOS SANTOS NO BRASIL REPÚBLICA (1889—1902)

João Manoel Gonçalves dos Santos
O primeiro ano do Brasil República
O salto na circulação de Escrituras
Um presente ao primeiro presidente eleito
A perseguição aos colportores
A importância dos colportores
Aumenta a distribuição da Bíblia através das igrejas
Gonçalves dos Santos se aposenta
A Bíblia rifada

4. OS CATÓLICOS PUBLICAM A BÍBLIA (1893—1932)

O começo do diálogo com os protestantes
Mudança lenta e gradual no Brasil
A Igreja Católica publica livros da Bíblia
“Nossos irmãos separados”

O avanço evangélico e a reação católica
A encíclica *Spiritus Paraclitus* do papa Bento XV
A tradução da Bíblia do Padre Matos Soares
O relatório do colportor João da Cruz

5. OS PROJETOS SOCIAIS DO REV. TUCKER (1889—1934)

O Brasil no começo do século 20
Secretário da Sociedade Bíblica Americana
A visita à hospedaria dos imigrantes
A erradicação da febre amarela
O Instituto Central do Povo
A campanha de combate à tuberculose
A leitura bíblica comparada

6. A ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS NO BRASIL (1893)

Como surgiu a ACM
Chamberlain pede a ACM no Brasil
As Sociedades Bíblicas apoiam a ACM no Brasil
A fundação da ACM no Brasil
A primeira sede própria da ACM
Importantes realizações da ACM
O apóstolo de Caldas

7. NOVAS DENOMINAÇÕES EVANGÉLICAS CHEGAM AO BRASIL (1881—1911)

A Igreja Batista no Brasil
A Bíblia lançada no rio

Os adventistas chegam ao Brasil
Haroldo Lobo, o grande leitor da Bíblia
A Congregação Cristã no Brasil
A Assembleia de Deus no Brasil
Emílio Conde na Casa da Bíblia, em Londres

8. A TRADUÇÃO BRASILEIRA DA BÍBLIA (1902—1917)

Feita no Brasil para brasileiros
A Comissão de Tradução
Consultores eminentes
Processo de tradução
O período de preparação da tradução
Lançamento, críticas e elogios
Bem-aceita pelos evangélicos
Reeditada no século 21
A conversão do casal de fazendeiros

9. OS COLPORTORES DO BRASIL REPÚBLICA (1889—1948)

Pioneiros
Canuto Alves, em Pernambuco
Giuseppe Cazzulino, em São Paulo
Raphael Archanjo dos Santos, no Rio Grande do Sul
Camilo Roig, nos subúrbios de São Paulo
João da Cruz, no Rio de Janeiro
Colportor e filho de colportor

10. A BÍBLIA NO INÍCIO DO SÉCULO 20 (1902—1917)

O cenário político

Os evangélicos unem suas forças

Franklin Uttley

A divisão territorial

As Sociedades Bíblicas unificam suas lojas

O centenário da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira

Os imigrantes japoneses recebem a Bíblia

Aumenta a distribuição da Bíblia no Brasil

A conversão do sanfoneiro

11. A BÍBLIA DURANTE A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL (1914—1918)

A Primeira Guerra Mundial

A participação do Brasil na guerra

As Sociedades Bíblicas durante a guerra

Faltam Bíblias no Brasil durante a guerra

O centenário da Sociedade Bíblica Americana

Tucker e o colportor Penzotti

12. GLASS, O GRANDE COLPORTOR DO CENTRO-OESTE (1892—1941)

Um começo difícil

A primeira viagem como colportor

O prisioneiro feliz

Cristianópolis

A cobra gigante

Colportagem bíblica em São Borja
A carta de agradecimento
Carreira longa e abençoada

13. A BÍBLIA DURANTE A CRISE DE 1929 (1920—1929)

O Brasil nos anos 20
Alexander Telford
O plano de cooperação em publicações
O movimento de cooperação entre os evangélicos
A crise mundial de 1929
A Bíblia e a crise de 1929
O assassino convertido

14. O PRIMEIRO EDIFÍCIO DA BÍBLIA NO BRASIL (1932)

Cresce a demanda de Escrituras
Produção e distribuição das Escrituras no Brasil
O jubileu de ouro da agência da SBA
O presidente Hoover recebe a Bíblia em português
O primeiro Edifício da Bíblia no Brasil
Homenagens ao grande pioneiro
O Evangelho apanhado no lixo

15. ANTÃO, O GRANDE COLPORTOR DO NORDESTE (1906—1926)

As Bíblias rasgadas
A conversão do alcoólatra
Colportagem no rio São Francisco

O encontro com o Padre Cícero
Surpresa agradável no rio Paraguai
A companhia inseparável
Colportagem no rio Amazonas

16. A BÍBLIA NO BRASIL NOS ANOS 1930 (1930—1939)

Tempos difíceis
Os evangélicos nos anos 30
As Sociedades Bíblicas na Amazônia
Charles William Turner
Leonor Raeder
Charles Harold Morris no Rio de Janeiro
A Bíblia no Brasil nos anos 30
Atolados no lamaçal

17. A BÍBLIA DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939—1945)

A Segunda Guerra Mundial
O Brasil na Segunda Guerra Mundial
As Sociedades Bíblicas durante a guerra
A falta de Bíblias no Brasil durante a guerra
As Sociedades Bíblicas Unidas no Brasil
A Bíblia no Brasil durante a guerra
A eleição da Junta Consultiva
A Imprensa Bíblica Brasileira
A Versão de Almeida da Imprensa Bíblica Brasileira
A Bíblia compartilhada

18. A LIGA DE ESTUDOS BÍBLICOS (1920—1965)

A tradução do Novo Testamento do Padre Rohden

As relações entre católicos e protestantes melhoram

A encíclica do papa Pio XII sobre a Bíblia

A Semana Bíblica Nacional

A Liga de Estudos Bíblicos

O livro deixado pelo hóspede

19. A VERSÃO REVISTA E ATUALIZADA DE ALMEIDA (1943—1959)

Uma nova revisão da Tradução de Almeida

O processo de revisão

As normas de revisão

Novos membros da Comissão Revisora

Rev. Gonçalves, o revisor de português

Dr. Schelp, o revisor de hebraico e grego

O andamento dos trabalhos

O final da revisão

Lançamento e recepção da nova versão

A Bíblia do Rev. Gonçalves

20. AS SOCIEDADES BÍBLICAS UNIDAS (1946)

Conferência histórica

Palavra do representante da Polônia

Declaração do representante da Alemanha

A finalidade da conferência

A Bíblia na reconstrução da Europa

As necessidades imediatas de Bíblias

A cooperação entre as Sociedades Bíblicas
As Sociedades Bíblicas Unidas
Prisioneiro de Cristo

21. A SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL (1940—1948)

O Brasil pós-guerra
Os evangélicos nos anos 40
Os manuscritos do Mar Morto
Um novo Edifício da Bíblia no Rio de Janeiro
A Bíblia no Brasil nos anos 40
A fundação da Sociedade Bíblica do Brasil
O primeiro secretário-geral da SBB
O presidente César Dacorso Filho
A cerimônia de inauguração da SBB
O termo de inauguração da SBB
Congratulações
A porção bíblica que evitou um crime

APÊNDICE

Índice de abreviaturas
Cronologia das edições da Bíblia em português até a fundação da SBB, em 1948
Primeiro estatuto das Sociedades Bíblicas Unidas
Primeiro estatuto da Sociedade Bíblica do Brasil
Mensagens dos oradores na cerimônia de inauguração da SBB
Galeria dos promotores de colportagem bíblica no Brasil República

Produção de Escrituras da SBA de 1816 a 1916 (Primeiro Centenário)

Bibliografia

Bibliotecas

PREFÁCIO



Sou grato a Deus e ao Rev.Luiz Antônio Giraldi pela oportunidade feliz e honrosa de prefaciar *A Bíblia no Brasil República*.

Esta obra vem a lume como sequência histórica de *A Bíblia no Brasil Império*, também de sua autoria, e que conquistou o prêmio Areté, junto com outras publicações da SBB, na Feira Literária Internacional Cristã, realizada em São Paulo, em junho do corrente ano.

Uma das grandes bênçãos em minha vida pastoral, que já passa dos cinquenta e um anos, tem sido cooperar com a causa da Bíblia no Brasil.

Nessas três décadas e meia, começando no Diretório Regional de Brasília e, em seguida, como membro da Diretoria Nacional da Sociedade Bíblica do Brasil, o Senhor me concedeu o privilégio de participar de duas transições históricas na vida dessa amada instituição.

Em junho de 1987, o Rev. Giraldi sucedeu ao Rev. Ewaldo Alves na Secretaria Geral e, em dezembro de 2005, quando da aposentadoria do Rev. Giraldi, o Rev. Rudi Zimmer veio a sucedê-lo como Diretor Executivo da SBB.

Conviver com o Rev. Giraldi foi, sem dúvida, uma experiência enriquecedora, não somente para mim, mas para todos quantos estiveram ao seu lado nessa grande obra.

A visão de Giraldi e suas grandes arrancadas no trabalho da SBB, às vezes, chegavam a nos assustar pela fé empreendedora e a coragem de correr riscos em prol da

causa da Bíblia, haja vista o Projeto 2000, lançado em 1987, logo após sua investidura no cargo.

Tudo parecia distante e, a vários de nós, algo inatingível. Porém, todos os alvos foram ultrapassados—inclusive a Encadernadora e a inauguração da Gráfica da Bíblia, em 1995 — mediante esforço ingente, e vieram, de modo surpreendente, alavancar a produção e distribuição de Bíblias, Novos Testamentos e outras literaturas Bíblicas em nossa Pátria e no exterior. Essas iniciativas e o seu trabalho intenso, auxiliado por uma boa equipe, trouxeram-lhe projeção internacional entre os líderes mais destacados das Sociedades Bíblicas Unidas (SBU), presentes hoje em 147 países.

Pela graça do Senhor, veio o Rev. Rudi Zimmer, com a missão de continuar a grande obra de semeadura da Palavra que transforma vidas, famílias e comunidades, apoiado por eficiente e operosa equipe de homens e mulheres de Deus.

Já aposentado, desde 2005, por força de lei, quando a SBB celebrava seus 60 anos de organização em 2008, o Rev. Giraldi trouxe ao povo brasileiro *A História da Bíblia no Brasil*, uma contribuição de valor inestimável para nossa gente que ama a Palavra de Deus. Em 2009, ele escreveu *The American Bible Society in Brazil*, traduzido por Robert Bratcher.

Em 2012, esse homem apaixonado pela Bíblia nos enriqueceu, mais uma vez, com *A Bíblia no Brasil Império*. Esta obra nos revela como a Palavra de Deus, em meio a tantos obstáculos da época e com o sacrifício de colportores e missionários consagrados, que levaram a Bíblia de porta em porta aos grandes centros e às regiões mais longínquas de nosso país, cumpriu sua missão, como boa semente, transformando vidas preciosas para a glória de Deus.

Agora o Rev. Giraldi, com seu espírito persistente e sua visão de historiador, vem, por graça celestial e por meio de suas pesquisas acuradas, nos premiar com sua excelente obra — *A Bíblia no Brasil República*.

Fiquei impressionado com a riqueza de informações históricas contidas neste livro, o que nos mostra o poder da Palavra de Deus na vida de homens ilustres — literatos brasileiros da estirpe de Rui Barbosa, Machado de Assis e Érico Veríssimo.

Estes homens participaram da Tradução Brasileira da Bíblia, trabalho que durou doze anos, sendo concluído em 1914, início da Primeira Guerra Mundial.

Rui Barbosa foi o homem mais notável de seu tempo, por sua integridade de caráter e pela influência que exerceu na literatura, na educação e na política. Motivado pela Bíblia, da qual era assíduo leitor, ele defende as causas mais nobres de seu tempo e de todos os tempos.

O autor menciona, com entusiasmo, sua participação na libertação dos escravos, em 1888, sua defesa por uma nação democrática, com liberdade de imprensa, liberdade religiosa e separação entre Igreja e Estado. Ele foi um dos ardorosos defensores da República, que se tornou realidade em 1889. Para Rui, “Deus é a necessidade das necessidades” e, por isso, “ele não podia conceber o ser humano e tão pouco uma nação civilizada sem Deus”.

Giraldi destaca neste precioso livro fatos que, imagino, sejam desconhecidos de grande parte dos cristãos, como, por exemplo, a 1ª Semana Bíblica Nacional, que ocorreu entre 3 e 8 de fevereiro de 1947, realizada pela Igreja Católica em São Paulo, um ano antes da fundação da Sociedade Bíblica do Brasil.

O referido encontro teve como resultado algumas decisões surpreendentes para aquela época, conforme relatadas pelo autor, as quais vieram despertar o interesse de muitos católicos pela Palavra de Deus.

Quando a Bíblia chega às mãos e ao coração de pessoas, famílias e nações, algo de sobrenatural acontece pelo poder do Espírito Santo. É por isso que a SBB se empenha em distribuir essa Palavra por todos os meios e instrumentos possíveis, a fim de torná-la mais conhecida, mais amada e mais vivida.

Recomendo, pois, a leitura do livro *A Bíblia no Brasil República*, pelas razões aqui expostas e por muitas mais que você também poderá descobrir ao empreendê-la. Você se sentirá edificado, como eu me senti na leitura emocionada dos originais.

Não é um livro apenas para ler; é obra de consulta e de pesquisa em função da riqueza histórica sobre o Livro Sagrado que envolveu tantos homens ilustres, inclusive o Imperador D. Pedro II, que era um amante das letras e da Bíblia Sagrada, tornando-se amigo de missionários e líderes evangélicos.

Passe adiante a notícia deste livro. Estou certo de que sua leitura, além de fazer bem ao coração e à mente das pessoas, contribuirá, de maneira substancial, para fortalecer a fé do povo de Deus.

Que assim seja.

Adail C. Sandoval

INTRODUÇÃO



Este livro nasceu da absoluta ausência de informações sobre a história da divulgação da Bíblia no Brasil, falta que senti durante todo o tempo em que trabalhei na Sociedade Bíblica no Brasil (SBB). Em março de 2004, antes de viajar para Londres para participar das comemorações do segundo centenário da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, procurei me informar sobre a atuação daquela sociedade no Brasil, mas pouco ou nada encontrei. As únicas informações disponíveis na época, raras e esparsas, se encontravam nos números antigos da revista *A Bíblia no Brasil*. Pouco depois, recebi um belo livro em inglês, intitulado *A História das Sociedades Bíblicas,* muito bem escrito por Roger Steer, mas não havia nele nenhuma informação sobre as Sociedades Bíblicas no Brasil.

Pensei, então, em escrever, quando tivesse tempo disponível, um livro sobre a desconhecida história das Sociedades Bíblicas no Brasil, que também era bicentenária, pois desde o início do século 19, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) e a Sociedade Bíblica Americana (SBA) haviam publicado a Bíblia em português e distribuído em nosso país.

O tempo disponível para escrever este livro somente tive a partir de 2006, quando me aposentei. E, justamente naquele ano, em outubro, a SBB inaugurou a Biblioteca da

Bíblia, no Museu da Bíblia, em Barueri, que contém em seu rico acervo cópias dos relatórios anuais das agências das duas Sociedades Bíblicas, desde o início de sua trajetória no Brasil.

Contando, assim, com tempo e fontes de informações, comecei a escrever o livro “História da Bíblia no Brasil”, publicado pela SBB em 2008, como parte das comemorações de seu 60º aniversário. Como minha prioridade na época era narrar a história da SBB no período entre 1948 e 2008, apenas cinco dos vinte capítulos foram dedicados à longa história das Sociedades Bíblicas de outros países que antes atuaram no Brasil.

Logo que o livro saiu, meu saudoso companheiro Werner Kaschel, pastor batista e membro da *Comissão de Tradução da Bíblia na Linguagem de Hoje*, comentou comigo que havia gostado especialmente do capítulo “A Bíblia no Brasil Império” e me sugeriu que escrevesse um livro sobre aquele tema. Gostei da ideia, investiguei a fundo aquele período histórico e escrevi o livro, lançado pela SBB em 2012, com o título de *A Bíblia no Brasil Império*.

Porém, durante a pesquisa feita sobre o tempo do Império, verifiquei que no período da primeira República havia fatos relevantes e interessantes sobre a difusão da Bíblia no país que mereciam ser resgatados. Assim, decidi escrever este terceiro livro, *A Bíblia no Brasil República.* A presente obra abrange a história da divulgação das Escrituras no país desde a proclamação da República, em 1889, até a fundação da Sociedade Bíblica do Brasil, em 1948.

Em meu trabalho de pesquisa utilizei como fontes os relatórios anuais das agências da SBBE e da SBA, a coleção da revista *A Bíblia no Brasil* e dezenas de livros, escritos em diferentes épocas, por diversos autores. Sempre que foi possível, entretanto, dei preferência às fontes primárias, tais como atas, cartas, diários, relatórios antigos e livros

escritos pelos próprios protagonistas da história da divulgação da Bíblia no Brasil República. Três desses livros foram especialmente importantes na pesquisa histórica: *Reminiscências — 50 Anos no Brasil*, de Hugh Clarence Tucker, secretário da SBA no Brasil (1886—1933); *Aventuras com a Bíblia no Brasil*, do colportor Frederick Charles Glass (1892—1926); e *La Biblia construye en América Latina*, de Charles William Turner, secretário da SBA no Brasil (1933—1947).

Ao escrever este livro, me preocupei principalmente em narrar os fatos da maneira mais fiel possível, deixando a análise crítica a cargo do leitor. Como a questão da documentação é muito importante em uma obra desta natureza, procurei indicar sempre, no rodapé da página, as fontes consultadas e, muitas vezes, transcrevi em itálico as declarações das pessoas envolvidas na narrativa. Os testemunhos transcritos no livro — também em itálico, quase todos eles publicados na revista *A Bíblia no Brasil* — passaram por uma revisão gramatical e ortográfica, mas tanto quanto possível foi mantida a redação de seus autores.

Embora alguns capítulos abranjam um período maior do que outros, todos eles estão dispostos em ordem cronológica. A fim de facilitar a consulta sobre assuntos específicos, o sumário traz não apenas o título de cada capítulo, mas também o nome dos subtítulos, igualmente em ordem cronológica. Com o mesmo propósito, o apêndice contém a cronologia das principais ocorrências no período e das edições bíblicas, além do índice remissivo de nomes, assuntos e lugares. Com a finalidade de resgatar a lembrança da obra pioneira dos colportores durante o Brasil Império, o apêndice traz, ainda, os nomes de 57 colportores atuantes durante o Brasil República, os Estados visitados, o ano em que começaram a atuar e o nome dos seus patrocinadores.

As primeiras décadas do Brasil República foram decisivas para a divulgação da Bíblia no país. Após a proclamação da República, em 1889, foram introduzidas no país a democracia e a liberdade religiosa, e, com isso, muitas portas se abriram para a divulgação da Palavra de Deus no país. As Sociedades Bíblicas aproveitaram a oportunidade, multiplicaram seus esforços e os resultados logo apareceram: a distribuição das Escrituras no Brasil, que havia sido de um milhão de exemplares durante todo o Império, saltou para um milhão por ano na década de 1940. E, certamente, essa santa semeadura muito contribuiu para que o número de evangélicos que era de apenas 145.000, em 1890, saltasse para 1.800.000, em 1950.

Esse crescimento impressionante da distribuição das Escrituras foi fruto de muito trabalho, dedicação e paixão evangelística dos pioneiros da obra bíblica no Brasil — colportores, missionários, pastores e obreiros —, que saíram pelo Brasil afora, viajando a pé ou em lombo de mulas e visitando pessoas que nunca haviam ouvido falar do evangelho. São comoventes os exemplos de pioneiros que, muitas vezes, colocaram sua vida em risco para divulgar a Palavra de Deus, como o colportor Antão Pessoa, que, durante uma jornada de colportagem na Amazônia, remou mais de 500 quilômetros, em uma pequena canoa, enfrentando terríveis tempestades, para levar a Bíblia ao povo da região; ou Frederick Glass, que, por diversas vezes, arriscou a vida para levar as Escrituras ao interior do país; ou Miguel Torres, que, mesmo sofrendo de tuberculose, viajava frequentemente a cavalo, debaixo de temporais, para levar o evangelho aos moradores do Sul de Minas Gerais.

Dedico esta obra à minha saudosa mãe, Ana Dias Giraldi, que me ensinou a amar a Bíblia e me inspirou a consagrar a vida ao trabalho de divulgação da Palavra de Deus.

Agradeço ao Dr. Vilson Scholz, à minha esposa Selma Junia Vassão Giraldi e à minha filha Alice Helena Vassão

Giraldi pela importante ajuda que me deram na revisão desta obra. E sinto-me muito honrado com o prefácio do Rev. Adail Carvalho Sandoval, presidente da Sociedade Bíblica do Brasil.

Espero que este livro contribua para tornar mais conhecida a comovente história da difusão da Bíblia no Brasil e proporcione momentos agradáveis e inspiradores aos seus leitores.

Rev. Luiz Antonio Giraldi
Barueri, junho de 2013.

Capítulo 1

RUI BARBOSA E A BÍBLIA

1849—1923



O grande líder republicano

1870—1923

Nos últimos 20 anos do Império e nos primeiros 30 anos da República, despontou no cenário nacional a figura brilhante de Rui Barbosa, intelectual que inspirou, liderou e norteou as grandes mudanças políticas e sociais que aconteceram naquele período importante da história do Brasil.

Dotado de inteligência e memória incomuns e de grande disposição para a leitura, Rui Barbosa se tornou, ainda jovem, um homem culto e um orador eloquente. Seus talentos, cultura e coragem permitiram que ele surgisse como uma das grandes figuras do seu tempo, especialmente nas áreas do direito, da política e da literatura.

Rui Barbosa foi um homem verdadeiro, justo, honesto e grande defensor da liberdade. Como se pode ver na declaração a seguir, considerava a liberdade religiosa a maior de todas as liberdades:

> "De todas as liberdades, a liberdade de consciência é a mais elevada e a maior. Dela derivam todas as outras liberdades... [1] De todas as liberdades cívicas, nenhuma é mais importante para o ser humano, nenhuma é tão nobre, tão generosa, tão cheia de paz, tão adequada ao Evangelho, como a liberdade religiosa... [2] A liberdade religiosa será vencedora tanto por direito próprio como por direito de religião, religião do 'novo homem', nascido à sombra da cruz; a religião do espírito que dá vida e não da letra que mata; a religião que proclama a íntima comunhão

> entre o coração humano e Deus; a religião do amor e do respeito para com todas as pessoas; a religião da luz, cuja vida é luz; a religião cujo supremo sacerdote é Cristo; a religião da igualdade, da fraternidade, da justiça e da paz; a religião de cujas entranhas surgiu nossa civilização e foi nutrida em liberdade e em instituições livres.” [3]

Eminentes líderes evangélicos que o conheceram afirmaram que ele era um estudioso da Bíblia e que ela exerceu uma grande influência na formação do seu caráter.

O líder presbiteriano Rev. Matatias Gomes dos Santos, moderador da assembleia geral de sua Igreja em 1917 e 1926, pastor da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro de 1926 a 1946, e um dos fundadores da Sociedade Bíblica do Brasil, conheceu-o bem e fez a seguinte declaração a seu respeito, em discurso pronunciado naquela cidade, em 1927:

> “A grande contribuição dada por Rui Barbosa ao país, graças à sua retidão de caráter e à sua personalidade admirável, foi fruto de seu estudo e meditação da Bíblia.” [4]

Rui Barbosa sempre teve um profundo respeito e admiração pela Bíblia. E isso se tornou claro quando aceitou o convite das Sociedades Bíblicas para participar, como consultor de linguagem, da Tradução Brasileira da Bíblia. Durante 12 anos, de 1902 a 1914, ele se dedicou com amor e entusiasmo ao trabalho de revisar a Bíblia, traduzida pela primeira vez para o português do Brasil, não recebendo para isso nenhuma recompensa financeira.

Um menino brilhante

1849—1870

Rui Barbosa de Oliveira nasceu em 1849, na rua dos Capitães, hoje rua Rui Barbosa, freguesia da Sé, na cidade do Salvador, então Província da Bahia. Quando contava com apenas cinco anos, seu primeiro professor, Antônio

Gentil Ibirapitanga, surpreso com sua inteligência precoce, declarou:

> “Este menino de cinco anos é o maior talento que eu já vi. Em 15 dias, aprendeu análise gramatical e já sabe distinguir orações e a conjugar todos os verbos regulares.” [5]

Seu pai, João José Barbosa de Oliveira, era um homem esclarecido, católico progressista e tinha em casa um Novo Testamento, que ele lia sempre para os filhos.

Em 1861, quando Rui estava com apenas 11 anos e cursava a primeira série do Ginásio Abílio César Borges, em Salvador, seu professor, que dava aulas para alunos de até 16 anos, disse a seu pai:

> “Seu filho nada mais tem a aprender comigo.” [6]

Durante o curso ginasial, que Rui frequentou naquela mesma escola, ganhou seu primeiro prêmio, recebendo das mãos do Arcebispo da Bahia, Dom Manuel Joaquim da Silveira, uma medalha de ouro pelo seu desempenho brilhante como estudante.

Em 1864, concluiu o curso ginasial, e como não tinha idade suficiente para entrar na universidade, passou aquele ano estudando alemão. No ano seguinte, ingressou na Faculdade de Direito de Olinda e, depois, se transferiu para a Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo.

Em 1867, aos 18 anos, Rui Barbosa perdeu a mãe. Três anos depois, ainda abalado pela grande perda, fez um discurso na Sociedade Acadêmica Beneficente, no qual afirmou que nos momentos de tristeza e desespero, não foi a ciência, mas a fé que o salvou:

> “Nesses lances de sobre-humano desespero, que seria de nós, se não nos valesse essa inspiração que nossas mães sabem derramar no coração infantil de seus filhos, esta crença indelével na grande divisa, na vida futura, na infalibilidade da Providência. Falo-vos assim porque eu também

> já provei desse cálice. Muitas e muitas vezes, abrasado por essas páginas de fogo que geram as imaginações escaldadas, eu iludi-me com os panegíricos com que a razão humana tem endeusado a si mesma, muitas vezes julguei a inteligência onipotente e absoluta; muitas vezes esperei descobrir nos recessos da ciência, desta ciência que já é tão grande, a chave para os arcanos do universo, o alimento são, completo e abundante para o espírito, o bálsamo generoso para as mágoas do coração.
>
> Deus, porém, estendeu o seu braço para mim e queimou a flor do meu orgulho... Então, achei os livros mudos, a razão muda, e a filosofia estéril. Chorei e abracei-me à cruz. Foi a fé que me salvou.” [7]

Em 1870, aos 21 anos, Rui Barbosa recebeu o diploma de bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo.

Advogado e jornalista

1869—1876

Em 1969, com apenas 20 anos e ainda estudante, Rui Barbosa estreou na tribuna popular em Salvador, defendendo um escravo contra seu dono. No mesmo ano, integrou-se à loja maçônica Nova América, a fim de ampliar suas atividades abolicionistas. Dono de grande eloquência, ele empolgava a mocidade acadêmica, estimulando-a a se integrar nos movimentos populares que pediam a abolição e a República. [8]

A partir da década de 1870, intelectuais brasileiros, descontentes com o atraso do país em relação à Europa e aos EUA, iniciaram um movimento no sentido de uma ampla reforma política no Brasil. Essa reformulação seguiria o modelo americano de governo e incluiria a mudança para o sistema republicano, a separação entre Igreja e Estado, a decretação da liberdade religiosa e o fim da escravidão. E Rui Barbosa, que estava iniciando a carreira de advogado e político, tornou-se um dos principais líderes desse movimento.

Como a Inglaterra e os EUA, os países mais adiantados da época, eram protestantes, os participantes desse movimento passaram a associar o desenvolvimento moral,

social e material ao protestantismo. E o protestantismo começou a ser visto por eles como um pensamento religioso racional, que conduziria as nações ao progresso e à prosperidade. Por isso, a fundação de escolas por missionários americanos, ocorrida naquele período, teve todo apoio de Rui Barbosa e de outros políticos. Para eles, parecia uma combinação ideal para o Brasil um projeto educacional conduzido por protestantes americanos ou ingleses.

Em 1872, Rui Barbosa iniciou suas atividades como jornalista no *Diário da Bahia* e, em 1873, assumiu a direção daquele jornal. Em 1876, mudou-se para o Rio de Janeiro e deu prosseguimento às suas atividades como jornalista e advogado, abraçando inicialmente as causas da abolição da escravatura e da defesa do sistema federativo. [9]

Desde o início da carreira como jornalista, Rui Barbosa lutou a favor da imprensa livre e se revelou um defensor intransigente da razão e da verdade. Para ele, a imprensa não devia ser usada para ataques pessoais, mas para a defesa da verdade, como mostra esta sua declaração:

> "Creio na tribuna sem fúrias e na imprensa sem restrições, porque creio no poder da razão e da verdade." [10]

A questão religiosa

1864—1875

Desde o período colonial, a Igreja Católica era uma instituição submetida ao Estado pelo regime do *padroado*, [11] que dava ao imperador controle sobre o clero em assuntos eclesiásticos. O imperador tinha o direito de exercer o "beneplácito", ou seja, nenhuma ordem do papa poderia vigorar no Brasil sem antes ter sido aprovada por ele.

Em 1848, quando foi eleito papa, Pio IX criticou as "liberdades modernas" e reafirmou a supremacia da Igreja

sobre o “poder temporal”. Com isso, acabou provocando nos países católicos um conflito de poder entre a Igreja e o Estado.

Em 1864, esse papa publicou a encíclica *Quanta Cura* e, junto a ela, o documento *Syllabus*, apontando erros nas relações entre a Igreja e o Estado e condenando veementemente a maçonaria e as Sociedades Bíblicas. Em 1870, o Concílio Vaticano I, liderado pelo mesmo papa, aprovou o *Dogma da Infalibilidade Papal*.

Dois anos depois, o jovem bispo capuchinho D. Vital Maria de Oliveira, da cidade de Olinda, Pernambuco, afastou de suas dioceses os padres que se recusaram a deixar a maçonaria. E logo depois, impediu que o monsenhor Pinto de Campos celebrasse o casamento de um maçom. D. Vital foi imediatamente apoiado pelo bispo de Belém do Pará, D. Antonio Macedo Costa, que interditou os templos de sua região que eram dirigidos por padres maçons. Daí em diante, o conflito se generalizou no país.

O imperador D. Pedro II era católico e, embora não fosse anticlerical, não aceitava a violação das leis do Estado, nem mesmo pela Igreja. Por isso, ordenou àqueles bispos que suspendessem os interditos. Como eles se negaram a obedecer, foram condenados pelo Supremo Tribunal de Justiça à pena de quatro anos de prisão, com trabalhos forçados, e recolhidos à fortaleza de Villegaignon, no Rio de Janeiro.

Com a intervenção do papa em favor desses bispos, a “questão religiosa” adquiriu proporções internacionais. Eles foram presos em 1874 e soltos somente em 1875, após longas e difíceis negociações entre Roma e o Império Brasileiro. [12]

O Livro *O Papa e o Concílio*

1869—1877

Em 1869, o teólogo e historiador alemão Johann Joseph Ignaz Von Dollinger escreveu, sob o pseudônimo de "Janus", o livro *O Papa e o Concílio*, criticando o *Dogma da Infalibilidade Papal*. No livro, esse teólogo católico fez críticas contundentes às decisões do Concílio Vaticano I, à encíclica *Quanta Cura* e ao documento *Syllabus*. Em 1871, Dollinger foi julgado pelas ideias defendidas em seu livro e expulso da Igreja Católica.

Desde o início da carreira como advogado, Rui Barbosa havia defendido as liberdades que ele considerava indispensáveis: a liberdade de consciência, da escravidão, da ignorância, de voto e a liberdade religiosa. Como homem culto, conhecia e apreciava a Bíblia e, como defensor da liberdade religiosa, concordava plenamente com a divulgação das Escrituras [13] entre o povo brasileiro, promovida pelas Sociedades Bíblicas.[14] Por outro lado, Rui Barbosa havia ingressado na maçonaria em 1869 e não havia concordado com o afastamento dos padres maçons de suas dioceses, ocorrido nas cidades de Recife e de Belém. Ele considerou injusto e improcedente o violento ataque da Igreja Católica contra as Sociedades Bíblicas e a maçonaria e se identificou com as críticas feitas por Dollinger à Igreja Católica, no livro *O Papa e o Concílio.*

Por essas e outras razões, embora o livro de Dollinger estivesse proibido pela Igreja Católica, da qual era membro, decidiu não somente apoiar a publicação da obra no Brasil, mas também realizar a tradução para o português e escrever a introdução.

Lançado no Brasil em 1877, quando Rui Barbosa tinha apenas 28 anos, o livro *O Papa e o Concílio* foi duramente criticado pela Igreja Católica e aplaudido com entusiasmo pelos evangélicos. Na introdução, mais volumosa que a própria obra, Rui Barbosa criticou a infalibilidade papal, defendeu a liberdade religiosa, pregou a separação entre a

Igreja e o Estado e pôs em dúvida o direito da existência de uma religião oficial no Brasil.

O pai de Rui Barbosa, Dr. João José Barbosa de Oliveira, concordava com as ideias de Dollinger sobre o catolicismo e gostou do livro e da introdução escrita por seu filho, mas o advertiu que seria prudente ser mais moderado em suas críticas.

Essa participação corajosa do jovem Rui Barbosa na mais importante questão religiosa surgida no Brasil Império alcançou grande repercussão no país e ajudou a projetá-lo no cenário político nacional.

A luta contra a escravidão

1869—1888

Em 1871, os abolicionistas conquistaram uma importante vitória com a promulgação da *Lei do Ventre Livre*, que estabelecia que os filhos de escravos nascidos a partir daquela data teriam a liberdade. E, no final da década de 1870, a campanha abolicionista ganhou maior força nas cidades, pois o povo passou a ver a escravidão como um entrave ao progresso do país e uma praga social que devia ser eliminada.

Em 1878, Rui Barbosa foi eleito deputado pela Província da Bahia e, nos anos seguintes, se elegeu duas vezes para o cargo de deputado federal. Como deputado do Império, ele passou a usar o dom da eloquência para pressionar a Câmara Federal e o imperador a abolirem definitivamente a escravidão no Brasil.

A partir de 1880, o movimento abolicionista ganhou corpo com o apoio de importantes personalidades políticas da época, como José do Patrocínio, Joaquim Nabuco, André Rebouças, Luís Gama e Silva Jardim. Em 1884, os abolicionistas conseguiram mais uma importante conquista: a Província do Ceará se antecipou ao governo imperial e decretou o fim da escravidão em seu território.

Em 1885, no auge da campanha abolicionista, impressionado com os inflamados discursos de Rui Barbosa em favor da libertação dos escravos, José do Patrocínio escreveu:

> “Deus acendeu um vulcão na cabeça de Rui Barbosa.” [15]

Em 28 de setembro daquele ano, foi aprovada a Lei nº 3.270, também conhecida como *Lei dos Sexagenários* ou *Lei Saraiva-Cotegipe*, que garantiu liberdade aos escravos com mais de 60 anos de idade.

Em 13 de maio de 1888, o governo imperial se rendeu às pressões e a princesa Isabel, na ausência do imperador em viagem à Europa, assinou a *Lei Áurea*, que extinguiu a escravidão no Brasil. [16]

A Proclamação da República

1889

Ao decretar a libertação dos escravos, o Império perdeu uma forte coluna de sustentação política. Os fazendeiros escravocratas tentaram impedir até o último momento a assinatura da *Lei Áurea*. Para eles, o empenho da princesa Isabel e o apoio do imperador na aprovação da lei que libertou os escravos foi uma traição, porque ela não previa nenhum tipo de indenização e provocava uma perda de grande parte de suas fortunas. Ressentidos, os fazendeiros abandonaram o governo imperial e passaram a apoiar o Partido Republicano. A monarquia perdeu, assim, o amparo das classes rurais que tradicionalmente a sustentavam.

No dia 9 de novembro de 1889, Rui Barbosa escreveu um artigo para o jornal *Diário de Notícias*, defendendo o sistema republicano. E, naquele mesmo dia, Benjamin Constant, que estava articulando com o general Deodoro da Fonseca a proclamação da República através de um levante militar, escreveu uma carta a Rui Barbosa, dizendo:

> “Seu artigo de hoje no Diário de Notícias, Plano contra a Pátria, fez a República e me convenceu da necessidade imediata da revolução.” [17]

No dia 15 de novembro de 1889 foi proclamada a República, e seu primeiro presidente, o general Deodoro da Fonseca, nomeou Rui Barbosa Ministro da Fazenda do Governo Provisório da República.

A primeira medida tomada pelo Governo Provisório foi estabelecer a liberdade religiosa no Brasil. E Rui Barbosa foi a pessoa indicada como representante do governo, para negociar com o Bispo Dom Antonio de Macedo Costa, representante da Igreja Católica, a redação do documento que introduziria a liberdade religiosa no país. Após os entendimentos, Rui Barbosa apresentou ao Conselho de Ministros sua sugestão para redação do documento.

O conselho aprovou a redação e, no dia 7 de janeiro de 1890, o chefe do Governo Provisório assinou o Decreto 119-A, que dizia:

> “O Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, Chefe do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil, constituído pelo Exército e Armada, em nome da Nação, decreta:
>
> Art. 1º É proibido à autoridade federal, assim como à dos Estados federados, expedir leis, regulamentos, ou atos administrativos, estabelecendo alguma religião, ou vedando-a, e criar diferenças entre os habitantes do país, ou nos serviços sustentados à custa do orçamento, por motivo de crenças, ou opiniões filosóficas e religiosas.
>
> Art. 2º A todas as confissões religiosas pertence por igual a faculdade de exercerem o seu culto, regerem-se segundo a sua fé e não serem contrariadas nos atos particulares ou públicos, que interessem o exercício deste decreto.
>
> Art. 3º A liberdade aqui instituída abrange não só os indivíduos nos atos individuais, senão também as igrejas, associações e institutos em que se acharem agremiados; cabendo a todos o pleno direito de se constituírem e viverem coletivamente, segundo o seu credo e a sua disciplina, sem intervenção do poder público.
>
> Art. 4º Fica extinto o padroado com todas as suas instituições, recursos e prerrogativas.
>
> Art. 5º A todas as igrejas e confissões religiosas se reconhece a personalidade jurídica, para adquirirem bens e os administrarem, sob os limites postos pelas leis concernentes à propriedade de mão-morta,

mantendo-se a cada uma o domínio de seus haveres atuais, bem como dos seus edifícios de culto.

Art. 6º O Governo Federal continua a prover à côngrua, [18] sustentação dos atuais serventuários do culto católico e subvencionará por ano as cadeiras dos seminários; ficando livre a cada Estado o arbítrio de manter os futuros ministros desse ou de outro culto, sem contravenção do disposto nos artigos antecedentes.

Art. 7º Revogam-se as disposições em contrário.” [19]

Em 1890, um ano após o fim da monarquia no Brasil, D. Pedro II, então exilado em Paris, manifestou assim sua admiração por Rui Barbosa:

> “Nas trevas que caíram sobre o Brasil, a única luz que alumia, no fundo da nave, é o talento de Rui Barbosa.” [20]

Em 1891, Rui Barbosa foi eleito senador pela Bahia à Assembleia Constituinte, e suas ideias prevaleceram nas principais reformas e na redação da Constituição da República. Em 1903 ele afirmou neste discurso proferido no Colégio Anchieta, em Nova Friburgo, que havia escolhido a Constituição americana como modelo porque ela conciliava a liberdade com a religião:

> “Desde 1876 que eu escrevia e pregava contra o consórcio da Igreja com o Estado; mas nunca o fiz em nome da irreligião: sempre, em nome da liberdade. Ora, liberdade e religião são sócias, não inimigas. Não há religião sem liberdade. Não há liberdade sem religião... Foi sob esse pensamento que adotamos a Constituição de 1891. Tínhamos, então, os olhos fitos nos EUA; e o que os EUA nos mostravam era a liberdade religiosa, não a liberdade materialista.” [21]

O exílio

1894—1895

Em 1892, quatro anos após a abolição da escravatura, o jornalista José do Patrocínio, descendente de escravos e conhecido como “Tigre do Abolicionismo”, atacou o presidente Marechal Floriano através de seu jornal *A Cidade do Rio* e, por isso, foi exilado no Amazonas. Rui

Barbosa saiu em defesa de José do Patrocínio, escrevendo um artigo em seu jornal, em que dizia:

> “Que sociedade é essa, cuja consciência moral mergulha em lama, ao menor capricho da força?” [22]

Em 1893, José do Patrocínio voltou ao Rio de Janeiro, mas como continuou a atacar Floriano Peixoto, seu jornal foi fechado.

Em 1889, quando apoiou a proclamação da República, Rui Barbosa estava certo de que o Brasil se tornaria um país democrático. Porém, para sua decepção, durante os primeiros anos da República, o país foi totalmente dominado pelos militares. Em 1891, o marechal Floriano Peixoto assumiu o poder e se transformou no “Marechal de Ferro”, o primeiro ditador de fato da história do Brasil.

Rui Barbosa passou, então, para a oposição e iniciou uma forte campanha contra a ditadura. E o marechal Floriano Peixoto, que não admitia oposição a seu governo, o exilou do país. Durante dois anos, de 1894 a 1895, Rui Barbosa esteve exilado na Argentina, em Portugal e na Inglaterra. Em Londres, passou a atuar como correspondente do *Jornal do Commércio*, do Rio de Janeiro.

Enquanto estava exilado na Inglaterra, Rui Barbosa foi acusado no Brasil de ter abandonado o cristianismo. Ele, então, escreveu uma carta ao *Jornal do Commércio* do Rio de Janeiro, afirmando que nunca havia deixado de ser cristão. [23] Em um artigo intitulado “As bases da fé” ele defendeu a superioridade moral da fé cristã sobre o ateísmo, afirmando que a República não havia sido proclamada contra o cristianismo, mas a seu favor. Disse, ainda, que a República havia abolido privilégios da Igreja Católica para pôr fim às discriminações oficiais e estabelecer a igualdade entre diferentes denominações cristãs.

Em uma das cartas escritas durante seu exílio na Inglaterra, Rui Barbosa afirmou que o progresso inglês era moral e religioso:

> “É o inglês com o seu senso religioso, o seu senso comercial e o seu senso político que nos chama a atenção... pelo seu senso religioso que fez o seu caráter excepcional. É a condição fundamental, por onde se habilitou a possuir o mundo... pelo senso político, resultado do seu complexo senso religioso... criou a arte sem precedentes de organizar e consolidar as conquistas... O progresso britânico é profundamente moral e essencialmente religioso.” [24]

Em 1894, ele escreveu outro artigo para o *Jornal do Commércio*, no qual expressou seu pensamento sobre o papel da imprensa na defesa da liberdade e da verdade:

> “A imprensa é a vista da Nação. É por ela que a Nação acompanha o que lhe passa de perto ou de longe, enxerga o que lhe fazem de mal, revela o que lhe ocultam e tramam, colhe o que lhe sonegam ou roubam, percebe onde lhe alvejam ou nodoam, mede o que lhe cerceiam ou destroem; vela pelo que lhe interessa e se acautela do que a ameaça... Deus deixou três âncoras para o homem: o amor à pátria, o amor à liberdade, o amor à verdade. Cara nos é a pátria, a liberdade é ainda mais cara; mas a verdade é mais cara que tudo. Damos a vida pela pátria. Deixamos a pátria pela liberdade. Mas renunciamos à pátria e à liberdade pela verdade. Porque este é o mais santo de todos os amores. Os outros são da terra e do tempo. Este vem do céu, e vai à eternidade.” [25]

Restaurada a ordem no Brasil, em 1895, com a eleição de Prudente de Moraes, Rui Barbosa regressou do exílio e tomou assento no Senado.

Em 1897, foi criada no Rio de Janeiro a Academia Brasileira de Letras. Rui Barbosa foi um dos seus fundadores e, em 1908, foi eleito seu presidente, em substituição ao escritor Machado de Assis. Ele ocupou esse cargo durante doze anos, até 1919.

Tradutor da Bíblia

1903—1914

Até o começo do século 20, só havia duas traduções de toda a Bíblia para a língua portuguesa: a de João Ferreira de Almeida, feita na Indonésia, e a de Antonio Pereira de Figueiredo, feita em Portugal. Em 1902, surgiu um movimento nacionalista entre os evangélicos brasileiros no sentido de fazer uma tradução da Bíblia no Brasil, para o português do Brasil. As duas Sociedades Bíblicas que atuavam no Brasil, a Britânica e a Americana, concordaram em patrocinar o projeto. Para isso, foram convidados especialistas em hebraico, grego e português. A Comissão de Tradução foi formada por missionários, pastores brasileiros e escritores brasileiros famosos, dentre os quais, Machado de Assis e Rui Barbosa. [26]

O Rev. Hugh Clarence Tucker, um dos fundadores da Igreja Metodista do Brasil e secretário da Sociedade Bíblica Americana no país durante 47 anos, trabalhou com Rui Barbosa no projeto da *Tradução Brasileira da Bíblia* de 1903 a 1914 e fez a seguinte referência à sua participação naquele projeto:

> "Um dos participantes do projeto da Tradução Brasileira da Bíblia com quem tive frequentes encontros foi o distinguido jurista, estadista e homem de letras, Rui Barbosa. Ele teve uma brilhante atuação como representante do Brasil na Corte Internacional de Justiça, em Haia, na Holanda. Em 1910, quando o político americano William Jennings Bryan [27] visitou o Brasil, eu coordenei um encontro entre ele e Rui Barbosa e tive a oportunidade de ouvir a conversa que tiveram sobre as finanças de governo dos dois países. Durante o projeto da Tradução Brasileira da Bíblia, que durou 12 anos, foi comovente ver homens tão ilustres e ocupados, como Rui Barbosa e o escritor Machado de Assis, dedicarem seu precioso tempo para traduzir a Bíblia para o português do Brasil." [28]

Ao ser lançado pelas Sociedades Bíblicas, em 1903, o projeto da *Tradução Brasileira da Bíblia* teve uma grande repercussão no Brasil. Em primeiro lugar, porque era a primeira tradução da Bíblia completa feita no país e também a primeira feita no português do Brasil. Em segundo lugar, porque a Comissão de Consultores era

composta de ilustres escritores e gramáticos brasileiros, como José Veríssimo, Hipólito de Campos, Machado de Assis e Rui Barbosa. Os jornais do Rio de Janeiro deram destaque especial à participação de Rui Barbosa, a figura mais famosa do Brasil na época.

Um dos efeitos positivos desse projeto promovido pelas Sociedades Bíblicas foi chamar a atenção para a Bíblia e despertar o interesse da Igreja Católica em promover projetos similares de tradução, publicação e distribuição das Escrituras. No período em que a tradução foi feita, de 1903 a 1914, a Igreja Católica lançou três importantes projetos de tradução e publicação de livros da Bíblia em português, fato que não acontecia desde 1847, quando o bispo português Joaquim da Nossa Senhora de Nazaré havia traduzido e publicado o Novo Testamento em português, em São Luís do Maranhão. [29]

O político

1978—1923

Num discurso inflamado, proferido em 1896 no Senado Federal, Rui Barbosa definiu assim seu credo político e expressou sua crença na democracia, na liberdade e no poder da razão e da verdade:

> “Meu país conhece o meu credo político, porque o meu credo político está na minha vida inteira. Creio na liberdade onipotente, criadora das nações robustas; creio na lei, emanação dela, o seu órgão capital, a primeira das suas necessidades; creio que, neste regime, não há poderes soberanos e soberano é só o direito, interpretado pelos tribunais; creio que a própria soberania popular necessita de limites e que esses limites vêm a ser as suas Constituições, por ela mesma criadas, nas suas horas de inspiração jurídica, em garantia contra os seus impulsos de paixão desordenada; creio que a República decai, porque se deixou estragar confiando-se ao regime da força; creio que a Federação perecerá se continuar a não saber acatar e elevar a justiça; porque da justiça nasce a confiança, da confiança a tranquilidade, da tranquilidade o trabalho, do trabalho a produção, da produção o crédito, do crédito a opulência, da opulência a respeitabilidade, a duração, o vigor; creio no governo do povo pelo povo; creio, porém, que o governo do povo pelo povo tem a base da sua

> legitimidade na cultura da inteligência nacional pelo desenvolvimento nacional do ensino, para o qual as maiores liberalidades do tesouro constituíram sempre o mais reprodutivo emprego da riqueza pública... creio na moderação e na tolerância, no progresso e na tradição, no respeito e na disciplina, na impotência fatal dos incompetentes e no valor insuprível das capacidades.” [30]

E, ainda em 1896, Rui Barbosa fez esta declaração no *Jornal do Commércio*, do Rio de Janeiro, revelando sua grande apreciação pelo jornalismo:

> “Nos países onde o Parlamento representa mal a nação, a pena do jornalista vale mais que a eloquência do orador. E jornalista é o que eu nasci, jornalista é o que eu sou, de jornalista é que não me hão de demitir, enquanto houver imprensa, a imprensa for livre, e este resto de liberdade nos indicar que a Pátria respira.” [31]

Para Rui Barbosa, o protestantismo era um aliado da democracia e do progresso porque introduzia uma norma mais elevada de moralidade pessoal e oferecia aos seus seguidores maiores benefícios em termos de saúde e prosperidade individual. Era o protestantismo a base da democracia por sua ênfase no livre exame da Bíblia, na abertura de escolas, na promoção da educação e na preparação de pessoas mais aptas para a vida em sociedade. E cidadãos livres, mais educados e mais preparados para a vida, com certeza poderiam dar uma contribuição maior para o progresso da nação.

Por quatro vezes, em 1984, 1905, 1913 e 1919, Rui Barbosa foi candidato a presidente da República. Em duas, renunciou à candidatura, e nas outras duas foi derrotado. Nunca conseguiu o apoio dos principais partidos da época e sempre sofreu a oposição da Igreja Católica. Até o final de sua vida, em 1923, foi sempre eleito para o cargo de senador da República.

Em 1914, depois da terceira tentativa sem sucesso de se tornar presidente da República e decepcionado com os

políticos de sua época, ele proferiu no Senado Federal o discurso no qual disse sua célebre frase:

> “De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto.” [32]

O estadista

1907

Em 1902, Rui Barbosa criticou duramente a redação do *Código Civil* e foi contestado por seu antigo mestre, o gramático Ernesto Carneiro Ribeiro, que estava sendo apoiado por um grupo de magistrados, liderado pelo famoso jurisconsulto Clóvis Bevilacqua.

Rui Barbosa defendeu com tanta eloquência seus pontos de vista que, após a reunião, Clóvis Bevilacqua comentou:

> “Ouvindo este homem, tenho a impressão de que não estou diante de um ser humano, e sim diante de um ciclope, um daqueles gigantes da mitologia grega que tinha um imenso olho no meio da testa. Com sua capacidade de ler, ler e ler, e armazenar como ninguém tudo o que passa diante dos seus olhos, Rui é um desses ciclopes, um monstro dotado de poderes sobre-humanos de leitura, interpretação e memorização.” [33]

Em junho de 1907, Rui Barbosa representou o Brasil na II Conferência Internacional da Paz, realizada em Haia, na Holanda. E, mais tarde, foi nomeado Juiz da Corte Internacional de Haia. Em virtude de seu eloquente discurso em favor dos direitos dos pequenos países e sua brilhante defesa do princípio da igualdade dos Estados, passou a ser chamado de *Águia de Haia*.

O jornalista William Thomas Stead, que na época editava um jornal em Haia e dava cobertura à conferência, avaliou assim a atuação de Rui Barbosa no evento:

> “Entre os participantes da Conferência de Haia, as maiores figuras foram o Barão Marschall, da Alemanha, e o Dr. Barbosa, do Brasil. Todavia, no

> final da conferência, todos achavam que o Dr. Barbosa havia sido o maior destaque do conclave.” [34]

Rui Barbosa foi sempre um democrata convicto. Durante toda a vida, combateu com todas as suas forças o imperialismo e a ditadura e defendeu com entusiasmo o sistema democrático. Considerava como ideal o sistema democrático americano, que havia transformado os EUA em uma grande potência. Achava que se o Brasil adotasse um sistema democrático semelhante ao americano, em que todas as liberdades individuais fossem respeitadas, acabaria se transformando também em uma grande potência mundial. Ele definiu assim a democracia dos seus sonhos:

> “A democracia é a representação proporcional das minorias, o reconhecimento de que o direito, ainda que seja o de um só indivíduo, não pode sacrificar-se a outros interesses, ainda que seja de todo o povo; é a sagração do indivíduo, da liberdade da palavra, da liberdade de imprensa, da liberdade de reunião, da liberdade de culto, da liberdade de trabalho, da liberdade política.” [35]

O educador

Para Rui Barbosa, a principal origem dos males que afligiam o Brasil era a ignorância do povo. Dizia ele que se o governo brasileiro desse maior apoio à educação, diminuísse o número de analfabetos [36] e tomasse medidas no sentido de elevar o nível de instrução da população brasileira, os principais problemas do país seriam resolvidos. Ele resumiu assim seu pensamento sobre a causa principal dos problemas de sua época:

> “A nosso ver, a chave misteriosa das desgraças que nos afligem é esta e só esta: a ignorância popular, mãe da servidão e da miséria.” [37]

Em sua proposta de reforma do ensino, Rui Barbosa valorizou a formação moral do aluno e a conscientização do

seu dever para com a sociedade. A ação moralizadora da escola seria dirigida no sentido da formação do caráter do aluno e da prática das virtudes fundamentais, como a valorização do trabalho, o bom uso do tempo e o exercício do autocontrole. Seriam também valorizados no ensino escolar os conhecimentos científicos e sua aplicação na vida diária.

Em 19 de julho de 1903, Rui Barbosa pronunciou seu famoso discurso *Palavras à Juventude*, dirigido aos alunos do Colégio Anchieta, em Nova Friburgo, no qual ele dá aos jovens seus sábios conselhos:

> "Sede, meus caros amiguinhos, tal qual o verdor florescente de vossos anos o exige: apaixonados, entusiastas, intrépidos, cheios das aspirações do futuro e inimigos dos abusos do presente. Mas não vos julgueis o sal da terra. Habituai-vos a obedecer, para aprender a mandar. Acostumai-vos a ouvir, para alcançar a entender. Acostumai-vos a esperar, para lograr concluir. Não delireis nos vossos triunfos. Para não desanimardes, imaginai que podeis vir a saber tudo; para não serdes vaidosos, refleti que, por muito que souberdes, muito pouco tereis chegado a saber."

Nessa mensagem aos jovens, ele definiu o sentido das palavras pátria e patriotismo:

> "A pátria não é ninguém: são todos, e cada qual tem no meio dela o mesmo direito à ideia, à palavra, à associação. A pátria não é um sistema, nem uma seita, nem um monopólio, nem uma forma de governo. É o céu, o solo, o povo, a tradição, a consciência, o lar, o berço dos filhos e o túmulo dos antepassados, a comunhão da lei, da língua e da liberdade. Os que a servem são os que não invejam, os que não difamam, os que não conspiram, os que não sublevam, os que não desalentam, os que não emudecem, os que não se acovardam, mas resistem, mas ensinam, mas se esforçam, mas pacificam, mas discutem, mas praticam a justiça, a admiração, o entusiasmo. Porque todos os sentimentos grandes são benignos e residem originariamente no amor." [38]

E concluiu seu discurso no Colégio Anchieta, fazendo uma oração a Deus em favor dos jovens:

> "Unge-os, Senhor, no espírito de verdade, para amarem o estudo, no espírito de regeneração; para detestarem o abuso, no espírito de

> obediência; para guardarem a lei, no espírito de solidariedade; para se associarem pelo bem, no espírito de resistência e para contrastarem a opressão. Ouve-nos, Senhor, na vossa infinita generosidade, cujos tesouros não diminuem, por mais que se despendam em maravilhas com a criação, em liberalidades com as criaturas. Para que estas se venham a multiplicar em descendentes, que os sigam no vosso caminho e mais uma geração e outras e outras passem, contemplando, abençoando e servindo o Criador benfazejo de todas as coisas.” [39]

Em 1910, ao escrever suas memórias, depois de tantos anos de luta contra as ditaduras, as injustiças sociais e a intolerância religiosa, Rui Barbosa transmitiu esta mensagem de fé e esperança às pessoas de bem que dedicavam a vida a serviço de causas justas e beneméritas, sem ver os resultados imediatos de seus esforços:

> “Enquanto Deus nos der alento, não necessitamos desesperar pela sorte do bem. A injustiça pode se converter em ira, porque é de caráter precário. A verdade jamais se impacienta, porque é eterna. Quando realizamos um ato de bondade, não sabemos se seus efeitos serão visíveis hoje ou no futuro. O importante é que mesmo que os triunfos demorem a aparecer, com certeza eles virão. Alguns plantam repolho com a esperança de poder comê-los no almoço de amanhã; outros preferem plantar carvalhos para protegê-los no futuro. Os primeiros cavam para si. Os outros para a pátria, para a felicidade de seus descendentes, para o bem da humanidade.” [40]

Rui Barbosa e a religião

Para Rui Barbosa, Deus era “a necessidade das necessidades” e, por isso, ele não podia conceber o ser humano e tampouco uma nação civilizada sem Deus. [41] Acreditava que não existia nenhum conflito entre a religião e a ciência e que a fé e o progresso podiam, sem problemas, caminhar juntos. Ele contou, assim, como havia chegado a essa conclusão:

> “Não me acolhi entre as filosofias que fez da ciência a grande negação. Percorri filosofias, mas nenhuma delas me saciou; não encontrei repouso em nenhuma... Vejo a ciência que afirma Deus; vejo a ciência que não nega Deus. A mesma fé que nos arrasta da atribulação da fé ao exclusivismo científico, pode reconduzir-nos do radicalismo científico à placidez da fé.” [42]

Ele achava que o regime ideal para o Brasil era aquele que nivelava todas as confissões religiosas: “... o crente emancipado na igreja, a Igreja livre no Estado e o Estado independente da Igreja”.

Rui Barbosa continuou católico até o final da vida, acreditando sempre em uma reforma interna de sua Igreja. Com a morte do papa conservador Pio IX e a eleição do papa progressista Leão XIII, em 1878, suas esperanças se reacenderam. Porém, a grande renovação da Igreja só viria em 1962, no Concílio Vaticano II, 38 anos depois de sua morte.

O pensamento religioso de Rui Barbosa sempre esteve muito próximo da teologia protestante, tanto no que se refere à relação entre Igreja e Estado, quanto à natureza do relacionamento do homem com Deus. Nesta declaração, ele destacou o fato de o protestantismo promover, mais do que qualquer outra religião, a instrução do povo, uma das causas principais da prosperidade moral e material dos países protestantes:

> “O protestantismo nasceu da liberdade da consciência individual, cuja consequência política é a liberdade religiosa; do protestantismo é filha a instrução popular, que constitui a grande característica, o principal instrumento e a necessidade vital da civilização moderna; ao protestantismo está associada... uma exuberância de prosperidade industrial, luxuriante e vigorosa como a vegetação dos trópicos, em contraste com os países onde os processos de governos católicos, aplicados em seu rigor, cansaram as almas e esgotaram a energia moral do povo.” [43]

Em boa parte de sua vida política, Rui Barbosa tentou reproduzir no Brasil a experiência democrática da Inglaterra e o ímpeto reformador dos EUA. Para Rui Barbosa, a religião extrapolava os campos da experiência sagrada e individual e tinha um papel fundamental na formação dos costumes e do caráter das pessoas. Para ele, era de pessoas transformadas pelo poder do Evangelho que

o Brasil necessitava para se desenvolver materialmente e moralmente e entrar no concerto das nações civilizadas.

Rui Barbosa e a Bíblia

No dia 2 de fevereiro de 1898, Rui Barbosa estava na cidade de Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, magoado com os falsos amigos que o haviam abandonado durante e depois do exílio e desiludido com a política. Foi nesse estado de espírito que ele escreveu esta carta a um querido parente e compadre:

> "Acabo de receber as suas cartas de ontem e anteontem. Os seus sentimentos correspondem em tudo aos meus; e, se entre eles houvesse divergência, fique certo de que eu me inclinaria ao seu critério, à sua calma, à sua retidão de ânimo seguro de acertar melhor, do que me deixar levar pelos impulsos de um coração magoado e de uma alma transbordante de indignação. Nunca senti pelas vilanias humanas mais enjoos e pela sorte de nossa terra mais desânimo. Felizmente, a fé em Deus se me vai acendendo à medida que se me apaga a confiança nos homens. No meio de tantos desconfortos e iniquidades, tenho-me entregado estes dias exclusivamente à leitura do Evangelho, a eterna consolação dos malferidos nos grandes naufrágios. Uma excelente edição que eu trouxera comigo, do livro divino, permitiu-me este recurso reanimador, graças ao qual me sinto em certos momentos como que ressuscitar, capaz de ainda servir para alguma coisa aos meus semelhantes." [44]

O Rev. Charles William Turner, missionário metodista, secretário da Sociedade Bíblica Americana no Brasil de 1934 a 1947, disse em seu livro *La Biblia construye en América Latina* que Rui Barbosa tinha uma consciência iluminada pelos ensinos da Bíblia:

> "A história contemporânea tem demonstrado que a inteligência e o talento sem uma consciência iluminada é uma ameaça aos valores da civilização. Uma consciência iluminada é vital; e a Bíblia, com sua visão da verdade, dá às pessoas esta iluminação essencial. A Bíblia tem inspirado grandes homens públicos da América Latina na luta pela justiça, pela honradez e pela defesa da liberdade e dos direitos humanos. E, entre eles, se sobressaiu, nos últimos anos, o eminente brasileiro Rui Barbosa." [45]

Em novembro de 1919, já com 70 anos e a saúde abalada, Rui Barbosa foi convidado para dar uma conferência na cidade de Feira de Santana, na Bahia. Ele preparou o discurso, mas, por motivo de saúde, não pode comparecer. Então, pediu que outra pessoa lesse a sua mensagem. Nesse discurso, ele lamenta que o poder não fosse regido pela lei do amor ao próximo porque os poderosos não conheciam o Evangelho:

> “Se o poder se regesse pela lei do Evangelho, regido seria o mundo pela lei do amor, que é a lei de Jesus. Mas o poder não conhece o Evangelho senão para desprezá-lo. Toda essa gente nos olha de cima para baixo, vai à missa ou se ajoelha nos templos, veste a opa [46] das procissões, ou beija a mão dos ministros do Senhor, brilha nas devoções, ou priva com o clero. Eles enchem de fel a vida do próximo, acossam de iniquidades os pequenos e espremem até o sangue o coração dos seus semelhantes. É que não conhecem do Evangelho senão o avesso.” [47]

Rui Barbosa expressou com as seguintes palavras seu amor e admiração pela Bíblia, seu livro preferido, que moldou o seu caráter e o inspirou durante toda a vida na luta pela defesa da verdade, da justiça e da liberdade:

> “Se eu coloco a Bíblia abaixo de todos os livros, é ela que mantém todos eles; se eu a coloco no meio dos outros livros, ela é o coração desses livros; e se eu a coloco em cima dos outros livros, é ela a cabeça e autoridade de todos os livros em minha biblioteca.” [48]

Ele faleceu em Petrópolis, no dia 1º de março de 1923, aos 73 anos. Foi sepultado no Cemitério de São João Batista, no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro. Durante as comemorações de seu centenário de nascimento, em 1949, seus restos mortais foram exumados e trasladados para Salvador, na Bahia, sua cidade natal.

Rui Barbosa fez seu testamento político na forma de um epitáfio, que ele mesmo escreveu para a placa de sua sepultura:

“Estremeceu a Justiça; viveu no Trabalho; e não perdeu o Ideal.” [49]

Capítulo 2

A LIBERDADE RELIGIOSA E A DIVULGAÇÃO DA BÍBLIA

1890—1900



Nasce o Brasil República

1889

No final da década de 1880, o Brasil passou por mudanças políticas e sociais dramáticas. Em 1888, a escravidão foi abolida no país. No dia 15 de novembro de 1889, em apenas um dia, o Brasil Império se transformou nos Estados Unidos do Brasil. O governo republicano que assumiu o poder decretou imediatamente a separação entre Igreja e Estado, estabelecendo pela primeira vez na história do país a plena liberdade religiosa. Essa revolução aconteceu de maneira silenciosa e completa, sem tumulto nem derramamento de sangue. No mesmo período, a imigração dobrou e milhares de estrangeiros, vindos de diversos países, especialmente da Itália e do Japão, foram incorporados ao mercado de trabalho brasileiro, em substituição à mão de obra escrava. Essas grandes mudanças políticas, sociais e religiosas impulsionaram a distribuição da Bíblia no Brasil.

Após a libertação dos escravos em 1888, D. Pedro II perdeu o apoio dos fazendeiros e dos militares. E, no dia 15 de novembro de 1889, o marechal Manuel Deodoro da Fonseca proclamou o fim do Governo Imperial e o início da República do Brasil. No dia seguinte, D. Pedro II partiu

pacificamente para o exílio na Europa. Ele tinha grande simpatia pelo regime republicano e acreditava que a monarquia era meramente uma etapa antes da república, necessária para consolidar a soberania nacional. Isso explica sua tranquilidade ao ser deposto pelos republicanos que tomaram o poder. Ao saber da proclamação da república, D. Pedro II afirmou:

> “Se assim for, será a minha aposentadoria. Já trabalhei muito e estou cansado. Irei, então, descansar.” [50]

D. Pedro II concordou em embarcar às pressas, no meio da noite, a fim de evitar uma guerra civil causada por uma eventual tentativa de restauração do governo monárquico.

No início do ano de 1890, o secretário no Brasil da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos, enviou para Londres um relatório referente às suas atividades no último ano do Brasil Império. Nesse documento, ele expressou sua esperança de dias melhores para a divulgação da Bíblia no Brasil:

> “Agora, a Igreja Católica não é mais a religião oficial do Estado e nós temos completa liberdade religiosa no Brasil. O governo passou a ter apenas uma relação formal com a Igreja e todas as religiões têm os mesmos direitos perante a lei. Todas são iguais e têm igual liberdade de culto. Foram abolidos os casamentos e os enterros feitos pela Igreja, e o Brasil agora respira um clima de plena liberdade política e religiosa. Todas essas mudanças foram feitas sem tumulto popular, o país está calmo e a Igreja Católica também. Ninguém esperava essas grandes mudanças agora.
>
> Porém, se foi possível para os governantes fazerem todas essas reformas políticas, as mudanças no coração e na vontade do povo somente Deus pode fazer, através do Evangelho de Cristo. ‘Ninguém pode ver o Reino de Deus sem nascer de novo.’ Jo 3.3 A Bíblia tem sido menosprezada no Brasil. Mas agora, todas as religiões têm o mesmo direito e nós que cremos que a Bíblia é a Palavra de Deus vamos trabalhar e orar para que os corações dos brasileiros se abram para receber a Cristo, nosso Salvador e rei, que morreu pelos nossos pecados.” [51]

Começo tumultuado

1889—1898

O Brasil República foi decepcionante nos seus primeiros dez anos de existência. Nesse período, houve repressão aos movimentos populares, desobediência à Constituição, fechamento do Congresso, estado de sítio e confronto entre governos civis e governos militares. Em menos de uma década, de 1889 a 1898, o país teve um governo provisório e quatro presidentes: Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto, Prudente de Moraes e Campos Sales.

O marechal Deodoro da Fonseca, chefe do governo provisório, assumiu a Presidência da República em fevereiro de 1891, mas enfrentou uma forte oposição tanto na área civil como na militar. No dia 3 de novembro do mesmo ano, indignado com a aprovação de uma lei que permitiria o *impeachment* do presidente, ele fechou o Congresso. No dia 23, o almirante Custódio de Melo ameaçou bombardear a cidade do Rio de Janeiro. Doente e de cama, Deodoro decidiu, então, renunciar em favor do Marechal Floriano Peixoto.

Floriano Peixoto assumiu o governo como vice-presidente em exercício, em 23 de novembro de 1891. Restabeleceu o Congresso, que havia sido fechado por Deodoro, e suspendeu o estado de sítio. Mas seu governo era inconstitucional, pois o artigo 42 da nova Constituição dizia que, se o presidente não completasse a metade do mandato, seriam convocadas novas eleições — e Deodoro havia governado durante apenas nove meses. Floriano lançou as bases de uma ditadura de “salvação nacional”. Fez um governo nacionalista, austero e centralizador. Enfrentou implacavelmente seus inimigos políticos, demitiu os governadores que haviam apoiado Deodoro e tornou-se o “Marechal de Ferro”. Conseguiu terminar seu mandato em 1894, mas decepcionou as elites civis, lideradas pelos

fazendeiros paulistas, e encerrou o ciclo militar da República.

No dia 15 de novembro de 1894 foi realizada a primeira eleição presidencial no país, com a vitória nas urnas de Prudente de Moraes, o primeiro presidente civil da República. Sua eleição representou o retorno ao poder dos fazendeiros, que haviam sido o sustentáculo do Império. Apesar de ser um presidente eleito, o país não teve estabilidade política durante o seu mandato, pois a revolta de Canudos, [52] que eclodiu no interior da Bahia, tumultuou a nação. Prudente de Moraes desagradou à classe militar e, em novembro de 1897, sofreu um atentado. Em uma comemoração pública, um militar de baixa batente saiu do meio da multidão e sacou uma arma. Mas ela falhou cinco vezes e o agressor foi desarmado. Prudente de Moraes decretou, então, *estado de sítio* por 30 dias e mandou prender e exilar seus rivais. Ao terminar o seu governo, em novembro de 1898, ele havia se tornado uma espécie de Floriano Peixoto civil e um restaurador da "República dos Fazendeiros".

Em 1898, Campos Sales foi eleito presidente da República e sucedeu Prudente de Moraes, em um momento em que a economia brasileira, baseada na exportação de café e borracha, não ia bem. Ele fez um governo desligado dos partidos políticos e justificou assim seu posicionamento diferente dos governos anteriores:

> "Entendi que era meu dever consagrar o meu governo a uma obra puramente de administração, separando-o dos interesses e paixões partidários, para só cuidar da solução dos complicados problemas que constituem o legado de um longo passado. Compreendi que não seria através da vivacidade incandescente das lutas políticas, aliás, sem objetivo, que eu chegaria a salvar os créditos da nação, comprometidos em uma concordata com os credores externos." [53]

O presidente Campos Sales não tomou conhecimento dos partidos políticos, apoiou os governadores e criou a política

do “café com leite” — a aliança entre São Paulo e Minas Gerais, Estados que passariam a se alternar no poder até 1930. Conseguiu consolidar os civis no poder e fazer os militares voltarem aos quartéis, mas enfrentou uma grave crise econômica, teve que aumentar os impostos e, por isso, tornou-se impopular. [54]

A liberdade religiosa na Constituição da República

1891

No começo de 1890, foram iniciadas as discussões para a elaboração da primeira Constituição republicana. Após um ano de negociações com os poderes que comandavam o país, ela foi promulgada em 24 de fevereiro de 1891. Os principais autores da Constituição da Primeira República foram Prudente de Moraes e Rui Barbosa.

A Constituição de 1891 foi fortemente inspirada na dos EUA. Ela descentralizou os poderes e deu grande autonomia aos municípios e às antigas “províncias”, que passaram a ser denominadas “Estados”. Definiu a existência de apenas três poderes independentes entre si, o Executivo, o Legislativo e o Judiciário. O antigo Poder Moderador, símbolo da monarquia, foi abolido. Os membros dos poderes Legislativo e Executivo passaram a ser eleitos pelo voto popular direto.

O regime de governo adotado foi o presidencialismo e o mandato do presidente da República, eleito pelo voto direto, teria duração de quatro anos. Não poderia haver reeleição para o mandato imediatamente seguinte, mas não haveria impedimento para um mandato posterior. O mesmo valia para o vice-presidente. No caso de morte ou renúncia do presidente, seu vice assumiria o poder, mas apenas até serem realizadas a novas votações.

Ficou definida a separação entre a Igreja e o Estado. As eleições não poderiam ocorrer mais dentro das igrejas e o

governo não interferiria na escolha de cargos do alto clero, como bispos, diáconos e cardeais. O país não teria mais uma religião oficial e o monopólio de registros civis passaria a ser do Estado. Seriam criados cartórios para registros de nascimento, casamento e morte. Seriam construídos cemitérios públicos, onde qualquer pessoa poderia ser sepultada, independentemente de seu credo. O Estado assumiu, de forma definitiva, as rédeas da educação, instituindo várias escolas públicas de ensino fundamental e intermediário. [55]

A reação à liberdade religiosa

1890—1934

A partir de 1890 ficou estabelecida no país a plena liberdade de culto e a proibição às autoridades federais ou estaduais de intervirem em matéria religiosa. As comunidades evangélicas que surgiram no Brasil no século 19 [56] desejavam não apenas tolerância religiosa, mas uma ampla liberdade de culto e a igualdade de direitos com a Igreja Católica. Todas essas conquistas chegaram com a República. O sonho de total liberdade religiosa e da separação entre a Igreja e o Estado, acalentado durante tantos anos, finalmente tornou-se realidade. As denominações protestantes comemoraram com entusiasmo a grande mudança política ocorrida pacificamente no país. O jornal metodista *Expositor Cristão*, de 1º de dezembro de 1889, celebrou a liberdade religiosa no país, declarando na primeira página:

> "15 de novembro é o dia mais glorioso da história desta grande nação. Pois, nesse dia chegou mais do que a liberdade dos nossos corpos, raiou a liberdade de consciência, a liberdade religiosa em nosso país."

Os bispos católicos, através de várias cartas pastorais publicadas a partir de 1890, saudaram a Proclamação da República porque ela havia libertado a Igreja Católica da

dependência e interferência do Estado. Ao mesmo tempo, eles lamentaram a perda de *status* e influência da Igreja, resultante da sua separação do Estado. Eles começaram a chamar o novo regime republicano de governo ateu.

A Igreja Católica empreendeu uma intensa campanha para recuperar seus antigos privilégios e voltar a ocupar os espaços perdidos. Nesse esforço, mostrou-se agressiva contra os protestantes, acusando-os de serem inimigos da identidade e cultura católicas no Brasil e de estarem a serviço de interesses estrangeiros, principalmente norte-americanos.

Em 1925, o deputado católico Plínio Marques propôs uma emenda constitucional para restaurar o catolicismo como religião oficial no país e o ensino religioso nas escolas públicas. Essa emenda foi vigorosamente combatida pelos protestantes e políticos e acabou sendo rejeitada.

Os líderes católicos Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima tentaram a mesma coisa, mas não tiveram sucesso. O cardeal Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro, no período de 1930 a 1943, também procurou transformar a Igreja Católica na igreja oficial do Brasil República, mas a tentativa fracassou.

Em abril de 1930, a Igreja Católica conseguiu que o presidente Getúlio Vargas assinasse um decreto autorizando o ensino religioso nas escolas públicas, desde que vinte ou mais estudantes assim solicitassem. Esse decreto foi interpretado pelos protestantes como o primeiro passo do governo na direção da volta de um Estado católico, com consequentes restrições à liberdade religiosa no país.

Em 4 de maio de 1931, os evangélicos brasileiros, reunidos no *I Congresso Evangélico Brasileiro*, promovido pela Federação de Igrejas Evangélicas, reagiram fortemente ao decreto, publicando o *Manifesto à Nação*. Esse manifesto dizia:

> “Os cristãos evangélicos brasileiros creem, propagam e defendem em boa consciência os Sagrados Princípios: — ‘Uma Igreja Livre no Estado Livre’ — e a Liberdade plena de cultos e de consciência para todos os cidadãos dentro da lei e da ordem... e se baterão sempre, por todos os meios lícitos e pacíficos.
>
> Protestam e protestarão sempre contra qualquer quebra desses elevados axiomas cívicos por um governo republicano, porquanto a interferência de credos nos negócios privativos do Estado ou vice-versa significa flagrante desacato à consciência livre dos cidadãos, agravo à lei e lamentável confusão de poderes legítimos e perfeitamente distintos, separados e autônomos em suas esferas de atuação.” [57]

Em 1933, o governo provisório do presidente Getúlio Vargas convocou eleições e foi eleita uma Assembleia Constituinte com o objetivo de preparar uma nova Constituição. Temendo perder a liberdade religiosa conquistada em 1891, o Sínodo Rio-grandense da Igreja Luterana enviou a essa assembleia o seguinte manifesto:

> “O Sínodo Rio-grandense, em nome de 388 comunidades evangélicas que são filiadas, e dos 174.086 rio-grandenses evangélicos que lhe são associados, dirige um respeitoso, mas veemente apelo à augusta Assembleia Constituinte, para que na nova Constituição seja garantida a liberdade e igualdade religiosa com a mesma amplitude, precisão e clareza da Constituição de 24 de fevereiro de 1891, cujo sistema deu os melhores frutos e se acha profundamente arraigado na consciência nacional...” [58]

Em 16 de julho de 1934, foi promulgada a nova Constituição que instituiu o ensino religioso facultativo nas escolas públicas primárias, secundárias, profissionais e normais, ministrado não apenas pela Igreja Católica, mas por qualquer outra religião, sendo vedadas quaisquer formas de proselitismo. Seu artigo 153 dizia:

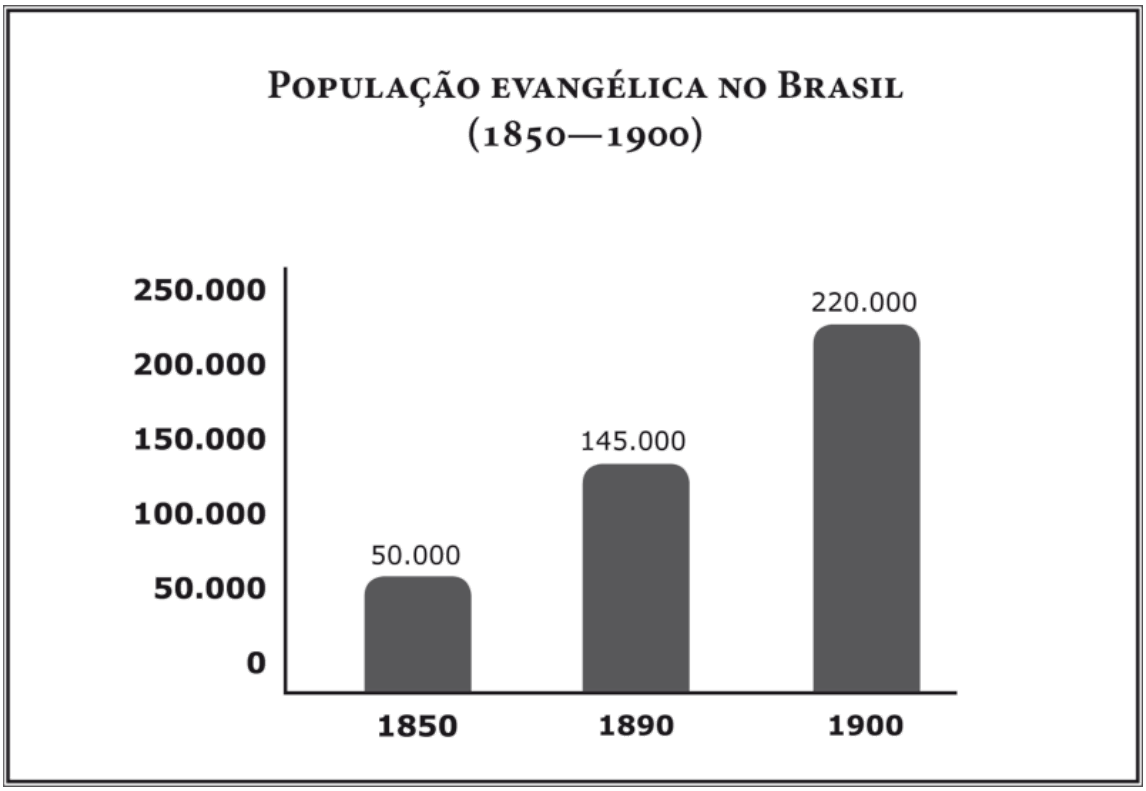
> “O ensino religioso terá frequência facultativa e será ministrado de acordo com os princípios da confissão religiosa do aluno, manifestada pelos pais ou responsáveis, e constituirá matéria dos horários nas escolas públicas primárias, secundárias, profissionais e normais.” [59]

O decreto, entretanto, concedeu esse direito tanto aos católicos como aos protestantes. Na verdade, a liberdade religiosa decretada no início da República nunca chegou a ser ameaçada. O novo clima de maior tolerância religiosa facilitou o trabalho das Sociedades Bíblicas, tornando-se uma das principais causas do crescimento da distribuição da Bíblia no início do Brasil República.

Os evangélicos no início da República

1889—1900

Até 1850 havia aproximadamente 50 mil protestantes no Brasil, quase todos luteranos, imigrantes ou descendentes de imigrantes. Quando foi proclamada a República, as principais denominações protestantes históricas já estavam presentes no Brasil: anglicanos (1818), luteranos (1824), congregacionais (1855), presbiterianos (1859), metodistas (1876), batistas (1881) e episcopais (1890). Na segunda metade do século 19, com a chegada dessas denominações, a comunidade protestante ou evangélica quase triplicou, saltando de 50 mil para 145 mil. A partir de 1890, incentivadas pela liberdade religiosa, e com a presença dos adventistas, que chegaram ao final do século, as igrejas evangélicas cresceram rapidamente, chegando em 1900 a 220 mil membros, um aumento de 52% em apenas 10 anos, como ilustra o gráfico abaixo:



A Igreja Metodista começou bem o Brasil República, fundando, no dia 8 de setembro de 1889, o Colégio Americano Granbery, na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais. O colégio recebeu esse nome em homenagem ao Bispo John Granbery, um dos seus fundadores. Deste o princípio, o Granbery adotou um programa de ensino avançado, nos moldes das escolas americanas. Em 1890, criou o curso de teologia; em 1904, de farmácia e odontologia; em 1911, de direito; e, em 1928, de pedagogia.

No início da República, a Igreja Presbiteriana era a maior denominação Evangélica do Brasil. Mas nem tudo correu bem para ela nesse período, pois durante o ano de 1892 morreram três dos seus mais valorosos obreiros: Miguel Gonçalves Torres, membro fundador da Igreja Presbiteriana de São Paulo e colportor no Sul do Estado de Minas Gerais; John Boyle, pioneiro da evangelização no Brasil central; e Edward Lane, missionário na cidade de

Campinas e promotor de colportagem bíblica no interior do Estado de São Paulo. [60]

O Mackenzie e a Bíblia

1894

Após o ano trágico de 1892, em que perdeu três dos seus mais destacados obreiros, o Rev. Miguel Gonçalves Torres e os missionários John Boyle e Edward Lane, a Igreja Presbiteriana do Brasil viveu em 1894 um ano auspicioso, com a inauguração dos edifícios do Hospital Samaritano e do Colégio Mackenzie, nos altos de Higienópolis, em São Paulo. O Hospital Samaritano, dirigido por uma comissão interdenominacional, foi inaugurado no dia 25 de janeiro de 1894, no bairro de Higienópolis, em São Paulo, com a presença do governador do Estado de São Paulo, Bernardino de Campos. Uma das razões alegadas pelos evangélicos para a criação do Hospital Samaritano foi o constrangimento a que eles estavam sujeitos nos hospitais de São Paulo, por causa do preconceito religioso que havia na época.

O Colégio Mackenzie nasceu na década de 1870, na sala de jantar da casa de Mary Ann Annesley Chamberlain, esposa do missionário presbiteriano Rev. George Chamberlain, à Rua Visconde de Congonhas do Campo, nº 1. Verificando que, por intolerância religiosa, meninas protestantes não podiam frequentar escolas públicas, ela resolveu iniciar uma pequena escola para crianças. Com o sucesso da escolinha, Chamberlain resolveu transferi-la para um local mais central, na sede da Igreja Presbiteriana de São Paulo, à Rua Nova de São José, nº 1, hoje Líbero Badaró, perto do Largo de São Bento. Naquela pequena escola não havia distinção de cor, de religião ou de sexo. As classes eram mistas, de meninos e meninas, e não havia proselitismo, mas o ensino era apoiado na moral cristã e a Bíblia era o livro básico. Ela adotou métodos pedagógicos

modernos, usados então nas escolas americanas — a decoração excessiva e o estudo em voz alta foram substituídos pelo método intuitivo e o estudo silencioso. O primeiro nome dado a essa instituição de ensino foi *Escola Americana.*

Em 1876, a escola inaugurou seu jardim de infância, o primeiro do Brasil, e passou a funcionar à Rua São João, esquina com a Rua Ipiranga, no centro de São Paulo, onde permaneceu por mais de 40 anos.

Em 1878, o imperador D. Pedro II fez uma excursão a São Paulo e, entre outras instituições de ensino, visitou a *Escola Americana.* Permaneceu ali durante duas horas, assistindo às aulas e fazendo perguntas aos professores e dirigentes. Ao deixar a sala da professora Adelaide Molina, ele perguntou:

— Que doutrina se ensina aqui?

E ela respondeu:

— O Evangelho, só.

D. Pedro II não ficou muito satisfeito com a resposta e respondeu:

— Já sei, já sei, a doutrina protestante.

E quando a professora explicou que as doutrinas ensinadas ali estavam de acordo com a Bíblia, o imperador respondeu que nem mesmo a Bíblia devia ser ensinada na escola, mas somente no lar e na igreja.

Ao sair, D. Pedro II disse que havia tido uma boa impressão da escola e acrescentou:

— Se eliminarem o ensino religioso, podem contar com a nossa proteção.

E o diretor da escola, Rev. George Chamberlain, respondeu:

— A Bíblia tem estado aberta na *Escola Americana* desde o primeiro dia de sua abertura e, quando ela for fechada, as portas da escola também fecharão.

O imperador deu por encerrado o diálogo, dizendo:

— Cada um tem direito à sua opinião.

No dia 3 de outubro de 1878, o *Jornal do Comércio* da cidade de Santos, no Estado de São Paulo, publicou a seguinte nota sobre a visita do imperador à *Escola Americana*:

> "Sua Majestade o Imperador, os Srs. Conde de Iguaçu, Barão de Maceió, conselheiro Sinimbu e o presidente da província visitaram várias escolas, entre as quais muito apreciou a Escola Americana, criada em São Paulo por uma associação presbiteriana, tendo como diretor o Rev. J. Beatty Howell. Sua Majestade declarou ser aquela escola a primeira daquele gênero que via no Brasil." [61]

Em 1879, Chamberlain comprou da Sra. Maria Antônia da Silva Ramos uma área de quase 30.000 m², nos Altos de Higienópolis. Em 1886, foi inaugurado nessa propriedade o internato masculino, primeiro edifício do futuro *campus*, cuja pedra memorial foi lançada no dia 4 de julho de 1885.

Após a proclamação da República, os métodos americanos de pedagogia ganharam grande prestígio no Brasil e a direção da *Escola Americana*, considerada como escola-modelo, passou a ser consultada frequentemente pelo governo sobre assuntos educativos. Em 1891, ela organizou seu primeiro Curso Superior, fato que aumentou seu prestígio e o número de alunos. Com isso, surgiu a necessidade de construir novos edifícios, que iriam requerer grandes investimentos.

Foi quando o advogado americano John Mackenzie deixou em testamento 50 mil dólares para a construção de uma escola de engenharia no Brasil. Em 1922, ano da independência do Brasil, John era um menino de apenas 12 anos e leu um artigo escrito por José Bonifácio, no qual o célebre político brasileiro falava da necessidade de desenvolvimento da educação popular no Brasil. O menino pensou, então, em seguir o magistério, ir morar no Brasil e se dedicar à educação do povo brasileiro. Porém, seu pai morreu logo depois e ele, preocupado com o sustento da

família, formou-se em advocacia e, ao longo dos anos, acabou ficando rico.

Em 1890, já com mais de 80 anos, John Mackenzie se lembrou do país ao qual queria servir durante sua mocidade e resolveu dividir sua fortuna em três partes, duas para cada irmã e a terceira para a causa da educação no Brasil. Foi quando ficou sabendo da situação da *Escola Americana* em São Paulo, com um terreno grande, mas com falta de recursos para construir um edifício para seu Curso Superior. Doou, então, para esse fim 50 mil dólares, importância que na época foi suficiente para construir o primeiro grande edifício, na esquina da Rua Maria Antonia com a Itambé.

A construção teve início em 16 de novembro de 1893 e a pedra fundamental foi lançada em 12 de fevereiro de 1894. Durante a cerimônia, o Rev. Chamberlain, representando a diretoria da instituição, encerrou numa caixa de cobre jornais do dia, exemplares da Constituição, a ata da inauguração e exemplares da Bíblia em português. Em 1995, foi inaugurado o Edifício Mackenzie, para sediar a Escola de Engenharia. O nome do benemérito foi também adotado pela instituição, que passou a se chamar *Mackenzie College.* Em 1940, o título *Mackenzie College* foi mudado para Instituto Mackenzie. Em 1952 foi criada a Universidade Mackenzie que, em 1998, passou a ser chamada Universidade Presbiteriana Mackenzie. [62]

A Bíblia e a tempestade

Na década de 1890, Dona Ambrozina, esposa de Joaquim Lara, voltava de coche da cidade de Tietê para sua fazenda, levando no colo sua filhinha Vera Martha. No meio do caminho, foi surpreendida por um forte temporal e refugiou-se em uma casa da fazenda vizinha. Ao entrar naquela casa, chamou sua atenção um livro grande, de

capa preta, que estava aberto em cima de uma mesa, ao lado de um castiçal com uma vela acesa.

Ambrozina, curiosa, se aproximou do livro e perguntou:

— Que livro é esse?

E a dona da casa respondeu:

— Eu ganhei esse livro, mas não sei o que é, porque não sei ler.

E continuou:

— Mas me disseram que, durante uma tempestade, ele deve ficar aberto ao lado de uma vela acesa, para proteger a casa.

Ambrozina reparou que o livro era bem parecido com aquele que o padre usava na missa. E, com muita vontade de conhecê-lo, disse:

— Eu gostaria muito de ler esse livro.

E sua hospedeira respondeu amavelmente:

— Eu posso lhe emprestar o livro.

Agradecida, Ambrozina aceitou o empréstimo.

Sua hospedeira pegou o livro, envolveu-o em um pano e entregou-o a ela, solicitando que o devolvesse quando terminasse de ler.

Chegando à sua casa, Ambrozina começou logo a ler a Bíblia e não parou mais. Depois de alguns meses de leitura, ela se converteu a Cristo e passou a frequentar a congregação presbiteriana de Itapetininga, cidade situada a 70 quilômetros de Sorocaba e a 170 quilômetros de São Paulo.

Essa congregação presbiteriana, que havia sido organizada em 1885 pelo Rev. Zacharias de Miranda, cresceu rapidamente e, em 1894, se transformou na Igreja Presbiteriana de Itapetininga. Em 1901, no pastorado do Rev. Franklin do Nascimento, criou vários pontos de pregação, sendo o mais ativo deles na casa da Dona Ambrozina. Essa igreja centenária teve, durante o século 20, oficiais ilustres, como os juristas Ruy, Célio, Clineu e Ney de Mello Almada. O Dr. Ney de Mello Almada é, há

muitos anos, um dos diretores da Sociedade Bíblica do Brasil. [63]

A Versão Revista e Corrigida de Almeida

1894—1898

A tradução de João Ferreira de Almeida, lançada em 1753, passou durante o século 19 por sete revisões, [64] a maioria delas apenas do Novo Testamento. A última e mais importante ocorreu em Londres, na Inglaterra, entre 1894 e 1898, e recebeu o nome de *Versão Revista e Corrigida de Almeida (RC).* Serviram de base para essa revisão de toda a Bíblia duas revisões da tradução de Almeida promovidas antes pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira: a *Versão Revista e Correcta* e a revisão ortográfica de João Nunes Chaves e R. Stuart.

A *Versão Revista e Correcta*, feita por Manoel Soares, João José da Graça e R. B. Girdlestone, foi publicada pela SBBE, em 1875, em Lisboa, Portugal. E a revisão ortográfica de toda a Bíblia, também patrocinada pela SBBE, foi feita em 1894 por João Nunes Chaves, R. Stuart e mais três consultores portugueses. Iniciada em 1894, a *Versão Revista e Corrigida de Almeida (RC)* concluída em 1898. Em 1899, a SBBE publicou em Lisboa a primeira edição dessa nova versão da Bíblia em português, que apresentava no frontispício a seguinte apresentação:

> "A Bíblia Sagrada, Velho e Novo Testamento, com referências e na margem algumas palavras segundo o hebraico e o grego, traduzida em português pelo Padre João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida. Depósito das Escrituras Sagradas, 32 — Janelas Verdes — 32, BFBS, Lisboa, Typografia e Lithografia de A. E. Barata, 25, Rua Nova do Loureiro, 39, 1899." [65]

Em 1900, a SBBE imprimiu em Lisboa uma nova edição dessa versão da tradução de Almeida, contendo títulos nos

parágrafos, datas, referências, texto alternativo nas margens e mapas coloridos.

Na primeira metade do século 20, a *RC* dividiu a preferência dos leitores brasileiros com a *Tradução Brasileira da Bíblia*. Em 1927, 50% das Bíblias vendidas pela SBA eram da *Versão Revista e Corrigida de Almeida*, 33% da *Tradução Brasileira* e 17% da tradução católica de *Figueiredo*. [66]

A partir de 1959, a *Versão Revista e Corrigida (RC)* passou a dividir a preferência dos evangélicos com a *Versão Revista e Atualizada de Almeida (RA)*. Na década de 1960, a distribuição da *RA* cresceu tanto que a SBB cogitou interromper a publicação da *RC*, como havia feito com a *Tradução Brasileira.* Porém, os protestos da Assembleia de Deus e da Congregação Cristã no Brasil foram tantos que ela decidiu continuar a publicá-la. [67]

Em 2006, 107 anos depois de seu lançamento, um terço do total das Bíblias circuladas pela SBB no Brasil ainda era publicado na *Versão Revista e Corrigida.* Em 2006, a SBB distribuiu 5.588.105 exemplares da Bíblia, sendo 53% na *Versão Revista e Atualizada*, 33% na *Versão Revista e Corrigida* e 14% na *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*.

Cresce a distribuição das Escrituras no Brasil

1889—1899

De acordo com o censo de 1890, a população brasileira no início da República era de 14.333.915 habitantes. Cerca de um milhão eram indígenas e 82% analfabetos. O número de alfabetizados, que no início do século 19 era inferior a 1%, havia subido em 1890 para 18%. O aumento do número de leitores foi um dos fatores que contribuíram para o crescimento da distribuição da Bíblia no Brasil.

O outro fator foi o crescimento da população evangélica, que era nula em 1800, subiu para 50 mil em 1850 e chegou

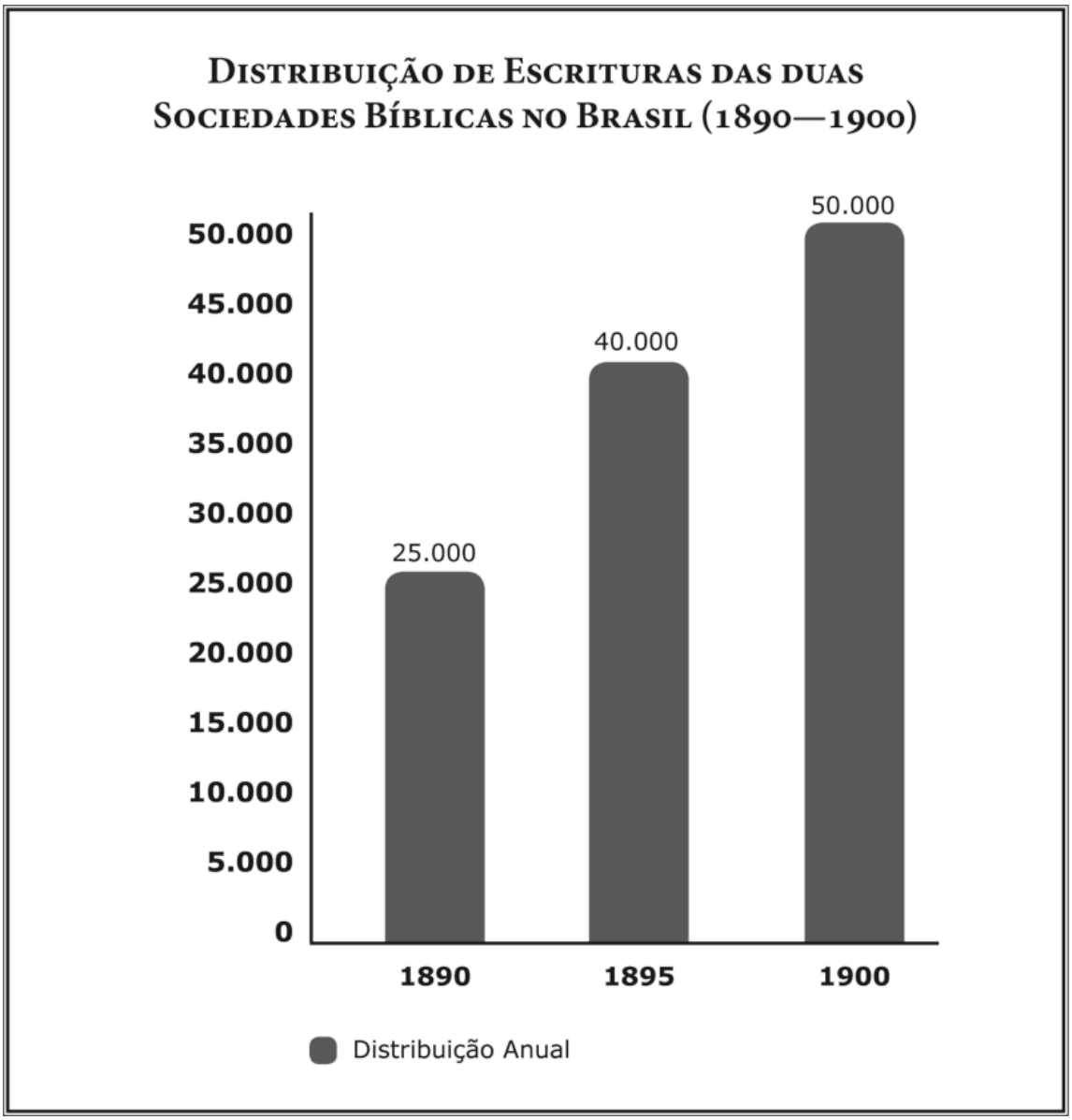
a 145 mil em 1890, ou cerca de 1% da população brasileira de 14 milhões de habitantes, registrada naquele ano. Até o final do Brasil Império, a Igreja Católica não havia demonstrado nenhum interesse pela divulgação das Escrituras. Os evangélicos, pelo contrário, adquiriam a Bíblia não apenas para uso próprio, mas também para oferecê-la a outras pessoas.

Em 1889, o secretário da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE), Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos, informou que, em 1889, ano da proclamação da República, sua sociedade havia distribuído cerca de 10 mil Escrituras no Brasil, e que a Sociedade Bíblica Americana (SBA) havia circulado a mesma quantidade. Portanto, no último ano do Brasil Império, as duas sociedades distribuíram juntas cerca de 20 mil Escrituras.

Porém, com a proclamação da República veio a decretação da liberdade religiosa e, com ela, a predisposição para adquirir a Bíblia. Muitos católicos que antes tinham medo de ter em casa a Bíblia ou o Novo Testamento, considerados livros proibidos, mudaram de ideia e se sentiram livres para comprá-los. Por outro lado, o trabalho dos colportores [68] foi facilitado. Embora continuassem a ser perseguidos em muitas regiões do país, em outras passaram a ser recebidos com mais respeito e consideração.

E assim, nesse clima diferente, de liberdade religiosa, o quadro da distribuição de Escrituras mudou rapidamente no Brasil. Na década de 1890, a primeira do Brasil República, a distribuição de Escrituras realizada pelas duas Sociedades Bíblicas duplicou, chegando em 1900 a 50 mil exemplares anuais. [69]

Foi esta a distribuição de Bíblias, Testamentos e Porções das duas sociedades, juntas, na primeira década do Brasil República: [70]



Em seu relatório à Sociedade Bíblica Americana, referente ao ano de 1892, o Rev. Hugh Clarence Tucker explicou assim esse rápido crescimento da circulação das Escrituras no início do Brasil República:

> “As transformações políticas verificadas no Brasil nos últimos dois anos foram realizadas de maneira geral no sentido de maior liberdade. Uma crescente aspiração tanto pela liberdade civil como pela liberdade religiosa levou parte da liderança nacional a desenvolver grandes esforços para romper os vínculos que existiam com as antigas instituições políticas e religiosas. Juntamente com esses esforços surgiu um crescente espírito

de investigação. As pessoas querem ler cada vez mais. Os líderes políticos tiveram uma forte oposição do clero, e os padres se tornaram os mais fortes oponentes à circulação das Escrituras em todo o país. Muitas vezes, ao presenciar essa oposição, as pessoas são levadas a comprar e ler a Bíblia. É comum perguntarem por que os sacerdotes não querem que elas leiam esse livro, e dizerem que estão determinadas a investigar o que existe na Bíblia que leva a essa oposição...
Muitos líderes políticos, sem nenhum interesse pessoal na Bíblia, incentivam sua circulação junto ao povo porque afirmam que ela os esclarece e os torna mais liberais. O desejo de liberdade, hoje tão claro e evidente na política, é devido em grande parte à circulação das Escrituras Sagradas e à pregação do Evangelho.” [71]

A Bíblia com endereço errado

1900

Em 1900, onze anos após a proclamação da República, o Evangelho chegou à cidade de Vitória da Conquista, na Bahia, através de uma Bíblia enviada com endereço errado. O Pr. Valdívio de Oliveira Coelho, pastor batista na Bahia e diretor da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) nas décadas de 1960 e 1970, contou assim como isso aconteceu:

“A história do evangelismo na cidade de Vitória da Conquista, na Bahia, nasceu através de Bíblia entregue com endereço errado. O Coronel Tertuliano Gusmão recebeu um dia, pelo Correio, um exemplar da Bíblia endereçado à sua casa, sem o nome do destinatário, nem do remetente. Ele não sabia quem a havia enviado. Mas se foi um erro do Correio, foi providencial, porque ninguém precisava mais daquele livro do que ele.

Ao receber o livro desconhecido, o velho Terto, como o chamavam carinhosamente os parentes e amigos, fazendeiro inteligente e de muita visão, percebeu logo que se tratava de um livro de grande valor. Começou a ler o livro como costumava fazer com outros livros, isto é, pelo início. Leu o livro de Gênesis e chegou ao livro do Êxodo, capítulo 20. Ficou muito impressionado com os dois primeiros mandamentos da lei de Deus, que diziam: ‘Não adore outros deuses; adore somente a mim. Não faça imagens de nenhuma coisa que há lá em cima no céu, ou aqui embaixo na terra, ou nas águas debaixo da terra. Não se ajoelhe diante de ídolos, nem os adore, pois eu, o SENHOR, sou o seu Deus e não tolero outros deuses. Eu castigo aqueles que me odeiam, até os seus bisnetos e trinetos. Porém, sou bondoso com aqueles que me amam e obedecem aos meus mandamentos e abençoo os seus descendentes por milhares de gerações.’ Êx 20.3-6

Leu-os tantas vezes, que chegou até a decorá-los. Aquelas palavras penetraram fundo em seu coração.

Prosseguiu na leitura do Livro Sagrado até que chegou ao capítulo 3 do Evangelho de João, que dizia:

‘Ninguém pode ver o Reino de Deus sem nascer de novo.’ Jo 3.3b

A conversa de Jesus com Nicodemos o encantou. A ideia de nascer de novo, de ser um novo homem, nascido da água e do Espírito, calou fundo em seu coração. Ele queria ser um novo homem, nascido da água e do Espírito.

Continuando a leitura da Bíblia, Tertuliano Gusmão se converteu e se tornou pregador do Evangelho. Contou a seus parentes e amigos as suas conclusões e disse-lhes que havia encontrado a verdade.

Depois do seu encontro com Cristo, ficou tão diferente que as pessoas da cidade comentavam:

— O velho Terto ficou doido!

Os resultados de sua pregação simples e sincera vieram logo: seus filhos, netos, genros, noras, irmãos, parentes e empregados da fazenda começaram a se converter ao Evangelho. Logo vieram as perseguições, mas o valente sertanejo, de quem se dizia que ‘tirava leite de onça’, nunca teve medo de nada. O corajoso Tertuliano Gusmão, convertido pela leitura de uma Bíblia que lhe foi entregue por engano, enfrentou e superou todas as dificuldades e fez o Evangelho prosperar em Vitória da Conquista.

A Bíblia que ele recebeu por engano foi editada em Portugal. Ela está com uma de suas netas, apelidada Nenenzinha, casada com Ubaldinho Figueira; são crentes fiéis, que hoje moram em Belém do Pará. O autor destas linhas é descendente do velho Terto e representa a quarta geração de crentes. No próximo dia 15 de outubro, quando vamos celebrar o 1º Centenário da Igreja Batista no Brasil, lembraremos dos nomes dos nossos heroicos pioneiros e, desde já, presto a minha homenagem ao velho e querido Coronel Tertuliano Gusmão.” [72]

Capítulo 3

GONÇALVES DOS SANTOS NO BRASIL REPÚBLICA

1889—1902



João Manoel Gonçalves dos Santos

1875—1902

O Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos tornou-se uma figura célebre na comunidade evangélica brasileira por ter sido o primeiro pastor brasileiro a conseguir registrar sua igreja, a Igreja Evangélica Fluminense, como uma instituição jurídica. Isso aconteceu no dia 22 de novembro de 1880, através do o Decreto nº 7.907, assinado pelo imperador D. Pedro II, quando a Igreja Católica Romana era ainda a igreja oficial do Brasil.

Ele nasceu no Rio de Janeiro, em 1843, e foi batizado no dia 11 de julho de 1858 na Igreja Evangélica Fluminense, pelo seu fundador Rev. Robert Reid Kalley. Poucos anos depois, sentiu-se chamado para o santo ministério e sua igreja o enviou para estudar na Inglaterra, de 1872 a 1875, no *Pastor's College*, seminário fundado pelo famoso pregador batista Charles Haddon Spurgeon. Terminado o curso teológico, Gonçalves dos Santos voltou para o Brasil e, no dia 31 de dezembro de 1875, foi ordenado para o santo ministério e eleito copastor da Igreja Evangélica Fluminense. No dia 9 de agosto de 1877 casou-se com a jovem Filomena Araújo dos Santos.

Em julho de 1878, o Rev. Kalley jubilou-se e o Rev. Gonçalves dos Santos assumiu o pastorado da Igreja Evangélica Fluminense, e imediatamente pleiteou junto ao governo imperial o registro de sua Igreja como instituição jurídica, pedido que só foi atendido dois anos depois.

Em 1979, o Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos aceitou o convite da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) para ser seu secretário no Brasil, com dedicação parcial de tempo. Durante nove anos, de 1879 a 1887, exerceu simultaneamente as funções de pastor da Igreja Evangélica Fluminense e secretário da SBBE. Em 1887, deixou o pastorado da Igreja Evangélica Fluminense e passou a dedicar todo o seu tempo à difusão da Bíblia no Brasil, até a sua aposentadoria, em 1902. [73]

O primeiro ano do Brasil República

1889

Em 1889, o Rev. Gonçalves dos Santos [74] completou seu décimo ano como secretário da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) e seu quarto ano de dedicação integral ao trabalho de divulgação da Bíblia. Nesse período de 11 anos, a distribuição anual de Escrituras da SBBE mais que dobrou, subindo de 4 para 10 mil exemplares. Nos dois últimos anos, o Brasil havia passado por grandes transformações políticas e sociais. Surpreso com tantas mudanças importantes, Gonçalves dos Santos declarou em seu relatório anual à SBBE, sobre o ano de 1889:

> “Queira Deus que, a partir de 1890, possamos ver no Brasil transformações espirituais tão grandes como essas mudanças políticas que acabamos de presenciar.” [75]

Em 1890, primeiro ano do Brasil República, as mudanças na área religiosa não foram tão grandes quanto aquelas ocorridas na área política, mas a circulação de Escrituras

através da SBBE cresceu de maneira expressiva, passando de 10.883 Escrituras em 1889 para 12.756 em 1890:

1890	Bíblias	Testamentos	Porções	Total 1890	Total 1889
Colportores (5)	429	851	3.217	4.497	4.695
Depósito no RJ	101	163	415	679	401
Subdepósitos	1.265	1.795	4.493	7.553	5.666
Doações	22	5	27	27	121
Total	1.817	2.814	8.125	12.756	10.883

O trabalho de colportagem bíblica foi feito naquele ano por cinco colportores: Antonio L. de Jesus, João Antonio de Menezes, Joaquim José da Silva, Joaquim Samuel de Brito e Francisco Luiz Cardoso. As atividades de colportagem bíblica se desenvolveram em sete Estados: Maranhão, Paraíba, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul.

Em seu relatório anual à SBBE, o Rev. Gonçalves dos Santos fez os seguintes comentários sobre a situação política e religiosa do país:

> “A liberdade religiosa ainda não avançou muito na prática, nem o interesse do povo na Bíblia. Nós agradecemos a Deus pela liberdade religiosa conquistada, mas ainda não notamos um crescimento do interesse do povo pela religião. Houve, neste ano, uma maior circulação das Escrituras no Brasil e as igrejas evangélicas receberam novos membros. O país está em paz, porém o povo ainda está preocupado, esperando o que está por vir. As despesas alfandegárias com importação de Escrituras agora só podem ser pagas em ouro e o preço do ouro subiu. A nova Constituição foi aprovada por unanimidade no Congresso e foi decretada a separação entre a Igreja e o Estado.” [76]

O salto na circulação de Escrituras

1891

No segundo ano do Brasil República, a circulação de Escrituras realizada pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) quase duplicou em relação ao ano

anterior, saltando de 12.756 em 1890 para 21.671 em 1891:

1891	Bíblias	Testamentos	Porções	Total 1891	Total 1890
Colportores	300	823	1.842	2.965	4.497
Depósito no RJ	144	202	647	993	679
Subdepósitos	1.791	4.337	10.902	17.030	7.553
Doações	25	87	571	683	27
Total	2.260	5.449	13.962	21.671	12.756

O aumento se deu em todos os itens: Bíblias, Novos Testamentos e Porções bíblicas (Evangelhos). E o destaque foi a venda através dos subdepósitos localizados nas igrejas, que duplicou em relação ao ano anterior. Houve queda na distribuição realizada pelos colportores, explicada pela ausência de alguns deles durante parte do ano.

A direção da SBBE em Londres comentou em seu relatório anual que a distribuição de 21 mil Escrituras no Brasil em 1891, embora ainda fosse proporcionalmente inferior a de outros países da região, mostrava que o povo brasileiro estava começando a despertar para a leitura da Palavra de Deus. [77]

Em 1892, a circulação de Escrituras realizada pela agência da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) continuou a crescer. O total de Escrituras distribuídas durante o ano foi de 24.340 unidades, 12% maior que no ano anterior. Cinco colportores trabalharam com tempo integral e dois com tempo parcial, distribuindo 8.570 exemplares das Escrituras. O Rev. Gonçalves dos Santos comentou em seu relatório que naquele ano sua igreja havia recebido 33 novos membros.

Em 1893, a missionária Sarah Poulton Kalley criou na Inglaterra a *Missão Help for Brasil*, em homenagem a seu

saudoso esposo Rev. Robert Reid Kalley, fundador da Igreja Evangélica Fluminense. A finalidade dessa organização era enviar obreiros para o Brasil.

Naquele ano, a SBBE circulou 3.231 Bíblias, 4.112 Novos Testamentos e 7.265 Porções, totalizando 14.658 Escrituras. A distribuição de Bíblias e Testamentos foi maior que no ano anterior, mas as Porções sofreram uma grande queda em relação a 1892. [78]

Um presente ao primeiro presidente eleito

1894

No dia 15 de novembro de 1894 foi realizada a primeira eleição presidencial no Brasil, com a vitória nas urnas de Prudente de Moraes. O novo presidente tinha uma filha matriculada no Colégio Metodista, no Rio de Janeiro, e um filho no Colégio Mackenzie, em São Paulo. Um pastor presbiteriano que o conhecia muito bem o visitou, antes de sua posse, e ouviu dele as seguintes palavras:

> “Eu necessito das orações dos cristãos brasileiros. Eu acredito no poder da oração.”

Esse pastor então perguntou a ele se gostaria de receber um exemplar da Bíblia na cerimônia de sua posse. E Prudente de Moraes respondeu que apreciaria muito receber um exemplar da Palavra de Deus naquela ocasião.

Então esse pastor procurou o Rev. Hugh Clarence Tucker, secretário da Sociedade Bíblica Americana no Rio de Janeiro, e lhe contou a conversa que havia tido com o presidente eleito. Imediatamente, Tucker providenciou dois exemplares da Bíblia na tradução católica do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, com uma encadernação especial e uma dedicatória. E esses exemplares da Palavra de Deus foram entregues, durante a cerimônia de posse, ao presidente Prudente de Moraes e ao vice-presidente Manuel Vitorino Pereira.

Na semana seguinte, Tucker recebeu esta carta de agradecimento, assinada pelo primeiro presidente eleito do Brasil:

> “Ao Rev. Hugh Clarence Tucker
> Secretário da Sociedade Bíblica Americana
> Agradeço pelo belo exemplar da Bíblia Sagrada que me foi presenteado durante a minha posse,
> Prudente de Moraes.” [79]

Foi essa a segunda vez que as Sociedades Bíblicas entregaram um exemplar da Bíblia a um chefe de governo brasileiro. No dia 31 de dezembro de 1881, o Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos havia sido recebido pelo imperador D. Pedro II e lhe havia presenteado com um exemplar da Bíblia, em nome da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. [80]

Em 1894, a distribuição de Escrituras da agência da SBBE voltou a crescer, atingindo o total de 19.748 unidades. O aumento se deu em todos os itens:

1894	Bíblias	Testamentos	Porções	Total 1894
Depósito no RJ	358	560	956	1.874
Colportores	439	1.232	3.520	5.191
Subdepósitos	2.158	5.162	5.339	12.659
Total de vendas	2.955	6.954	9.815	19.724
Doações	12	7	0	19
Total no ano	2.967	6.961	9.815	19.743
Total em 1893	3.281	4.112	7.265	14.658

Entusiasmado com os bons resultados alcançados em 1894, Gonçalves dos Santos apresentou à SBBE o seguinte relatório:

> “As portas estão abertas para o Evangelho no Brasil. Em 1894, as igrejas evangélicas abriram novos pontos de pregação e estão precisando

de mais obreiros. A república nos trouxe a liberdade de consciência e de culto, separou a religião do Estado, e tornou todas as igrejas iguais perante a lei. A Igreja Católica está agora mais ativa. Ela está realizando mais festas religiosas e tem convidado o povo para participar. Preocupada com a liberdade religiosa, está usando seu poder e sua influência para conservar os seus membros. O povo está mais interessado no Evangelho. Estão chegando ao Brasil novos missionários dos EUA e todos eles têm visitado nossa agência para comprar Escrituras. Recebemos muitos pedidos de Bíblias durante o ano e todos foram atendidos.

A missão Help for Brazil, criada pela senhora Sarah Poulton Kalley, enviou três missionários para o Brasil. Eles estão aprendendo a língua portuguesa em Pernambuco sob a orientação do Rev. James Fantone, pastor da Igreja Evangélica. A Igreja Evangélica está realizando trabalhos de evangelização em muitas cidades daquele Estado. A missão Help for Brasil também enviou para o Brasil duas missionárias inglesas para auxiliarem na escola dominical e no trabalho de evangelização.” [81]

A perseguição aos colportores

1895—1896

Em 1895, a agência da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) perdeu cinco de seus colportores, e a distribuição de Escrituras caiu para 12.844 exemplares. Em 1896, apesar das dificuldades enfrentadas pelos colportores, a distribuição voltou a crescer, chegando a 24.043 unidades:

1896	Bíblias	Testamentos	Porções	Total 1896
Depósito no RJ	259	538	1.104	1.901
Subdepósitos	1.885	686	14.397	16.968
Colportores	869	1.633	2.357	4.859
Total de vendas	1.885	2.857	17.858	23.728
Doações	29	45	241	315
Total em 1896	3.042	2902	18.099	24.043
Total em 1895	2.502	6.059	4.283	12.844

Estão incluídas no relatório acima 889 Escrituras vendidas à Missão *Help for Brazil*, fundada em 1893 pela senhora Kalley.

Apesar de a liberdade religiosa ter sido decretada no país e a encíclica papal *Providentissimus Deus*, publicada em 1893, haver recomendado a leitura da Bíblia por todos os católicos, sem a interpretação dos sacerdotes, a hostilidade aos colportores das Sociedades Bíblicas persistiu nos primeiros anos no Brasil República.

Em 1896, três colportores da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) foram perseguidos e maltratados. Na cidade de Itu, no interior do Estado de São Paulo, o colportor Joaquim Andrade foi preso e proibido de vender suas Escrituras. Algumas Bíblias que ele levava lhe foram tomadas e rasgadas. Em Pernambuco, queimaram as Escrituras do colportor Gregório T. A. Cruz e ele foi obrigado a refugiar-se em uma casa particular para não ser agredido. No interior do Estado da Paraíba, o colportor Antonio B. S. Miranda quase foi morto por uma multidão exaltada. [82]

A importância dos colportores

1897—1898

Em 1897, a agência da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) contratou mais três colportores e conseguiu repetir a boa circulação de Escrituras alcançada no ano anterior. Foram distribuídas durante o ano as seguintes Escrituras:

1897	Bíblias	Testamentos	Porções	Total 1896
Depósito no RJ	140	603	1.441	2.184
Subdepósitos	1.143	3.285	9.836	14.264
Colportores	1.286	2.226	3.364	6.876
Total de vendas	2.569	6.114	14.641	23.324
Doações	27	12	27	66
Total em 1897	2.596	6.126	14.668	23.390
Total em 1896	3.042	2902	18.099	24.043

Naquele ano, a circulação realizada pelos dez colportores da agência da SBBE foi de 6.876 Escrituras, duas mil a mais que no ano anterior. Durante o ano, o colportor José E. Paím distribuiu a Bíblia, pela primeira vez, no interior do Estado de Goiás. Viajou por regiões desertas e houve dias em que não encontrou nenhuma casa onde pudesse comer ou dormir. [83]

Em 1898, a circulação de Escrituras da SBBE teve uma ligeira queda em relação ao ano anterior:

1898	Bíblias	Testamentos	Porções	Total 1898
Depósito no RJ	278	639	1.716	2.633
Colportores	1.162	1.692	4.154	7.008
Subdepósitos	1.420	2.838	5.955	10.213
Total de vendas	2.860	5.169	11.825	19.854
Doações	47	51	252	350
Total em 1898	2.907	5.220	12.077	20.204
Total em 1897	2.596	6.126	14.668	23.390

Naquele ano, a SBBE contratou mais três colportores. Eles visitaram 14 Estados e distribuíram 10.213 Escrituras, três mil a mais que no ano anterior. Pela primeira vez, a agência enviou um colportor ao Estado de Mato Grosso, onde foram distribuídas mais de mil Escrituras. Durante o ano, muitas igrejas foram organizadas no Estado de Minas Gerais. Em Pernambuco, houve um movimento contra os evangélicos e um membro de uma igreja foi morto. Sua viúva e seus filhos foram amparados por sua igreja.

Em 1898, o Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos completou 55 anos e 20 anos como secretário da SBBE no Brasil. Nesse período, cerca de 300 mil exemplares das Escrituras foram distribuídos sob sua supervisão. Embora a agência continuasse a realizar um excelente trabalho, a SBBE achou que era o momento de colocar a seu lado uma

pessoa para ser seu assistente imediato. Para isso, transferiu para o Brasil o missionário E. W. Searle, que estava trabalhando na agência bíblica das Ilhas Canárias.

No ano seguinte, Searle fez uma longa viagem de reconhecimento, visitando vários Estados do Brasil. Viajou milhares de quilômetros, de norte a sul do país, incentivando os colportores e entrevistando candidatos para o trabalho de colportagem. Voltando ao Rio de Janeiro, resumiu assim suas impressões de viagem:

> "Conversei com muitos missionários a respeito do trabalho da SBBE e posso resumir assim o que eles me disseram:
> — Sem a ajuda das Sociedades Bíblicas não poderíamos realizar o nosso trabalho. Sempre que viajamos, encontramos uma ou mais famílias dispostas a nos receberem, iluminadas pela leitura de uma Bíblia comprada de um colportor." [84]

Aumenta a distribuição da Bíblia através das igrejas

1889—1899

A distribuição da Bíblia no Brasil começou no início do século 19, com os *representantes* das Sociedades Bíblicas. Em meados do século 19, as Sociedades Bíblicas instalaram suas primeiras *agências bíblicas* no país e, com elas, surgiu a figura do *colportor*, ou vendedores ambulantes, contratados por elas para vender a Bíblia de casa em casa.

Na segunda metade do século 19 foram criadas as primeiras igrejas evangélicas e elas começaram a promover a distribuição evangelística da Bíblia através dos seus colportores. E, no final do século 19, as Sociedades Bíblicas criaram *depósitos regionais* de Escrituras nas maiores igrejas evangélicas do Brasil.

No começo do século 20, as duas Sociedades Bíblicas que atuavam no Brasil, a Britânica e a Americana, passaram a chamar esses *depósitos regionais* de *correspondentes. Correspondente* era uma igreja local que

comprava regularmente das Sociedades Bíblicas e mantinha um estoque permanente de Escrituras no templo, para venda aos seus membros e também para distribuição evangelística a pessoas que não possuíam a Bíblia.

Em 1889, o Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos, secretário no Brasil da SBBE, fez uma longa viagem de trabalho pelo Norte e Nordeste do país. Voltando ao Rio de Janeiro, escreveu a seguinte carta à SBBE em Londres, dando suas impressões sobre o progresso do evangelho naquela região e mencionado a criação de depósitos de Escrituras nas igrejas, em quase todas as províncias:

> "Em minha última viagem às províncias do Norte e Nordeste, eu preguei em todas as igrejas evangélicas e fiquei muito feliz em ver que elas estão prosperando em todo o país. Embora essas congregações ainda sejam pequenas, o trabalho evangélico foi implantado em todas as províncias que eu visitei. Nossa agência bíblica tem hoje 40 depósitos regionais de Escrituras, operando em quase todas as províncias do Brasil. O último foi organizado na cidade de Manaus, na Província do Amazonas." [85]

Em 1889, a agência da SBBE havia distribuído 8.354 Escrituras, sendo 2.350, ou 28%, através dos*depósitos regionais* e o restante por meio dos seus colportores. Dez anos depois, em 1899, a SBBE distribuiu 20.204 Escrituras, sendo 10.505, ou 52%, através dos *depósitos regionais* ou *correspondentes*. O grande aumento da participação dos *correspondentes* na distribuição total de Escrituras se deu pelo crescimento dos evangélicos e do número de igrejas no país.

Gonçalves dos Santos se aposenta

1889—1902

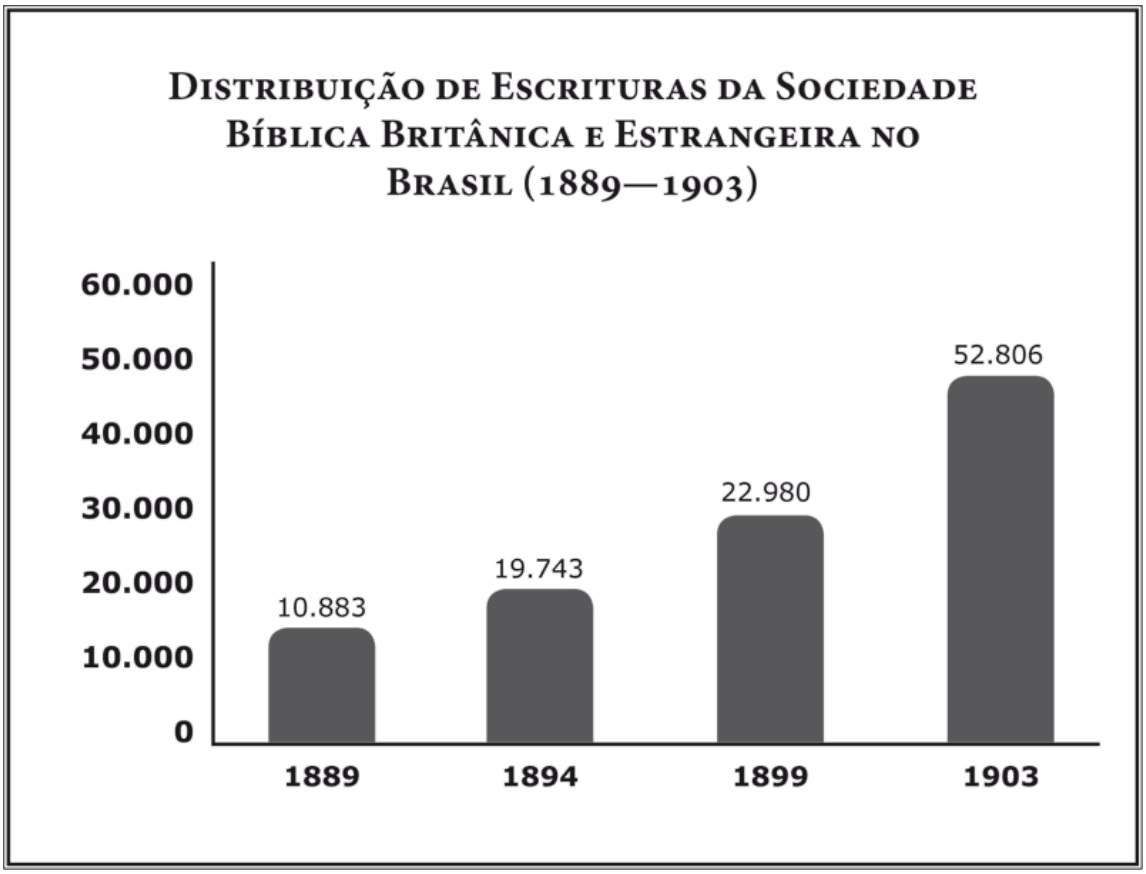
Em 1890, o Brasil tinha 14.334.915 habitantes, dos quais 82% eram analfabetos; e o número de evangélicos era estimado em 145 mil, ou cerca de 1% da população brasileira. A circulação de Escrituras no Brasil pela agência da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) foi,

em 1899, de 22.980 Escrituras, aproximadamente a mesma realizada naquele ano pela agência da Sociedade Bíblica Americana. As duas sociedades circularam juntas durante aquele ano 45 mil Escrituras, equivalente a 0,30% da população brasileira e 30% da população protestante existente no Brasil.

Foi a seguinte a distribuição da agência da SBBE em 1899: [86]

1899	Bíblias	Testamentos	Porções	Total 1899
Depósito no RJ	538	917	653	2.108
Colportores	1.283	776	6.322	8.381
Subdepósitos	1.585	2.831	6.189	10.605
Sociedade Bíblica Americana	154	181	525	860
Total de vendas	3.560	4.705	13.689	21.954
Doações	88	251	687	1.026
Total em 1899	3.648	4.956	14.376	22.980
Total em 1898	2.907	5.220	12.077	20.204

Nos primeiros 14 anos do Brasil República, a agência da SBBE quintuplicou a distribuição de Escrituras. Em 1889, ela estava no patamar de 10 mil exemplares. Nos primeiros cinco anos do Brasil República, saltou para o nível de 20 mil unidades. A partir de 1900, voltou novamente a crescer com rapidez e, em 1903, chegou a 52.806 exemplares, como ilustra o gráfico abaixo:



O Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos aposentou-se em 1902, após 23 anos de relevantes serviços prestados à obra de difusão da Bíblia no Brasil. Ele faleceu no Rio de Janeiro, no dia 20 de junho de 1928, aos 86 anos, deixando um imenso legado espiritual, que sempre será lembrado pelos evangélicos no Brasil.

A Bíblia rifada

1897—1899

Durante a primeira década do Brasil República, milhares de pessoas leram a Bíblia pela primeira vez e tiveram sua vida transformada pelo poder da Palavra de Deus. Foi o que aconteceu com a família de Antonio e Júlia de Andrade, de maneira curiosa, na cidade de Jaú (SP).

Em 1897, foi feita uma rifa diferente na cidade de Rio Claro, no interior paulista. Foi rifado naquela cidade um

belo exemplar da Bíblia. E Júlia, esposa de Antonio de Andrade, comerciante português no ramo de secos e molhados, comprou um bilhete. Para sua surpresa, Júlia foi sorteada e recebeu, feliz, aquele lindo exemplar das Escrituras Sagradas, impresso pelas Sociedades Bíblicas. Começou a ler o livro e ficou impressionada com a beleza de sua mensagem.

Porém, quando sua amiga, professora da escola rural viu o livro, lhe disse secamente:

— Júlia, queime esse livro. Não o leia, porque é o livro dos protestantes.

Decepcionada, ela resolveu seguir o conselho da amiga e pediu para seu filho Manoel queimar o livro. Mas o rapaz ficou com pena de queimar um livro tão bonito e o escondeu entre as suas coisas. E, para que sua mãe não desconfiasse do que ele havia feito, mostrou-lhe as cinzas de algumas revistas velhas que havia queimado.

Em 1899, o comerciante Antonio de Andrade passou por uma grande crise financeira e teve que vender seu armazém em Rio Claro e se mudar com a família para a cidade de Jaú, no mesmo Estado. Com o pouco de dinheiro que lhe restou, comprou um sítio e, modestamente, recomeçou a vida. A mudança alterou muito os costumes de seus filhos adolescentes. Longe da vida agitada da cidade, as noites no sítio lhes pareciam muito monótonas e cansativas. Por isso, passaram a procurar coisas interessantes para fazer à noite. Então, Manoel se lembrou do livro que havia escondido de sua mãe em Rio Claro e começou a ler. Gostou muito e passou a ler o livro em voz alta, todas as noites, para seus irmãos. Mais tarde, seus pais Antonio e Júlia se juntaram a eles para ouvirem a leitura bíblica.

Uma noite, quando estavam lendo a Bíblia, chegaram dois visitantes, Cândido Pereira de Magalhães e Antonio Pereira Garcia, que moravam na redondeza e eram crentes. Quando os visitantes viram que eles estavam lendo a Bíblia,

aproveitaram a oportunidade para lhes falar a respeito do Evangelho e os convidaram para visitar a pequena congregação presbiteriana de Jaú. Eles aceitaram ao convite, foram assistir ao culto e à escola dominical e gostaram muito. Antonio de Andrade, sua esposa Júlia e seus filhos passaram, então, a frequentar aquela congregação e, algum tempo depois, fizeram sua profissão de fé em Cristo. Alguns anos depois, José de Andrade, um dos filhos de Antonio de Andrade, tornou-se pastor metodista e grande promotor de distribuição das Escrituras na cidade de Jaú. [87]

Capítulo 4

OS CATÓLICOS PUBLICAM A BÍBLIA

1893—1932



O começo do diálogo com os protestantes

1893

Em 1878, a Igreja Católica Romana elegeu como seu novo pontífice o papa Leão XIII. Quando foi eleito, ele tinha 68 anos e saúde delicada, mas contrariou as expectativas de um pontificado breve e dirigiu a igreja durante 25 anos, até 1903. Nesse longo período, mostrou habilidade política e diplomática, manifestou interesse pelo progresso da ciência e promoveu uma profunda renovação política, social e espiritual dentro da Igreja. Leão XIII iniciou um diálogo respeitoso com as Igrejas Reformadas e manteve uma atitude igualmente respeitosa às tradições das igrejas cristãs orientais. Em sua encíclica *Rerum Novarum*, publicada em 1891, defendeu os direitos dos trabalhadores. A partir do pontificado de Leão XIII, a Igreja Católica deixou de dirigir críticas às Sociedades Bíblicas e passou a manter com elas um diálogo respeitoso e construtivo. [88]

A postura do papa Leão XIII em relação à divulgação da Bíblia foi inovadora e surpreendente. Em 1890, aprovou a criação da *Escola Bíblica de Jerusalém*. E, no dia 18 de novembro de 1893, três anos após a fundação dessa instituição, Leão XIII publicou a encíclica *Providentissimus Deus,* apoiando a realização de pesquisas arqueológicas

sobre a Bíblia e incentivando a capacitação de tradutores e professores das Escrituras Sagradas. A encíclica recomendava, ainda, a crítica científica dos originais em grego e hebraico, a tradução da Bíblia diretamente dos idiomas originais, o estudo das Escrituras Sagradas pelo clero católico e sua leitura por todos os católicos.

Até o final do século 19, a Igreja Católica considerava a *Vulgata Latina* sua Bíblia oficial, sendo sua leitura restrita aos sacerdotes. A partir de 1893, a Igreja Católica passou a incentivar novas traduções da Bíblia diretamente dos originais, a promover seu estudo nos seminários e a realizar esforços para distribuir o texto bíblico na língua do povo. Essa mudança radical em relação às Escrituras Sagradas deu início a um movimento em prol de sua valorização dentro da Igreja Católica, que culminou no Concílio Vaticano II, realizado na década de 1960.

O papa Leão XIII faleceu em Roma no dia 20 de julho de 1903, aos 93 anos, após um pontificado de 25 anos. Deixou como legado o início de uma renovação dentro da Igreja Católica, especialmente nas áreas política, social e bíblica. [89]

Mudança lenta e gradual no Brasil

1893—1910

A encíclica *Providentissimus Deus*, de 1893, que recomendou a leitura da Bíblia por todos os católicos, sem a interpretação do sacerdote, logo foi divulgada no Brasil. Entretanto, o clero católico, surpreso com a mudança radical promovida pelo papa Leão XIII, precisou de tempo para assimilar a grande mudança. Os fiéis da Igreja Católica também precisaram de muitos anos para se acostumar com a ideia de que podiam ler e entender a Bíblia sem ajuda dos padres.

Apesar da abertura promovida pela encíclica papal, a hostilidade em relação aos colportores das Sociedades

Bíblicas persistiu no Brasil durante anos, principalmente no interior do país.

Em 1897, oito anos depois da proclamação da República e quatro anos após a publicação da encíclica *Providentissimus Deus*, o Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos, secretário da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) no Brasil, enviou o seguinte relatório à sua sede, em Londres, lamentando a perseguição aos colportores no interior das províncias de São Paulo, Pernambuco e Paraíba:

> “Nossos colportores continuam a ser perseguidos no Brasil... As autoridades do interior nada fazem para defender nossos colportores, pois nessas regiões elas são submissas às autoridades católicas. Nós temos agora boas leis no Brasil, que garantem a liberdade religiosa e proíbem perseguições aos colportores, mas a lei é letra morta em muitos lugares. Embora o papa tenha publicado uma encíclica recomendando a leitura das Escrituras, os bispos e os padres brasileiros continuam a se opor à sua distribuição. Contudo, apesar da oposição do clero, muitos cidadãos brasileiros têm recebido a Bíblia, lido e passado a frequentar as igrejas evangélicas no Brasil.” [90]

A Igreja Católica publica livros da Bíblia

1903

Em 1903, o Cônego Duarte Leopoldo, residente na cidade de São Paulo, publicou a obra intitulada *Harmonia dos Santos Evangelhos* ou *Os Quatro Evangelhos em Um*. A tradução dos Evangelhos foi feita da *Vulgata Latina*. O prefácio dessa publicação, escrito pelo Monsenhor Manoel Vicente da Silva, dirigiu um forte apelo aos católicos para lerem a Bíblia e fez severas críticas às Bíblias publicadas pelas Sociedades Bíblicas:

> “Certamente, não existe nenhuma leitura mais útil para as almas piedosas do que os Evangelhos. Essa leitura alimenta a mente e o coração. Aprovados pela Igreja, os Evangelhos são os livros mais preciosos que existem. Eles contêm a Palavra de Deus, palavra que é luz e verdade, que dirige os passos daqueles que amam a virtude, que civiliza as nações e traz bênçãos e a vida eterna. Este trabalho do Cônego Duarte Leopoldo é digno

> de todo louvor, pois nos brinda com a tradução dos Evangelhos, com comentários de autores aprovados pela Igreja. [91] O momento é oportuno. Os emissários das Sociedades Bíblicas estão se multiplicando entre nós, distribuindo as Escrituras na linguagem falada no país, com evidentes alterações."

A introdução escrita pelo autor da obra, o*Cônego Duarte Leopoldo*, dizia também que a leitura dos Evangelhos não era proibida pela Igreja Católica e que os leitores da Bíblia não podiam interpretá-la de acordo com a inspiração recebida por eles do Espírito Santo:

> "Alguns católicos pensam que a Santa Igreja Católica proíbe a leitura dos Evangelhos. Este é um erro difamatório propagado pelo Protestantismo, contra o qual é necessário reagir. O Protestantismo ensina que todas as verdades da fé cristã estão contidas nas Sagradas Escrituras e que todos têm o direito de interpretá-la de acordo com a inspiração recebida do Espírito Santo. É hora de combater esta doutrina perigosa e mortal, que deu origem a inumeráveis seitas extravagantes e contraditórias entre si. A Igreja não propõe privar-nos da Bíblia, considerada por ela uma fonte luminosa e abundante da revelação divina. Pelo contrário, a Igreja não somente recomenda a leitura dos livros sagrados, mas oferece muitas indulgências a todos aqueles que dedicam pelo menos um quarto de hora à leitura dos Evangelhos." [92]

Além da *Harmonia dos Evangelhos*, a Igreja Católica publicou no Brasil, na primeira década do século 20, mais duas edições das Escrituras em português: em 1904, a obra *Santos Evangelhos de N. S. Cristo*, revisada por um padre francês, no Colégio Imaculada Conceição, no Rio de Janeiro; e em 1910, *O Novo Testamento* em português, revisado pelos franciscanos e impresso na Imprensa São Francisco, na Bahia. No prefácio desse Novo Testamento foram feitas as seguintes críticas sobre as Escrituras publicadas pelos evangélicos no Brasil:

> "Ao adquirir um exemplar das Sagradas Escrituras é importante verificar se é de uma edição católica, para evitar as Bíblias falsas e incompletas publicadas pelas seitas protestantes, que não têm a aprovação do Arcebispo Primaz Metropolitano nem dos bispos católicos. Por essa razão, o I Congresso Católico Brasileiro decidiu publicar a Bíblia Sagrada em

> português, na tradução católica tradicional, com notas explicativas dos Santos Padres e estudos bíblicos de eminentes teólogos católicos antigos e modernos.” [93]

No período de 1891 a 1896, foi publicada em Portugal uma edição com ilustrações da tradução católica do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, [94] com o título de *Bíblia Ilustrada.* Foi impressa na cidade do Porto e contém os livros apócrifos, ou deuterocanônicos e cerca de 900 gravuras. Foi impressa em quatro volumes, contendo os livros canônicos nos três primeiros volumes e os livros apócrifos no último volume. Ela traz no frontispício as seguintes informações:

> “Bíblia Sagrada ilustrada, contendo o Velho e o Novo Testamento segundo a Vulgata ou versão Latina, tradução do Padre Antonio Pereira de Figueiredo. Ilustrada com novecentos a mil gravuras finíssimas; Vol. I, Porto, Empresa editora da Bíblia Sagrada Ilustrada, Rua do Mousinho da Silveira 191 — 1º — 1891, vol. de 748 pág. — Vol. II. Ibid. 1893, Vol. de 708 págs. — Vol. III. Ibid. 1896. Vol. de 456 págs. — Vol. IV. (Livros deuterocanônicos). Ibid. 1896, Vol. de 214 págs.” [95]

“Nossos irmãos separados”

1910

Aos poucos, a liderança da Igreja Católica no Brasil assimilou a renovação promovida pelo papa Leão XIII. Em 1908, D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, arcebispo católico do Rio de Janeiro, exortou assim o povo católico a estudar os Evangelhos:

> “Todas as famílias católicas devem ter em seu lar o livro dos Santos Evangelhos. A Bíblia deve ser possuída, lida e meditada por todas as pessoas, pois todos necessitam dela. Oh, se todos os homens conhecessem, amassem e meditassem nos Santos Evangelhos!”

D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti foi a primeira autoridade católica a chamar os protestantes

brasileiros de “nossos irmãos separados”. Em uma carta dirigida ao clero brasileiro, ele disse:

> “Vários Bispos, inflamados pelo zelo apostólico recomendaram com urgência em suas pastorais dirigidas às fiéis, às famílias e aos homens de todas as classes sociais, a prática devocional da leitura dos Santos Evangelhos. Esse movimento inspirador, despertado e estimulado pelo Augusto e Magnânimo papa Leão XIII, está crescendo de maneira maravilhosa e resultando em numerosas e esplêndidas conquistas.
>
> Em minha humilde opinião, é difícil combinar um estilo simples e agradável com uma fidelidade literal do texto sagrado. É o que temos percebido nas versões da Bíblia para o português feitas até agora.
>
> No momento em que escrevo estas palavras de aprovação e estímulo ao movimento de popularização da leitura dos Santos Evangelhos, julgo conveniente deixar claro que esta nossa atitude não pode ser confundida com a propaganda que nossos irmãos separados, os Protestantes, fazem de maneira tão ativa. Fiéis aos seus princípios, eles querem substituir a Igreja pelos Evangelhos. Afirmam eles que somente através da leitura da Bíblia é possível encontrar os princípios de fé e as normas de vida.” [96]

A expressão “nossos irmãos separados” acabou se tornando comum entre a liderança católica, e muitos membros do clero passaram a usá-la quando queriam se referir amistosamente aos “protestantes” ou “evangélicos”. [97]

Em 21 de novembro de 1964, durante o Concílio Vaticano II, o papa Paulo VI assinou o “Decreto sobre o Ecumenismo (*Unitatis Redintegratio*)”, no qual usou diversas vezes a expressão “nossos irmãos separados”. Após o Concílio Vaticano II, essa expressão se tornou popular entre os católicos.

Em 1910, durante o II Congresso Católico, realizado no Estado da Bahia, foram distribuídas aos participantes Porções bíblicas com mensagens do Novo Testamento.

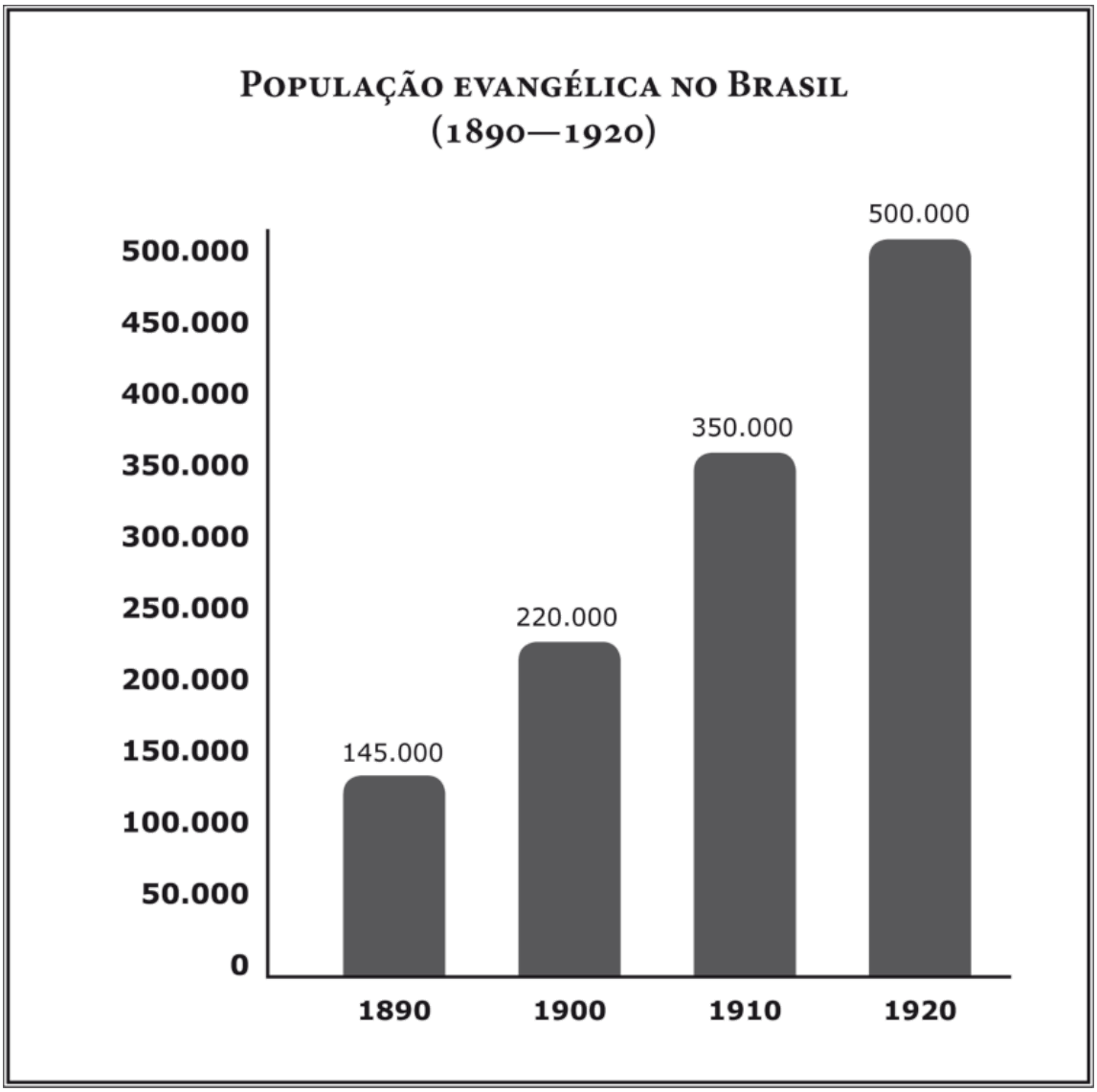
Durante a I Guerra Mundial, o Rev. Hugh Clarence Tucker, secretário da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, fez um apelo a favor dos seus projetos sociais, e a primeira resposta veio do Arcebispo Católico do Rio de

Janeiro, D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, que fez uma generosa contribuição. [98]

O avanço evangélico e a reação católica

1910—1920

A partir de 1890, incentivadas pela liberdade religiosa, as denominações protestantes que operavam no Brasil — luteranos, presbiterianos, metodistas e episcopais — passaram a crescer mais rapidamente. O mesmo aconteceu com os batistas e os adventistas que chegaram ao Brasil no final do século 19. Em 1910 e 1911 chegaram as primeiras denominações pentecostais — a Congregação Cristã no Brasil e a Assembleia de Deus — e, com esse reforço, a comunidade evangélica acelerou ainda mais seu crescimento no país. Nos primeiros 30 anos do Brasil República, de 1890 a 1920, a população evangélica triplicou, passando de 145 mil em 1890 para 220.000 em 1900, 350.000 em 1910, e 500 mil em 1920, como se pode ver no gráfico abaixo: [99]



Com a criação de diversas escolas luteranas, presbiterianas, metodistas e batistas, todas elas bem-conceituadas, os evangélicos passaram a exercer uma expressiva influência não apenas na área espiritual, mas também na área educacional.

A partir no início do século 20, a Igreja Católica começou a se preocupar com o crescimento dos evangélicos no Brasil e reagiu de maneira positiva, procurando dar maior atenção e assistência aos seus fiéis. Um dos primeiros passos foi fortalecer a organização interna da igreja, criando novas estruturas eclesiásticas, como as dioceses e

as arquidioceses. Novos seminários foram criados e foi incentivada a vinda de religiosos estrangeiros para o Brasil, das ordens dos capuchinhos, dos beneditinos, das carmelitas e dos franciscanos. A Igreja Católica passou a realizar também um número maior de procissões e festas religiosas e começou a visitar seus fiéis de casa em casa.

O Rev. Hugh Clarence Tucker, secretário da SBA no Brasil, analisando os movimentos religiosos ocorridos no Brasil, no período de 1906 a 1916, descreveu assim essa mudança de atitude da Igreja Católica:

> "As autoridades e líderes da Igreja Católica promoveram projetos de reorganização e atualização para melhorar sua atuação tanto na área espiritual como na assistência social a seus fiéis. Foram criadas novas dioceses, trouxeram para o Brasil padres e freiras para fortaleceram o trabalho missionário, promoveram festividades e procissões e incentivaram seus fiéis a participarem da missa e a se confessarem." [100]

A encíclica *Spiritus Paraclitus* do papa Bento XV

1920

Em 15 de setembro de 1920, por ocasião do 15º centenário da morte de São Jerônimo, o tradutor da Vulgata Latina, o papa Bento XV publicou a encíclica *Spiritus Paraclitus,* incentivando a tradução, a publicação e a distribuição das Escrituras aos fiéis da Igreja Católica, a fim de que eles se acostumassem à sua leitura diária:

> "Não cessaremos de admoestar a todos os fiéis para que leiam diariamente em especial os Evangelhos, os Atos dos Apóstolos e as Epístolas... Em nenhuma família católica devem faltar esses livros, para que todos se acostumem a ler e meditar diariamente nas Escrituras... Merecem louvores especiais aqueles que, em diversos países, procuraram traduzir, publicar e difundir todos os livros do Novo Testamento e livros seletos do Antigo Testamento." [101]

Essa encíclica do papa Bento XV, em 1920, veio confirmar a recomendação do papa Leão XIII, em sua

encíclica de 1893, de que a Igreja Católica agora estava mesmo empenhada na obra de tradução, publicação e divulgação das Sagradas Escrituras, realizada pelas Sociedades Bíblicas desde o início do século 19.

Essa recomendação do papa Bento XV a favor da publicação e estudo da Bíblia teve reflexos imediatos no Brasil. Em 1921, o Rev. Hugh Clarence Tucker, secretário da Sociedade Bíblica Americana no país, fez o seguinte comentário, em seu relatório anual, sobre o crescente espírito de liberalidade existente no Brasil para o estudo e a leitura da Bíblia:

> "Temos percebido no Brasil indicações claras de que está havendo um crescente espírito de liberalidade para a leitura da Bíblia e maior interesse da população brasileira em adquirir as Escrituras. Em um dos principais Estados do país, foi proposto recentemente o estudo da Bíblia nos cursos de educação pública. Tanto o governo como a Igreja Católica têm revelado uma atitude mais favorável à leitura das Escrituras."

A tradução da Bíblia do Padre Matos Soares

1917—1932

Em 1917, em resposta à encíclica do papa Leão XIII, *Providentissimus Deus*, recomendando o preparo de novas traduções da Bíblia para a língua do povo, o padre português Matos Soares iniciou em Portugal uma nova tradução da Bíblia a partir da Vulgata Latina.

A primeira edição da tradução do Padre Matos Soares foi publicada no Brasil, em 1932, pela Tipografia da Pia Sociedade de São Paulo. Ela foi publicada com *imprimátur* da Diocese do Porto, em Portugal, e o *imprimátur* da Diocese de São Paulo, no Brasil. A tradução de Matos Soares tornou-se muito popular no Brasil e foi editada inúmeras vezes.

Em 1975, a Editora Paulinas lançou uma nova edição desta tradução, com correções e notas atualizadas. Até a década de 1980, apesar do lançamento de muitas outras

traduções católicas, a tradução de Matos Soares foi, ao lado da Bíblia de Jerusalém, uma das traduções da Bíblia preferidas pelos católicos brasileiros. [102]

O mesmo que havia acontecido no século 19 com a tradução católica do Padre Antônio Pereira de Figueiredo aconteceu no século 20 com a tradução de Matos Soares — ela passou a ser oferecida pelos colportores às pessoas que não aceitavam a Bíblia protestante. Essa tradução católica continuou a ser publicada pela Editora Ave Maria até a década de 1990, quando foi substituída pela tradução dos Monges Beneditinos de Maredsous, da Bélgica. [103]

O relatório do colportor João da Cruz

1925—1927

A recomendação da Igreja Católica, feita em 1920, favorável à leitura da Bíblia ajudou os colportores das Sociedades Bíblicas a promoveram a distribuição das Escrituras não apenas nas casas, mas também nos ônibus, bondes e trens. A partir de 1925, João da Cruz começou a trabalhar como colportor da Sociedade Bíblica Americana (SBA), distribuindo as Escrituras às pessoas residentes no subúrbio do Rio de Janeiro que tomavam o trem para trabalhar no centro da cidade. Em seu relatório referente ao ano de 1927, ele contou estas experiências vividas durante o seu trabalho de distribuição das Escrituras aos passageiros de trem:

> "No dia 8 de fevereiro, iniciei uma nova maneira de trabalhar. Conhecendo o coração e o sentimento do nosso povo, resolvi apresentar aos passageiros de trem um Evangelho de João ilustrado com fotos de Jerusalém. Trabalhei nos vagões de segunda classe, mostrando aos passageiros as belas fotos e lhes falando da mensagem bíblica. Ofereci o Evangelho a mais de mil pessoas por dia, em diversos vagões. Dependendo da hora do dia, o número de pessoas em cada vagão variava entre 50 a 150 pessoas. Fiz várias viagens em cada dia e, quando chegava ao fim da linha, descia do trem e oferecia o Evangelho às pessoas que estavam esperando na plataforma da estação. Trabalhei durante cinco dias, até 23 de fevereiro, e distribuí 4.086 exemplares do Evangelho de João, 3.779 por

venda e 307 por doação às pessoas que se interessaram, mas não tinham dinheiro para comprar.

Durante minhas viagens de trem, encontrei muitas pessoas crentes que testificaram que foram muito abençoadas depois de conheceram as verdades divinas e que o Evangelho leva realmente os pecadores a Cristo. Depois de lerem a Bíblia e aceitarem as verdades divinas, elas se sentiam felizes e confiantes na vida eterna.

Assim, com a ajuda de Deus, foi possível levar a sua Palavra a muitas pessoas. No mês de março, vendi aos passageiros de trem mais 3.595 Evangelhos ilustrados. Em abril, espero chegar a 5.000 exemplares. Durante a Semana Santa, em um só dia distribuí 364 Evangelhos de João e, na Sexta Feira da Paixão, vendi mais 1.001 exemplares.

Minha filha de 20 anos ficou doente e foi internada em um hospital no bairro de Jacarepaguá. A sua doença se agravou e ela faleceu no dia 20 de março. Agradeço a Deus pela sua vida e pelo seu edificante testemunho de fé.

Até 5 de julho, visitei sete vilas e povoados. Viajei 1.470 quilômetros, 66 a pé e 1.404 quilômetros de trem e a cavalo. Visitei 841 casas, falei com 8.535 pessoas e vendi 51 Bíblias, 149 Novos Testamentos e 1.456 Evangelhos. Doei 148 Evangelhos a presos e pessoas pobres, distribuindo ao todo 1.784 Escrituras, nos últimos 31 dias. Por tudo isso, agradeço a Deus, através de Nosso Senhor Jesus Cristo.” [104]

Capítulo 5

OS PROJETOS SOCIAIS DO REV. TUCKER

1889—1934



O Brasil no começo do século 20

1901—1910

No começo do século 20, a cidade do Rio de Janeiro, sempre bela por natureza, tinha um centro urbano de ruas estreitas e sujas e era frequentemente assolada por surtos epidêmicos. Tanto assim que companhias de navegação europeias e americanas ofereciam passagens para a América do Sul “com trânsito direto para Buenos Aires, sem passar pelos perigosos focos de febre amarela do Rio de Janeiro”. Ironicamente, as epidemias haviam chegado à cidade através desses mesmos navios. Um cargueiro norte-americano teria trazido a peste bubônica, por volta de 1890. E a varíola havia sido trazida pelos imigrantes recém-chegados ao porto do Rio de Janeiro.

Em 1902, o paulista Rodrigues Alves foi eleito o quinto presidente do Brasil, assumindo o posto antes ocupado por seu conterrâneo Campos Sales. Dois anos antes, Rodrigues Alves havia governado o Estado de São Paulo e lançado um moderno plano de urbanização da capital paulista — trocou os lampiões de gás por luz elétrica, construiu rede de esgotos e abriu largas avenidas. E agora, queria fazer o mesmo na cidade do Rio de Janeiro. Ao assumir a Presidência, ele declarou ao Congresso:

> “O objetivo do meu governo é atrair mais imigrantes, remodelar o porto do Rio de Janeiro e reurbanizar a cidade.”

Para isso, tomou um empréstimo na Inglaterra de oito milhões de libras e, para tocar as obras, formou uma equipe de engenheiros altamente qualificada, comandada pelo prefeito da cidade, Francisco Pereira Passos. Em apenas 18 meses foram derrubados 614 imóveis no centro do Rio de Janeiro e construída a bela e moderna Avenida Central, [105] de dois quilômetros de comprimento e 33 metros de largura, com calçadas de sete metros, ladeadas por prédios suntuosos, ligando o porto à região da Glória, na baía da Guanabara. Ao mesmo tempo, foram tomadas outras importantes medidas urbanizadoras e saneadoras, como a remodelação do porto, a construção da Avenida Beira-Mar e o combate à febre amarela, à varíola e à peste bubônica. Os cafés e as lojas finas que foram construídas ao longo da moderna avenida e os automóveis que passaram a transitar por ela deram ao povo uma impressão de progresso, riqueza e modernidade. [106] De 1902 a 1905, o Rio de Janeiro deixou de ser um local perigoso para os seus visitantes e se transformou em uma cidade realmente maravilhosa.

Para milhões de brasileiros, essas ousadas reformas na capital federal do Brasil provocaram otimismo e confiança no futuro e se tornaram um sinal evidente de que o país, finalmente, estava entrando no século 20.

Secretário da Sociedade Bíblica Americana

1886—1887

O Rev. Hugh Clarence Tucker, pastor metodista e terceiro secretário da Sociedade Bíblica Americana, permaneceu no Brasil durante quase meio século e foi um dos grandes pioneiros da obra de difusão da Bíblia no país. Ele nasceu em 4 de outubro de 1857, em Beach Creek,

Estado do Tennessee, nos EUA. Era filho de uma família de camponeses pobres e, quando tinha apenas quatro anos, seu pai foi convocado para lutar na Guerra Civil Americana. De 1861 a 1865, período em que seu pai esteve fora, sua mãe teve que se desdobrar para sustentar seus cinco filhos pequenos. Seu pai voltou da guerra com uma grave deficiência física e não pôde mais ajudar no sustento da família.

O grande sonho do menino Tucker era ter sua própria Bíblia, aquele livro que via sua mãe ler todos os dias. A oportunidade para realizar esse sonho surgiu durante a realização de um concurso de memorização na escola em que estudava. O menino venceu o concurso e recebeu como prêmio um belo exemplar da Bíblia, que acabou conservando durante toda a sua vida. Apesar das dificuldades financeiras, Tucker conseguiu concluir o curso superior e o de pós-graduação em teologia na Universidade de Vanderbilt, na cidade de Nashville, no Estado de Tennessee. Mas, para tanto, precisou fazer um empréstimo que pagou em parcelas durante vários anos.

Aos 22 anos, foi ordenado pastor da Igreja Metodista Park Avenue, em Nashville. Sete anos depois, em 1886, aceitou o convite de sua Igreja para ser missionário no Brasil e, no mesmo ano embarcou para o Rio de Janeiro. Durante a viagem, conheceu a jovem Elvira Granbery, filha do Bispo John Granbery, com quem se casaria em 1891.

Chegando ao Rio de Janeiro, assumiu o pastorado da Igreja Metodista do Catete, próxima à praia do Flamengo, na zona sul da cidade. Naquele tempo, os cultos de sua igreja eram celebrados em inglês, porém ele decidiu estudar a língua portuguesa para se comunicar melhor com os brasileiros.

O Rev. Tucker encontrou no Brasil um pequeno número de crentes metodistas. Em 1886, havia em todo o país apenas três missionários metodistas, que dirigiam três congregações, com um total de aproximadamente 200

membros. Mesmo assim, o Bispo John Granbery, que havia chegado dos EUA, organizou o 1º Concílio Anual da Igreja Metodista no Brasil, com a presença dos três missionários: o Rev. James Lillbourne Kennedy, o Rev. John William Tarboux e o Rev. Hugh Clarence Tucker. Nesse concílio, foi fundada a *Igreja Metodista do Brasil* e os missionários que dele participaram passaram a ser considerados os fundadores da Igreja. [107]

Em julho de 1887, Tucker foi nomeado secretário da Sociedade Bíblica Americana (SBA) no Brasil e começou a trabalhar no mesmo escritório usado antes pelo seu antecessor, Rev. William Campbell Brown. Esse escritório estava localizado à Rua 7 de Setembro, 79, 2º andar, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Ao assumir o cargo, recebeu da sede da Sociedade Bíblica Americana nos EUA a seguinte mensagem:

> "Brasil é um vasto campo, grande em área e em necessidades, com grandes dificuldades a serem enfrentadas, mas grande também em promessas de bons resultados." [108]

Ele assumiu a direção da agência da SBA em um momento de transição na vida política e social do Brasil. Desde 1875, o Brasil recebia milhares de imigrantes para substituir a extinta mão de obra escrava; em 1888, dois anos após a sua chegada ao Brasil, foi decretada a libertação dos escravos; e em 1889 foi proclamada a República.

No início de seu trabalho na SBA, o Rev. Tucker se dedicou com entusiasmo ao trabalho de colportagem. Em 1888, passou 238 dias viajando e distribuindo a Bíblia através do país em trens, barcos a vapor, canoas, carros de boi, a cavalo e a pé. [109] Durante 15 anos, de 1887 a 1902, visitou, em companhia de seus colportores, todos os Estados do Brasil, vendendo a Bíblia de cidade em cidade, de casa em casa.

No final do século 19, o secretário-geral da Sociedade Bíblica Americana em Nova York, entusiasmado com o trabalho de sua agência no Brasil, comentou em uma reunião da diretoria:

> "O Brasil é um dos campos que, a cada ano, vem se tornando mais e mais atrativos para a distribuição das Escrituras. Sua imensa área territorial dificulta as viagens, mas talvez não haja nenhum outro país no mundo onde haja tantos testemunhos do poder da Palavra Escrita na difusão do Evangelho." [110]

Tucker publicou pela primeira vez no Brasil um livro da Bíblia em braille-português, o Evangelho de João, e importou Escrituras em italiano e em japonês para distribuição aos imigrantes. Além disso, participou ativamente do projeto da *Tradução Brasileira da Bíblia.*

A partir de 1902, além de dar continuidade ao trabalho de tradução e distribuição da Bíblia, dedicou-se com todas as suas forças à realização de importantes projetos sociais nas áreas da educação e da saúde. Foi ele o primeiro secretário das Sociedades Bíblicas a promover programas sociais como parte integrante de sua missão no Brasil. Desenvolveu importantes projetos sociais, entre eles a criação do Instituto Central do Povo, o combate à febre amarela, a campanha de combate à tuberculose e a fundação do primeiro hospital evangélico, no Rio de Janeiro. [111]

A visita à hospedaria dos imigrantes

1891

A imigração italiana no Brasil começou por volta de 1875, mas só foi oficializada em 1888. Os primeiros imigrantes que vieram para o Brasil a partir de 1975 foram encaminhados para o Sul, a fim de ocuparem terras devolutas. Essas terras eram antes ocupadas por grupos indígenas, mas estes haviam sido violentamente expulsos

pelos chamados “bugreiros”, ou caçadores de índios. Naquele período, pequenos agricultores, procedentes em sua maioria do Tirol e do Vêneto, estabeleceram-se em colônias na serra gaúcha, especialmente no município de Caxias do Sul.

Em 1888 aumentou o interesse do Brasil em receber os imigrantes italianos porque as lavouras de café haviam se expandido e os fazendeiros tinham perdido a mão de obra escrava com a abolição da escravatura. Naquele mesmo ano, Brasil e Itália firmaram um acordo incentivando a vinda de italianos para o Brasil. O Brasil aceitou a condição de que os italianos poderiam escolher o serviço que quisessem no país. E o governo italiano se comprometeu a pagar a viagem dos imigrantes italianos para o Brasil. As pessoas desempregadas na Itália tinham preferência para imigrar. E o Brasil prometeu aos imigrantes italianos um lote de terra e bons salários.

Como o Estado de São Paulo pagava melhores salários, teve a preferência dos imigrantes. De 1870 a 1920 o Brasil recebeu um milhão e meio de italianos, e cerca de um milhão permaneceu no Estado de São Paulo. Para alojar os italianos, o governo instalou em 1887, no bairro do Brás, em São Paulo, a Hospedaria do Imigrante, com capacidade para 1.200 pessoas. Em certas ocasiões, foram alojados ali mais de seis mil imigrantes. No prédio onde foi instalada essa hospedaria, à Rua Visconde de Parnaíba, 1316, funciona hoje o Museu do Imigrante.

Porém, os imigrantes italianos que foram trabalhar nas fazendas de café não encontraram o paraíso terrestre que esperavam. Tiveram que substituir os escravos e trabalhar tanto ou mais do que eles para melhorar de vida. No final do século 19, ao se reunirem nas raras horas de descanso que lhes eram concedidas, eles costumavam cantar esta canção popular, que retrata bem sua dura vida no campo:

“Na América aonde chegamos

Não encontramos nem palha nem feno
Dormíamos no chão, ao sereno
Como bestas irracionais
E com o engenho dos nossos italianos
E o esforço dos nossos paisanos
Com o passar dos anos
Construímos países e arraiais” [112]

Depois de anos de trabalho, alguns imigrantes conseguiram juntar dinheiro suficiente para adquirir terras ou mudar para a capital, fugindo do regime de semiescravidão nos cafezais do Estado de São Paulo. O espírito empreendedor dos italianos ajudou a cidade de São Paulo a se desenvolver industrialmente. Em 1900, 35 indústrias paulistas já pertenciam a italianos e mais da metade dos operários de São Paulo tinha vindo da Itália.

Enquanto na serra gaúcha os primeiros imigrantes italianos produziam vinho e cultivavam frutas e verduras, na cidade de São Paulo, alfaiates, padeiros, sapateiros e donos de cantinas criavam novos bairros, como o Bexiga, a Mooca e o Brás, renovando a cidade de São Paulo.

Para oferecer a Bíblia aos imigrantes italianos, a agência da Sociedade Bíblica Americana (SBA) importou Bíblias, Novos Testamentos e Porções bíblicas em italiano e contratou colportores que falavam esse idioma. Em sua autobiografia, o Rev. Hugh Clarence Tucker conta como foi uma de suas visitas à hospedaria no Brás para oferecer a Bíblia aos imigrantes italianos que estavam chegando aos milhares na capital paulista:

“Certa vez, visitei o albergue de imigração, quando mais de mil imigrantes italianos estavam sendo desembarcados. Eu estava acompanhado do colportor italiano João Bernini, que atendia a comunidade italiana de São Paulo. A certa altura de nossa visita de trabalho, um grupo de imigrantes italianos se juntou para nos ouvir. Então se aproximaram três policiais e nos perguntaram o que estávamos fazendo ali. Enquanto o colportor Bernini apresentava a Bíblia em italiano, eu expliquei aos policiais o que estávamos fazendo ali e lhes mostrei a Bíblia em português. Eles me ouviram com atenção e, terminada a conversa, dois deles ficaram muito interessados e compraram a Bíblia em português. E, voltando ao posto

policial, eles leram a Bíblia em voz alta para seus colegas de trabalho.” [113]

A erradicação da febre amarela

1903—1907

No século 19, a cidade do Rio de Janeiro foi assolada várias vezes pela febre amarela. Em 1886, poucos meses depois de sua chegada ao Brasil, Tucker foi acometido dessa enfermidade e, anos depois, o mesmo aconteceu com sua esposa, Elvira Granbery. Eles tiveram um casal de filhos, ambos tiveram febre amarela e o menino faleceu dessa doença, ainda pequeno.

Em 1897 a febre amarela voltou a atacar a cidade do Rio de Janeiro e, até 1906, matou quatro mil imigrantes. Em 1901, Tucker tomou conhecimento, através de jornais publicados nos EUA, de uma campanha bem-sucedida de combate à febre amarela promovida por médicos americanos em Cuba. Essa campanha de saneamento, desenvolvida pelos médicos Charles J. Finley, Jessé Lazear e James Carrol, sob a liderança de Walter Reed, havia erradicado a febre amarela de Cuba.

Naquele mesmo ano, Tucker e sua esposa Elvira participaram de uma conferência ecumênica, em Londres, e na volta passaram pelos EUA. Em Washington, tiveram um encontro com a Sra. Blincol, irmã do Dr. Walter Reed, contaram o drama que haviam vivido com a febre amarela no Brasil e pediram ajuda. Naquela ocasião, Tucker não pôde falar com o Dr. Reed, mas a Sra. Blincol se comprometeu a transmitir a ele o pedido de ajuda.

Logo depois de chegar ao Brasil, Tucker recebeu uma carta do Dr. Reed na qual ele expressava seu interesse em ajudar no combate à febre amarela no Brasil e oferecia a sua colaboração. Dias depois, o Dr. Reed lhe enviou exemplares dos livros publicados nos EUA sobre o assunto e também uma cópia da pesquisa feita pelo médico Charles

J. Finley, intitulada *A Etiologia da Febre Amarela.* Segundo essa pesquisa pioneira, o transmissor da doença era o mosquito *Aedes aegypti*, conhecido na época como *Stegomyia fasciata* ou *Culex aegypti*.

Naquele mesmo ano, o jovem médico Oswaldo Cruz havia sido nomeado Diretor-geral de Saúde Pública, cargo corresponde hoje ao de Ministro da Saúde. Tucker o visitou no Rio de Janeiro e mostrou todo o material que havia recebido do Dr. Walter Reed. Oswaldo Cruz gostou muito do material e lhe pediu para continuar com seus contatos com o Dr. Reed e mantê-lo informado de tudo. Durante dois anos Tucker manteve contato com o Dr. Reed e o Dr. Carrol, recebeu novos documentos sobre a febre amarela e os entregou a Oswaldo Cruz. Este, por sua vez, providenciou a tradução desses documentos para o português e publicou muitos deles.

No início de 1903, Oswaldo Cruz delineou um plano de ação e organizou uma campanha sanitária, usando a mesma estratégia adotada em Cuba pelo Dr. Walter Reed. No dia 20 de abril de 1903 foi lançada a campanha. O primeiro passo foi publicar um folheto informativo sobre o que cada pessoa podia fazer para combater a febre amarela. Esse folheto foi distribuído a todos os moradores da cidade. A polícia sanitária, criada por Oswaldo Cruz, estabeleceu medidas rigorosas para o combate à febre amarela, multando e intimando proprietários de imóveis insalubres a reformá-los ou destruí-los. As brigadas mata-mosquitos percorreram a cidade, limpando calhas e telhados, exigindo providências para a proteção de caixas d’água, colocando petróleo em ralos e bueiros e acabando com depósitos de larvas e mosquitos.

A vacinação tornou-se obrigatória no Rio de Janeiro. E, como grande parte da população era constituída de pessoas desinformadas, que não conheciam o funcionamento de uma vacina e seus efeitos positivos, muitos se negaram a se

vacinar. De 10 e 16 de novembro de 1904 houve uma revolta popular no Rio de Janeiro contra a vacina, e o governo teve de interferir para manter a ordem.

A campanha durou quatro anos, foi intensa e bem-dirigida e acabou sendo um grande sucesso. Em 1903, quando ela foi iniciada, 584 haviam morrido de febre amarela. No ano seguinte, houve 84 mortes. Em 1908, houve somente 5 mortes e, por isso, a febre amarela foi declarada erradicada da capital do Brasil.

A participação de Tucker nessa campanha vitoriosa de saneamento animou os evangélicos da capital brasileira a se unir, em 1912, para a construção do Hospital Evangélico do Rio de Janeiro. [114]

O Instituto Central do Povo

1904—1910

O *Instituto Central do Povo*, o primeiro centro social criado no Brasil, foi o maior projeto social do Rev. Hugh Clarence Tucker. Em 1904, o governo contratou muitos operários para trabalhar na remoção do morro do senado e na construção do porto do Rio de Janeiro, [115] no centro da cidade. Em pouco tempo, surgiram nas proximidades do futuro porto as favelas da Gamboa e da Saúde, construídas pelos operários que trabalhavam ali. Assim que surgiram as favelas, os colportores da Sociedade Bíblica Americana (SBA) iniciaram a venda de Escrituras aos seus moradores. Logo, um grupo de trabalhadores começou a se reunir na hora do almoço para ler o Novo Testamento. O grupo cresceu e Tucker resolveu alugar um salão para acomodar esse grupo de leitores da Bíblia. [116]

O Rev. Tucker descreveu assim o começo do seu projeto social que resultou na criação do Instituto Central do Povo:

> “As necessidades das massas, especialmente das numerosas crianças nas ruas e becos na redondeza do nosso salão alugado, foram um apelo para um serviço que ia muito além do nosso programa original de

pregação do Evangelho e de distribuição da Bíblia. Mas isso exigiria mais espaço e mais obreiros do que podíamos manter com as ofertas que estávamos recebendo. Apresentei, então, nosso plano de expansão ao presidente de uma grande empresa de serviço público. Ele se interessou, me levou ao gerente-geral, e eu lhe apresentei o nosso projeto. E, então, ele me perguntou:

— Dois contos de réis dão para começar?

Isso era muito mais do que eu esperava. Com esse dinheiro, foi possível instalar uma escola diurna, uma noturna e um jardim de infância. Era o primeiro jardim de infância da cidade e, por isso, atraiu a atenção de muita gente. Recebemos a visita de muitas pessoas interessadas em educação infantil e de estudantes que cursavam Escolas Normais [117] na cidade. E aconteceu que, em pouco tempo, tivemos a satisfação de presenciar a criação de jardins de infância em muitas escolas mantidas pelo governo.” [118]

No convívio com as crianças das favelas, Tucker e sua equipe de trabalho sentiram que era necessário dar-lhes também assistência na área de saúde. Ele visitou primeiro o Dr. J. W. Coachman, que era o maior especialista em odontologia da cidade. E o Dr. Coachman prontamente forneceu escovas de dente às crianças e ensinou-as a usá-las. Logo depois, Tucker conseguiu a colaboração voluntária de vários médicos para atenderem as crianças doentes nas favelas.

E assim, começou a ser formado o Instituto Central do Povo, uma combinação de centro social, escola, dispensário, parque infantil e igreja, como uma resposta às necessidades dos moradores dessas novas favelas.

Oswaldo Cruz, diretor-geral de Saúde Pública e amigo de Tucker, ficou sabendo que o instituto estava sendo organizado naquele local e disse a ele:

— Meu caro amigo, por que você escolheu logo esse lugar para construir o seu instituto? Esse é o lugar mais perigoso da cidade. Seus moradores fazem até barricadas nas ruas para enfrentar a polícia.

E Tucker respondeu:

— É ali o lugar onde mais precisam da nossa ajuda.

Quando foi aberta a Avenida Central, [119] próxima ao instituto, centenas de crianças foram brincar ali. Um dia, uma delas morreu atropelada por um automóvel. Depois deste trágico acidente, as crianças do bairro foram proibidas de brincar na rua. Sabendo disso, Tucker conseguiu com um amigo o empréstimo de uma balsa e levou 300 crianças para fazerem um piquenique em uma ilha da baía de Guanabara. Ao voltarem do passeio, uma criança disse a ele:

— Esta foi a primeira vez que eu pisei numa grama verde.

Ouvindo isso, Tucker começou a pensar em construir na Gamboa um parque infantil onde as crianças pudessem correr na grama e brincar em segurança.

No dia 3 de julho de 1909 ele publicou no *Jornal do Commércio* um artigo sobre o valor dos parques infantis modernos. Em 1910, o famoso orador americano William Jennings Bryan (1860—1925),[120] candidato oficial à Presidência dos EUA pelo Partido Democrata, visitou a cidade do Rio de Janeiro e foi visitar o Instituto Central do Povo. E, a pedido de Tucker, apelou à esposa do prefeito do Rio de Janeiro em favor do seu projeto. O apelo foi comentado pelos jornais e o projeto tornou-se conhecido do público e das autoridades.

Em outubro de 1910, Tucker esteve nos EUA e aproveitou a ocasião para visitar muitos *playgrounds* e obter informações sobre parques infantis. Conseguiu muitas informações sobre o assunto na Associação Americana de Parques e Jardins. Esteve também na Associação Cristã de Moços de Nova York e pediu a essa instituição para enviar ao Brasil um especialista em educação física para ajudá-lo no projeto.

No início de 1911, a Prefeitura do Rio de Janeiro decidiu doar um terreno para construção do parque infantil e diversas empresas comerciais concordaram em contribuir

financeiramente para a sua construção. E assim, no dia 12 de outubro de 1911, foi inaugurado festivamente o primeiro *playground* da cidade do Rio de Janeiro, com a presença do prefeito da cidade e de outras destacadas autoridades.

Nos anos seguintes, o Instituto Central do Povo ampliou suas atividades, passando a oferecer gratuitamente aos moradores das favelas da Gamboa e da Saúde jardim de infância, parque infantil, escola primária, aulas de enfermagem, culinária, costura, datilografia, assistência médica e dentária, educação física e ensino religioso. [121]

O Instituto Central do Povo passou mais tarde a se chamar Instituto Metodista de Ação Social (IMAS). Ele continua hoje a dar assistência social à comunidade do Morro da Providência e se situa no bairro de Gamboa, perto da Estação Central do Brasil e do Porto do Rio de Janeiro. Ocupa uma área de 15 mil metros quadrados e possui quadra esportiva, ginásio coberto, auditório, salas de aula e diversos outros espaços socioculturais que permitem à instituição manter forte presença na comunidade.

A campanha de combate à tuberculose

1912

Em 1912 foram feitas no Rio de Janeiro pesquisas na área da saúde, e elas comprovaram uma forte presença da tuberculose entre os moradores da cidade. A média de mortes por tuberculose era quase tão alta quanto por febre amarela. Elas revelaram também que a população era completamente ignorante quanto aos meios de evitá-la e combatê-la. Então, Tucker procurou se informar sobre os meios usados nos EUA para combater a doença e foi informado de que faziam naquele país uma campanha de esclarecimento à população, através de folhetos e *slides*. Pouco depois, ele recebeu dos EUA um *slide* e dois folhetos sobre como evitar e combater a tuberculose. Um dos

folhetos se chamava “Não faça isso” e o outro, “Moscas e Mosquitos”. Então ele traduziu o material para o português e preparou um plano para divulgá-lo junto à população.

Para isso, contou com o forte apoio do embaixador americano, que tinha muito prestígio no Brasil. O Rev. Tucker marcou, então, uma reunião para lançamento da campanha e convidou para assisti-la as principais autoridades civis e militares da capital federal e da imprensa local. Como o embaixador americano aceitou o convite, muitas autoridades fizeram o mesmo. Compareceram ao evento, além do embaixador americano e o prefeito da cidade, o diretor da Junta de Saúde Pública e mais de 200 pessoas de grande influência na cidade. Nessa reunião, ele apresentou o material em português e solicitou a cooperação de todos para a divulgação da campanha.

Os jornais da cidade noticiaram com destaque o evento, e Tucker foi procurado por muitas pessoas e instituições interessadas em participar da campanha. Por sugestão do diretor da Junta de Saúde Pública, Dr. Carlos Seild, os *slides* foram apresentados em todas as Escolas Públicas da cidade. Ele também se dispôs a promover uma ampla distribuição dos folhetos, desde que Tucker providenciasse a impressão. Para produzir o material, Tucker solicitou a ajuda de seus amigos nos EUA e na Inglaterra. E, com a ajuda recebida do exterior, imprimiu milhares de folhetos, tirou centenas de cópias dos *slides* e promoveu sua distribuição por toda a cidade. [122]

A leitura bíblica comparada

1891

Em 1891, Tucker e mais dois colportores saíram da cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais, montados em mulas, com um grande carregamento de livros, e rumaram em direção ao Estado da Bahia. Passaram pela cidade de Mariana e chegaram a uma cidade de cerca de seis mil

habitantes, chamada Conceição de Mato Dentro, ainda em Minas Gerais. Logo que chegaram àquela cidade, Tucker soube que o prefeito dali era um político liberal e havia participado da última Assembleia Constituinte. Como a separação entre a Igreja e o Estado havia sido decretada naquele ano, muitas pessoas que antes eram fechadas para o evangelho estavam agora interessadas em conhecer as Escrituras.

Nos sábados, chegava àquela cidade a mala de correspondência semanal, e uma multidão se reunia na Praça do Correio para ouvir a leitura dos nomes das pessoas que haviam recebido cartas. Enquanto era feita a demorada distribuição da correspondência, um dos colportores se juntou à multidão e começou a apresentar a Bíblia em voz alta. Logo apareceu ali um padre e exclamou:

— Essa Bíblia é falsa. Não comprem os livros desse homem.

Houve um princípio de tumulto na praça, e o colportor respondeu no mesmo tom de voz:

— Prove que a minha Bíblia é falsa.

E desafiou o padre, fazendo a seguinte proposta:

— Vamos, então, ler e comparar as duas Bíblias.

Surpreso, o padre aceitou o desafio e os dois começaram a fazer uma leitura bíblica alternada, versículo por versículo, cada um em sua própria Bíblia.

Enquanto faziam a leitura comparada da Bíblia, o chefe da agência do correio continuou a entrega da correspondência. Quando ele entregou a última carta, cerca de 50 pessoas ainda permaneciam na praça escutando a leitura alternada das Bíblias. Após ouvirem por mais de uma hora, os ouvintes começaram a murmurar, dizendo que as duas Bíblias eram iguais. A conclusão dos ouvintes era que havia pequenas diferenças de linguagem, mas a mensagem era a mesma.

O padre, desapontado, se retirou, e o colportor, em poucos minutos, vendeu todas as Bíblias que havia levado

para a praça.

Os colportores passaram o resto daquele dia ali, atendendo aos interessados, falando a respeito do Evangelho e mostrando os livros que haviam levado. E Tucker, animado e confiante com o que havia acontecido, resolveu falar com o prefeito e lhe pedir licença para pregar no domingo no grande salão da prefeitura.

E, nessa visita, ele teve uma surpresa agradável. O prefeito prontamente lhe entregou o seu cartão de apresentação, onde estava escrito: “Costa Senna, deputado, candidato ao Congresso Federal e presidente da Intendência”. [123] E, no verso, ele escreveu:

> “Coloco o salão da prefeitura à disposição do Sr. Tucker e de ministros de qualquer culto.”

No domingo, o grande salão da prefeitura estava cheio para ouvir a pregação de Tucker, e o prefeito foi um dos primeiros a chegar.

Meses depois, o deputado Costa Senna foi eleito senador federal e, mais tarde, governador do Estado de Minas Gerais. [124]

Capítulo 6

A ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS NO BRASIL

1893



Como surgiu a ACM

1844

As Sociedades Bíblicas têm grande afinidade com a Associação Cristã de Moços (ACM) porque foram criadas pela mesma comunidade protestante, na mesma cidade, na mesma época e com a mesma finalidade de divulgar a Bíblia e seus princípios, embora adotem meios diferentes para atingirem seus fins. A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) foi criada pela comunidade protestante, em Londres, na Inglaterra, em 1804, por inspiração de uma menina galesa que queria ter a sua própria Bíblia, e tem como finalidade traduzir, publicar e divulgar a Bíblia a todas as pessoas. A ACM foi criada pela comunidade protestante, em Londres, em 1844, por um jovem que queria estudar e divulgar a mensagem bíblica aos moços do seu tempo. Ambas foram muito bem-sucedidas na realização de seus ideais, tornaram-se organizações internacionais e hoje estão prestando relevantes serviços à população de mais de uma centena de países.

Na primeira metade do século 19, a Inglaterra era a maior potência mundial e enfrentava os problemas sociais decorrentes da revolução industrial, como o êxodo do

campo para as cidades, a superpopulação urbana, as péssimas condições de trabalho dos seus operários e a exclusão social de grande parte da população. Foi nesse contexto social que nasceu, em 1821, no condado de Somerset, no interior da Inglaterra, George Williams, que se tornaria o fundador da Associação Cristã de Moços, organização filantrópica que congrega hoje cerca de 45 milhões de membros, em mais de 120 países.

Durante a adolescência, George frequentou a Igreja Presbiteriana de sua cidade e passou a reunir em sua casa um grupo de companheiros para ler e estudar a Bíblia. Em 1841, com apenas 20 anos, foi para Londres, a capital do país e maior cidade do mundo na época, para procurar emprego e iniciar a vida profissional. Naquela cidade, ele conseguiu um emprego em uma loja de tecidos de 140 funcionários, quase todos vindos também do interior do país. Como os salários eram baixos, a maioria deles dormia no próprio local de trabalho, em condições precárias. Os quartos oferecidos pela loja eram pequenos e mal-ventilados. Em cada quarto havia três camas e em cada cama dormiam duas pessoas. O expediente de trabalho era das 7 horas da manhã às 9 horas da noite, com uma hora para almoço e jantar.

Apesar de trabalhar tanto e de lhe sobrar pouco tempo para descansar, George continuou firme em seu propósito de divulgar a mensagem do evangelho e começou a reunir em seu quarto um pequeno grupo para orar e estudar as Escrituras. Como o grupo cresceu sob sua liderança, ele teve que buscar outro local para realizar suas reuniões. Para isso, contou com a ajuda financeira de um dos donos da loja onde trabalhava, o Sr. Hitchcok, que apreciava sua influência positiva junto aos demais empregados.

A capacidade de liderança de George e seu espírito de tolerância religiosa contribuíram para que o grupo passasse a reunir membros de diversas denominações cristãs. Em uma das reuniões, ele declarou:

— Aqui estão jovens de quatro denominações diferentes, mas unidos em um só Cristo. Vamos prosseguir unidos.

Seu grupo de jovens passou a pleitear melhores condições de trabalho, como a introdução de jornadas de seis horas e o fim do trabalho infantil. Com o passar do tempo, ficaram conhecidos no bairro e funcionários de outras lojas passaram a frequentar suas reuniões.

George Williams resolveu, então, marcar uma reunião para definirem o objetivo, as diretrizes e as metas do grupo. E, nessa reunião, realizada no dia 6 de junho de 1844, que contou com a presença de 12 jovens, foi fundada em Londres a Associação Cristã de Moços (ACM), com o objetivo de "buscar a cooperação dos jovens cristãos para difundir o Reino de Deus entre os outros jovens". Eles queriam oferecer à juventude britânica caminhos e alternativas concretas para uma vida espiritual mais rica, iluminada e aquecida pelos Evangelhos.

Em 1845 a ACM conseguiu sua primeira sede própria em Londres e começou a desenvolver outras atividades, como aulas em outras línguas e ginástica. Em 1849 passou a oferecer também cursos profissionalizantes e uma biblioteca.

Em 1851, foi realizada em Londres, no famoso Palácio de Cristal, no Hyde Park, a *Exposição Mundial da Indústria*, e a ACM aproveitou a oportunidade para desenvolver no evento um extenso programa de atividades espirituais e culturais. Durante a exposição, a ACM realizou 550 reuniões para jovens e distribuiu 362 mil folhetos sobre a instituição, tornando-se conhecida em muitos países.

A atuação da ACM nessa exposição mundial foi muito apreciada e comentada, e projetou-a no cenário mundial. E, a partir de 1851, ela começou a se expandir para outros países, como Holanda, EUA, França, Canadá, Bélgica e Alemanha. Essa rápida e bem-sucedida internacionalização da ACM apresentou características que, ao longo do tempo,

se tornariam duas de suas bases de sustentação. A primeira foi a unidade e pluralidade confessional: na ACM, o que une a todos é a fé em Jesus Cristo. A segunda foi a unidade e autonomia de cada ACM: todas promovem a propagação do evangelho e a educação dos jovens, mas cada uma escolhe sua forma de atuação.

Em agosto de 1855, a ACM aproveitou a nova *Exposição Mundial da Indústria*, em Paris, para realizar sua Primeira Conferência Mundial. Nessa conferência, que contou com a participação de delegados de 38 países, foi definida assim a identidade e finalidade da instituição:

> "A Associação Cristã de Moços é uma instituição educacional, assistencial e filantrópica, sem fins lucrativos, que congrega pessoas sem distinção de raça, posição social, crença religiosa, política ou de qualquer natureza. É uma organização ecumênica e suas práticas seguem a orientação cristã, firmando-se especialmente no Evangelho de Jesus Cristo, segundo João 17.21: 'Para que todos sejam um.'" [125]

Chamberlain pede a ACM no Brasil

1890

No final do século 19, os EUA atravessavam uma fase de grande progresso. O espírito pioneiro dos colonizadores continuava vivo e, revigorado então pelo dinamismo dos imigrantes, estava levando a nação à condição de potência industrial.

A ACM encontrou no ambiente social aberto e progressista dos EUA um campo fértil para o seu desenvolvimento. As ACMs prosperaram e se multiplicaram nos EUA e no Canadá. No início da década de 1890 havia 1.200 associações da ACM nesses dois países. Ao lado da formação religiosa, a cultura física tornou-se uma espécie de marca registrada das ACMs norte-americanas. A ginástica e o esporte mostravam ser poderosos instrumentos de atração, integração e educação da juventude. Esse interesse crescente dos jovens e dos

educadores pela prática esportiva acabou produzindo inovações que entraram para a história do esporte mundial, como a criação do basquete e do vôlei nas associações da ACM no Estado de Massachussets.

As ACMs norte-americanas não se preocuparam apenas com jovens do seu país. O êxito das atividades voltadas à juventude e a vocação missionária dos americanos levaram as ACMs a expandir suas atividades a outros países. O Brasil seria, naturalmente, um dos primeiros alvos a serem alcançados. Além de ser o maior país em extensão territorial e número de habitantes da América do Sul, já contava com a presença de missionários americanos de diversas denominações evangélicas, como a Igreja Anglicana, a Batista, a Congregacional, a Luterana, a Metodista e a Presbiteriana.

No outono de 1890, o Rev. George William Chamberlain, missionário presbiteriano que cooperava com a Sociedade Bíblica Americana no trabalho de distribuição da Bíblia no Brasil, resolveu formalizar um pedido ao secretário-geral da ACM de Nova York, Robert McBurney, no sentido de levar a ACM para o Brasil. Em uma longa carta, dentre outras coisas, ele disse:

> “Devemos dar início desde já e em várias cidades ao trabalho em favor dos jovens brasileiros, nos moldes daquele que é realizado pelas ACMs dos EUA. Essas atividades devem se identificar com os costumes e a cultura do povo brasileiro. Devemos começar pelos grandes centros urbanos e dar uma atenção especial aos estudantes. E o principal desses centros urbanos é a grande cidade de São Paulo.”

Em gozo de férias nos EUA, o Rev. Chamberlain visitou o Macalester College de Minneapolis, no Estado de Minnesota, com o objetivo de recrutar jovens para o trabalho missionário no Brasil. E, nessa visita, encontrou Myron Clark, o jovem estudante que aceitou o desafio de iniciar as atividades da ACM no Brasil. [126]

As Sociedades Bíblicas apoiam a ACM no Brasil

1891—1893

Devido à identidade de propósitos existente entre as Sociedades Bíblicas e a Associação Cristã de Moços, tem havido em muitos países uma estreita colaboração entre essas duas instituições cristãs. E não foi diferente no Brasil, como poderemos ver a seguir.

Em agosto de 1891, Myron August Clark chegou ao Brasil como secretário da ACM e dirigiu-se diretamente para São Paulo, lembrando-se de que Chamberlain lhe tinha dito que aquela cidade estava predestinada a ser a maior da América do Sul e que já existia ali uma forte comunidade evangélica. Ao chegar a São Paulo, Myron Clark foi morar alguns meses na cidade de Itapeva, no interior do Estado, onde conheceu a jovem Francisca Pereira de Moraes, com quem se casaria em 20 de abril de 1893. Francisca era cunhada do Prof. Remígio de Cerqueira Leite, procedente da cidade de Caldas, em Minas Gerais.

Para sua surpresa, São Paulo não correspondeu às suas expectativas. Apesar de ser um importante centro de atuação evangélica, tanto na área religiosa quanto educacional, e de haver ali um bom número de pastores e educadores, a Igreja Presbiteriana estava passando em São Paulo por um momento de crise interna devido a divergências entre missionários do Norte dos EUA, missionários do Sul dos EUA e pastores brasileiros. Além disso, 1892 foi um ano trágico para a Igreja Presbiteriana em São Paulo, pois ela perdeu três dos seus mais valorosos líderes: o Pastor Miguel Gonçalves Torres e os missionários Edward Lane e John Boyle.

No final de 1892, Clark decidiu começar seu trabalho na cidade do Rio de Janeiro, que estava solicitando a presença da Associação Cristã de Moços (ACM). Chegando à capital da República, começou imediatamente a trabalhar para implantar a ACM na cidade. Durante seis meses, dedicou-se

à busca de um local para seus encontros e reuniões, ao estabelecimento de contatos com pessoas influentes, à divulgação dos objetivos da instituição, ao levantamento de donativos e à arregimentação de sócios.

Desde sua chegada ao Rio de Janeiro Clark recebeu o forte apoio do missionário metodista Rev. Hugh Clarence Tucker, secretário da Sociedade Bíblica Americana (SBA) no Brasil, que já estava no país desde 1876 e era um dos principais líderes evangélicos da cidade. Apesar de ser uma pessoa muito ocupada, Tucker o acompanhou em seus encontros com pastores e pessoas influentes, ajudou-o a conseguir contribuições para o seu trabalho e colocou à sua disposição, para encontros e reuniões, o escritório da agência da SBA situado à Rua 7 de Setembro, 79, no centro da cidade. [127]

A fundação da ACM no Brasil

1893

No dia 4 de julho de 1893, foi finalmente fundada na cidade do Rio de Janeiro a primeira Associação Cristã de Moços do Brasil, em uma cerimônia realizada nos escritórios da Sociedade Bíblica Americana naquela cidade, com a presença de representantes das principais denominações evangélicas que atuavam no país. Durante a cerimônia de organização da ACM foi eleita a sua diretoria, composta por Myron Clark e mais sete membros, representantes das diversas denominações evangélicas da cidade. O Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos, secretário da SBBE, foi eleito diretor da ACM como representante da Igreja Congregacional, e o Rev. Hugh Clarence Tucker, como representante da Igreja Metodista.

Logo após a instalação da ACM, o Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos fez a seguinte declaração sobre a nova instituição evangélica ao jornal *O Cristão*, do Rio de Janeiro:

“Temos o prazer de ver organizada na cidade do Rio de Janeiro a Associação Cristã de Moços. Na Inglaterra, assistimos algumas reuniões da Young Man’s Christian Association, em Manchester e em Londres. Sabemos que a Associação Cristã de Moços da Inglaterra tem feito um grande e precioso trabalho e desejamos que o mesmo ocorra no Brasil. Que a árvore plantada no Rio de Janeiro estenda seus ramos a todo o país. Que todas as igrejas evangélicas apoiem essa associação, pois o futuro do trabalho evangélico no Brasil está nas mãos dos moços.

Os adultos que agora trabalham em breve envelhecerão e serão substituídos pelos jovens. Por outro lado, há muitos moços que não são crentes e é conveniente buscá-los e guiá-los com amor, prudência e sabedoria no caminho do céu. Os pastores algumas vezes não têm tempo de procurar os moços e lhes falar do Evangelho. Mas uma associação de moços cristãos pode auxiliar os pastores nessa tarefa. Por isso, todos os pastores e todas as igrejas devem apoiar a Associação Cristã de Moços.

Avante moços! Tomem a Cristo como estandarte, procurem seus companheiros e tragam-nos ao aprisco de nosso Salvador Jesus Cristo.” [128]

A primeira sede própria da ACM

1897

Nos seus primeiros anos no Rio de Janeiro, Myron Clark fez uso de instalações cedidas por outras organizações para oferecer cultos devocionais aos jovens, bem como estudos bíblicos, palestras e atividades sociais e esportivas. Com o passar do tempo, a ACM ganhou presença no Rio de Janeiro, aumentou o número de associados e resolveu adquirir, com financiamento a largo prazo, sua primeira sede própria.

Fez, então, uma proposta para aquisição de um edifício em construção, localizado no centro da cidade. Duas pessoas se ofereceram para financiar a compra, com garantia hipotecária. O edifício semiacabado, de três andares, teria espaço suficiente para acomodar todos os departamentos da ACM e ainda sobrariam salas para serem alugadas. O aluguel dessas salas seria usado no pagamento da hipoteca. A transação foi difícil, mas depois de uma longa negociação, Clark e Tucker conseguiram chegar a um

acordo com os vendedores e a ACM comprou o edifício em construção.

Até a ACM concluir a construção do edifício e o pagamento da hipoteca, Tucker atuou como tesoureiro da ACM, recebendo os aluguéis e as ofertas destinadas ao pagamento da hipoteca e ao término da construção. Em 1897, a ACM concluiu a construção do edifício e inaugurou sua primeira sede no Brasil, situada à Rua da Quitanda, 39, no centro da cidade do Rio de Janeiro. [129]

Em 1891, Tucker foi a Londres, como delegado do Congresso Ecumênico Metodista, e visitou a sede mundial da Associação Cristã de Moços naquela cidade, com o objetivo de solicitar uma ajuda para pagamento da hipoteca do Edifício da ACM no Brasil. Durante essa visita ele teve o privilégio de conhecer George Williams, o fundador da primeira ACM. No encontro que tiveram, conversaram sobre a operação da ABS e da ACM no Brasil. George Williams já estava em idade avançada, mas continuava interessado e ativo no trabalho da ACM. Ele contou a Tucker suas experiências com o pequeno grupo de apenas 13 pessoas com que havia iniciado, 47 anos antes, a ACM, em uma pequena sala em Londres, e como ela havia se transformado em uma organização de proporções mundiais. E, no final do encontro, George Williams atendeu ao pedido de Tucker e lhe entregou uma importante contribuição para pagamento da hipoteca da ACM no Brasil.

Em 1901, George Clark fundou a ACM de Porto Alegre e, no dia 23 de dezembro de 1902, no salão da Igreja Metodista, foi oficialmente fundada a ACM de São Paulo. No dia 3 de janeiro de 1903 foi eleita a diretoria, composta de 12 membros de diferentes denominações evangélicas. E, no final de janeiro, a ACM começou a funcionar na capital paulista, em um edifício alugado à Rua Líbero Badaró, no centro da cidade. A primeira providência do seu presidente, Carlos Gomes de Souza Shalders, foi nomear as comissões de culto, ensino bíblico, educação, ginástica e recreação. E,

no desenvolvimento de suas atividades culturais, a instituição teve desde o início o cuidado de que as palestras dadas aos jovens paulistanos tivessem relevância social e atualidade científica e seus cursos, um claro sentido formativo, técnico e profissional.

Em 1903 a ACM retribuiu a ajuda que havia recebido das Sociedades Bíblicas no Rio de Janeiro. Naquele ano, os prédios onde a Sociedade Bíblica Americana (SBA) e a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) estavam alojadas foram desapropriados pelo governo para a construção da Avenida Central. E as duas Sociedades Bíblicas se transferiram para o edifício próprio da ACM, pagando um aluguel bem econômico.

Myron Clark, além de fundar as ACMs do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, organizou também a ACM na cidade do Recife, Pernambuco. Ele foi um dos membros fundadores da Igreja Presbiteriana de Copacabana, da qual se tornou presbítero. Em 1915, foi para Portugal, com a incumbência de organizar a ACM na Universidade de Coimbra. Na Europa, Clark desenvolveu, durante a Primeira Guerra Mundial, um intensivo programa de apoio aos combatentes de guerra, sendo por isso agraciado pelo governo português com o grau de cavaleiro da Ordem de Cristo. Em 1920, dois anos após o fim da guerra, com a saúde debilitada devido às suas desgastantes atividades na Europa, ele faleceu prematuramente no Rio de Janeiro, com apenas 54 anos. [130]

Importantes realizações da ACM

1855—1945

Nos seu primeiro século de existência, a *Associação Cristã de Moços*, orientando-se pelos princípios bíblicos que a nortearam desde a sua criação, deu uma grande contribuição em favor da formação espiritual, moral e física da juventude no Brasil e no mundo.

Em 1856, a ela cumpriu importante papel no auxílio aos soldados durante a Guerra Civil nos EUA. Após entendimentos com o presidente Abraham Lincoln, organizou seus voluntários para distribuir medicamentos e alimentos aos combatentes.

Em 1891, o professor James Naismith, instrutor da YMCA Springfield College, inventou o basquetebol, para ser praticado como esporte de inverno. Em 1892, Naismith publicou pela primeira vez as regras oficiais desse esporte que, em 1936, passou a ser modalidade olímpica.

Em 1895, William Morgan, diretor do Departamento de Educação Física da YMCA Holyoke, Massachussetts, criou o voleibol, que teve como objetivo inicial servir de exercício recreativo para desportistas. Em 1964 o voleibol se tornou esporte olímpico.

Em 1901, Henri Dunant, um dos fundadores da ACM, recebeu o primeiro Prêmio Nobel da Paz, pela criação da Cruz Vermelha Internacional.

Em 1910, a ACM de Kansas, EUA, criou a primeira piscina coberta com sistema de filtros, face à preocupação com a qualidade da água.

Em 1913, a ACM foi pioneira na organização de cursos de salvamento, tendo o estudante do Springfield College, George Gross, escrito as primeiras teses sobre “lifesaving”, publicadas em 1916.

De 1914 a 1918, a ACM teve participação importante na Primeira Guerra Mundial. Logo após o início dos combates, a ACM mobilizou seus voluntários em vários países. As ações incluíram arrecadação de fundos de guerra, distribuição de alimentos para populações atingidas e trabalhos de recreação e lazer com prisioneiros. Só nas ACM dos EUA foram arrecadados mais de 5 milhões de dólares para o fundo de guerra. Estima-se que de 1914 a 1918 a ACM tenha arregimentado mais de seis milhões voluntários na Europa, Ásia e África para dar assistência às vítimas de guerra. Durante o período das duas grandes

guerras mundiais, cerca de mil veículos, chamados “Carros de Chá”, circularam pela Europa, auxiliando as populações atingidas pelas duas guerras.

Em 1930, o diretor da Seção de Educação Física Infantil da ACM de Montevidéu, Juan Carlos Ceriani, criou o futebol de salão, motivado pela Copa do Mundo de Futebol, vencida pelo Uruguai. Em 1933, por solicitação do Instituto Técnico da Confederação Latino-americana das ACM, foram publicadas as primeiras regras do novo esporte.

Em 1946, em homenagem ao trabalho desenvolvido pela ACM no período de guerra, seu líder John R. Mott recebeu o Prêmio Nobel da Paz.

Entre 1981 e 1984, o programa de Reabilitação da Aliança Mundial para refugiados estendeu o trabalho da ACM aos seguintes países: Sudão, Líbano, Nigéria, Sri Lanka, Tailândia, Costa Rica, Bangladesh, Guatemala, Paraguai e Uganda.

Hoje, a ACM está desenvolvendo ações voltadas para a educação, o esporte e a formação de voluntários. E as ACMs nacionais, auxiliadas pela Aliança Mundial, prestam assistência de emergência às vítimas de catástrofes naturais. [131]

O apóstolo de Caldas

1849—1892

Em 1892, ano em que Myron Clark fundou a primeira ACM no Brasil, sua denominação, a Igreja Presbiteriana, sofreu uma grande perda com a morte do Rev. Miguel Gonçalves Torres, que, anos depois, passaria a ser conhecido como o *Apóstolo de Caldas*, através da biografia escrita pelo historiador emérito da Igreja Presbiteriana do Brasil, Rev. Júlio de Andrade Ferreira.

Miguel Torres nasceu em 1849 na Vila de Caminha, no extremo norte de Portugal, e veio para o Brasil ainda jovem. Converteu-se ao evangelho no Brasil quando tinha

apenas 16 anos, por influência de seu amigo Antonio Bandeira Trajano. Naquela época ele trabalhava em uma casa de tecidos da qual era sócio o seu irmão Luiz Gonçalves Torres, que não queria que ele lesse a Bíblia, pois a considerava um livro protestante. Para estudar a Bíblia com seu amigo Trajano, ele tinha de sair às escondidas do seu quarto, altas horas da noite. E para a Bíblia não ser destruída pelo irmão, ele a enterrava na areia do quintal. Acabou sendo despedido do emprego quando aconselhou um freguês a não comprar um tecido de má qualidade vendido na loja. Quando o patrão lhe perguntou por que havia feito aquilo, ele respondeu que havia resolvido não mentir mais.

Miguel Torres foi recebido por profissão de fé e batismo pelo Rev. Alexander L. Blackford, em 5 de março de 1865, durante o culto de fundação da Igreja Presbiteriana de São Paulo. Em 1866, decidiu dedicar-se ao ministério sagrado e começou a trabalhar como colportor. Sua primeira jornada de colportagem foi realizada no município de Caldas, Minas Gerais, em companhia de seu amigo e futuro colega de seminário Antonio Pedro de Cerqueira Leite.

Em 1867, o Rev. Ashbel Green Simonton, fundador da Igreja Presbiteriana do Brasil, organizou o Seminário Presbiteriano do Rio de Janeiro, mais conhecido como *Seminário Primitivo*, e Miguel Torres foi um dos quatro alunos da primeira turma daquele seminário. [132] Quando estudava no seminário, contraiu tuberculose, doença que o prejudicou nos estudos e o molestou durante toda a vida. Em 1871, foi licenciado pelo Presbitério do Rio de Janeiro e começou a trabalhar na cidade de Sorocaba (São Paulo). Mas, no ano seguinte, por recomendação médica, teve de se mudar para o município de Caldas, situado na região serrana do sul de Minas.

Em agosto de 1873, após participar da reunião do presbitério de São Paulo, Miguel Torres, então com 24

anos, visitou diversas cidades de Minas Gerais, e pregou em muitas delas, como Itajubá Velho, Itajubá Novo, Santa Rita de Cássia e Santana do Sapucaí. [133] Foi essa a primeira vez que um pregador evangélico foi ouvido na cidade de Itajubá. Seus ouvintes, entre eles o juiz de direito da cidade, ficaram tão impressionados com suas pregações que o convidaram para falar no teatro municipal e chamaram para ouvi-lo as figuras mais destacadas da cidade. O jovem licenciado pregou para uma plateia de 200 ou 300 pessoas que, silenciosa, ouviu com respeito e emoção a mensagem do Evangelho.

No dia 10 de agosto de 1875, Miguel Torres foi ordenado ao santo ministério na cidade de Rio Claro (São Paulo), em companhia de seu colega Antonio Trajano. Iniciou seu pastorado nas igrejas de Caldas, Machado e Borda da Mata, no sul de Minas. Em Caldas ele abriu uma escolinha que funcionava na sala de cultos, da qual foi professor. Frequentou essa escola o aluno Vital Brasil, que se tornaria um importante médico imunologista e pesquisador biomédico de renome internacional. [134]

Apesar da saúde frágil, Miguel Torres viajava constantemente visitando seu campo de trabalho e era muito estimado por todos. Como pastor, era dotado de muitos dons: pregava com eloquência, era hábil no uso de ilustrações e cantava muito bem. Acima de tudo, Miguel Torres foi um homem de oração e de fé e um grande estudioso e divulgador da Palavra de Deus. Através do seu trabalho pessoal e perseverante, do seu profundo conhecimento da Bíblia e de sua paixão evangelística, levou muitas pessoas ao conhecimento de Cristo. Ele orava sempre pela salvação daqueles a quem evangelizava, com tanto empenho que, segundo seu filho na fé, o Rev. Caetano Nogueira Júnior, tio do Rev. Rodolfo Garcia Nogueira, ex-presidente da Sociedade Bíblica do Brasil, chegava a oferecer a vida pela conversão dessas pessoas. Depois ele

caía em si e pedia a Deus sabedoria, graça e condições para continuar a obra.

Foi assim que, em 1889, ano da proclamação da República, Miguel Torres conseguiu evangelizar o capitão Severo Virgílio Franco, filho de João Manoel Franco, dono da fazenda Cachoeira, no sul de Minas. Saindo de Caldas, ele visitou a fazenda Cachoeira e de longe avistou o capitão Severo. Este não gostava dos protestantes e, mais uma vez, tentou evitar o encontro, mas não conseguiu. Eles conversaram durante horas debaixo de uma grande figueira, e, no final do encontro, Miguel Torres lhe presenteou com um exemplar do Novo Testamento. Severo ficou tão impressionado com as palavras que ouviu daquele pastor que decidiu aceitar o presente. Chegando à sua casa, começou a ler, gostou muito e convidou sua esposa para ler com ele. Como seu pai João era muito bravo e tinha horror a protestantes, Severo passou a esconder o Novo Testamento em um baú, onde guardava o seu dinheiro.

Um dia, Severo saiu de casa e seu pai, João, foi visitá-lo para trocar dinheiro, como era seu costume. Como não encontrou o filho em casa, pediu à sua nora a chave do baú onde Severo guardava o dinheiro. Como ela não sabia que o Novo Testamento estava ali, deu-lhe a chave. João Manoel Franco abriu o baú e trocou o dinheiro. E quando viu o livro, não imaginou que seria um livro protestante. Lembrou apenas que sua esposa Therezinha lhe havia pedido um livro. Ela sofria de artrose e vivia imobilizada em uma cadeira de rodas. Gostava muito de ler e tinha lido todos os livros que havia em casa. João nem mesmo abriu o livro, levou-o para casa e o entregou à sua esposa, que ficou muito feliz com o belo presente.

Therezinha começou logo a ler o livro e gostou muito, especialmente dos milagres de Jesus. E quando chegou à passagem que narra a cura do paralítico de Cafarnaum (Mt 9.1-8), chamou o marido e disse:

> “Olhe, meu velho, se esse livro é a palavra de Jesus e é a verdade, e ele curou esse homem, poderá me curar também. Eu vou me batizar na lei de Jesus Cristo.”

Em seguida, Therezinha e seu esposo João conversaram muito e decidiram visitar naquele mesmo dia o filho Severo e se informarem melhor a respeito do livro. Chegaram lá no final do dia, se reuniram na cozinha e conversaram até altas horas da noite. E, no final do longo encontro, comovidos, eles se ajoelharam e oraram a Deus, agradecendo a grande bênção que haviam recebido.

No dia 27 de junho de 1891, o Rev. Miguel Torres pregou na fazenda Cachoeira sobre o Filho Pródigo, recebeu por profissão de fé e batismo Severo, João e toda a sua família. A notícia de que a família Franco agora era protestante se espalhou por toda a região e muitas pessoas ficaram interessadas em conversar com eles sobre o evangelho. Em pouco tempo, foi aberta ali uma congregação, e, em 1897, foi construído o templo e organizada a igreja presbiteriana.

O Rev. Miguel Gonçalves Torres, que, durante todo o tempo em que exerceu o ministério, sofreu de tuberculose, faleceu prematuramente, em 1892, com apenas 43 anos. No entanto, apesar de seu curto pastorado de apenas 20 anos, deixou muitas igrejas organizadas e outras iniciadas, e é considerado um dos grandes pioneiros da evangelização no sul de Minas Gerais. Em 1948, o Rev. Júlio Andrade Ferreira, historiador emérito da Igreja Presbiteriana do Brasil, cuja família havia conhecido o evangelho através do Rev. Miguel Torres, escreveu sua inspiradora biografia e deu a ela o belo e merecido título de *O Apóstolo de Caldas.* [135]

Capítulo 7

NOVAS DENOMINAÇÕES EVANGÉLICAS CHEGAM AO BRASIL

1881—1911



A Igreja Batista no Brasil

1881

Terminada a Guerra Civil Americana, em 1865, alguns batistas do Sul dos EUA se mudaram para o Brasil e foram morar no distrito de Santa Bárbara, na Província de São Paulo. E no dia 10 de setembro de 1871, fundaram ali a primeira Igreja Batista norte-americana no Brasil. Em 12 de outubro de 1872, essa igreja escreveu uma carta à Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Batista de Richmond, no Estado da Virgínia, nos EUA, pedindo o envio de missionários para o Brasil.

Em 1881, chegaram ao Brasil os primeiros missionários batistas. Foram eles William Buck Bagby e sua esposa Anne Luther Bagby. No ano seguinte, mais um casal de missionários batistas chegou ao país — Zachery Clay Taylor e sua esposa Kater Grawford Taylor. Esses missionários encontraram na Igreja Batista de Santa Bárbara o ex-padre Antonio Teixeira de Albuquerque, que já estava integrado à igreja. Ele expôs, assim, o motivo que o havia levado a deixar a Igreja Católica e se filiar à Igreja Batista:

> "Resolvi estudar séria e cuidadosamente a Palavra de Deus, comparando as diversas versões, para me certificar se havia Bíblia falsa, ora meditando sobre cada mandamento de Deus, ensinos e preceitos de Jesus Cristo.

> Fiquei surpreendido, pois todas as versões vinham do mesmo original e eram iguais. Não havia Bíblia falsa. Essas coisas eram inteiramente novas para mim.” [136]

Em 1882, após conhecerem melhor o Brasil e estudar a língua portuguesa, os missionários Bagby e Taylor decidiram iniciar seu trabalho missionário na cidade de Salvador, na Bahia. Em 15 de janeiro de 1883, Taylor escreveu à Junta de Missões nos EUA, informando que havia comprado uma boa quantidade de Bíblias para seu trabalho missionário:

> “Compramos U$ 500,00 em Bíblias e folhetos. Preferimos a Bíblia na tradução de Figueiredo, publicada pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, em Lisboa, que tem a aprovação do arcebispo da Bahia.” [137]

Desde o início de seu trabalho no Brasil, as igrejas batistas foram grandes promotoras da distribuição da Bíblia e sempre colaboraram com as Sociedades Bíblicas.

No dia 24 de junho de 1907, 43 representantes de 39 igrejas batistas de vários Estados do Brasil se reuniram na Primeira Igreja Batista da Bahia e criaram a *Convenção Batista Brasileira*, que adotou a *Confissão de Fé de New Hampshire*, que afirmava em seu primeiro capítulo:

> “Cremos que a Bíblia Sagrada foi escrita por homens divinamente inspirados e é um perfeito tesouro na instituição celestial; que Deus é seu autor, a sua finalidade é salvação e verdade, a sua matéria não tem qualquer mistura de erro; que a Bíblia revela os princípios pelos quais Deus há de nos julgar; portanto, ela é, e será até o fim do mundo, o verdadeiro centro da união cristã, e o supremo cânon pelo qual devem ser julgados toda conduta, credo e opinião dos homens.”

Durante a Segunda Guerra Mundial, as Sociedades Bíblicas ficaram impedidas de importar livros da Europa e dos EUA, e isso ocasionou a falta de Bíblias no Brasil. Nessa situação de emergência, a assembleia anual da Missão Batista do Sul do Brasil, reunida em junho de 1940,

decidiu criar a Imprensa Bíblica Brasileira (IBB), [138] tornando os batistas a primeira denominação evangélica a publicar as Escrituras no Brasil. [139]

Em 1948, quando foi fundada a Sociedade Bíblica do Brasil, foram eleitos diretores da nova instituição três eminentes líderes batistas: João Filson Soren, Lewis Malen Bratcher e Manoel Avelino de Souza. E no culto de fundação, celebrado na Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, o Pastor Rubens Lopes, presidente da Convenção Batista Brasileira, proferiu a seguinte mensagem:

> "Nem as conquistas da inteligência, nem o esplendor material deste século, em razão disso, sem dúvida, o mais categorizado da História, eliminaram, até agora, a necessidade de uma Revelação.
>
> Se, apesar de todo equipamento que o progresso lhe oferece, o homem nenhum resultado positivo alcança quando pretende excursionar sozinho pelo mundo sobrenatural. Então, é fora de qualquer dúvida que, deixado a si mesmo, reduzido somente aos recursos de seu engenho, sem as luzes divinas, jamais poderá ele apreender as verdades que estão além do horizonte sensível da vida.
>
> Disso resulta a necessidade de uma Revelação, vale dizer, a necessidade da Bíblia.
>
> Porque a Bíblia é essa Revelação.
>
> Eis aqui, senhores, em síntese, o que os batistas pensam sobre a Bíblia.
>
> À semelhança do que acontece com todos os cristãos genuínos, os batistas acreditam que a Bíblia é a Palavra de Deus; Palavra inspirada, portanto, integralmente inspirada. É Deus falando ao homem, pondo-o ao corrente daquilo que lhe não poderia chegar ao conhecimento por outros meios, fosse através da natureza, fosse através da consciência moral.
>
> Posta nesses termos, a Bíblia se faz um livro completo.
>
> É o livro da inteligência, do coração e da consciência.
>
> Livro da inteligência, porque é doutrina, teologia, erudição. É a cátedra do Espírito divino. É o roteiro que ensina o caminho do Céu. Por isso, há nele o essencial sobre Deus e o homem, o tempo e a eternidade.
>
> Livro do coração, porque é conforto, e estímulo. Um cordial para o espírito humano nas horas de seus desfalecimentos. Nessas ocasiões, e não há quem não as tenha na vida, a Bíblia dispõe sempre de uma palavra a propósito, que desencanta em flores os espinhos do sofrimento.
>
> Livro da consciência, consciência moral, porque oferece aos seus leitores um padrão perfeito dos valores morais da vida.
>
> Sem ser uma casuística, ela informa ao homem os princípios normativos de uma vida em ascensão para Deus. Ao mesmo tempo em que desperta nele o sentido de culpa, tranquiliza-o, indicando-lhe o caminho de

reabilitação. Por isso mesmo, aceitamo-la como a última instância de opinião, diante da qual o nosso espírito se desarma para ouvir e crer.

Um livro assim não se lê apenas; estuda-se. Não se estuda só, mas difunde-se na maior escala possível.

Não poderia, pois, deixar de ter a mais ampla repercussão nos círculos batistas brasileiros o acontecimento que esta solenidade assinala.

Trata-se de lançar no país uma agência para a divulgação desse livro incomparável, destinado a marcar época na vida nacional.

É uma fortuna, como se vê, para uma nação ainda pobre de Cristo.

Ao lado da Sociedade Bíblica do Brasil, para prestigiá-la, estarão, por certo, os batistas brasileiros e, com eles, todos crentes de boa vontade. Pela redenção do Brasil e para a glória de Deus!”

A Bíblia lançada no rio

Durante o I Congresso Nacional de Colportagem Bíblica, realizado pela Sociedade Bíblica do Brasil, de 14 a 17 de julho de 1964, no Rio de Janeiro, o pastor batista Djalma Cunha [140] contou a história de uma Bíblia lançada no Rio Parnaíba, ocorrida na década de 1930, no interior do Estado do Piauí.

Em uma das frequentes perseguições movidas contra os evangélicos no Estado do Piauí, na década de 1930, uma Bíblia publicada pelas Sociedades Bíblicas foi tomada do seu dono e jogada no Parnaíba, rio caudaloso que separa o Estado do Piauí do Estado do Maranhão. A Bíblia foi levada pela correnteza rio abaixo e percorreu uma longa distância sem ser notada. Até que um homem, que morava naquela região pouco habitada, olhando para o rio viu aquele objeto estranho boiando sobre as águas. Curioso, nadou até lá para ver o que era.

Quando viu que era um livro, pegou-o e o levou para casa. O homem era analfabeto e, por isso, não podia saber que livro era aquele. Mas como era um livro grande e bonito, achou que devia ser um objeto de valor. Embora tivesse ficado durante tanto tempo na água, estava em bom estado. O homem o colocou ao sol para secar, enquanto esperava a filha chegar. Ela já sabia ler e poderia lhe dizer que livro era aquele.

Quando a menina chegou, viu que o nome do livro era “Bíblia”, mas isso não significava nada para eles, porque nunca haviam ouvido falar daquele nome. No dia seguinte, o livro já estava seco e a menina começou a ler para o seu pai. Eles gostaram muito, especialmente das suas histórias, e passaram a ler algumas páginas todos os dias. Quanto mais liam, mais gostavam. Até que um dia, resolveram convidar alguns amigos, que moravam perto, para ouvir a leitura com eles. Os amigos que foram convidados também gostaram muito e logo convidaram outras pessoas para ouvir a leitura do livro. E, assim, aquele grupo de ouvintes foi crescendo dia a dia.

Alguns anos depois, o Pr. Djalma Cunha visitou aquela região e, para sua surpresa, encontrou aquele grupo de pessoas que lia a Bíblia diariamente. Ele, então, lhes falou a respeito do evangelho, contou que sua igreja batista também estudava a Bíblia e continuou a visitá-los frequentemente. Em pouco tempo, aquele grupo de leitores da Bíblia se transformou em uma congregação e, mais tarde, em uma das mais fortes igrejas batistas do Vale do Parnaíba.

Os adventistas chegam ao Brasil

1884

Em 1884, um jovem alemão conhecido como Borchardt, da cidade de Brusque, em Santa Catarina, envolveu-se em uma briga, ferindo gravemente uma pessoa. Com medo da polícia, resolveu fugir para o Porto de Itajaí, onde embarcou clandestinamente em um navio que ia para a Alemanha. Numa das escalas, acabou conhecendo dois missionários adventistas que lhe perguntaram se conhecia algum protestante no Brasil. Desconfiado, Borchardt respondeu que seu padrasto, Carlos Dreefke, era luterano. Os missionários lhe pediram o endereço de Dreefke,

dizendo que o único interesse deles era enviar literatura religiosa para o Brasil.

Alguns meses depois, um pacote contendo revistas adventistas em alemão chegou à colônia de Brusque, endereçado a Carlos Dreefke e com o selo de Battle Creek, nos EUA. Dreefke ficou com uma das revistas, *A Voz da Verdade*, e deu as outras nove para seus amigos.

Ouvindo falar que essas revistas eram enviadas de graça, o jovem alcoólatra Frederich Dressler pediu mais revistas, com a intenção de vendê-las e alimentar seu vício. Pouco tempo depois, recebeu as revistas que havia pedido e também alguns livros e conseguiu trocá-los por bebida. O dono do bar se interessou em fazer a troca porque precisava de papel para fazer embrulho. Como a sua tentativa deu certo, Dressler continuou a pedir revistas. E assim, a mensagem adventista se espalhou pela região através das folhas usadas para embrulho. A primeira pessoa a se tornar adventista em Santa Catarina, através da leitura daquelas folhas soltas, foi Guilherme Belz, um senhor de 54 anos que, mais tarde, se tornou um colportor de sua denominação.

Em 1894, quando o missionário Albert Bachmeyer chegou ao Estado de Santa Catarina, ficou muito surpreso ao encontrar ali um grupo de pessoas que havia se tornado adventista através da leitura daquelas folhas soltas usadas como embrulho.

Em maio de 1893, a Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia dos EUA enviou o missionário Albert B. Stauffer para trabalhar como colportor no Brasil, e ele começou a distribuir a literatura adventista nas cidades de Indaiatuba, Rio Claro e Piracicaba, no Estado de São Paulo.

Em 1894, o missionário adventista W. H. Thurston iniciou seu trabalho de colportagem na cidade do Rio de Janeiro. Em 1895, chegaram ao Brasil para colaborar no trabalho de

colportagem os irmãos Berger. No mesmo ano, foi inaugurada na cidade de Gaspar Alto, em Santa Catarina, a primeira Igreja Adventista do Brasil. Nos anos seguintes, foram organizadas igrejas adventistas nas cidades de Brusque e Joinville, no Estado de Santa Catarina; Curitiba, no Paraná; Rio Claro e Indaiatuba, em São Paulo; Santa Maria, no Espírito Santo; e Teófilo Otoni, em Minas Gerais.

Em 15 de outubro de 1897, Guilherme Stein Jr., que havia começado sua carreira como colportor, em Santa Bárbara (São Paulo), fundou a primeira escola missionária adventista na cidade de Gaspar Alto, situada perto de Brusque, no Estado de Santa Catarina. O ensino era ministrado em alemão. De manhã funcionava o curso primário e, à tarde, o secundário, para formação de missionários. Nessa escola foram preparados muitos pioneiros da Igreja Adventista, como Francisco Belz e Ricardo Olm. [141]

A *Casa Publicadora Brasileira*, editora da Igreja Adventista, foi fundada em 1900 na cidade do Rio de Janeiro, e seu primeiro periódico foi *O Arauto da Verdade*. Em 1907, construiu sua gráfica em São Bernardo do Campo, onde esteve até 1987, quando foi transferida para a cidade de Tatuí (São Paulo), onde permanece até hoje. [142]

Durante o século 20, a Igreja Adventista do Sétimo Dia cresceu rapidamente no país, e, no início do século 21, já contava com mais de um milhão de membros.

O trabalho missionário da Igreja Adventista do Sétimo Dia foi sempre desenvolvido através da distribuição de literatura de porta em porta. E entre os livros oferecidos pelos seus colportores estiveram sempre as Sagradas Escrituras. Por isso, foi ela uma das denominações evangélicas que mais cooperaram com as Sociedades Bíblicas na obra de divulgação da Bíblia no Brasil no século 20.

Os adventistas têm se destacado não apenas como divulgadores da Bíblia, mas também como leitores do Livro Sagrado. Em 1961, a Sra. Iolanda Anversa, membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, representou o Brasil no Concurso Bíblico Internacional, realizado em Israel, e foi a vencedora. Ao chegar ao Brasil, ela deu a seguinte entrevista à revista *A Bíblia no Brasil*:

> *"—Qual foi o segredo de sua vitória?*
> — Aos 17 anos, minha mãe me deu uma Bíblia como presente de aniversário. Gostei muito do presente e passei a ler a Bíblia diariamente. Gosto de ler a Bíblia do começo ao fim, anotando as passagens que tocam mais fundo o meu coração.
> — *Quantas vezes a senhora já leu a Bíblia toda?*
> — 28 vezes.
> — *Por que a senhora dedica tanto tempo à leitura da Bíblia?*
> — A leitura da Palavra de Deus tem me revelado toda a beleza de Cristo e a bendita comunhão que podemos ter com ele. A Bíblia é orientação preciosa para a vida. É o meio pelo qual podemos conseguir coisas celestiais, os dons divinos, uma vida abundante, cada dia melhor, mais perto de Deus.
> — *É fácil ler a Bíblia?*
> — Para muita gente é difícil. Para quem se aproxima da Bíblia sem espírito reverente, sem o temor de Deus, ler a Bíblia deve ser uma coisa muito difícil. Porque as maravilhas do Livro Eterno vão sendo reveladas à medida que o leitor tem condições de abrir o seu coração à voz de Deus. Quando a Bíblia é lida com respeito e reverência, ela deixa de ser apenas um livro para ser uma mensagem, recado de Deus, revelação de Deus, palavra de Deus.
> — *Depois de ler a Bíblia tantas vezes, a senhora ainda encontra nela coisas novas?*
> — A Bíblia é, para mim, sempre algo novo, extraordinário e fascinante. Nunca vou me cansar de ler esse livro maravilhoso." [143]

A partir de 1960, sempre houve um representante adventista na diretoria ou no conselho consultivo da Sociedade Bíblica do Brasil.

Em 1975, o líder adventista, Prof. João Baptista Clayton Rossi, foi eleito presidente da SBB. Atualmente, a Igreja Adventista está representada no conselho consultivo da

SBB pelo Prof. Ruy Carlos de Camargo Vieira, que, de 1979 a 2012, foi membro da diretoria da SBB. [144]

Haroldo Lobo, o grande leitor da Bíblia

1901—1985

O primeiro líder adventista a participar da diretoria da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) foi o Sr. Haroldo Pereira Lobo. Ele nasceu em 1901, na cidade de Carangola, Minas Gerais, e se converteu ao evangelho em 1928. Naquele ano, ele era gerente da Universidade Picture, em São Paulo. Um dia, chegando a seu escritório, encontrou um embrulho em cima de sua mesa de trabalho e perguntou à sua secretária:

— Elvira, que embrulho é este?

— O pedreiro que esteve consertando o escritório deixou esse embrulho para o senhor — respondeu ela.

Haroldo Lobo abriu o pacote e encontrou um exemplar da Bíblia. Era a primeira vez que via aquele livro. Como estava muito ocupado, deixou para examiná-lo quando sobrasse tempo.

Naquela semana, viajou a trabalho para o interior do Estado de São Paulo e colocou o livro dentro da mala. Chegando a seu destino, hospedou-se em um hotel, abriu o livro e começou a ler. Gostou tanto que sempre que sobrava tempo, se dedicava à leitura da Bíblia.

Voltando para casa, passou a ler as Escrituras diariamente, até que se tornou seu livro de cabeceira. Todas as vezes que lia a Bíblia, encontrava ensinamentos novos que iam mudando pouco a pouco a sua vida. E, dentro de algum tempo, passou a ser um homem totalmente diferente do que era antes. Deixou de cuidar apenas das coisas materiais e passou a se preocupar também com a vida espiritual.

Algum tempo depois, conheceu a Igreja Adventista do Sétimo Dia e se identificou com suas doutrinas e ensinamentos. Mudou-se para o Rio de Janeiro e lá se

tornou um membro ativo da Igreja Adventista Central. Passou a colaborar na igreja como pregador e professor da Escola Sabatina e foi eleito seu primeiro Ancião. Em 1944, casou-se com a Sra. Maria Júlia Avelino Leite.

Haroldo Lobo escreveu diversos livros, colaborou com revistas de sua denominação e, a partir da década de 1950, despontou como um dos principais líderes de sua Igreja. Em 1960 foi eleito o primeiro diretor adventista da Sociedade Bíblica do Brasil. De 1960 a 1979 fez parte da diretoria da SBB. Em 1968, foi eleito presidente da diretoria. Como era um homem de larga experiência administrativa, durante os 19 anos em que colaborou com a SBB, deu uma grande contribuição na revisão dos seus estatutos e na organização de dois concursos bíblicos nacionais, realizados no Rio de Janeiro, em 1966 e 1971.

Em 1976 foi eleito vice-presidente honorário e vitalício da SBB, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados à causa da Bíblia no Brasil. Haroldo Pereira Lobo foi grande leitor e semeador da Palavra de Deus. Durante sua vida leu a Bíblia toda mais de 60 vezes. Ele faleceu no dia 17 de novembro de 1985, no Rio de Janeiro, aos 85 anos. [145]

A Congregação Cristã no Brasil

1910

Em 1910, chegou ao Brasil o Movimento Pentecostal, trazido por missionários procedentes dos EUA. Como esse movimento tinha como uma de suas principais características a leitura e o estudo intensivo das Sagradas Escrituras e seu uso no trabalho de evangelização, ele impulsionou, a partir de então, a distribuição da Bíblia no Brasil.

Em 1910 foi organizada em São Paulo a Congregação Cristã no Brasil (CCB), a primeira denominação pentecostal do país. Seu fundador foi o missionário Luigi Francescon,

nascido em 29 de março de 1866, na comarca de Covasso Nuovo, na província de Udine, região Norte da Itália, que faz fronteira com França, Suíça e Áustria. De origem humilde, era filho de Pietro e Maria Lorsa Francescon, e não chegou a concluir o segundo ano da escola elementar. Aos 15 anos foi para a Hungria, ganhou a vida até os 20 anos com a arte de criar mosaicos, um ofício bastante valorizado na época. Serviu ao exército durante aproximadamente três anos. Aportou na América, na cidade de Chicago, no dia 3 de março de 1890, onde foi recebido pelo seu irmão Osvaldo, a quem não via desde a Hungria.

Naquele mesmo ano, Francescon foi evangelizado por Michele Nardi, membro da Alleanza Cristiana e Missionária e, em 1891, aceitou a Cristo como seu salvador. Em 1892, em companhia de irmãos de fé valdenses, fundou a Igreja Presbiteriana Italiana de Chicago, onde exerceu o ministério de diácono.

Em princípios de 1894, em uma viagem de trabalho à cidade de Cincinnati, no Estado de Ohio, teve uma experiência espiritual que mudou a sua vida. Francescon estava ajoelhado em seu quarto, orando e lendo a Bíblia e, ao ler a carta do apóstolo Paulo aos Colossenses, capítulo 2, versículo 12, que ele entendeu em termos de uma referência ao batismo por imersão, ouviu uma voz que lhe disse duas vezes:

— Tu não obedeceste a este meu mandamento.

E ele respondeu:

— Senhor, jamais alguém me falou neste assunto.

Depois dessa experiência, sua carreira cristã tomou novo rumo.

Na Igreja Presbiteriana Italiana ele conheceu a jovem Rosina Balzano, com quem se casou em 1895 e teve seis filhos.

Em 1907, Francescon aderiu ao Movimento Pentecostal recém-surgido nos EUA, sob a liderança do pastor batista

de Chicago, William H. Durham. Em seu livro *Resumo de uma ramificação da obra de Deus pelo Espírito Santo, no século atual*, [146] Francescon afirma que em 25 de agosto de 1907 “o benigno Senhor se compadeceu também de mim”, ou seja, concedeu-lhe o dom de línguas. E ele prossegue em seu testemunho:

> “Naquele tempo, enquanto se esperava a promessa, o Senhor, fez saber ao irmão William H. Durham e outros que ele me havia chamado e preparado para levar sua mensagem à colônia italiana; depois eu também recebi essa confirmação de Deus.”

Francescon proclamou sua fé entre os italianos, não apenas em Chicago, mas também em Saint Louis, Los Angeles, Nova York e Filadélfia. Em 4 de setembro de 1909, “por santa revelação”, partiu de Chicago com destino a Buenos Aires, na Argentina, acompanhado de Giacomo Lombardi e Lúcia Menna. Em janeiro de 1910 fundou a primeira denominação pentecostal da América Latina, a Assembleia Cristã na Argentina.

Em março de 1910, Francescon decidiu estender a viagem até o Brasil. Em seu livro, ele narra assim sua viagem ao Brasil e o que aconteceu nos meses seguintes:

> “Em 8 de março de 1910, por determinação do Senhor, partimos direto para São Paulo, no Brasil. No segundo dia de nossa chegada àquela cidade, divinamente guiados, encontramos no Jardim da Luz um italiano ateu, chamado Vicenzo Pievani, morador em Santo Antonio da Platina, no Paraná, e lhe falamos da graça de Deus.
>
> Dois dias depois, ele voltou à sua cidade e nós permanecemos em São Paulo até 18 de abril quando pela vontade de Deus, o irmão Lombardi foi para Buenos Aires e eu para Santo Antônio da Platina, aonde cheguei no dia 20 de abril.
>
> Uma das dificuldades que enfrentei foi não conhecer nem uma palavra do idioma português, estar sem dinheiro e doente. Deus, porém, que tem todos os corações em suas mãos, me fez ver a primeira maravilha. Ao chegar àquele lugar, encontrei me esperando na janela de sua casa a esposa do italiano Vicenzo Pievani. O Senhor lhe havia dito: ‘Eis o homem que eu vos enviei’. (E eu não era esperado ali.) Assim, fui recebido em sua casa e, poucos dias depois, o Senhor abriu seus corações e de mais nove pessoas. Onze pessoas foram batizadas e confirmadas com sinais do

> altíssimo... Em 20 de junho, voltei para São Paulo. Logo que cheguei àquela cidade, o Senhor permitiu que fosse aberta uma nova porta e 20 almas aceitaram a fé e quase todos provaram a divina virtude. Havia entre eles presbiterianos, batistas, metodistas e católicos romanos. Alguns foram curados e outros selados com o bendito dom do Espírito Santo.
>
> Em fins de setembro, eu lhes transmiti os conselhos que o Senhor me havia dado para que continuassem a obra de Deus naquele país e parti para o canal do Panamá, deixando-os nas mãos de Deus." [147]

Luigi Francescon continuou a residir nos EUA, mas veio 11 vezes ao Brasil, até o ano de 1948. O trabalho missionário iniciado por ele cresceu rapidamente entre os imigrantes italianos residentes nos Estados de São Paulo e Paraná. Em 1940, a CCB tinha 305 *casas de oração* e, em 1950, esse número havia aumentado para 815.

Luigi Francescon faleceu em Oak Park, Illinois, EUA, em 7 de setembro de 1964. Por ocasião de seu falecimento, o ancião da CCB, Reynaldo Ribeiro, que o conhecia muito bem, fez a seguinte referência à sua pessoa:

> "Ele fazia tudo sem publicidade e propaganda; entretanto, milhares de pessoas se converteram ao Evangelho através da sua pregação. Nunca teve por objetivo o lucro pecuniário. Tudo o que vinha às suas mãos era empregado em obras assistenciais e nada pedia em troca, pois Deus lhe provia tudo pela fé. Sempre exerceu com fidelidade, amor e temor o Ministério para o qual Deus o chamou."

Desde o início, a CCB incentivou entre os seus membros a leitura e o estudo da Bíblia e adotou a tradução de Almeida, Versão Revista e Corrigida, publicada pelas Sociedades Bíblicas em 1898. Luigi Francescon foi um estudioso da Bíblia e um admirador do ministério da Sociedade Bíblica Americana. Poucos dias antes do seu falecimento, ocorrido nos EUA, ele pediu que em seu funeral não houvesse coroas nem flores e que a importância que seria gasta para esse fim fosse ofertada à Sociedade Bíblica Americana para a divulgação da Bíblia no mundo. Em seus últimos momentos, pediu que lhe fosse lido o Salmo 48.

Em 1959, quando foi lançada a Versão Revista e Atualizada da Tradução de Almeida, a CCB nomeou uma comissão para examiná-la e dar seu parecer. Após vários meses de leitura e estudo, a comissão não aprovou a nova versão e a CCB continuou a usar a Versão Revista e Corrigida da Tradução de Almeida.

Na década de 1950, a Congregação Cristã no Brasil criou um Fundo de Produção de Bíblias para suprir suas Congregações em todo o país. A partir de então, passou a encomendar da SBB grandes tiragens de Bíblias na Versão Revista e Corrigida, para reposição de seu depósito central, localizado no Bairro do Brás, na cidade de São Paulo. [148]

A Assembleia de Deus no Brasil

1911

A Assembleia de Deus, a maior denominação pentecostal do Brasil no início do século 21, foi fundada no início do século 20 pelos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren. Originalmente, eles eram batistas suecos e haviam se convertido ao movimento pentecostal surgido em 1906 em Los Angeles, nos EUA, sob a liderança do pastor batista William H. Durham.

As vidas de Daniel Berg (1885—1963) e Gunnar Vingren (1879—1933) são bem parecidas. Ambos nasceram na Suécia, se tornaram batistas e foram batizados por imersão em seu país natal. Emigraram para os EUA entre 1902 e 1903 e ambos receberam o dom do Espírito Santo em 1909. Logo depois, Berg passou a frequentar, em Chicago, a Igreja Batista de William H. Durham, considerado o fundador do movimento pentecostal nos EUA. Vingren estudou por quatro anos numa escola bíblica batista em Kansas. Em 1910, foi a Chicago para assistir a uma conferência pentecostal, onde recebeu o batismo do Espírito Santo e o dom de línguas. Nessa conferência, Berg e Vingren se conheceram e se tornaram amigos. E, logo

depois, anunciaram que haviam sido chamados por Deus para uma missão no Brasil.

O líder pentecostal e escritor Emílio Conde, um dos fundadores da Sociedade Bíblica do Brasil, conta em seu livro *História das Assembleias de Deus* como foi que esses missionários chegaram ao Brasil:

> "Daniel Berg foi visitar o Pastor Vingren em South Bend, nos EUA. Durante aquela visita, quando participavam de uma reunião de oração, o Senhor lhes falou através de uma mensagem profética que eles deveriam partir para pregar o Evangelho e as bênçãos do Avivamento Pentecostal. O lugar para aonde eles deviam ir foi revelado na profecia, e seu nome era: Pará. Nenhum dos presentes conhecia aquela localidade. Após a oração, os dois jovens foram a uma biblioteca à procura de um mapa que lhes indicasse onde o Pará estava localizado. Foi quando eles descobriram que se tratava de um Estado, situado ao Norte do Brasil."

Os missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren chegaram a Belém, no Estado do Pará, no dia 19 de dezembro de 1910, e passaram a frequentar a Igreja Batista de Belém. Foram bem-recebidos pelo pastor da igreja e passaram a colaborar na medida do possível. Seis meses depois, foram convidados para dirigir uma reunião de oração. Quando apresentaram sua doutrina pentecostal, escandalizaram o pastor e alguns crentes e foram convidados a deixar de frequentar a igreja.

No dia 13 de junho de 1911, Berg e Vingren se retiraram da Igreja Batista de Belém, levando com eles 18 membros da igreja que haviam aceitado a doutrina pentecostal. E assim começou a Assembleia de Deus no Brasil. O movimento pentecostal foi bem-recebido na região Norte do país e, em poucos anos, avançou em direção ao Nordeste e ao Sul, até chegar aos grandes centros urbanos de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre.

Desde a sua fundação, a Assembleia de Deus manteve uma relação estreita e fraternal com as Sociedades Bíblicas. Ela também adotou a tradução de Almeida, Versão

Revista e Corrigida, editada pelas Sociedades Bíblicas em 1898. No decorrer do século 20, muitos de seus líderes foram eleitos diretores e conselheiros da SBB, como os pastores Paulo Macalão, Emílio Conde, Alcebíades Vasconcelos, Woldemar Quinas Elizeu Menezes, Antônio Gilberto, Manuel Ferreira, Samuel Câmara, Eude Martins da Silva, José Wellington, Ronaldo Rodrigues de Souza. E a Sra. Zélia Macalão, esposa do Pastor Paulo Macalão, foi vice-presidente da SBB, no período de 1972 a 1976.

No final do século 20, essa cooperação se fortaleceu e se consolidou com a parceria firmada entre a Casa Publicadora das Assembleias de Deus e a Sociedade Bíblica do Brasil para publicação, em coedição, da *Bíblia com Harpa Cristã*, da *Bíblia de Estudo Pentecostal* e da *Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal.*

De acordo com o censo do IBGE, realizado em 2010, a Assembleia de Deus era, naquele ano, a maior denominação evangélica do Brasil, com 12,3 milhões de membros, ou seja, 29% da população evangélica brasileira. A segunda maior denominação evangélica, segundo o censo do IBGE em 2010, era a Igreja Batista, com 3,7 milhões de membros. Não existem dados estatísticos sobre a participação de cada denominação evangélica na distribuição de Escrituras no Brasil, porém ninguém duvida de que a Assembleia de Deus é a maior divulgadora da Bíblia no país. [149]

Emílio Conde na Casa da Bíblia, em Londres

1952

Na centenária história das Assembleias de Deus no Brasil, sobressai, de 1940 a 1971, a figura de seu grande líder Emílio Conde. Em 1940, com 39 anos, ele começou a trabalhar na recém-fundada Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD). E, por mais de trinta anos, dedicou à CPAD seu talento, sua cultura, sua capacidade de

trabalho e sua mente clara e fecunda. Em 1948, representou as Assembleias de Deus na cerimônia de fundação da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB). [150] Foi um dos fundadores da SBB e, durante muitos anos, fez parte de sua diretoria. Em 1952, visitou a sede da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, em Londres, e escreveu este artigo para a revista *A Bíblia no Brasil*, dando suas impressões sobre aquela visita:

> "Uma visita à cidade de Londres não pode ser considerada completa se na mesma não for incluída uma visita ao Quartel General da Bíblia.
>
> Evidentemente, há em Londres edifícios mais imponentes do que o edifício da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE). Existem palácios mais famosos e mais ricos, tanto nas suas linhas arquitetônicas como nas suas instalações internas. Indiscutivelmente, há na cidade de Londres majestosas construções cheias de história e tradição, mas nenhuma se iguala à história, à influência e às relações espirituais que a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira exerceu e exerce ainda entre as nações e povos da terra, através do trabalho altamente louvável de distribuição das Escrituras.
>
> Nenhuma entidade, no passado ou no presente, desempenhou ou desempenha uma missão tão elevada, nobre, altruística e duradoura como a SBBE. O fato de ela traduzir, imprimir e distribuir a Palavra de Deus em quase todos os países a coloca numa posição de destaque entre as entidades de indiscutível valor e influência, que vem prestando auxílio moral e espiritual a todas as nações da terra. A SBBE tem um programa que nenhuma entidade pode ultrapassar, pois tem o programa do plano de Deus para o presente e o futuro da humanidade. Portanto, uma instituição desse porte e caráter tem direito a um lugar de destaque no coração dos homens de boa vontade, não tanto pela aparência exterior de sua organização, mas pelo valor moral e espiritual de suas realizações.
>
> Certamente, o leitor que não teve o privilégio que nós tivemos de visitar o Quartel General da Bíblia, na cidade de Londres, talvez esteja interessado em conhecer impressões e detalhes de uma visita ao grande monumento espiritual que é a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. Convido, pois, o leitor a acompanhar-me, através da leitura deste artigo, na visita à sede da Casa da Bíblia.
>
> Imaginemos que estamos descendo do metrô, na estação de Blackfriars e nos encaminhamos para Queen Victoria Street. Ao longe divisamos um edifício de três andares, onde há um letreiro em que se lê: British & Foreign Bible Society. Estamos no Quartel General da Bíblia. No andar térreo está a loja de exposição e vendas do Livro de Deus, onde o público é atendido com toda a atenção. No vestíbulo, do lado que dá acesso aos andares superiores, através de artística escadaria, podemos ler estas

palavras em caracteres bem visíveis: ‘Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão’. Marcos 13.31. Uma estátua e quadros com referências ao caráter da Casa completam o adorno do vestíbulo.

Subimos a escada, já agora acompanhados por atencioso funcionário, que nos vai explicando detalhes da construção e função dos vários departamentos. Passamos por luxuoso hall antes de alcançarmos o magnífico salão onde se realizam reuniões de caráter espiritual.

A seguir, vamos à biblioteca, onde podemos admirar as preciosidades ali guardadas. Estamos numa sala que conserva riquíssimo e vistoso vitral, que tem ao centro a figura respeitável de Tindale e de oito nomes de conhecidos reformadores e missionários cujas vidas estão ligadas à tradução da Bíblia. Nas estantes laterais, há exemplares de Bíblias raras de todas as edições, em todos os idiomas e de todas as épocas. Bíblias grandes, pequenas, de luxo e populares enriquecem a biblioteca da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira.

No centro estão as joias mais preciosas. Naturalmente, não é possível mencionar todos os livros que formam o acervo do Arsenal da Bíblia, mas anotemos alguns de valor histórico. Lá está a Bíblia que pertenceu a Mary Jones, a moça cuja história está ligada à fundação da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, em 1804. Presa a uma corrente de ferro lá está a Bíblia da primeira Versão King James, de 1613, e também manuscritos e fac-símiles. Tudo isso está diante de nossos olhos! Por fim, e por gentileza do funcionário que nos acompanha, tomamos nas mãos um raríssimo exemplar de um Novo Testamento de apenas dois centímetros e uma Bíblia de apenas 4,5 centímetros de altura, livros que só podem ser lidos através de lentes de aumento. Passamos agora por um corredor que nos leva a outros andares, onde estão o depósito e a expedição da mercadoria mais preciosa da terra. Ali estão armazenadas milhares de Bíblias, Novos Testamentos, Evangelhos, enfim, livros em muitas línguas, sem que haja confusão ou babel. Esses livros aguardam o momento de serem embarcados, alguns deles com destino ao Brasil, que tanto tem recebido da liberalidade dos irmãos ingleses.

Finalmente, somos introduzidos no escritório da diretoria, onde somos recebidos como representante da Sociedade Bíblica do Brasil, por um dos Secretários. A gentileza já conhecida da gente britânica culminou nessa recepção feita ao Brasil, que ali estava representado pelo autor destas linhas.

Registramos aqui os agradecimentos do povo evangélico do Brasil à Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira que tem mantido, com grande sacrifício e durante muitos anos, uma agência distribuidora da Palavra de Deus no Brasil, e ainda continua a prestar sua indispensável e apreciada cooperação à Sociedade Bíblica do Brasil.

Aí está, portanto, a impressão que tivemos e guardamos da visita feita à Casa da Bíblia em Londres. Essa impressão nos acompanhará ainda por muitos anos, pois foi agradável demais para ser esquecida.” [151]

Capítulo 8

A TRADUÇÃO BRASILEIRA DA BÍBLIA

1902—1917



Feita no Brasil para brasileiros

Até o século 19, havia apenas duas traduções completas da Bíblia em português: a tradução protestante de João Ferreira de Almeida e tradução católica do Padre Antonio Pereira de Figueiredo. A tradução de Almeida foi lançada em Portugal em 1753 e distribuída no Brasil, em várias versões, pelas Sociedades Bíblicas, durante todo o século 19. A tradução do Padre Antonio Pereira de Figueiredo foi lançada em Portugal, em 1790, e distribuída no Brasil por editoras católicas e pelas Sociedades Bíblicas, durante todo o século 19. Porém, no começo do século 20, essas duas traduções da Bíblia já completavam mais de um século de existência e, durante esse longo período, a língua portuguesa havia passado por muitas mudanças, especialmente no Brasil.

Por isso, no início do século 20, os principais líderes evangélicos brasileiros manifestaram às Sociedades Bíblicas atuantes no país o desejo de terem uma tradução da Bíblia genuinamente nacional. Diziam eles que já era tempo de o Brasil ter sua própria tradução da Bíblia em português, feita por brasileiros para os brasileiros.

A Sociedade Bíblica Americana (SBA), liderada por seu secretário no Brasil, o missionário metodista Rev. Hugh Clarence Tucker, e a Sociedade Bíblica Britânica e

Estrangeira (SBBE), representada por seu secretário Rev. Franklin Uttley, concordaram em patrocinar e promover juntas o projeto de tradução da Bíblia para o português do Brasil. O plano inicial previa o término do projeto de tradução em 1906. E o custo do trabalho de tradução seria dividido em partes iguais entre as duas sociedades.

Seria essa a primeira tradução de toda a Bíblia realizada em solo brasileiro. E também a primeira tradução das Sagradas Escrituras feita para o português do Brasil. Na década de 1840, o bispo católico português Joaquim de Nossa Senhora de Nazaré havia feito em São Luiz, no Maranhão, uma tradução do Novo Testamento para o idioma português, porém ele havia usado como texto-base a Vulgata Latina, e a linguagem usada era a de Portugal. [152]

A Comissão de Tradução

1902—1914

Em 1902, as Sociedades Bíblicas nomearam uma comissão para trabalhar nessa nova tradução da Bíblia, formada de representantes das principais denominações evangélicas, especialistas em grego, hebraico e português. Ela foi composta na sua maioria por brasileiros, mas também por tradutores nascidos em outros países que conheciam bem a língua portuguesa.

Faziam parte dessa Comissão líderes evangélicos consagrados, como o missionário episcopal Rev. William Campbell Brown; o pastor da Igreja Presbiteriana Independente, Rev. Eduardo Carlos Pereira; o Rev. Antônio Bandeira Trajano, pastor da Igreja Presbiteriana; o Rev. Hipólito de Campos, pastor da Igreja Metodista; o Rev. Alfredo Borges Teixeira, pastor da Igreja Presbiteriana Independente; e os missionários da Igreja Presbiteriana, Rev. John Merril Kyle e Rev. John Rockwell Smith. Em sua

primeira reunião, a Comissão de Tradução elegeu para presidente o missionário Rev. William Campbell Brown.

O Rev. William Campbell Brown, bacharel em teologia pelo Seminário Teológico Unido, nos EUA, e secretário no Brasil da Sociedade Bíblica Americana, no período de 1880 a 1887, era especialista em grego, hebraico e latim. Anos depois, ele foi eleito bispo da Diocese de Virgínia, da Igreja Episcopal, nos EUA.

O Rev. Eduardo Carlos Pereira (1855—1923), pastor e fundador da Igreja Presbiteriana Independente, era jornalista, professor de português e autor de vários livros didáticos, como a *Gramática Elementar*, a *Gramática Expositiva* e a *Gramática Histórica*, adotados durante muitos anos nas escolas brasileiras.

O Rev. Antônio Bandeira Trajano (1843—1921), nascido em Portugal, foi o primeiro historiador da Igreja Presbiteriana do Brasil e um dos fundadores do Hospital Evangélico e da Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro (ACM).

O Rev. Hipólito de Campos (1848—1931), jornalista, escritor e poeta, foi sacerdote da Igreja Católica Romana por 26 anos e pastor da Igreja Metodista durante 30 anos.

O Rev. Alfredo Borges Teixeira (1878—1975), pastor da Igreja Presbiteriana Independente, foi professor de teologia, poeta e autor de diversas obras, entre as quais a *Dogmática Evangélica*.

O Rev. John Merril Kyle (1856—1917), missionário presbiteriano, foi jornalista e escritor.

E o Rev. John Rockwell Smith, missionário presbiteriano, foi professor de várias matérias, inclusive grego, no Seminário Presbiteriano do Recife e liderou diversas equipes de colportores no Nordeste do Brasil.

Em 1913, o Rev. William Campbell Brown teve de voltar para os EUA e foi substituído na presidência pelo Rev.

Eduardo Carlos Pereira, que presidiu a Comissão de Tradução até o final dos seus trabalhos, em 1914.

Consultores eminentes

1902—1914

Foram convidados para participar da revisão da tradução, na qualidade de consultores linguísticos, brasileiros célebres, como Rui Barbosa de Oliveira, Joaquim Maria Machado de Assis, José Veríssimo Dias de Matos, Heráclito de Alencastro Pereira da Graça, Mário de Artagão, Virgílio dos Reis Várzea e Remígio de Cerqueira Leite.

Rui Barbosa de Oliveira (1849—1923), mais conhecido como Rui Barbosa, foi advogado, jornalista, político, legislador, educador e escritor. Como delegado do Brasil na II Conferência de Paz, realizada em 1907 na cidade de Haia, na Holanda, notabilizou-se pela defesa do princípio da igualdade dos Estados. Como político, foi um dos organizadores da República, deputado, senador, ministro, e duas vezes candidato à Presidência da República. Notável orador e profundo conhecedor da língua portuguesa, foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras e seu presidente no período de 1908 a 1919.

Joaquim Maria Machado de Assis (1839—1908) foi jornalista, crítico literário e escritor de obras em diferentes gêneros literários, como romance, drama, conto, crônica e poesia. Foi membro fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras e autor de diversas obras, entre as quais, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*.

José Veríssimo Dias de Matos (1857—1916) foi escritor, educador e jornalista. Como autor da obra *História da Literatura Brasileira*, tornou-se o primeiro historiador da literatura brasileira. Foi o principal idealizador da

Academia Brasileira de Letras e um dos seus membros fundadores.

Heráclito de Alencastro Pereira da Graça foi político, jurista e escritor. Como político, ocupou os cargos de deputado provincial e deputado geral do Maranhão, presidente da Paraíba e presidente do Ceará. [153] Ocupou o cargo de consultor jurídico do Ministério das Relações Exteriores e foi autor de vários livros, entre os quais *Fatos da Linguagem*. Foi membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Cearense de Letras.

Antônio da Costa Correia Leite (1866—1937), mais conhecido pelo pseudônimo Mário de Artagão, foi jornalista, poeta e membro fundador da Academia Rio-Grandense de Letras. Suas principais obras são: *Música Sacra*, *Rimas Pagãs* e *Saltério*.

Virgílio dos Reis Várzea (1863—1941) foi jornalista, político e escritor. É autor de diversos livros, entre os quais:*Traços Azuis* (1884), *Tropos e Fantasias* (1885), *Mares e Campos* (1895) e *Santa Catarina: A Ilha* (1900).

Remígio de Cerqueira Leite (1858—1904) foi presbítero da Igreja Presbiteriana do Brasil, professor de português, latim, francês e história e um dos fundadores do Instituto Teológico de São Paulo. [154]

Processo de tradução

Em 1903, as reuniões da Comissão de Tradução passaram a ser realizadas na residência do Rev. Hugh Clarence Tucker, à Rua Paissandu, 155, no bairro do Catete, na cidade do Rio de Janeiro. Ficou decidido que essa nova tradução da Bíblia adotaria como texto-base os originais em grego, hebraico e aramaico. Ela daria prioridade à fidelidade a esses textos, usaria o idioma erudito falado no Brasil e seu título seria *Tradução Brasileira da Bíblia (TB).*

A tradução de base de cada livro foi feita sempre por dois tradutores, um missionário, conhecedor da língua original, e um brasileiro, especialista na língua portuguesa. A tradução de base era enviada para exame de todos os tradutores e depois a comissão se reunia para estudá-la e melhorar a redação. O texto revisado pela comissão era enviado aos consultores, que a examinavam e davam suas sugestões. E, finalmente, a comissão se reunia mais uma vez para estudar as sugestões dos consultores e dar a redação final. [155]

A tradução do Antigo Testamento da *TB* foi baseada no texto hebraico de *Letteris*, e a do Novo Testamento, no texto grego de *Nestlé*. Como fontes de consulta, a comissão usou a edição revista em 1866 da tradução inglesa *King James*, as traduções portuguesas de Antonio Pereira de Figueiredo e João Ferreira de Almeida, a tradução italiana de *Diodatti*, a francesa de *Ostervald* e a espanhola de *Reina Valera.* Foram consultadas também a *Septuaginta,* tradução grega do Antigo Testamento, e a *Vulgata Latina.*

A tradução do texto original foi feita literalmente, isto é, palavra por palavra, e o nível de linguagem foi o clássico ou erudito. Não havia naquela época a preocupação existente hoje de traduzir a Bíblia em um português simples, acessível à maior parte da população brasileira. A tradução conservou alguns regionalismos brasileiros do início do século 20. Foi esta a primeira tradução da Bíblia genuinamente brasileira, ou seja, feita no Brasil, por brasileiros e destinada ao leitor residente no país.

O período de preparação da tradução

1903—1914

Quando o projeto foi lançado, em 1903, foi amplamente divulgado pelos jornais do Rio de Janeiro, principalmente por ser a primeira tradução da Bíblia para o português falado no Brasil e também porque foram convidados para

participar do projeto brasileiros célebres, como José Veríssimo, Hipólito de Campos, Machado de Assis e Rui Barbosa. Logo que soube do início desse projeto, o conhecido jornalista José Carlos Rodrigues, proprietário e redator do *Jornal do Commércio*, no Rio de Janeiro, publicou um artigo em seu jornal, no qual dizia:

> "Esta tradução da Bíblia é a obra literária mais importante no país, nos dias de Hoje."

Por outro lado, a Igreja Católica, tomando conhecimento desse importante projeto de tradução das Escrituras, realizado em território brasileiro por protestantes, reagiu positivamente, lançando também vários projetos de tradução da Bíblia, como a *Harmonia dos Santos Evangelhos*, em 1903, os *Santos Evangelhos de N. S. Cristo*, em 1904, e *O Novo Testamento*, em 1910. [156]

O projeto pioneiro da Tradução Brasileira da Bíblia levou 12 anos para ser concluído. Começou em 1902 e terminou em 1914. Os Evangelhos de Mateus e Marcos foram editados em 1904. Em 1905, o Evangelho de Mateus foi reeditado com a incorporação de algumas sugestões recebidas dos leitores da 1ª edição. Os Evangelhos de Lucas e João e o livro dos Atos dos Apóstolos foram publicados em 1906 e o Novo Testamento, completo em 1908. A tradução do Antigo Testamento foi concluída em 1914. Porém, a Bíblia completa não pôde ser publicada imediatamente e só foi lançada em 1917 devido aos problemas financeiros enfrentados pelas Sociedades Bíblicas durante a Primeira Guerra Mundial (1914—1918).

A 1ª edição da Tradução Brasileira da Bíblia foi publicada pela Sociedade Bíblica Americana (SBA) em 1917, em Nova York. As duas sociedades, a SBA e a SBBE, patrocinadoras do projeto, ficaram como detentoras dos direitos da nova tradução, com igualdade de direitos,

podendo uma ou outra publicar uma nova edição sempre que fosse necessário.

Lançamento, críticas e elogios

1917

A Tradução Brasileira da Bíblia recebeu críticas e elogios dos seus leitores. Alguns consideraram a nova tradução literal demais e não aprovaram a grafia dos nomes próprios e dos lugares, bem diferente da adotada na tradução de João Ferreira de Almeida, com a qual eles estavam acostumados. Apesar dessas restrições, figuras importantes da época fizeram elogios à *Tradução Brasileira da Bíblia (TB)*, ressaltando em especial a fidelidade aos textos originais. O jornalista José Carlos Rodrigues, proprietário e redator do *Jornal do Commércio,* o diário mais respeitado do Rio de Janeiro no começo do século 20, fez o seguinte comentário a respeito da *TB*:

> "Perde um pouco do belo português de Figueiredo, porém ganha na fidelidade ao sentido original."

O Dr. William Carey Taylor (1883—1971), professor de grego, de 1916 a 1934, do Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil e autor do livro *Introdução ao Estudo do Novo Testamento Grego*, fez esta apreciação à nova tradução:

> "É uma das traduções mais fiéis aos originais que tenho lido em qualquer língua."

Essa fama de tradução fiel acabou dando origem a uma brincadeira que se tornou comum em alguns seminários brasileiros, onde a *TB* passou a ser chamada de *TT*, ou *Tira-Teimas.*

Bem-aceita pelos evangélicos

1917—1957

A boa recepção da nova tradução pelos evangélicos no Brasil levou as duas sociedades a publicarem, nos anos seguintes, novas edições da TB. Em 1924, foram publicadas três diferentes edições: a SBA publicou uma edição com letras iguais às da 1ª edição e outra com letras maiores; e a SBBE publicou uma edição com referências. No ano seguinte, a SBA publicou 200.000 Evangelhos na Tradução Brasileira.

Em 1927, o Rev. Hugh Clarence Tucker informou em seu relatório anual à SBA que um terço das Bíblias vendidas por sua agência, no ano anterior, havia sido da *Tradução Brasileira.* Os dois terços restantes das Bíblias vendidas naquele ano eram da Versão Revista e Corrigida da tradução de Almeida (50%) e da tradução católica de Antonio Pereira de Figueiredo, sem os livros apócrifos (17%). [157]

Ela foi reeditada pelas Sociedades Bíblicas durante cinco décadas, dividindo sempre a preferência com a Versão Revista e Corrigida de João Ferreira de Almeida, lançada em 1898. A *TB* somente deixou de ser publicada no final da década de 1950, após o lançamento da *Versão Revista e Atualizada da tradução de Almeida*, que conquistou a preferência dos leitores evangélicos brasileiros. [158]

Reeditada no século 21

2011

Com o propósito de resgatar esse monumento da história da tradução da Bíblia no Brasil, a SBB lançou, em 2011, a segunda edição da *Tradução Brasileira da Bíblia (TB)*. A versão lançada pelas Sociedades Bíblicas em 1917 passou por uma revisão, mas foram mantidas suas principais características de uma tradução clássica, literal e fiel aos originais.

Foi feita na 2ª edição da *TB* uma completa atualização ortográfica, pois, ao longo do tempo, a língua portuguesa passou por diversas reformas ortográficas, incluindo a mais recente, de 2009. Para a grafia dos nomes próprios, foram usadas as formas aportuguesadas que aparecem na Versão Revista e Atualizada da tradução de Almeida. Originalmente, na *TB*, os nomes haviam sido transliterados do hebraico ou do grego, como por exemplo, Jehoshaphat, Habakkuk, Nebuchadnezzar e Zephanias. Na edição de 2010, esses nomes foram mudados para Josafá, Habacuque, Nabucodonosor e Sofonias, respectivamente. E o mesmo aconteceu com os demais nomes próprios, tanto do Antigo como do Novo Testamento.

O principal revisor dessa nova edição da *Tradução Brasileira da Bíblia* foi o Rev. Josué Xavier, pastor da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPI) e professor de hebraico e Antigo Testamento na Faculdade de Teologia de sua denominação. O Rev. Josué nasceu em 1934, na cidade de Formiga, MG, se formou em Filosofia, Ciências e Letras pela Universidade de São Paulo e em Teologia pela Faculdade de Teologia da IPI, e foi pastor em diversas igrejas presbiterianas independentes do Estado de São Paulo. Em 1981, o antigo revisor gramatical das publicações da Sociedade Bíblica do Brasil, Rev. Antonio de Campos Gonçalves, se aposentou e foi substituído pelo Rev. Josué. A partir daquele ano, além de assumir a função de revisor gramatical da SBB, ele passou também a integrar a Comissão de Tradução da *Bíblia na Linguagem de Hoje*. Profundo conhecedor da língua portuguesa, o Rev. Josué foi sempre uma pessoa cordial, amável e muito querida por todos os seus colegas. Durante os seus últimos anos de vida, teve problemas circulatórios que o obrigaram a usar marca-passo. Faleceu em São Paulo, em 2010, após três décadas de relevantes serviços prestados à Causa da Bíblia no Brasil.

A conversão do casal de fazendeiros

Durante a primeira década do século 20, período em que foi feita a *Tradução Brasileira da Bíblia*, cresceu muito o número de colportores das Sociedades Bíblicas em atividade no Brasil. Em 1906, a Sociedade Bíblica Americana (SBA) tinha 19 colportores, e a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, aproximadamente a mesma quantidade. Entre os colportores da SBBE que atuaram nesse período destacou-se a figura de Frederick Glass, um inglês que veio para o Brasil no final do século 19 para trabalhar como engenheiro e acabou se dedicando ao trabalho de colportagem.

Glass viajou por todo o Brasil, mas morou muitos anos no Estado de Goiás. Certa vez, ele chegou a cavalo à pequena e antiga cidade de Santa Cruz, chamada hoje de Santa Cruz de Goiás, situada a 128 quilômetros da cidade de Goiânia. Era véspera da Festa do Divino Espírito Santo, evento de origem portuguesa, celebrado 50 dias depois da Páscoa, em comemoração ao dia de Pentecostes. Quando souberam que Glass havia nascido na Inglaterra, ele foi muito bem-recebido pelas autoridades, porque os ingleses haviam desempenhado um papel importante na história da cidade. O prefeito atendeu seu pedido para realizar as reuniões de divulgação da Palavra de Deus na Câmara Municipal, único edifício de dois andares na cidade. As reuniões foram muito concorridas, se prolongaram por várias semanas e, no final, cerca de 40 pessoas manifestaram publicamente sua fé em Jesus Cristo.

Glass resolveu, então, visitar os sítios e as fazendas do município. Chegando a uma fazenda, manteve um difícil mas bem sucedido diálogo com a proprietária, conversa que ele contou assim em seu livro *Aventuras com a Bíblia no Brasil*: [159]

“Em uma fazenda que visitei, tive dificuldade em ser recebido. Depois de esperar por um longo tempo, apareceu uma senhora e, aparentemente constrangida, permitiu que eu entrasse. Aí ela perguntou o que eu desejava. E eu respondi:

— Senhora, tenho aqui um ótimo livro, a vida de nosso Senhor Jesus Cristo.

— Não estou interessada nesse livro — respondeu ela.

— Mas a senhora não sabe o que ele contém. Ele vale muito mais do que toda a sua propriedade — insisti.

— Eu não quero — repetiu ela secamente.

Entendi, então, que aquela senhora suspeitava que eu era o ‘terrível protestante’ que estava visitando a cidade e queria lhe vender sua Bíblia falsa.

— Está perdendo seu tempo, senhor, pois meu marido não está em casa e eu não tenho dinheiro para comprar o livro — exclamou ela.

— Absolutamente, senhora, o dinheiro não tem a menor importância. A senhora pode me dar um ou dois litros de milho para o meu animal e ficará com o livro — respondi.

— Não tenho milho em casa — respondeu ela bruscamente.

Como eu sabia que todos os moradores dali tinham feijão em casa, disse a ela:

— Não tem importância, senhora! Dois litros de feijão servem da mesma maneira.

E ela respondeu:

— Não tenho feijão em casa.

— Então talvez tenha queijo ou uma rapadura — insisti mais uma vez.

E ela, querendo encerrar a conversa, disse bruscamente:

— Também não tenho queijo nem rapadura.

Eu não quis lhe dar o livro porque, como diziam os colportores, ‘livro dado é livro desprezado’. Se alguém paga ainda que seja pouco pelo livro, ele não será jogado no lixo ou queimado.

Eu já ia seguir o meu caminho, muito desapontado, quando através de uma porta entreaberta, enxerguei um pedaço de toucinho defumado pendurado na viga do teto de outro cômodo. Então exclamei:

— Espere um momento! Se a senhora me der meio quilo daquele toucinho, eu lhe deixo esse livro maravilhoso.

Com uma expressão desagradável na face, a mulher pegou uma faca, cortou um pedaço do toucinho, embrulhou numa folha de bananeira, me entregou e recebeu em troca o exemplar do Novo Testamento.

Me despedi, montei meu cavalo e saí dali satisfeito, com a sensação de quem havia cumprindo sua missão.

Algum tempo depois, me contaram o que havia acontecido na casa daquela senhora depois da minha visita. Com muita raiva, ela havia atirado o livro num canto. Logo depois, seu marido chegou em casa e ela lhe contou irritada o que havia acontecido.

— Ali está o livro. Passe os olhos nele e atire-o ao fogo, pois esse é o lugar mais seguro para guardá-lo — exclamou ela enfurecida, e saiu da sala.

Cautelosamente, o homem apanhou o livro do chão e, por acaso, o abriu na carta do apóstolo Paulo aos Efésios. O primeiro versículo que leu chamou sua atenção e despertou seu interesse pela leitura. Cerca de uma hora mais tarde, sua mulher voltou à sala e, surpresa, encontrou o marido imerso na leitura do livro. Então, tentou arrancá-lo das suas mãos para queimá-lo. Mas seu marido lhe disse:

— Não. Você não vai queimá-lo, porque é o tipo de livro que há muito tempo eu gostaria de ter. Escute só isto.

E leu alguns versículos para ela. Ouvindo a leitura, ela também ficou interessada e continuou a ouvir. E passaram um longo tempo lendo a Bíblia juntos.

Resolveram, então, ler o livro desde o princípio e, no fim de algumas semanas, haviam lido o Novo Testamento várias vezes.

Quando eu soube o que havia acontecido, resolvi visitá-los. Enquanto cavalgava em direção à fazenda, pensei nas dificuldades que iria enfrentar. Lembrei-me das imagens nas paredes da casa e dos depósitos de pinga e de fumo que tinha visto no terreiro. Concluí que seria muito difícil convencê-los a se desfazerem daquelas coisas.

Chegando na fazenda, fui recebido com grande alegria pelo fazendeiro Belarmino e por sua esposa. A primeira coisa que notei, com surpresa, foi que não havia mais imagens nas paredes. Então eles me contaram que, depois de ler o Novo Testamento, compreenderam que deviam se livrar das imagens, da pinga e do fumo.

Tivemos, então, uma longa conversa sobre o Evangelho e ambos me ouviram com muita atenção e interesse. Apenas lendo o Novo Testamento, eles haviam compreendido muito bem a mensagem do Evangelho. Realmente, havia muito pouco que eu lhes pudesse ensinar que eles não tivessem descoberto com a leitura do Novo Testamento. Sugeri, então, que orássemos. A mulher foi a primeira a se ajoelhar e a orar. Em seguida, o marido e os filhos fizeram o mesmo. Ali estava mais uma família transformada pelo poder da Palavra de Deus.” [160]

Capítulo 9

OS COLPORTORES DO BRASIL REPÚBLICA

1889—1948



Pioneiros

Durante a segunda metade do século 19 e a primeira do século 20, a distribuição da Bíblia no Brasil foi feita basicamente através dos colportores, vendedores ambulantes que viajavam por todo o país, oferecendo as Escrituras de casa em casa. Viajando pelos sertões do Brasil e transportando os livros no lombo de mulas ou em carroças, os colportores prepararam o caminho para a chegada dos primeiros missionários e das primeiras igrejas evangélicas.

Eles eram pessoas simples, mas tinham profundo conhecimento das Escrituras. Recebiam uma remuneração pequena, que cobria apenas o necessário para o sustento de sua família. Em suas longas viagens, gastavam o mínimo possível, hospedando-se na casa de amigos ou em pensões humildes, sem o mínimo conforto. Mas eram obreiros consagrados e estavam sempre dispostos a correr riscos para cumprir a missão de semear a Palavra de Deus. Alguns colportores trabalharam em áreas definidas, visitando um ou mais Estados. Outros atuaram como itinerantes, sem área delimitada, passando meses longe de casa.

Eles eram também evangelistas e plantadores de igrejas. Os primeiros colportores trabalharam não apenas para as

Sociedades Bíblicas que atuavam no país, mas muitas vezes sob os auspícios das missões, denominações ou congregações evangélicas.

Muitos colportores dedicaram toda a vida à missão de divulgar a Palavra de Deus. Outros trabalharam poucos anos e tiveram de parar porque sua saúde não resistiu à rudeza do trabalho. E alguns faleceram durante ou após suas longas e cansativas jornadas. A maioria desses pioneiros atuou de maneira anônima e, assim, seus nomes não podem ser lembrados. Com o propósito de resgatar a lembrança da obra realizada por esses pioneiros, incluímos no apêndice deste livro o nome e o local de atuação de 57 colportores do Brasil República. E, neste capítulo, destacamos alguns deles.

Canuto Alves, em Pernambuco

1900—1924

Em 1903, Manoel Canuto Alves começou a trabalhar como colportor da Sociedade Bíblica Americana (SBA) no interior do Estado de Pernambuco. Durante 25 anos, visitou de casa em casa vilas, povoados e cidades daquele Estado, como Caruaru, Bezerros, Vitória de Santo Antão e Gravatá. Embora já houvesse naquela época liberdade religiosa no Brasil, ele enfrentou forte oposição e, muitas vezes, lhe tomaram os livros e os rasgaram ou queimaram.

Em 1924, já no final de sua longa e abençoada carreira evangelística, ele narrou em seu relatório anual enviado à agência da SBA no Rio de Janeiro a seguinte experiência, ocorrida na pequena cidade de Gravatá, localizada a 80 quilômetros do Recife:

> “Alguns anos atrás, eu visitei a cidade de Gravatá, situada a 12 quilômetros de Bezerros, e consegui das autoridades locais permissão para oferecer as Escrituras ali durante quatro dias. Como não conhecia ninguém na cidade, tive que me hospedar em uma pequena pensão, gastando o pouco de dinheiro que me restava. Depois de pedir a ajuda de

Deus para o meu trabalho, saí para oferecer a Bíblia de casa em casa. Às três horas da tarde, já havia vendido cerca de 20 Evangelhos.

Então, um senhor muito educado se aproximou de mim e me perguntou:

— Esses livros são bons?

— Sim. São Bíblias, Novos Testamentos e Evangelhos — respondi.

— Posso mostrá-los ao padre? — perguntou.

E eu respondi:

— Sim, pode pegar o que quiser e levar para o padre ver.

Então ele pegou duas Bíblias e levou-as à igreja. Quando chegou lá, o padre havia terminado de fazer um casamento e estava saindo. Olhando para as Bíblias que aquele senhor havia levado, ele exclamou:

— Não me apareça mais com livros falsos aqui na igreja!

O homem ficou chocado com a maneira grosseira com que foi recebido e voltou desapontado para me devolver as Bíblias.

Quando chegou, eu estava falando do Evangelho a um grupo de pessoas e ele contou o que havia acontecido. Todas as pessoas que estavam ali o ouviram com atenção e acharam que o padre havia sido muito indelicado com ele. E aconteceu que, dali em diante, aquelas pessoas passaram a me ouvir com mais atenção e interesse. E eu aproveitei a oportunidade para lhes dizer que a melhor maneira de evitar heresias era ler e conhecer Palavra de Deus.

Durante os quatro dias em que permaneci em Gravatá, vendi 46 Novos Testamentos e 35 Evangelhos. Depois disso, passei a ser muito bem recebido naquela cidade e voltei ali mais três vezes. Hoje, já distribuí em Gravatá mais de 500 exemplares de Bíblias e Novos Testamentos. Com o passar do tempo, muitas pessoas da cidade que leram a Bíblia se converteram ao Evangelho e organizaram uma igreja evangélica que já está com 125 membros. E eu continuo a receber muitos pedidos de Escrituras daquela igreja.” [161]

Giuseppe Cazzulino, em São Paulo

1904—1928

O colportor Giuseppe Cazzulino, italiano de nascimento, começou sua longa carreira de colportor em 1904, quando aceitou o convite da Sociedade Bíblica Americana (SBA) para trabalhar no Estado de São Paulo, distribuindo as Escrituras aos imigrantes italianos. Seu método de trabalho era vender de casa em casa, nos mercados e nas estações de estrada de ferro. Sua licença de trabalho lhe permitia trabalhar em todo o Estado de São Paulo, mas a maior parte de seu tempo foi dedicada à distribuição das Escrituras na capital paulista. Naquela época, as

Sociedades Bíblicas não tinham loja em São Paulo, e era tarefa do colportor suprir não apenas as igrejas evangélicas, mas também os leitores da Bíblia em sua região. Como Cazzulino era o único colportor da SBA na capital paulista, não lhe sobrava muito tempo para visitar os colonos italianos nas fazendas de café no interior do Estado.

Em 5 de julho de 1924, ele estava trabalhando no centro da cidade de São Paulo quando estourou a Revolta dos Tenentes, também conhecida como *Revolução de 1924*. Comandada pelo general reformado Isidoro Dias Lopes, o movimento contou com a participação de vários militares, entre eles Joaquim do Nascimento Fernandes Távora, que morreu na revolta, Miguel Costa, Eduardo Gomes, Índio do Brasil, João Cabanas e Juarez Távora, que mais tarde seria candidato a presidente da República. A causa da revolução foi o descontentamento de parte das Forças Armadas com o Governo Federal, representado pelo presidente Arthur Bernardes. Foi esse o maior conflito armado ocorrido na cidade de São Paulo. Durou 23 dias e o Palácio dos Campos Elíseos, então sede do Governo do Estado, foi bombardeado, e o governador Carlos de Campos teve de refugiar-se no interior paulista. Nesse período, foi suspenso todo o tipo de comunicação, e a cidade de São Paulo ficou sem suprimento de Escrituras. Felizmente, Cazzulino e sua família saíram ilesos, mas a distribuição de Escrituras só foi normalizada dois ou três meses depois.

Em 1925, quando completou 21 anos como colportor, Cazzulino teve problemas de saúde e, por recomendação médica, teve de passar algumas semanas se recuperando no litoral paulista. No mês de novembro, voltou com a saúde recuperada e reiniciou suas atividades. Em 1926, passou a trabalhar somente na cidade de São Paulo porque, depois de tantos anos de trabalho na segunda maior cidade do país, que naquela época tinha 570 mil habitantes, ele já

não tinha mais condições de atender os italianos que trabalhavam nas fazendas de café no interior paulista.

Em 1927, seguiu trabalhando, e a distribuição de Escrituras continuou a crescer na região. E, finalmente, em 1928, após 24 anos de relevantes serviços prestados à SBA junto aos imigrantes italianos do Estado de São Paulo, o veterano colportor se retirou para o seu merecido descanso. [162]

Raphael Archanjo dos Santos, no Rio Grande do Sul

1904

O colportor Raphael Archanjo dos Santos trabalhou para a Sociedade Bíblica Americana (SBA) nos primeiros anos do século 20, no Rio Grande do Sul, percorrendo diversas regiões do Estado. Em 1904, visitou pela primeira vez o município de Dom Pedrito, vizinho da cidade de Bagé, na fronteira com o Uruguai. Apesar do clima de guerra existente naquele ano na região, [163] devido a uma revolta política no Uruguai, ele conseguiu realizar normalmente o seu trabalho. Raphael foi muito bem recebido pelos moradores do município e permaneceu ali durante cinco meses, visitando de casa em casa não apenas a zona urbana, mas também as fazendas, sítios e povoados. Em seu relatório anual, enviado ao secretário da SBA no Rio de Janeiro, Rev. Hugh Clarence Tucker, ele narrou assim sua experiência no extremo Sul do país:

> "Visitei pela primeira vez a cidade de Dom Pedrito e durante uma semana vendi uma grande quantidade de Escrituras, apesar do movimento revolucionário que agitava a fronteira do Brasil com o Uruguai. Quando cheguei à cidade, fui logo visitar o prefeito a fim de lhe pedir licença para vender meus livros. Ele e um grupo de pessoas que o acompanhavam me disseram que aquela não era hora de falar de religião, mas sim de guerra.
>
> Isso me deu oportunidade de falar a respeito da importância das Sagradas Escrituras na promoção da paz — paz de espírito, paz social e paz nacional. Quando terminei a minha exposição, ele me disse:

— Eu vou ficar com seis exemplares da Bíblia — um para a minha família e os outros para as pessoas que estão aqui me visitando. E você pode vender as suas Bíblias em paz.

Agradeço a Deus por ter sido tão bem-recebido durante essa jornada bíblica e pelas centenas de Escrituras que foram distribuídas naquela região.” [164]

Camilo Roig, nos subúrbios de São Paulo

1916—1930

Camilo Roig era um próspero negociante de bebidas alcoólicas em um bairro no subúrbio da cidade de São Paulo, nos primeiros anos do século 20. Ele havia nascido na Espanha e prosperado no Brasil graças aos seus dons de vendedor. Porém, ele tinha um problema de saúde muito sério: era leproso. Com o passar do tempo, sua enfermidade foi se agravando e seu rosto ficou coberto de manchas e cicatrizes. Durante muitos anos, procurou encontrar a cura para a sua doença. Consultou vários médicos, gastou grande parte de suas economias, mas foi tudo em vão. Então, apelou aos seus santos, na esperança de um milagre, mas ele não veio.

Um dia, uma jovem entrou sorridente em seu bar e lhe perguntou:

— O senhor aceita um desses livrinhos?

Ele examinou o pequeno livro, achou a capa muito bonita e gostou ainda mais do seu nome — Evangelho de João — porque era devoto de São João Batista e pensou que o livro era sobre o seu santo preferido.

Alguns dias depois, começou a ler o livro, gostou muito e o leu do começo ao fim. Ficou muito impressionado com a mensagem do Evangelho e resolveu visitar, no domingo, a casa de oração que estava indicada na contracapa do livro. Lá, ouviu pela primeira vez uma pregação sobre um capítulo do seu livro e, poucas semanas depois, se apresentou ao pastor da igreja para ser batizado. O pastor, que o conhecia muito bem, lhe disse que antes de ser

batizado ele precisava abandonar seu negócio de venda de bebidas alcoólicas.

Ele, então, tentou se desfazer do seu negócio, mas não encontrou nenhum comprador. Quando chegou o domingo em que a congregação iria fazer os batismos, decidiu fechar o bar, mesmo sem saber o que iria fazer no futuro. E, junto com mais de 15 pessoas, foi batizado no Rio Tietê.

No dia seguinte ao seu batismo, Camilo foi se barbear, como costumava fazer todas as manhãs. E quando olhou para o espelho, quase deixou a navalha cair no chão — as manchas e as cicatrizes da lepra haviam desaparecido do seu rosto. Então, ele gritou alto, chamando a esposa, enquanto tirava a roupa para ver o que havia acontecido com o resto do seu corpo. E, com grande alegria e gratidão a Deus, verificou que os sinais da lepra haviam desaparecido também de todo o seu corpo.

Profundamente agradecido a Deus pelo milagre, ele resolveu consagrar a vida a serviço do evangelho. E o colportor Frederick Glass, que conhecia Camilo desde o tempo em que ele era leproso e sabia que era um ótimo vendedor, convidou-o para trabalhar como colportor.

Camilo aceitou imediatamente o convite e, em 1916, começou a trabalhar para a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE). Foi muito bem-sucedido em sua nova profissão e tornou-se um dos maiores colportores da SBBE no Brasil, nas décadas de 1910 e 1920. Em 1926, ano em que o colportor Frederick Glass escreveu seu livro *Aventuras com a Bíblia no Brasil*, onde narra essa experiência, Camilo Roig já era colportor havia mais de 10 anos e não se via nele nenhum sinal da terrível doença que o havia castigado durante tantos anos. [165]

João da Cruz, no Rio de Janeiro

1925—1959

— Aqui está justamente aquilo de que vocês precisam!

Essas palavras, repetidas em voz alta, fizeram que todas as pessoas que estavam naquele vagão de trem em movimento, na zona norte do Rio de Janeiro, se voltassem para ouvir o que aquele homem já idoso ia falar. Alguns passageiros o reconheceram, porque sempre o viam no trem. Era o colportor João da Cruz, da Sociedade Bíblica do Brasil, que fazia uma de suas apresentações da Bíblia para vendê-la aos passageiros do trem da Central do Brasil.

João da Cruz era uma pessoa metódica, e quando trabalhava em um trem, gostava de dar a mesma atenção a cada vagão. Se o comboio tinha oito vagões e a viagem durava 40 minutos, ele reservava 5 minutos para cada vagão.

Naquele dia, ficou de pé em uma das extremidades do vagão, e exclamou bem alto:

— Aqui está justamente aquilo de que vocês precisam!

Enquanto falava, pegou um Evangelho ilustrado com fotos da Palestina, levantou bem alto e falou:

— O Carnaval terminou e a Páscoa se aproxima! Está na hora de prepararmos os nossos corações e as nossas almas! Este livro ajuda as pessoas a se prepararem para a vida. Ele conta o que Deus tem feito por todos nós! Conta a história do anjo que anunciou à bendita Virgem Maria que ela ia ser mãe do nosso Salvador! Esse livro conta também a história do nascimento e da infância de Jesus, sua vida em Nazaré, seus ensinamentos e milagres, sua morte e sua ressurreição. Tudo isso está escrito neste livro, com figuras interessantes, mostrando os lugares onde Jesus nasceu, onde foi crucificado e onde ressuscitou.

Depois de uma breve pausa, prosseguiu:

— Este é o livro de que vocês precisam! Comprar este livro é comprar a felicidade. Aqui na capa, do lado de dentro, estão escritos o meu nome e o meu endereço. Se alguém quiser mais alguma informação, pode me escrever ou me procurar em minha casa. No sábado, eu fico o dia

inteiro em casa à disposição das pessoas que leram este livro e desejam mais informações.

João da Cruz caminhou ao longo do vagão, mostrando o livro, e disse:

— Esse livro é muito barato. Está ao alcance de todos. É um tesouro e seu preço é igual ao de dois jornais.

Quando o trem chegou à estação seguinte, o velho colportor se colocou na extremidade do segundo vagão e, logo que se movimentou, ele recomeçou a apresentar o Evangelho, repetindo as mesmas palavras que havia proferido no vagão anterior. E quando lhe sobrava tempo, conversava com os compradores, respondia perguntas e seguia em frente, vagão por vagão, até percorrer todo o trem.

Seu método de trabalho era tão bem-planejado e o tempo tão bem-dividido que, quando o trem chegava ao fim da viagem, ele havia percorrido todos os vagões e falado a todos os passageiros. Aquela viagem levou uns 40 minutos e João da Cruz vendeu 39 Evangelhos.

Um trabalho como este deixa o colportor exausto e sem voz. Para poder descansar e recuperar as forças, o veterano colportor fazia uma viagem como essa apenas uma vez por semana. Nos demais dias da semana, oferecia as Escrituras em outros lugares. Na semana da Páscoa e na semana do Natal, ele aproveitava para trabalhar nos trens todos os dias. Mas, quando isso acontecia, no fim da semana estava completamente esgotado e sem voz.

Mas João da Cruz achava que compensava fazer esse esforço em ocasiões especiais. Disse ele:

— Mas vale a pena, porque eu vendo boa quantidade de Escrituras e falo muitas vezes ao povo. Na última Sexta-feira da Paixão eu vendi 537 Evangelhos, e, na Semana Santa, mais de mil.

João da Cruz diversificava seu trabalho de colportagem. Uma vez por semana trabalhava nos trens, em outro dia da semana visitava as filas de cinema e, nos dias restantes,

oferecia as Escrituras de casa em casa, nos subúrbios do Rio de Janeiro.

Quanto ao atendimento das pessoas em sua casa, ele disse:

— Algumas pessoas me escrevem e outras me visitam. Dificilmente passo um sábado sem receber visitas. Nos sábados, costumo receber de 8 a 10 pessoas em minha casa. Elas fazem muitas perguntas e eu aproveito para lhes falar do Evangelho. Eu sempre recomendo que visitem a igreja evangélica mais próxima de suas casas. E sempre recebo informações de pessoas que me compraram as Escrituras, se converteram a Cristo, se uniram à igreja e são hoje crentes salvos pela graça de Deus.

Em 1959, quando deu esta entrevista para a revista *A Bíblia no Brasil*, João da Cruz estava completando 34 anos de trabalho como colportor. Ele havia começado a trabalhar para a Sociedade Bíblica Americana em 1925, na época de Tucker. Em 1948, quando foi fundada a Sociedade Bíblica do Brasil, embora já tivesse mais de 50 anos, decidiu continuar trabalhando como colportor para a nova organização. Em 1959, com mais de 60 anos, continuava a divulgar a Bíblia nos trens da Central do Brasil com o mesmo vigor e entusiasmo de sua mocidade. [166]

Colportor e filho de colportor

1927

Manoel de Souza e Silva foi um dos primeiros e mais destacados colportores da Igreja Presbiteriana e da Sociedade Bíblica Americana no Estado de São Paulo, na última década do Brasil Império e nos primeiros anos do Brasil República.

Seu filho Daniel, quando ainda era criança, muitas vezes o acompanhava em suas jornadas de trabalho, ajudando-o a carregar os livros. A experiência de viajar com o pai e de vê-lo visitar as casas, de falar com as pessoas a respeito da

Bíblia e de convencê-las a comprar as Escrituras Sagradas, deixaram impressões agradáveis e profundas na mente e no coração daquele menino.

Ele cresceu frequentando a igreja e a Escola Dominical e tornou-se um membro ativo de sua igreja. Mais tarde, se casou e dedicou-se ao trabalho de construir e vender casas nos subúrbios da cidade de São Paulo.

Daniel se saiu muito bem em seu negócio, mas nunca se esqueceu de suas experiências de infância, como acompanhante de seu pai. Até que um dia, sentiu que Deus realmente o estava chamando para o trabalho de divulgação de sua Palavra. Então, viajou para a cidade do Rio de Janeiro e se apresentou à Sociedade Bíblica Americana como candidato a colportor.

O Rev. Tucker o ouviu com atenção e interesse e se convenceu de que realmente ele estava sendo chamado por Deus para o trabalho de colportagem. Naquele ano, 1927, a agência da Sociedade Bíblica Americana já contava com 13 colportores e, por falta de fundos, Tucker havia decidido não aumentar seu quadro de colportores. Mas, depois da entrevista, achou que aquele era um caso especial. Não lhe parecia justo negar àquele jovem a oportunidade de atender ao chamado de Deus para o trabalho de divulgação de sua Palavra. Então, resolveu dar-lhe uma oportunidade e o contratou para fazer uma experiência em São Paulo, o mesmo campo que ele havia visitado na infância em companhia de seu pai.

E o resultado da experiência foi surpreendente: em seu primeiro ano de trabalho, Daniel foi o colportor que mais vendeu Escrituras no Brasil. E Tucker, entusiasmado, fez em seu relatório anual à SBA, em Nova York, a seguinte referência à sua nova contratação:

> “O colportor Daniel de Souza e Silva está realizando o seu trabalho com muita alegria e entusiasmo. Ele deixou seus interesses financeiros para dedicar todo o seu tempo e seus talentos ao trabalho de Deus. Em lugar de construir casas, ele está agora edificando o Reino de Deus.” [167]

Capítulo 10

A BÍBLIA NO INÍCIO DO SÉCULO 20

1902—1917



O cenário político

1906—1914

Depois de três paulistas terem ocupado sucessivamente a Presidência da República, o mineiro Afonso Pena, que havia sido o vice de Rodrigues Alves, assumiu o cargo em 15 de novembro de 1906, para dar continuidade à "política do café com leite". Apesar de vir da terra do leite, Afonso Pena foi um presidente cafeeiro, pois procurou valorizar no exterior o principal produto de exportação brasileiro. Entre 1906 e 1910, especuladores internacionais, com o apoio do governo brasileiro, retiveram 8,5 milhões de sacas de café para forçar o aumento do preço do produto.

Afonso Pena fez um governo progressista, promovendo a criação de parques industriais, a construção de linhas férreas, a modernização dos portos e a conquista do Oeste do país, através do trabalho do Marechal Rondon. [168] Em 11 de agosto de 1908, para comemorar os 100 anos da abertura dos portos brasileiros por D. João VI, acontecida em 1808, ele inaugurou, na Praia Vermelha, [169] no Rio de Janeiro, a "Exposição Nacional", organizada nos moldes das exposições que marcaram o avanço tecnológico e urbanístico dos grandes centros europeus.

Afonso Pena pretendia lançar para sua sucessão o então presidente de Minas Gerais, João Pinheiro, a fim de dar

continuidade ao seu governo progressista. Mas Pinheiro morreu antes das eleições e o então Ministro da Guerra, Marechal Hermes da Fonseca, que havia modernizado o Exército Brasileiro, lançou ostensivamente sua própria candidatura.

Inconformado com o perfil militarista de Hermes da Fonseca, Rui Barbosa também se apresentou como candidato à Presidência. Político íntegro, de inteligência privilegiada e grande cultura, ele representava para os brasileiros esclarecidos a grande esperança de um governo democrático, à altura do anterior. Rui Barbosa percorreu o país inteiro dando conferências, defendendo os princípios democráticos e o voto secreto, e condenando a interferência dos militares na política. Porém, no dia 15 de novembro de 1910, Hermes da Fonseca recebeu 403.897 votos e Rui Barbosa apenas 223.784.

Era a volta dos militares ao poder depois de quatro presidentes civis. No dia seguinte à sua posse, Hermes da Fonseca teve de enfrentar a revolta dos marinheiros, que ficou conhecida como a “Revolta da Chibata”. Esse foi um movimento que surgiu dentro da marinha brasileira em protesto aos castigos corporais sofridos pelos marinheiros. No dia 10 de novembro de 1910, toda a tripulação do navio *Minas Gerais* foi convocada para assistir a punição de um marinheiro que havia ferido um cabo. Ele recebeu 250 chibatadas, aplicadas ao som de tambores.

Seis dias depois, toda a tripulação do navio *Minas Gerais* se rebelou. Os amotinados tomaram o navio e mataram seu comandante. Outros três navios da marinha, *São Paulo*, *Deodoro* e *Bahia*, aderiram ao movimento e ameaçaram bombardear a cidade do Rio de Janeiro. Os amotinados exigiam o fim da chibata, salários maiores e melhor alimentação a bordo.

Hermes da Fonseca reagiu violentamente, ordenando que os portos fossem bombardeados e decretando estado

de sítio. Mais de 1.200 marinheiros foram expulsos e centenas presos e mortos.

O governo venceu esse desafio, mas se enfraqueceu politicamente. Para manter a ordem no país, Hermes da Fonseca pôs em prática a chamada “Política de Salvação Nacional”, promovendo intervenções federais em Pernambuco, Bahia, Ceará e Alagoas e substituindo políticos por militares na chefia dos Estados. No final de seu mandato, em 1914, o governo de Hermes da Fonseca foi avaliado como um dos mais violentos e inúteis da República. [170]

Os evangélicos unem suas forças

1903—1920

Em 1846 havia sido criada na Inglaterra a “Aliança Evangélica”, uma frente unida para defender os protestantes dos frequentes ataques da Igreja Católica, então liderada pelo papa Pio IX. Esse movimento passou a atuar também nos EUA, em 1867, após os ataques da Santa Sé aos protestantes, feitos em 1864, na encíclica *Quanta Cura* e no documento *Syllabus*.

No Brasil, os problemas iniciais do período republicano levaram os protestantes a criar uma organização semelhante, cuja primeira reunião aconteceu em São Paulo, em julho de 1903. Seu primeiro presidente foi o missionário metodista e secretário da Sociedade Bíblica Americana (SBA) no Brasil, Rev. Hugh Clarence Tucker, e seu primeiro secretário o pastor batista Francisco Fulgêncio Soren, pai do pastor João Filson Soren, que mais tarde, em 1948, viria a ser um dos fundadores da Sociedade Bíblica do Brasil.

Em 1910 foi realizada em Edimburgo, na Escócia, a *Conferência Missionária Mundial*, que marcou o início formal do movimento ecumênico. Essa conferência pretendia tratar de problemas missionários relacionados com o “mundo não cristão”. Por esse motivo, excluiu da

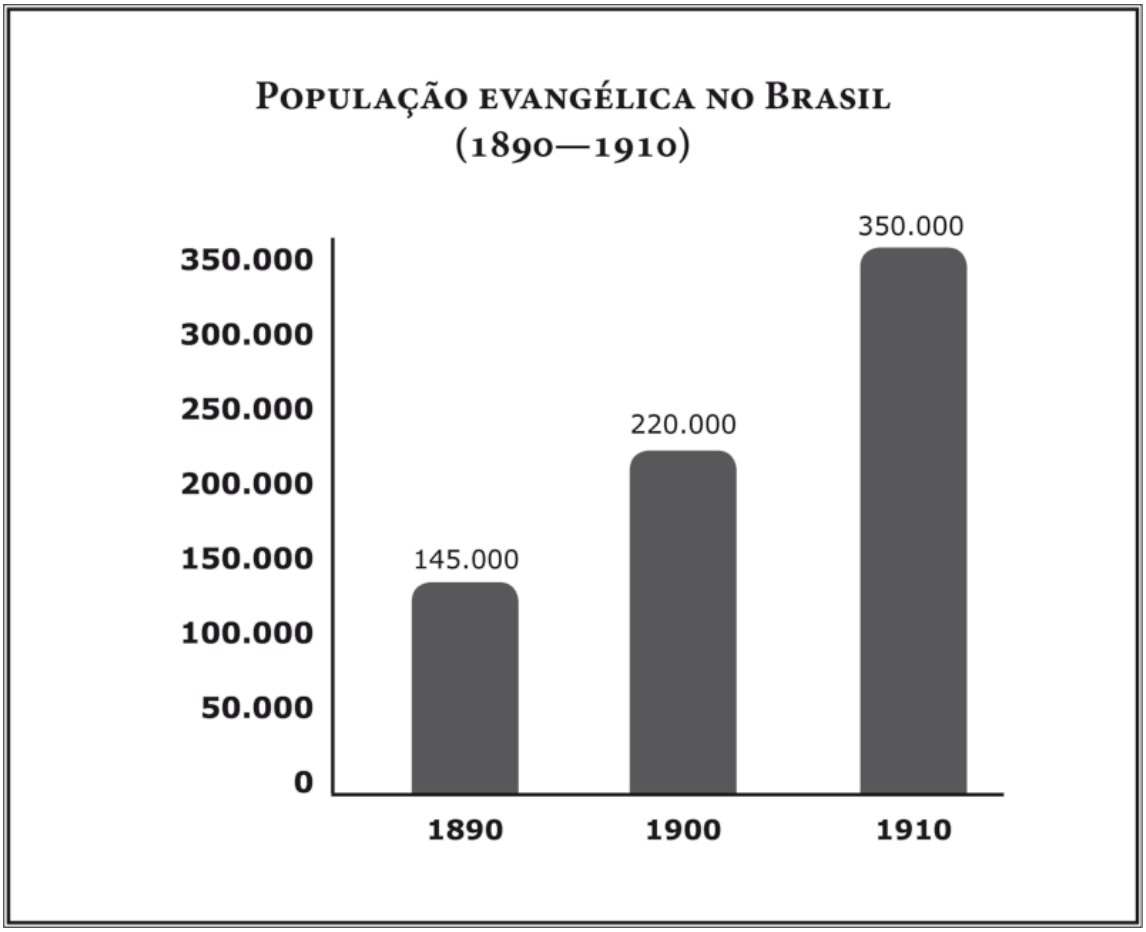
conferência a América Latina, de maioria católica. As missões que trabalhavam na América Latina e as igrejas da região se sentiram desprestigiadas com essa atitude, que parecia questionar a validade do trabalho missionário e a legitimidade das igrejas evangélicas no continente.

Após a conferência de Edimburgo, Robert. E. Speer (1867—1947), secretário da Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana dos EUA, inconformado com essa exclusão, reuniu diversos missionários e pastores que trabalhavam no Brasil. O grupo decidiu promover na América Latina uma conferência nos moldes da realizada em Edimburgo. Em março de 1913, foi realizada em Nova York a *Conferência sobre Missões na América Latina*, que convocou o célebre *Congresso do Panamá*.

Realizado em 1916, o *Congresso do Panamá* teve uma estrutura idêntica à conferência de Edimburgo, mas tratou apenas de assuntos relacionados à América Latina. Embora tenha sido presidido pelos norte-americanos Robert E. Speer e John R. Mott, participaram do congresso os principais líderes evangélicos latino-americanos, entre eles, os seguintes representantes do Brasil: o missionário metodista Hugh Clarence Tucker, o missionário presbiteriano Samuel Rhea Gammon e os pastores presbiterianos Álvaro Reis, Erasmo Braga e Eduardo Carlos Pereira. Após o congresso no Panamá, houve uma série de conferências nas grandes cidades da América Latina. A última foi realizada no Brasil, de 14 a 18 de abril de 1916, na Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro.

Fruto do *Congresso do Panamá*, foi criada no Brasil, em 1920, uma sucursal do comitê de cooperação na América Latina, a *Comissão Brasileira de Cooperação*. Inicialmente, ela funcionou no escritório de seu presidente, o Rev. Hugh Clarence Tucker, onde já se reuniam a União das Escolas Dominicais e a junta nacional das Associações Cristãs de Moços (ACM). Sob a liderança de Erasmo Braga, [171] seu

secretário executivo, a *Comissão Brasileira de Cooperação* se tornou um eficiente centro de apoio e coordenação do trabalho evangélico no Brasil. Desenvolveu vários projetos nas áreas de educação religiosa, missões junto a populações indígenas, educação teológica e produção de literatura. A organização foi a precursora da *Confederação Evangélica do Brasil*, que seria criada em 1934.



Durante a primeira década do século 20, a população evangélica brasileira deu um novo salto, passando de 220 mil membros em 1900 para 350 mil em 1910, um aumento de 59%, como ilustra o gráfico acima. [172]

Franklin Uttley

1902—1917

Em 1902, o Rev. Franklin Uttley assumiu o cargo de secretário da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE), em substituição ao Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos, que se aposentou após 24 anos de serviços prestados à obra bíblica no Brasil. Além de substituir um secretário de grande prestígio no país, Uttley assumiu, um ano depois de sua posse, a grande responsabilidade de coordenar, juntamente com Tucker, o importante projeto da *Tradução Brasileira da Bíblia*.

Uttley e Tucker deram início a uma nova fase de estreita colaboração entre as duas Sociedades que atuavam no Brasil. Em 1903, a SBBE e a SBA chegaram a um acordo sobre divisão territorial para evitar duplicidade de esforços em suas atividades de distribuição da Bíblia no Brasil. No mesmo ano, unificaram em um mesmo local as lojas de venda de Escrituras das duas sociedades. E, logo depois, iniciaram o projeto conjunto da *Tradução Brasileira da Bíblia*.

Uttley permaneceu no cargo de secretário da SBBE até 1917 e dirigiu a agência em um período difícil, porque em 1914 começou a Primeira Guerra Mundial, que perdurou até 1918. Durante o período de guerra, caíram drasticamente as ofertas recebidas pela SBBE na Inglaterra e pela SBA nos EUA, e ambas tiveram que reduzir a ajuda a todas as suas agências no exterior. A partir de 1914, Uttley foi obrigado a dispensar muitos colportores, deixando de atender a diversas regiões do país. Em consequência disso, viu a distribuição de Escrituras de sua agência cair verticalmente, após muitos anos de crescimento.

Porém, em 1917, ano em que transferiu o cargo para o Rev. Alexander Telford, Uttley teve a satisfação de participar do lançamento da *Tradução Brasileira*, a primeira tradução completa da Bíblia feita no Brasil. [173]

A divisão territorial

Durante muitos anos, os representantes da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) e da Sociedade Bíblica Americana (SBA) haviam pensado em promover uma divisão territorial no trabalho de distribuição da Bíblia no Brasil, com o propósito de evitar a duplicidade de esforços, encurtar as viagens dos colportores e reduzir despesas administrativas. Mas sempre foi muito difícil estabelecer essa divisão territorial, porque os Estados brasileiros eram muito diferentes em extensão, número de habitantes e poder aquisitivo.

Finalmente, em 1903, a SBBE, representada pelo seu novo secretário Rev. Franklin Uttley, e a SBA pelo Rev. Hugh Clarence Tucker, chegaram a um acordo satisfatório para definir o campo de atuação de cada uma das organizações.

A SBBE ficou responsável pela distribuição das Escrituras em duas regiões: a primeira, situada no Sul do país, abrangia os Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul; e a segunda, no Sudeste, era formada por alguns municípios do Estado do Rio de Janeiro servidos pela Estrada de Ferro Leopoldina, o centro e o norte do Estado de Minas Gerais e os Estados do Espírito Santo, Bahia e Sergipe. A população dessas regiões totalizava na época 7.005.000 habitantes, de acordo com o censo demográfico de 1890.

A SBA ficou responsável por duas regiões: a primeira, formada pelos Estados do Paraná, São Paulo, Sul do Rio de Janeiro e Sul e Oeste de Minas Gerais; e a segunda, pelos Estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão. Nessas duas regiões moravam 7.270.000 pessoas.

O Distrito Federal, localizado naquela época na cidade do Rio de Janeiro, e os Estados de Goiás, Mato Grosso, Pará

e Amazonas permaneceram sob a responsabilidade de ambas as Sociedades.

Em 1903, foi realizada na Inglaterra a Conferência Ecumênica Metodista e, como o Rev. Hugh Clarence Tucker havia sido designado representante da Igreja Metodista do Brasil naquela reunião, aproveitou a oportunidade de sua visita a Londres para estudar o acordo e definir sua redação com os dirigentes da SBBE.

O plano de divisão territorial passou a vigorar no mês de julho de 1903. As transferências de colportores e de estoques de livros necessárias para a efetivação do acordo foram feitas sem maiores dificuldades até o final daquele ano. [174]

O Rev. Hugh Clarence Tucker fez as seguintes considerações a respeito dos critérios adotados por ambas as sociedades na elaboração desse acordo de divisão territorial:

> "A divisão territorial não foi definida por linha geográfica arbitrária. Ela foi feita tomando em consideração a população, a topografia, os problemas de comunicação e outros importantes fatores envolvidos nessa delicada decisão." [175]

As Sociedades Bíblicas unificam suas lojas

1903

Em 1903, o presidente Rodrigues Alves decidiu construir no centro da cidade do Rio de Janeiro a Avenida Central, que mais tarde passaria a ser chamada Avenida Rio Branco, ligando a região portuária à Baía da Guanabara. Para tanto, desapropriou centenas de edifícios. Acontece que entre os prédios desapropriados estavam as sedes da Sociedade Bíblica Americana (SBA) e da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE). Como essas sociedades já haviam decidido trabalhar em cooperação, acharam que seria mais prático e econômico unificarem suas lojas num só local.

Providencialmente, a Associação Cristã de Moços (ACM) dispunha na ocasião de salas para alugar em seu edifício próprio, localizado à Rua da Quitanda, 39, uma das vias de maior movimento no centro da cidade do Rio de Janeiro. A ACM havia adquirido esse edifício poucos anos antes, com a cooperação das próprias Sociedades Bíblicas. [176] Além da loja, a SBA e a SBBE instalaram também no mesmo edifício seus escritórios e depósitos, mas em salas separadas. Apenas a sala de vendas passou a ser a mesma para as duas sociedades.

O fato de a SBA e a SBBE passarem a operar num mesmo espaço teve uma repercussão favorável junto à população evangélica. A mudança foi realizada nos últimos meses de 1903 e os resultados foram animadores. Além da economia no aluguel, as vendas efetuadas nos meses de novembro e dezembro daquele ano superaram as expectativas e a loja foi muito elogiada pelo público.

O centenário da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira

1804—1904

Em maio de 1903, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) iniciou na Inglaterra os preparativos para a comemoração do seu primeiro centenário, lançando edições comemorativas da Bíblia e do Novo Testamento em inglês. Dez mil exemplares dessas publicações foram doados a Escolas Dominicais em todo o país. Em 8 de janeiro de 1904, data em que era comemorado o *Domingo da Bíblia* na Inglaterra, as Escolas Dominicais da Grã-Bretanha celebraram com entusiasmo e gratidão a Deus os cem anos de existência da SBBE.

Na tarde do dia 4 de março de 1904, uma sexta-feira, foi realizado um culto de ação de graças na nova Casa da Bíblia, à Rua Queen Victoria, no centro de Londres, ocasião em que o presidente da SBBE, Marquês de Northampton,

deu as boas-vindas a centenas de delegados das Sociedades Bíblicas de outros países que se fizeram representar no evento.

Na tarde de 5 de março, um sábado, foram realizadas duas reuniões comemorativas no Royal Albert Hall, [177] com a presença de cerca de 1.500 pessoas em cada uma delas. Na primeira, esteve presente o prefeito de Londres e, na segunda, a Princesa Helena, filha da Rainha Vitória.

No domingo de 6 de março de 1904, foi realizado na Catedral de St. Paul, em Londres, o último culto comemorativo do centenário, no qual o Arcebispo de Canterbury, Randall Davidson, pregou uma eloquente mensagem sobre o tema “Que haja luz!”, inspirada em Gênesis 1.3-4. A cerimônia contou com a presença da Rainha Alexandra, da Princesa Victoria do País de Gales e do Príncipe George, que mais tarde seria coroado Rei da Inglaterra.

Durante seus primeiros cem anos de existência, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira traduziu a Bíblia completa para 89 línguas, o Novo Testamento para 74 e Porções da Bíblia para 207 idiomas, e distribuiu 180 milhões de exemplares das Escrituras em dezenas de países. Para realizar esse trabalho, ela dispunha em 1904 de 5.875 funcionários e associados na Inglaterra e 2.850 funcionários operando em todo o mundo. [178]

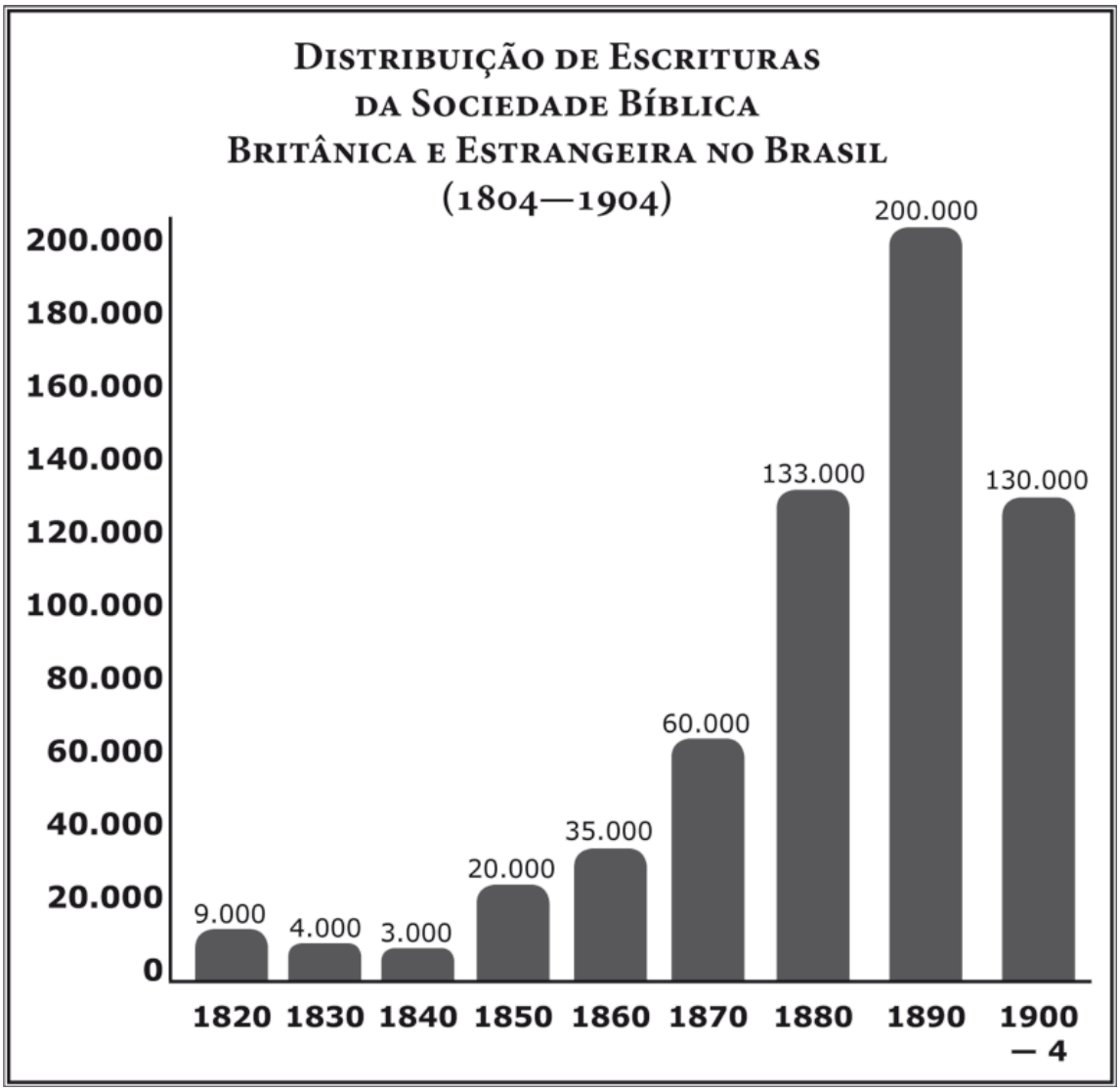
A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira foi pioneira na produção e distribuição da Bíblia no Brasil. Na década de 1810, imprimiu os primeiros Novos Testamentos em português para atender aos milhares de portugueses que se haviam refugiado na Inglaterra, após a invasão de Portugal pelas tropas de Napoleão Bonaparte. Parte desses Testamentos foi enviada a Portugal e suas colônias e poucos exemplares chegaram ao Brasil. Em 1820, a SBBE imprimiu pela primeira vez a Bíblia na tradução de Almeida em um só volume e enviou uma grande parte da edição para o Brasil. Na década de 1820, distribuiu no Brasil cerca

de nove mil exemplares de Bíblias e Novos Testamentos. Nas décadas seguintes, suas remessas de Escrituras para o Brasil caíram para quatro mil na década de 1830 e três mil na de 1840.

Porém, na década de 1850, a distribuição subiu para 20 mil exemplares, com a colaboração do missionário congregacional Rev. Robert Reid Kalley e também com a abertura, em 1856, de sua agência no Rio de Janeiro, a primeira agência bíblica a funcionar no Brasil. Nas décadas seguintes, a distribuição de Escrituras na SBBE no Brasil subiu para 36 mil em 1860, 60 mil em 1870, 133 mil em 1880 e 200 mil na década de 1890.

Durante todo o século 19, de acordo com seus relatórios anuais, a SBBE distribuiu no Brasil 464 mil Escrituras. Como a distribuição da SBBE no Brasil no período de 1901 a 1904 foi de aproximadamente 130 mil, a organização circulou no país até a comemoração do seu centenário, em 1904, cerca de 590 mil Escrituras.

A distribuição de Escrituras realizada pela SBBE no Brasil, durante seus primeiros cem anos de existência, entre 1804 a 1904, foi a seguinte:



Fonte: Relatórios anuais da SBBE, Museu da Bíblia, Barueri (SP).

Em 1904, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira comemorou a impressão de 1.587.416 exemplares das Escrituras em português, durante seus primeiros cem anos de atividades (1804—1904). A maior parte dessas Escrituras produzidas em português pela SBBE — 993 mil, ou 63% do total — foi enviada a Portugal, suas colônias portuguesas na Ásia e na África e a imigrantes portugueses residentes em outros países. E 594 mil exemplares, ou 37% do total, vieram para o Brasil. O quadro abaixo mostra o tipo e a quantidade de Escrituras produzidas em português pela SBBE e o ano em que foram impressas: [179]

Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira Produção de Escrituras em Português (1809—1904)

Ano 1809
- **Testamentos:** 5.000

Ano 1811
- **Testamentos:** 9.000

Ano 1815
- **Testamentos:** 6.000

Ano 1819
- **Bíblias:** 5.000

Ano 1821
- **Bíblias:** 5.000
- **Testamentos:** 10.000
- **Total:** 15.000

Ano 1822
- **Testamentos:** 5.000

Ano 1824
- **Testamentos:** 15.000

Ano 1829
- **Bíblias:** 5.032
- **Porções:** 6.000
- **Total:** 11.032

Ano 1848
- **Testamentos:** 5.040

Ano 1851

- **Bíblias:** 3.010

Ano 1856
- **Bíblias:** 3.050
- **Testamentos:** 5.040
- **Total:** 8.090

Ano 1857
- **Testamentos:** 5.050

Ano 1859
- **Testamentos:** 5.050

Ano 1860
- **Bíblias:** 5.068

Ano 1861
- **Bíblias:** 5.050

Ano 1863
- **Testamentos:** 5.050
- **Porções:** 20.000
- **Total:** 25.050

Ano 1864
- **Porções:** 1.024

Ano 1865
- **Bíblias:** 5.050
- **Testamentos:** 10.050
- **Porções:** 3.026
- **Total:** 18.126

Ano 1866
- **Bíblias:** 10.050
- **Testamentos:** 15.000

- **Porções:** 1.020
- **Total:** 26.070

Ano 1867
- **Bíblias:** 12.050
- **Testamentos:** 25.152
- **Total:** 37.202

Ano 1868
- **Bíblias:** 3.040
- **Testamentos:** 20.000
- **Total:** 23.040

Ano 1869
- **Bíblias:** 6.000
- **Testamentos:** 10.000
- **Porções:** 59.500
- **Total:** 75.500

Ano 1870
- **Porções:** 506

Ano 1874
- **Testamentos:** 20.099
- **Porções:** 5.000
- **Total:** 25.099

Ano 1876
- **Bíblias:** 3.000
- **Testamentos:** 10.000
- **Porções:** 10.100
- **Total:** 23.100

Ano 1877
- **Bíblias:** 4.000
- **Porções:** 5.050

- **Total:** 9.050

Ano 1878
- **Bíblias:** 1.042
- **Testamentos:** 9.090
- **Porções:** 10.100
- **Total:** 20.232

Ano 1879
- **Testamentos:** 20.000
- **Porções:** 5.050
- **Total:** 25.050

Ano 1880
- **Bíblias:** 10.000
- **Testamentos:** 3.030
- **Porções:** 19.968
- **Total:** 32.998

Ano 1881
- **Porções:** 15.150

Ano 1882
- **Porções:** 42.400

Ano 1883
- **Porções:** 10.284

Ano 1885
- **Bíblias:** 5.050
- **Testamentos:** 5.072
- **Porções:** 12.141
- **Total:** 22.263

Ano 1886
- **Bíblias:** 4.000

- **Testamentos:** 5.049
- **Total:** 9.049

Ano 1887
- **Testamentos:** 7.063
- **Porções:** 328
- **Total:** 7.391

Ano 1888
- **Testamentos:** 3.030
- **Porções:** 75.577
- **Total:** 78.607

Ano 1890
- **Testamentos:** 5.000
- **Porções:** 500
- **Total:** 5.500

Ano 1891
- **Testamentos:** 3.070
- **Porções:** 81.000
- **Total:** 84.070

Ano 1892
- **Testamentos:** 15.070
- **Porções:** 1.500
- **Total:** 16.570

Ano 1893
- **Bíblias:** 8.020
- **Porções:** 102.000
- **Total:** 110.020

Ano 1894
- **Bíblias:** 3.047
- **Testamentos:** 2.000

- **Porções:** 3.000
- **Total:** 8.047

Ano 1895
- **Bíblias:** 6.030
- **Testamentos:** 10.000
- **Porções:** 9.233
- **Total:** 25.263

Ano 1896
- **Testamentos:** 17.038
- **Porções:** 20.200
- **Total:** 37.238

Ano 1897
- **Bíblias:** 8.042
- **Testamentos:** 5.070
- **Porções:** 1.000
- **Total:** 14.112

Ano 1898
- **Bíblias:** 5.000
- **Testamentos:** 17.947
- **Porções:** 136.016
- **Total:** 158.963

Ano 1899
- **Bíblias:** 11.095
- **Testamentos:** 22.280
- **Porções:** 500
- **Total:** 33.875

Ano 1900
- **Bíblias:** 9.439
- **Testamentos:** 3.534
- **Porções:** 18.000

- **Total:** 30.973

Ano 1901
- **Bíblias:** 11.815
- **Testamentos:** 41.251
- **Porções:** 119.151
- **Total:** 172.217

Ano 1902
- **Testamentos:** 10.717
- **Porções:** 13.260
- **Total:** 23.977

Ano 1903
- **Bíblias:** 27.232
- **Testamentos:** 63.340
- **Porções:** 40.414
- **Total:** 130.986

Ano 1904
- **Bíblias:** 37.130
- **Testamentos:** 38.238
- **Porções:** 25.656
- **Total:** 101.024

Total
- **Bíblias:** 221.342
- **Testamentos:** 492.420
- **Porções:** 873.654
- **Total:** 1.587.416

Fonte: Relatórios anuais da SBBE, Museu da Bíblia, Barueri (SP).

Os imigrantes japoneses recebem a Bíblia
1908

No final do século 19, o Japão enfrentou uma grave crise econômica, resultante do fim do feudalismo e do início da mecanização na lavoura. Para fugir da pobreza, a população do campo passou a migrar para a cidade e, com as oportunidades de emprego tornando-se cada vez mais raras nas cidades, uma massa de trabalhadores rurais desempregados se acumulou nos grandes centros urbanos do Japão.

O Brasil, por sua vez, com a libertação dos escravos em 1888, passou a necessitar de mão de obra na zona rural. Naquela época já haviam chegado ao Brasil muitos imigrantes italianos para trabalhar nas fazendas de café. Mas, em 1902, o governo da Itália parou de financiar a emigração para São Paulo e o fluxo de italianos para o país registrou uma grande queda. Com isso, o governo brasileiro passou a procurar novas fontes de mão de obra, especialmente para o trabalho rural.

Nesse período, os japoneses haviam sido proibidos de imigrarem para os EUA, Austrália e Canadá, por causa da Primeira Guerra Mundial. O Brasil se tornou, então, um dos poucos países no mundo com possibilidades de receber imigrantes japoneses.

A imigração japonesa começou no Brasil na primeira década do século 20, como resultado de um acordo firmado entre os governos do Brasil e do Japão. No dia 18 de junho de 1908 chegou ao porto de Santos o navio *Kasato Maru*, trazendo 165 famílias japonesas, que vieram trabalhar nos cafezais do Oeste paulista.

Nos primeiros sete anos de imigração japonesa, chegaram ao país 3.434 famílias. Entre 1917 e 1940, vieram do Japão 164 mil pessoas, a maioria para o Estado de São Paulo. A maior parte dos imigrantes japoneses chegou ao Brasil nas décadas de 1920 e 1930. Nesse período, o objetivo dos imigrantes japoneses já não era

mais trabalhar nas plantações de café como colonos, mas desenvolver cultivos próprios de morango, chá e arroz.

A maioria dos japoneses que chegaram ao Brasil no início do século 19 era budista, porém havia entre eles evangélicos, especialmente de confissão metodista. [180] Sabendo disso, as agências no Brasil da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) e da Sociedade Bíblica Americana (SBA) importaram de Londres e de Nova York Bíblias e Novos Testamentos em japonês para oferecerem aos japoneses evangélicos.

Os colportores que atuavam no Estado de São Paulo descobriram que alguns imigrantes japoneses budistas também se interessavam pela leitura da Bíblia. Então, as duas sociedades mandaram imprimir Evangelhos bilíngues, impressos em japonês e português, e promoveram a sua distribuição aos imigrantes japoneses budistas por meio de colportores. [181]

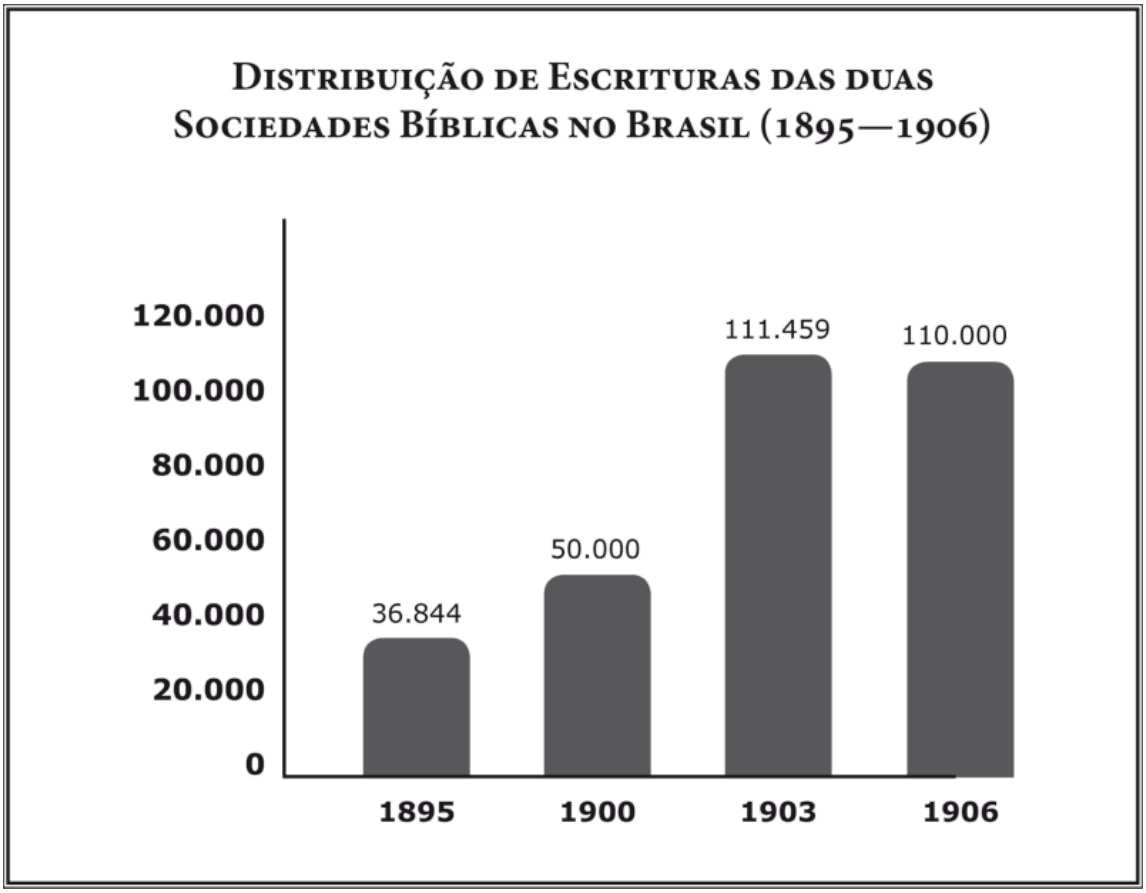
Aumenta a distribuição da Bíblia no Brasil

1895—1906

No início do século 20, apesar de os colportores, tanto das Sociedades Bíblicas como das igrejas, continuarem a ser perseguidos em muitas regiões do país, em outras passaram a ser recebidos com mais respeito e consideração. E as Sociedades Bíblicas, entusiasmadas com a liberdade religiosa e preocupadas em atender a multidão de imigrantes que chegavam ao país, contrataram novos colportores. Em 1906, a SBA e a SBBE chegaram a ter mais de 40 colportores assalariados.

Por outro lado, nesse período, cresceu rapidamente a população evangélica no Brasil. Os evangélicos passaram de 145 mil, em 1890, para 220 mil, em 1900, e 350 mil em 1910. Como muitos membros das igrejas evangélicas também participavam como voluntários na distribuição evangelística da Palavra de Deus, a circulação das

Escrituras no Brasil deu um novo salto no início do século 20, chegando a 111 mil distribuídas no país em 1903. Esse alto nível de distribuição se manteve em 1906, como ilustra o gráfico abaixo, e permaneceria até o começo da Primeira Guerra Mundial, em 1914:



A conversão do sanfoneiro

Com o crescimento da distribuição das Escrituras no Brasil no início do século 20, um número maior de pessoas passou a ler as Escrituras Sagradas, e muitas delas aceitaram o Evangelho. Entre elas estava o sanfoneiro João das Neves, que se converteu a Cristo na região Norte do Estado de Goiás, lendo um Novo Testamento trocado por ovos, como conta Tom E. Macintyre, filho do missionário escocês congregacional Archibald Macintyre, em

depoimento à revista *A Bíblia no Brasil*, publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil:

> “João das Neves, um sanfoneiro da região do Peixe, no interior do Norte de Goiás, era muito procurado para todo tipo de festas e danças. Naquela época, ele não sabia da existência de crentes. Seu primeiro contato com o Evangelho foi interessante. Um conhecido lhe mostrou um livro que tinha trocado por alguns ovos, com um homem que havia passado por sua casa.
>
> João das Neves abriu o livro nas suas últimas páginas, no livro de Apocalipse, e começou a ler. O livro falava de um cavalo branco, de um cavalo vermelho, de um cavalo preto e de um amarelo. João das Neves ficou encantado, pois gostava muito de cavalos. Queria de qualquer maneira aquele livro tão interessante que falava de cavalos tão diferentes! Seu amigo não quis lhe dar o livro, mas João das Neves notou que o nome do livro era ‘O Novo Testamento’ e, daí, se lembrou que tinha visto um livro com o mesmo nome na casa do seu irmão. Foi logo para lá o encontrou o livro que procurava numa prateleira, todo empoeirado. Abriu o livro pelo fim e encontrou os seus cavalos. Era o livro que ele procurava!
>
> João das Neves começou, então, a ler o Novo Testamento, de trás para diante! Imaginem, começar a leitura da Bíblia pelo Apocalipse. À medida que ia lendo a Palavra de Deus, o Espírito Santo ia esclarecendo sua mente e conquistando seu coração.
>
> Naquele tempo, gostava muito de ouvir uma mulher médium que dizia coisas muito bonitas ao povo. Mas João logo percebeu que o que ela falava não combinava com o que estava no seu livro. Portanto, desistiu de assistir àquelas sessões. Continuou lendo o seu livro. A primeira dificuldade surgiu quando, vendo as pessoas ajoelhadas na igreja, ele achou que era errado fazer aquilo, porque era contra o que o seu livro ensinava. Resolveu, então, nunca mais entrar numa igreja.
>
> Dois anos depois, um colportor visitou aquela pequena cidade no interior de Goiás e, para sua surpresa, encontrou ali um pequeno grupo de pessoas que se reunia regularmente para estudar as Escrituras Sagradas, sob a liderança de João das Neves.
>
> Alguns anos mais tarde, João das Neves foi morar na cidade de Anápolis, em Goiás, e ali passou a exercer a profissão de barbeiro. Tornou-se um dos fundadores da Igreja Cristã Evangélica daquela cidade e, hoje, já bem idoso, é presbítero dessa igreja.
>
> Sua conversão se deu única e exclusivamente através da leitura do Novo Testamento, sem nenhuma ajuda humana. Foi tudo obra do Espírito Santo.” [182]

Capítulo 11

A BÍBLIA DURANTE A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

1914—1918



A Primeira Guerra Mundial

1914—1918

No final do século 19 e início do século 20, a forte concorrência comercial na Europa gerou diversos conflitos entre os países da região e provocou uma rápida corrida armamentista na Europa. Sentindo-se ameaçados, os países europeus começaram a fazer alianças políticas e militares. Em 1882, surgiu a Tríplice Aliança, formada por Itália, Império Austro-Húngaro e Alemanha. Em 1907, França, Rússia e Reino Unido formaram a Tríplice Entente.

A França estava inconformada por haver perdido para Alemanha em 1871, durante a Guerra Franco-Prussiana, a rica região da Alsácia-Lorena. Por outro lado, a Alemanha queria reunir, em uma só nação, todos os países de origem germânica. E o mesmo acontecia com os países eslavos.

O estopim do conflito foi o assassinato do príncipe Francisco Ferdinando, do Império Austro-Húngaro, durante sua visita à cidade de Saravejo, na Bósnia. O assassino era membro do grupo sérvio *Mão-Negra*, inimigo do império Austro-Húngaro. As medidas tomadas pela Sérvia para punir o crime não foram aceitas pelo império Austro-

Húngaro, que, no dia 28 de julho de 1914, acabou declarando guerra àquele país.

As batalhas da Primeira Guerra Mundial se desenvolveram principalmente em trincheiras. Os soldados permaneciam vários meses entrincheirados, passando fome e sendo atacados por vários tipos de doenças. Pela primeira vez, foram usados pelos combatentes tanques de guerra e aviões. Enquanto os homens lutavam nas trincheiras, as mulheres trabalhavam nas indústrias bélicas.

Em 1917, ocorreu um fato decisivo que desequilibrou a disputa. Os EUA, que mantinham importantes acordos comerciais com a Inglaterra e a França, entraram na guerra ao lado da Tríplice Entente. Em 11 de novembro de 1918, sem condições de vencer a disputa, a Tríplice Aliança acabou se rendendo, pondo fim à guerra.

Os derrotados tiveram que assinar o *Tratado de Versalhes*, que lhes impôs fortes restrições e punições. A Alemanha teve seu exército reduzido, sua indústria bélica controlada, perdeu a região do corredor polonês, teve de devolver à França a região da Alsácia-Lorena, além de ter de pagar aos países vencedores os prejuízos causados pela guerra. A Primeira Guerra Mundial, que durou mais de quatro anos, causou a morte de 8,5 milhões de combatentes e 5 milhões de civis, arrasou os campos agrícolas, destruiu as indústrias e deu origem a uma grave crise econômica mundial. [183]

A participação do Brasil na guerra

1917—1918

O Brasil, depois de adiar a decisão por quase dois anos, resolveu entrar na guerra em 26 de outubro de 1917 — três anos após o início e um ano antes do fim do conflito. O decreto do presidente da república Venceslau Brás reconheceu e proclamou “o estado de guerra iniciado pelo império alemão contra o Brasil”.

Mas, na verdade, o país só decidiu entrar na guerra depois que dois navios mercantes brasileiros foram afundados pelos alemães. O primeiro deles foi o *Paraná*, torpedeado no canal da Mancha, em 3 de abril de 1917. O segundo, o *Tijuca*, foi a pique na costa da França, em 22 de maio do mesmo ano.

Logo depois de o navio *Tijuca* ser afundado, o então ministro do exterior do Brasil, Lauro Müller, que não concordava com a entrada do país na guerra, demitiu-se do cargo. Com Müller fora do governo, o presidente Venceslau Brás sentiu-se à vontade para se reunir no palácio do Catete, no Rio de Janeiro, com o ex-presidente Rodrigues Alves, Rui Barbosa e o novo ministro do exterior, Nilo Peçanha, e declarar guerra à Alemanha.

Dois dias depois, o governo brasileiro confiscou todos os navios mercantes alemães ancorados nos portos brasileiros. E, no dia 25 de outubro, mais um navio brasileiro, o *Macau*, foi posto a pique em águas espanholas.

Mesmo assim, o país relutou em enviar suas tropas para combater na Europa. A justificativa do ministro da Guerra, José Caetano de Faria, era a de que o exército brasileiro contava com poucos efetivos e que eles eram necessários para assegurar a segurança interna do país. Porém, no fim de 1917, cedendo às pressões internacionais, o Brasil enviou uma divisão naval, uma missão médica e um contingente de aviadores à Europa.

Antes de partirem para a guerra, os marinheiros brasileiros receberam das mãos do secretário da Sociedade Bíblica Americana um exemplar do Novo Testamento. Tucker narrou assim esse episódio:

> “Eu cruzei o oceano duas vezes durante a I Guerra Mundial. Nosso navio navegava com todas as luzes apagadas, ziguezagueando através do mar infestado de submarinos inimigos. No dia em que os marinheiros brasileiros partiram para a Europa, numa tarde de domingo, fui a bordo e dei um exemplar do Novo Testamento a todos que estavam interessados.” [184]

As equipes médicas e os aviadores brasileiros prestaram a sua colaboração na guerra durante poucos meses. E a divisão naval, encarregada de patrulhar o oceano Atlântico em frente do Senegal, ancorou em Dacar, na África, onde a gripe espanhola dizimou quase metade da tripulação. Seguiram, então, para Gibraltar, no Sul da Espanha, e logo depois de atracar, foram informados de que a Alemanha havia se rendido e a guerra havia terminado.

Embora a participação do Brasil no conflito tenha sido breve e reduzida, a Primeira Guerra Mundial deu origem a sérios problemas econômicos no país. Além da perda do vapor Paraná, do navio Tijuca e do cargueiro Macau, a guerra provocou uma forte queda nos preços dos produtos brasileiros de exportação.

Em 11 de novembro de 1918, foi assinado o armistício tão esperado por todos. Como um dos envolvidos na guerra, o Brasil também foi convidado a participar da *Conferência de Paz de Paris*, que teve início em janeiro de 1919 e aprovou o *Tratado de Versalhes*. A comitiva brasileira na conferência foi chefiada por Epitácio Pessoa, que naquele mesmo ano seria eleito presidente da República. Essa comitiva conseguiu incluir no acordo de paz a indenização das sacas de café perdidas nos navios naufragados e as apreendidas em portos alemães.

A *Divisão Naval em Operações de Guerra* chegou de volta ao Brasil no dia 25 de junho de 1919. Na semana de sua chegada ao Rio de Janeiro, um dos marinheiros que havia participado da guerra foi ao culto de domingo na Igreja Metodista do Catete, e disse a Tucker:

— Lendo a bordo do navio o Novo Testamento que o senhor me deu antes de partir, me converti a Cristo. [185]

As Sociedades Bíblicas durante a guerra

1914—1918

Em 1914, ano em que começou a Primeira Guerra Mundial, as principais Sociedades Bíblicas decidiram criar um plano de emergência para atender as vítimas da guerra em todo o mundo. Uma pesquisa feita por elas mostrou que, dentre os soldados envolvidos na guerra, eram faladas cerca de 50 línguas diferentes e que já existiam Bíblias, Novos Testamentos ou Evangelhos traduzidos para quase todos esses idiomas.

As Sociedades Bíblicas decidiram doar um exemplar das Escrituras a todos os combatentes, prisioneiros e refugiados de guerra, independentemente do lado que estivessem na guerra ou de que língua eles falassem.

Para levantar os fundos necessários para essa produção de emergência, fizeram uma campanha de arrecadação em diversos países da Europa, nos EUA e no Canadá. Foram produzidos na Inglaterra e EUA milhões de Escrituras com capas em cor cáqui, a mesma cor do uniforme dos combatentes de guerra aliados. As agências das Sociedades Bíblicas providenciaram, em cada país, a entrega das Escrituras aos combatentes, prisioneiros, refugiados e outras vítimas de guerra.

As Bíblias, Novos Testamentos e Evangelhos doados pelas Sociedades Bíblicas foram entregues com o auxílio da Cruz Vermelha, organização internacional destinada a dar assistência humanitária às vítimas de conflitos armados. A Associação Cristã de Moços (ACM) teve também participação importante na entrega das Escrituras. A assistência prestada pelos voluntários da ACM às vítimas na Primeira Guerra Mundial, além da entrega da Palavra de Deus, incluiu também arrecadação de fundos para compra e distribuição de alimentos à população necessitada e a promoção de atividades de recreação e lazer dirigidas aos prisioneiros.

Durante os primeiros dois anos, as Sociedades Bíblicas distribuíram às vítimas de guerra mais de 5 milhões de exemplares das Escrituras, em cerca de 50 idiomas

diferentes. Um capelão católico enviou a seguinte carta de agradecimento à Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE), em Londres:

> “Embora eu seja um padre católico, estou ansioso para promover a distribuição dos Novos Testamentos. Nesses tempos difíceis, é necessário que todos os cristãos, independente da confissão a que pertençam, estejam unidos para trabalharem juntos a favor da promoção do Reino de Deus.”

Outra carta, recebida pela SBBE de um combatente de guerra alemão, corrobora o agradecimento:

> “Esse exemplar das Escrituras que recebi foi para mim o alimento certo, na hora certa. Que Deus os recompense por isso.”

Em abril de 1918, um ano após os EUA entrarem na guerra, a Sociedade Bíblica Americana produziu 2.250.000 Novos Testamentos para o seu exército e a sua marinha de guerra. Ao receber esses exemplares das Escrituras, o General Pershing, comandante das forças americanas na França, enviou o seguinte telegrama à sede da SBA, em Nova York:

> “Estou feliz em saber que todos os meus combatentes receberam um exemplar do Novo Testamento. Seus ensinamentos nos darão forças para cumprir nossa grande missão.” [186]

Faltam Bíblias no Brasil durante a guerra

1914—1918

Durante a Primeira Guerra Mundial, ocorrida de 1914 a 1918, as agências das Sociedades Bíblicas no Brasil tiveram dificuldades para manter os estoques de livros, a fim de suprir seus colportores e correspondentes. A ajuda recebida das sedes dessas organizações no exterior, tanto em dinheiro como em livros, passou a ser muito menor do que a dos tempos de paz. Contando com menos recursos financeiros, a SBBE e a SBA tiveram de importar uma

quantidade menor de livros, insuficiente para atender à demanda. Por outro lado, tornou-se muito difícil, no período do conflito, encontrar navios disponíveis para transportar os livros para o Brasil.

Em 1917, o Rev. Hugh Clarence Tucker viajou a serviço para Nova York, e no dia em que tomou o navio de volta ao Brasil, os EUA haviam entrado em guerra. Ao chegar ao Brasil, encontrou um clamor dos evangélicos brasileiros por Escrituras. A demanda havia crescido e as Sociedades Bíblicas não tinham estoques suficientes para atender aos pedidos recebidos. Nos EUA e Inglaterra havia Escrituras prontas em português, mas a remessa para o Brasil tornou-se impraticável.

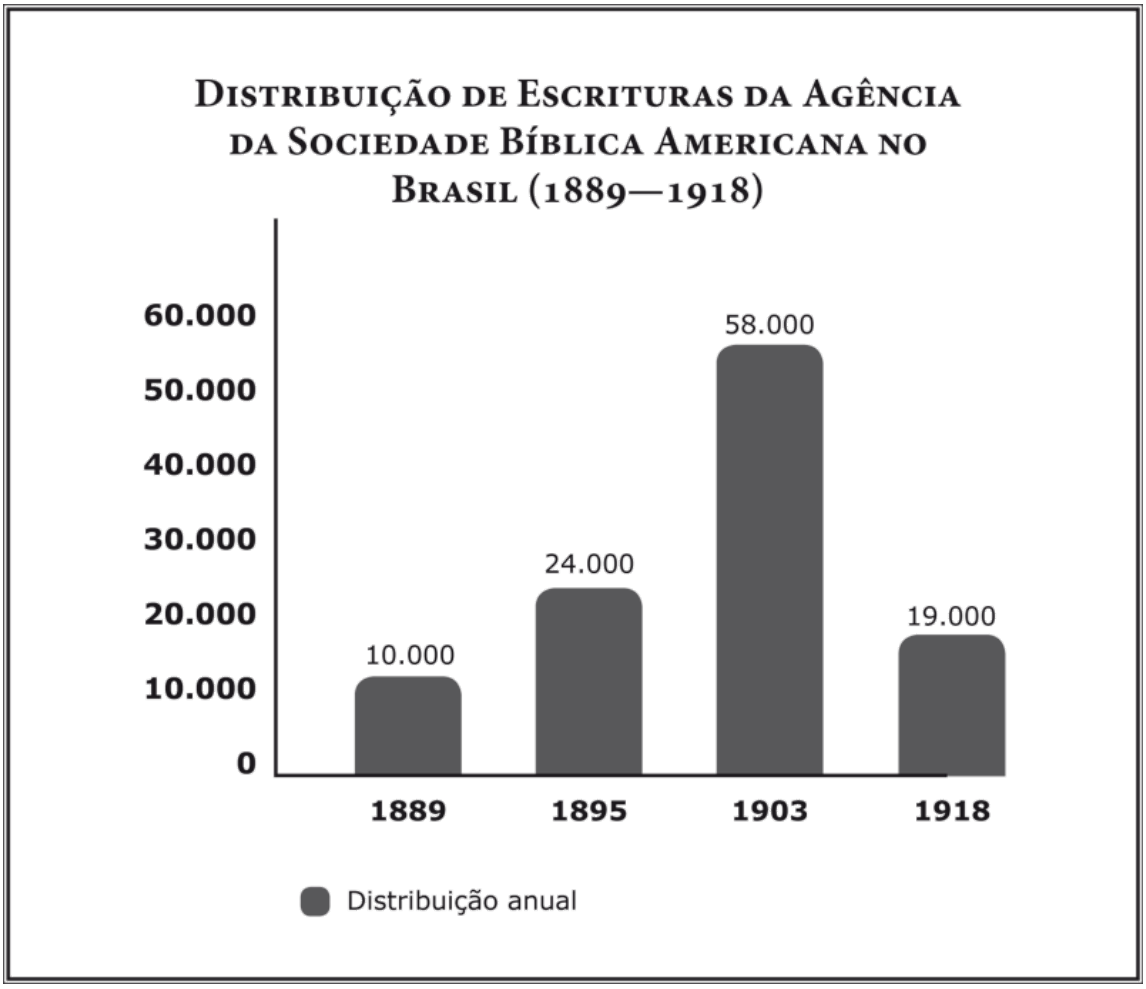
Logo depois de chegar ao Brasil, Tucker recebeu a seguinte carta do secretário-geral da SBA em Nova York:

> "Há vários meses, estamos tentando embarcar um carregamento de Escrituras para o Rio de Janeiro, mas os portos daqui estão paralisados e não estão aceitando nenhum transporte para o Brasil." [187]

Com uma quantidade menor de Escrituras para vender e com recursos escassos para contratar colportores, a SBA e a SBBE tiveram de reduzir suas operações no país. Em artigo publicado na revista *A Bíblia no Brasil*, em janeiro de 1951, Tucker fez a seguinte declaração sobre a distribuição de Escrituras realizada no Brasil por meio das agências das Sociedades Bíblicas durante a Primeira Guerra Mundial:

> "Em 1906, a agência da Sociedade Bíblica Americana (SBA) no Rio de Janeiro contava com 19 colportores e um bom número de correspondentes. Naquele ano, as agências da SBA e da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) distribuíram juntas no Brasil 110 mil exemplares de Bíblias, Novos Testamentos e Evangelhos, sendo 51 mil exemplares circulados pela SBA, e 59 mil, pela SBBE. Dez anos depois, durante a I Guerra Mundial, por falta de recursos, tivemos de reduzir de 19 para seis o número de colportores." [188]

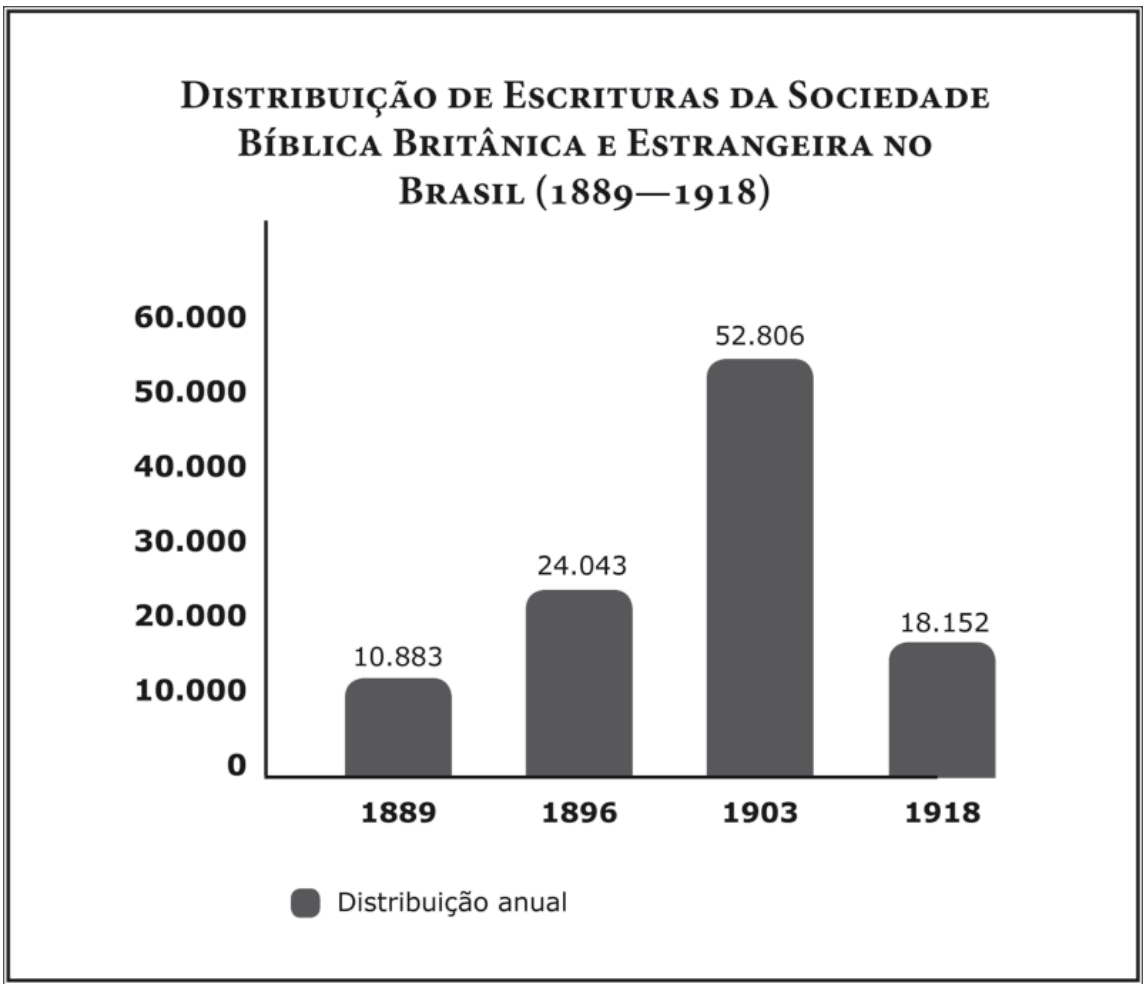
Durante os quatro anos de guerra, de 1914 a 1918, a escassez de livros em estoque e a redução do número de colportores ocasionaram uma queda sem precedentes na distribuição de Escrituras da SBA no Brasil. Em 1918, último ano da guerra, a distribuição de Escrituras realizada pela agência da SBA, que havia chegado a 58 mil exemplares em 1906, caiu para apenas 19 mil, número inferior ao registrado duas décadas antes, como se pode ver no gráfico abaixo:



Fato semelhante ocorreu com a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE). Em 1903, já sob a direção de um novo secretário, o Rev. Franklin Uttley, a distribuição da agência da SBBE chegou a 52.806

exemplares. Porém, a partir de 1914, devido aos problemas financeiros e de transporte causados pela guerra, a SBBE teve de reduzir também suas operações e dispensar a metade dos colportores.

Em 1918, último ano da guerra, a distribuição de Escrituras realizada pela agência da SBBE, dirigida pelo Rev. Alexander Telford, despencou para 18.152 exemplares, número inferior ao registrado vinte anos antes, como ilustra o gráfico abaixo: [189]



O centenário da Sociedade Bíblica Americana

1816—1916

No dia 8 de maio de 1916, durante a Primeira Guerra Mundial, a Sociedade Bíblica Americana (SBA) completou

cem anos de existência e, para comemorar a data, programou uma série de eventos. O primeiro deles foi um congresso realizado em Nova York, com a participação de representantes de todas as Sociedades Bíblicas e agências bíblicas em atividade nos países da América. O Rev. Hugh Clarence Tucker, secretário da SBA no Brasil, participou do congresso nos EUA, no qual foram nomeados 40 delegados de diferentes países para organizarem congressos regionais no Panamá, em Lima, no Peru, em Santiago do Chile, em Buenos Aires, na Argentina, e no Rio de Janeiro.

O primeiro encontro, no Panamá, foi realizado em janeiro de 1916 e contou com a participação de cinco representantes do Brasil. Esse grupo de brasileiros teve a oportunidade de participar da cerimônia de lançamento da pedra fundamental da primeira Casa da Bíblia, na zona do canal, que havia sido inaugurado dois anos antes. A série de congressos comemorativos foi concluída na cidade do Rio de Janeiro. [190]

Esses encontros, realizados pela primeira vez na América Latina, foram considerados pelos participantes como oportunos e proveitosos, já que criaram uma oportunidade para que os representantes da SBA em diferentes países pudessem se conhecer melhor, trocando ideias e experiências sobre as melhores maneiras de superar seus problemas e promover a difusão das Escrituras na região.

Tucker participou intensamente das comemorações do centenário da SBA, dando palestras e presidindo congressos, não apenas na América Latina, mas também em muitas cidades dos EUA, conforme conta ele em sua autobiografia:

> “Minha participação nas comemorações do centenário da Sociedade Bíblica Americana estendeu-se de 11 de janeiro de 1916 a 6 de janeiro de 1917. Durante esse período de um ano, viajei cerca de 45 mil milhas nos EUA, dormi 42 noites em trens, dei mais de 100 palestras e presidi mais de 50 congressos.” [191]

A comemoração do centenário da SBA foi encerrada no dia 8 de maio de 1916, com uma cerimônia realizada no Memorial Continental Hall, [192] em Washington, capital dos EUA. Tucker foi convidado pela Sociedade Bíblica Americana para participar da cerimônia, e o principal orador da noite foi o presidente dos EUA, Woodrow Wilson, [193] que apresentou uma eloquente mensagem sobre o papel e a influência da Bíblia na sociedade.

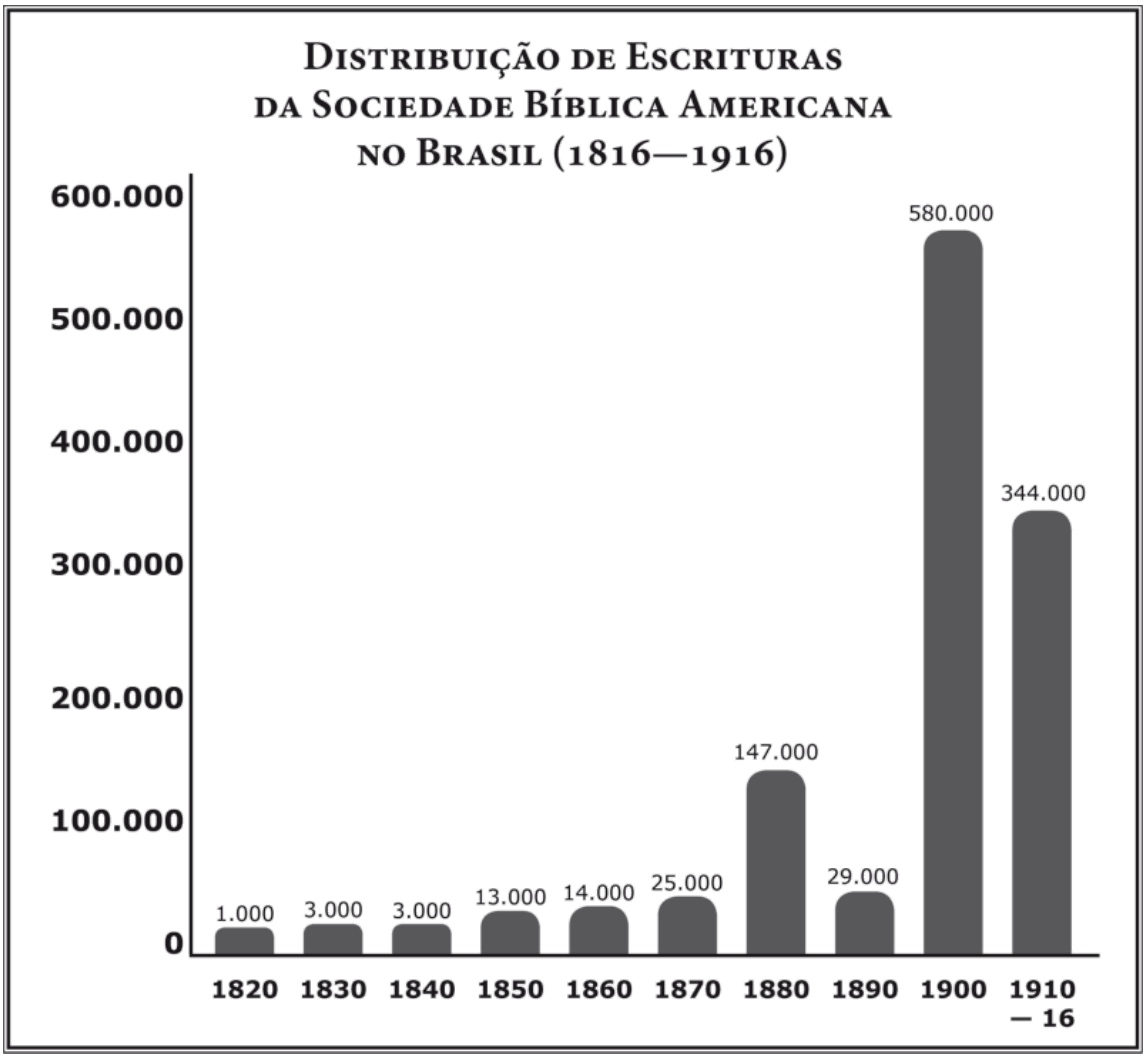
Ao longo de seus primeiros cem anos de existência, a Sociedade Bíblica Americana produziu 14 milhões de Bíblias e 94 milhões de Novos Testamentos e Porções bíblicas — um total de 117 milhões de Escrituras. Em 1916, a distribuição anual da SBA foi de 383.824 Bíblias, 7.377.553 Novos Testamentos e Porções bíblicas — um total de 7.761.377 Escrituras. [194]

A Sociedade Bíblica Americana (SBA) começou a enviar Escrituras para o Brasil a partir de 1822. Nos primeiros anos, usou as Escrituras publicadas pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e, a partir de 1839, iniciou a publicação de Bíblias e Novos Testamentos em português.

Na década de 1820, a SBA enviou para o Brasil cerca de 2.500 Bíblias e Testamentos. Na década de 1830, manteve a distribuição de 2.500 exemplares e, na década de 1840, aumentou para três mil Escrituras. Na década de 1850, a distribuição saltou para 13 mil, com a chegada dos seus primeiros representantes. Na década de 1860, a circulação de Escrituras cresceu para 14 mil, alcançando 25 mil na década seguinte.

Em 1876, a SBA inaugurou sua primeira agência no Brasil e, com isso, sua circulação de Escrituras subiu para 147 mil na década de 1880. Finalmente, com a chegada do seu secretário Rev. Hugh Clarence Tucker, a distribuição da SBA saltou para 290 mil Escrituras na década de 1890. Durante o Brasil Império, de 1822 a 1889, a SBA distribuiu 206 mil exemplares e, durante todo o século 19, foram circuladas 496 mil Escrituras. Nos primeiros 16 anos do

século 20, a organização distribuiu no Brasil 924 mil exemplares, totalizando, em 1916, 1.420.000 Escrituras, como ilustra o gráfico abaixo: [195]



Tucker e o colportor Penzotti

1816

Em 1816, quando esteve na cidade de Lima, no Peru, para participar das comemorações do primeiro centenário da Sociedade Bíblica Americana (SBA), o Rev. Hugh Clarence Tucker teve o privilégio de conhecer o famoso colportor da SBA, Francisco G. Penzotti, [196] que na época já estava encerrando sua longa e brilhante carreira.

Durante 43 anos, de 1877 a 1920, Penzotti viajou por todos os países de língua espanhola da América do Sul, distribuindo a Bíblia de casa em casa e inspirando muitas pessoas a se dedicarem ao trabalho de colportagem. Em 1890, Penzotti havia sido preso na cidade de Callao, no Peru, por vender Bíblias e pregar o Evangelho em sua própria casa. Ele permaneceu na prisão durante oito meses. Foi uma perseguição promovida pelo próprio governo peruano, a qual acabou chamando a atenção do mundo inteiro para o problema da falta de liberdade religiosa na América Latina.

Penzotti levou Tucker para visitar a prisão em que havia estado e lhe contou as experiências vividas por ele como prisioneiro. Durante a visita, Tucker não notou nele nenhum sinal de amargura ou de desejo de vingança, mas somente o orgulho de ter sido digno de sofrer pela causa do Mestre. Depois de preso, as autoridades peruanas propositadamente não o alimentaram e Penzotti teria morrido de fome se sua esposa não o tivesse visitado na prisão e levado alguma coisa para ele comer. Durante muito tempo, ela levou comida para ele na prisão, mas como Penzotti permaneceu preso ao longo de muitos meses, chegou o dia em que o dinheiro da família acabou. Sem recursos para comprar alimentos, a mulher de Penzotti mandou seu filho Paul avisar ao pai que naquele dia não havia conseguido comida para ele. Penzotti, confiante na providência divina, respondeu:

— Deus proverá.

E aconteceu que, naquele mesmo dia, sua esposa recebeu uma contribuição enviada pelo correio. Era uma oferta de uma pessoa anônima que vivia em Nova York. Com aquele dinheiro, ela imediatamente comprou comida e levou para seu marido na prisão. [197]

Em homenagem a Penzotti, a Sociedade Bíblica Americana fundou, em 1956, na cidade do México, o

Instituto Francisco G. Penzotti, destinado a preparar promotores de colportagem para trabalhar nas Sociedades Bíblicas da América Latina. O Instituto Penzotti oferecia um curso de pós-graduação para pastores, com duração de um ano. A missão dos promotores de colportagem era preparar colportores profissionais e promover a distribuição da Bíblia através de voluntários. A Sociedade Bíblica do Brasil enviou três pastores para estudarem no Instituto Francisco Penzotti, no México: o autor deste livro, em 1957, e Enos Ribeiro de Barros e Nilton Fernandes de Oliveira, em 1958.

Capítulo 12

GLASS, O GRANDE COLPORTOR DO CENTRO-OESTE

1892—1942



Um começo difícil

1892—1897

Frederick Charles Glass nasceu na Inglaterra em 1871. Em 1892, portanto com apenas 21 anos e já formado em engenharia, ele embarcou para o Brasil, contratado por uma companhia brasileira de estradas de ferro. Mas nem tudo correu como Glass esperava. Logo em seu primeiro ano no Brasil, ele foi preso sob a falsa acusação de participar de uma revolta. Decepcionado, chegou a prometer a si mesmo que voltaria no primeiro vapor para a Inglaterra. O engano, porém, foi logo esclarecido. Solto da prisão no dia seguinte, Glass desistiu de voltar ao seu país. Mas esta desagradável experiência marcou profundamente sua vida e despertou nele uma profunda simpatia pelos presos.

Pouco tempo depois desse episódio marcante, Glass foi trabalhar como engenheiro na Companhia de Mineração de São João del-Rei, em Morro Velho, Minas Gerais. Lá, conheceu o canadense Reginald Young, consagrado homem de Deus, que o impressionou fortemente pelo seu espírito cristão e sua vida exemplar. Através de sua influência, Glass começou a ler a Bíblia e se converteu a Cristo. Em 1897, trabalhando como engenheiro na companhia de mineração em Morro Velho, ele foi envenenado acidentalmente com arsênico e chegou a ser desenganado

pelos médicos. Curado de maneira milagrosa, decidiu dedicar-se exclusivamente ao trabalho de Deus.

O canadense Reginald Young, por sua vez, mudou-se para a cidade de São Paulo e lá continuou seu trabalho de evangelização. Em 1901, fundou em São Paulo a Igreja Cristã Paulistana, a primeira igreja local da Igreja Cristã Evangélica do Brasil (ICEB), denominação que poucos anos depois se expandiria para os Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná e Goiás.

Frederick Glass transformou-se num corajoso e consagrado colportor da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) e, em 1897, deu início a jornadas com a Bíblia pelo Brasil que iriam se tornar famosas. Glass viajou durante mais de 40 anos pelo interior do país distribuindo a Bíblia e visitando quase todos os Estados brasileiros, além de alguns países da América do Sul. Em 1906, mudou-se para o Estado de Goiás, onde concentrou suas atividades, tornando-se um dos grandes desbravadores do Centro-Oeste brasileiro. Durante longas e emocionantes jornadas oferecendo a Bíblia de casa em casa, ele viveu experiências comoventes, algumas das quais ilustram este capítulo. [198]

A primeira viagem como colportor

1897

Em 1897, Glass fez sua primeira viagem como colportor, promovendo a distribuição das Escrituras nas cidades, povoados e fazendas do interior dos Estados do Espírito Santo e Minas Gerais. Essa primeira experiência foi uma boa amostra do que ele teria de enfrentar ao longo de sua extensa carreira de colportor.

Ele e seu colega Frank saíram da cidade de Vitória, no Estado do Espírito Santo, montados em lombo de mulas, levando um grande carregamento de Bíblias, Novos Testamentos e Evangelhos, e rumaram para a cidade de

Ouro Preto, a então capital do Estado de Minas Gerais. [199] Era uma longa jornada, de cerca de 600 quilômetros, e como eles costumavam parar em todos os povoados para vender seus livros, calcularam que chegariam a seu destino depois de um mês. Para fazer frente às despesas de hospedagem e alimentação durante a viagem, dispunham de 10 mil réis e do estoque de Escrituras que iriam vender pelo caminho.

Quando passavam por alguma cidade, alojavam-se em pequenos hotéis e conseguiam dormir com relativo conforto. Mas, na maioria das vezes, dormiam ao relento. Um dia, os animais se assustaram com o cheiro de algum animal e saíram correndo pelo mato, deixando os livros espalhados pelo chão. Com muito custo, Glass e Frank conseguiram trazer de volta os animais e recuperar a preciosa carga. No terceiro dia de viagem chegaram à cidade de Santa Leopoldina, ainda no Estado do Espírito Santo, [200] onde conseguiram dormir e se alimentar melhor.

Porém, enquanto vendiam Escrituras naquela cidade, aconteceu um imprevisto que quase arruinou a viagem. Um fiscal desonesto fez uma denúncia contra eles, dizendo que não tinham licença para vender livros, e lhes aplicou uma multa de 12 mil réis. A multa era injusta, mas eles tiveram que pagá-la para poder continuar a viagem. Meses depois, a justiça reconheceu que a multa havia sido cobrada indevidamente e restituiu a importância paga. Mas, como tiveram de desembolsar aquele dinheiro e pagar o hotel, Glass e seu companheiro de viagem ficaram com apenas 500 réis para dormir e se sustentar durante os 560 quilômetros que faltavam para chegar a Ouro Preto.

Com o pouco dinheiro que sobrou, compraram alguns quilos de feijão, arroz, sal e carne seca e seguiram viagem. E, no restante do caminho, não puderam mais se hospedar em hotéis nem comer em restaurantes. No dia seguinte àquele evento, quando chegou a hora do almoço, Frank foi

procurar lenha e acender o fogo, enquanto Glass lavava o arroz e cortava a carne seca. Fizeram o almoço e, como estavam com muita fome, acharam que ele estava mais saboroso do que a comida dos hotéis onde haviam se hospedado.

O mantimento que tinham comprado acabou logo, mas Glass e Frank conseguiram vender algumas Escrituras para viajantes com quem cruzaram e, com o dinheiro das vendas, puderam comprar mais mantimento.

Chegando a uma fazenda, à beira da estrada, o dono disse a eles que podiam soltar os animais em um pasto fechado ao preço de um tostão e permitiu que dormissem num galinheiro sujo. Deitaram ali, sem colchão nem cobertor, e só conseguiram dormir porque estavam exaustos. Ao longo de várias semanas, não tiveram uma cama para dormir e sempre que encontravam um rio ou riacho, aproveitavam para tomar banho e lavar roupas.

A primeira jornada do colportor Frederick Glass foi longa, difícil e sofrida, mas ele e seu colega Frank chegaram felizes ao seu destino e agradecidos a Deus pelo que havia acontecido. Isso porque quando entraram montando suas mulas na capital Ouro Preto estavam vivos e com saúde, tinham vendido pelo caminho todas as Escrituras que haviam levado e dispunham de uma quantia em dinheiro maior do que um mês antes, quando haviam saído da cidade de Vitória. [201]

O prisioneiro feliz

1902

Em 1902, Glass visitou a casa de detenção de Vila Boa de Goiás, antiga capital daquele Estado, e lá vendeu um exemplar da Bíblia a um preso chamado Pedro Feliz Alves. Pedro era analfabeto e havia sido condenado a 30 anos de prisão, devido a uma acusação de roubo e assassinato. Na prisão desde 1887, ele insistia em dizer que era inocente,

porém não tinha como provar sua inocência, pois o verdadeiro criminoso já havia morrido. Anos depois, Glass voltou à capital de Goiás e visitou novamente aquela casa de detenção. E, para sua surpresa, ficou sabendo que Pedro havia aprendido a ler e estava pregando o Evangelho a seus companheiros na prisão.

Glass narrou assim o seu reencontro com Pedro Feliz na prisão:

> "Certo dia, um dos soldados de Vila Boa de Goiás me trouxe uma notícia surpreendente. Entre as pessoas presas na cadeia daquela cidade havia um homem que possuía uma Bíblia, adquirida há muitos anos. E ele parecia estar convertido.
>
> Lembrei-me, então, que em uma das visitas que eu tinha feito àquela cidade, tempos atrás, havia distribuído evangelhos na prisão e vendido uma Bíblia a um dos prisioneiros. Mas era difícil acreditar que aquele homem, que se chamava Pedro Feliz, estava agora sinceramente convertido ao Evangelho. Por isso, no dia seguinte, fui à prisão para confirmar aquela informação... Quando me aproximei das grades do cárcere escuro onde ele estava, alguns raios de luz iluminaram o seu rosto e eu pude ver o seu semblante risonho e feliz. Com alegria, ele me estendeu a mão e eu imediatamente senti que aquele era um aperto de mão sincero, de confraternização e de união em Cristo.
>
> Ele, então, me contou a sua história. Quando era ainda jovem, um bandido o havia convencido a participar de um assalto na cidade. Enquanto ele roubava a casa, o bandido matou uma senhora idosa que morava ali. Os dois foram imediatamente presos e passaram a aguardar o julgamento na prisão. Mas, antes de serem julgados, o bandido que havia matado aquela senhora morreu. E Pedro Feliz, que tinha roubado, mas não havia matado, foi condenado a 30 anos de prisão como cúmplice de assassinato.
>
> Pedro Feliz já havia cumprido a metade da pena quando recebeu minha visita na prisão e me comprou a Bíblia. Em pouco tempo ele aprendeu a ler e iniciou a leitura do seu livro. Leu toda a Bíblia muitas vezes, até que um dia, Deus falou a seu coração e sua vida foi transformada. Muitos de seus companheiros de prisão eram cruéis assassinos, mas durante todos aqueles anos, ele havia dado seu testemunho cristão e permanecido firme na sua fé em Cristo. Foi este o maior milagre que eu já vi na vida!"

Poucos anos depois da visita de Glass, Pedro foi perdoado pelo governador da província, saiu da prisão e foi eleito diácono da Igreja Congregacional de sua cidade. [202]

Cristianópolis

1904

Em 1904, o colportor Frederick Glass estava dirigindo um culto em um pequeno povoado no Estado de Goiás, numa casa humilde, com chão de terra e paredes de barro. A assistência era pequena, de cerca de 25 pessoas. Todas elas estavam descalças e cantaram hinos em louvor a Deus. Glass puxou a lamparina de óleo para mais perto dele e fez a leitura do Novo Testamento. Depois, comentou a passagem bíblica e terminou a reunião com uma oração.

Durante o culto, Glass percebeu que havia uma pessoa desconhecida na sala, que estava ouvindo tudo com muita atenção. Quando os crentes se retiraram da sala, aquele homem continuou sentado. Depois se levantou, foi falar com Glass e disse que havia gostado muito da reunião. Aquele homem lhe contou que anos atrás havia comprado um exemplar da Bíblia de um colportor. Depois de estudá-la durante vários meses e apreciando muito tudo o que havia lido, alguém lhe disse que ela era falsa. E isso o havia entristecido profundamente.

Um dia, aquele homem soube que um parente seu, que morava em uma cidade vizinha, tinha uma Bíblia aprovada pela Igreja Católica. Assim que pôde, montou em seu cavalo e foi visitar aquele parente, com a ideia de comparar a sua Bíblia com a dele. Depois de comparar minuciosamente os dois livros, verificou com alegria que ambos eram praticamente iguais. A Bíblia católica tinha alguns livros a mais no Antigo Testamento, mas o Novo Testamento era igual. Havia pequenas diferenças na linguagem, mas a mensagem era a mesma. Aquela descoberta foi um alívio para ele, que, daquele dia em diante, passou a ver os protestantes com outros olhos.

Naquele dia em que Glass estava pregando, o homem havia resolvido visitar um culto protestante para ver se eles realmente ensinavam a Bíblia, livro que ele tanto apreciava.

E, após aquela reunião, havia se convencido de que os protestantes eram mesmo cristãos. Muito contente, pediu a Frederick Glass que visitasse, 15 dias depois, o povoado onde ele morava. Ele era a única pessoa que sabia ler no povoado e queria que todos soubessem a verdade sobre a Bíblia protestante.

Quando chegou o dia marcado para a visita, Glass não pôde ir, mas enviou dois representantes bem-preparados. Estes demoraram muito tempo para voltar e, quando voltaram, estavam radiantes. Disseram que todo o povoado estava interessado em receber o Evangelho. E que muitas pessoas haviam se convertido a Cristo e desejavam ser batizadas. Contaram que aquele senhor que havia comparado as Bíblias e assistido ao culto havia reunido todos os fazendeiros da região e contado tudo o que havia acontecido. E que, durante muitas noites, ele havia lido as Escrituras em voz alta, para que os fazendeiros entendessem o Evangelho. Disseram ainda que, quando eles chegaram ao povoado, foram recebidos como apóstolos e ouvidos todos os dias por um grande número de pessoas, até uma hora da madrugada.

Pouco tempo depois, Frederick Glass foi visitar aquele povoado, encontrou os moradores interessados no Evangelho e batizou 11 pessoas. A notícia de que aquele povoado havia se convertido à religião protestante correu rapidamente pela região. Os católicos, então, moveram uma forte perseguição contra os moradores do povoado, e muitos foram ameaçados de morte.

Percebendo as dificuldades enfrentadas ali pelos novos crentes, um fazendeiro recém-convertido, chamado José Pereira Faustino, decidiu doar quatro alqueires de terra, próximos a um córrego chamado Gameleirinha, no município de Santa Cruz, para lá construírem uma vila de refúgio. A escritura de doação do terreno foi feita em nome de Frederick Glass e foram obedecidas todas as formalidades legais. No prazo de aproximadamente dois

anos, uma nova vila foi planejada e construída ali. Em 1906, ela passou a ser chamada Gameleira, e as ruas receberam os seguintes nomes: Rua da Fé, Rua da Esperança, Travessa da Alegria e Praça da Concórdia, onde foi edificada a Igreja Cristã Evangélica. Com o rápido crescimento do povoado, foram construídos na vila uma escola, um moinho de farinha e uma cooperativa.

Em 1927, por iniciativa do então Senador Adolfo Teixeira, o nome Gameleira foi substituído por Cristianópolis, ou Cidade de Cristo, e elevada à categoria de distrito. Em 23 de junho de 1953, através da Lei Estadual nº 739, a vila foi promovida a município e emancipada politicamente. Cristianópolis está situada a 86 quilômetros de Goiânia, a capital de Goiás, faz divisa com os municípios de Santa Cruz e Pires do Rio. De acordo com o Censo de 2010, contava, naquele ano, com 2.933 habitantes. [203]

A cobra gigante

1915

No dia 22 de fevereiro de 1915, o colportor Frederick Glass e o seu colega de trabalho Joaquim Portilho iniciaram mais uma longa jornada de colportagem pelo interior do Estado de Goiás. Montados em animais, saíram de Goiânia, passaram pela cidade de Anicuns e seguiram em direção a São Sebastião do Alemão, [204] situada a 72 km da capital Goiânia.

Certo dia, Glass e Portilho pararam em uma fazenda para se informara respeito do caminho que deviam seguir a fim de chegar a seu destino. O dono da fazenda lhes deu todas as informações solicitadas, mas não os convidou para passar a noite ali, alegando que não tinha milho para os animais e que suas acomodações eram muito pobres para hospedá-los.

Antes de seguirem viagem, Glass disse ao fazendeiro que estavam divulgando a Bíblia e lhe falou brevemente a respeito do Evangelho. Como o homem o ouviu com muita atenção e interesse, ele se animou a cantar um hino evangélico. Isso mudou totalmente a disposição e a atitude do fazendeiro, que os convidou para jantar e depois reuniu a família e cerca de 20 empregados para ouvirem falar a respeito da Bíblia. Aquela foi uma reunião alegre e agradável, e os colportores se sentiram como se estivessem em suas próprias casas. Aceitaram o convite para dormir na fazenda e, na manhã do dia seguinte, ao se despedirem, o dono da fazenda não aceitou nenhuma remuneração pelo jantar e pela hospedagem.

Saindo daquela fazenda, eles cavalgaram por um caminho muito bonito, rodeado de rochedos de mais de 30 metros de altura. De repente, os animais pararam, assustados, e os colportores avistaram, a menos de 10 metros à sua frente e atravessando a trilha, uma gigantesca cobra. O imenso animal tinha mais de dois metros de comprimento e 30 centímetros de grossura. Como o caminho era muito estreito, ao olharem para a cobra, os dois colportores não puderam identificar a cabeça nem o final da cauda, pois estavam encobertos pelo mato que margeava a estrada.

O colportor Joaquim, que morava naquela região e sabia muito bem o que fazer em ocasiões como essa, imediatamente quebrou um galho grosso e forte de árvore e, antes que a cobra desaparecesse no mato, deu-lhe uma pancada certeira na cabeça. Ela morreu com a pancada e Joaquim, em poucos minutos, arrancou-lhe a pele e guardou-a como troféu.

Depois desse curioso incidente, eles chegaram a um lugarejo chamado Fumaça, que já havia sido visitado dois anos antes pelo missionário escocês Archibald Macintyre. [205] Já existia ali uma pequena comunidade evangélica e seu líder, chamado Vicente, hospedou-os em sua casa.

Naquele dia, Glass e Joaquim visitaram as 48 casas do lugar, distribuindo folhetos e convidando os moradores para uma reunião ao ar livre, à noite. Compareceram a essa reunião mais de cem pessoas, ou quase todos os habitantes do povoado. E, no dia seguinte, Glass e Joaquim prosseguiram sua jornada com a Bíblia, rumo ao destino final, que era a cidade de São Sebastião do Alemão. [206]

Colportagem bíblica em São Borja

1920

Em setembro de 1920, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira pediu para o colportor Frederick Glass visitar a cidade de São Borja, no Oeste do Estado do Rio Grande do Sul. São Borja foi fundada em 1682 por padres jesuítas e está situada na fronteira com a Argentina, no antigo território das Missões. Glass e seu companheiro Eurico foram muito bem-recebidos pela população local e, durante dois meses de trabalho, venderam 156 Bíblias, 417 Novos Testamentos e 978 Evangelhos. Além de São Borja, eles visitaram outras pequenas cidades na fronteira com a Argentina. Em uma delas, um senhor lhes contou sua impressionante experiência com a Bíblia, narrada assim por Glass:

> "Em certa cidade encontrei um homem de 70 anos ou mais que tinha ouvido falar pela primeira vez da Bíblia ao escutar a leitura feita por sua irmã, quando ele ainda era criança. Órfão, pobre e desprezado, havia ficado muito impressionado com a atenção dada por Jesus às crianças. Quando menino, ele pensava: 'Jesus gosta muito das crianças e ninguém gosta de mim.' Quando disseram que a Bíblia de sua irmã era falsa e a queimaram, ficou muito triste e disse que quando crescesse compraria uma Bíblia para ele. Quando se tornou um adolescente, roubou uma Bíblia de um colportor, mas foi descoberto e teve de devolvê-la.
>
> Muitos anos se passaram até que ele tivesse um novo contato com a Bíblia. Já adulto, resolveu ganhar a vida vendendo livros. E ao encontrar um vendedor ambulante, comprou apressadamente quase todo o estoque que ele trazia. Chegando à sua casa, foi examinar os livros que havia comprado e descobriu, com surpresa, que eram Bíblias e Novos Testamentos. Aquele vendedor era um colportor.

Começou, então, a estudar seriamente a Bíblia e gostou tanto que resolveu divulgá-la aos seus vizinhos. Em pouco tempo reuniu um grupo de pessoas para ouvir a leitura da Bíblia em sua casa. Um dia, ouviu dizer que havia um pregador do Evangelho em uma cidade que ficava a cerca de 200 quilômetros dali. Então o convidou para visitar a sua cidade, responsabilizando-se pelas despesas de viagem.

Em pouco tempo, seu grupo de leitores da Bíblia organizou uma congregação evangélica e construiu um pequeno templo. Mais tarde a congregação se transformou em uma igreja evangélica e ele foi eleito presbítero.” [207]

A carta de agradecimento

1921

Em 1921, ano em que o veterano colportor Frederick Glass completou 50 anos de idade e 25 anos de carreira, ele recebeu de uma pessoa a quem havia enviado um exemplar da Bíblia esta bela carta, que é uma verdadeira prova de que seus esforços para divulgar a Palavra de Deus no Brasil não haviam sido em vão:

“Iguape (SP), 16 de dezembro de 1921.

Estimado Senhor:

Tenho grande prazer em dizer-lhe que, juntamente com a sua prezada carta de 16 de novembro, tive imensa satisfação de receber o mais precioso tesouro que podia ser oferecido por mãos humanas — a Santa Bíblia — que o amigo tão generosamente me enviou.

Hoje, apesar do pouco que tenho estudado, estou convencido da verdade do que se encontra em suas páginas. E, sem fazer alusão às belezas que nelas podem ser observadas, e às palavras de sabedoria que constantemente ali se encontram, é suficiente dizer que, por seu intermédio, aprendi a amar e servir a Deus.

Sinto-me agora outro homem, mais calmo, muito mais controlado, mais resignado e muito mais feliz. E, por tudo isso, eu dou milhares de graças a Deus e a nosso Senhor Jesus Cristo.

Subscrevo-me, com muita estima. Seu humilde servo,

J. A.” [208]

Carreira longa e abençoada

1897—1942

Além de trabalhar durante muitos anos para a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, Frederick Glass foi também

colportor da *Missão Help for Brazil*, criada em 1893 pela missionária Sarah Poulton Kalley, com a finalidade de enviar obreiros para o Brasil.

Durante quase meio século, Glass promoveu com entusiasmo a distribuição da Bíblia nos Estados do Amazonas, Pará, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, tornando-se um colportor conhecido, respeitado e querido em todo o país.

Como membro ativo da Igreja Cristã Evangélica do Brasil, auxiliou os obreiros de sua Igreja, Ricardo José do Vale e Joaquim Portilho, a organizarem, em 1902, a igreja de Catalão e, em 1904, a igreja de Santa Cruz, ambas no Estado de Goiás. Em 1906, Glass foi morar com a família em Vila Boa, então capital de Goiás, e lá fundou também uma igreja da sua denominação.

Em 1926, Frederick Charles Glass publicou na Inglaterra a primeira edição do seu livro *Adventures with the Bible in Brazil*, que narra suas experiências como colportor em terras brasileiras, e foi muito apreciado pelo público evangélico daquele país, sendo reeditado por várias vezes. Após a sua morte, aos 83 anos, ocorrida no Brasil, em 1954, seu filho David Glass, então diretor da Livraria Evangélica do Rio de Janeiro, publicou a versão em português desse livro, com o título *Aventuras com a Bíblia no Brasil*.[209]

Capítulo 13

A BÍBLIA DURANTE A CRISE DE 1929

1920—1929



O Brasil nos anos 20

1920—1929

Na década de 1920, os EUA já eram a grande potência mundial. Porém, em 1929, essa hegemonia sofreu um forte golpe com a quebra da Bolsa de Nova York. A Europa, por sua vez, sofria ainda as consequências da Primeira Guerra Mundial, ocorrida no período de 1914 a 1918. O Tratado de Versalhes havia imposto severas sansões econômicas aos países derrotados, a Alemanha e seus aliados, e provocado um sentimento de humilhação aos cidadãos desses países. Após a crise de 1929, esse sentimento alimentou a ascensão do nazismo de Hitler e do fascismo de Mussolini.

No Brasil, a década de 1920 foi politicamente tumultuada. O ano de 1922 começou com o Levante do Forte de Copacabana, revolta dos tenentes que visava impedir a posse do presidente Artur Bernardes, e terminou com a fundação do Partido Comunista Brasileiro. Em 1924, ocorreu uma nova revolta dos tenentes, que levou Artur Bernardes a bombardear a cidade de São Paulo. Além disso, durante todo o seu governo, Bernardes teve que fazer frente à *Coluna Prestes*, movimento tenentista que percorreu o país inteiro, pregando mudanças políticas e sociais.

Em 15 de novembro de 1926, Washington Luís assumiu a Presidência da República, substituindo Artur Bernardes. Sua eleição foi recebida com grandes esperanças, após um período de agitações políticas. Isento de prevenções e rancores, ele libertou todos os presos políticos e muitos cidadãos que haviam sido presos injustamente pelo governo anterior, acabou com o estado de sítio e fechou os presídios políticos da Ilha da Trindade e da Clevelândia, no Amapá.

A Coluna Prestes, esgotada e sem o apoio da população, se retirou, em 1926, para a Bolívia. Durante o governo de Washington Luís, o país viveu em relativa tranquilidade interna, até surgirem os rumores de uma revolução, em 1930.

A década de 1920 trouxe importantes novidades nas áreas da cultura e da tecnologia. De 11 a 18 de fevereiro de 1922 foi realizada no Teatro Municipal de São Paulo a Semana de Arte Moderna, que teve como proposta principal a renovação do contexto artístico e cultural urbano, tanto na área da literatura, como nas artes plásticas, arquitetura e música. No dia 7 de setembro de 1922 foi transmitido o primeiro programa radiofônico no país, pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro. A transmissão foi realizada diretamente da Exposição Internacional, comemorativa do primeiro centenário da Independência, inaugurada pelo presidente Epitácio Pessoa.

Na área econômica, os anos 20 marcaram a alta do preço do café e o início da industrialização no Brasil. Após a Primeira Guerra Mundial, os preços do café subiram como nunca no mercado mundial. E, como o Brasil sustentava 60% da produção mundial, o país viveu até o final da década um período de grande prosperidade. Por outro lado, até então não existia uma política industrial no Brasil. A Primeira Guerra Mundial, no entanto, tornou evidentes os limites e as inconveniências de um país destituído de um parque industrial compatível às necessidades do país. Durante a guerra, faltaram muitos produtos de primeira

necessidade, porque não puderam ser importados. Por isso, o governo começou a conceder incentivos para o desenvolvimento industrial, com o objetivo de promover a sua diversificação. Essa atitude do governo foi mantida ao longo de toda a década de 1920.

Faltando pouco mais de dois meses para o fim da década de 1920, porém, a quebra da Bolsa de Nova York, em 24 de outubro de 1929, marcou o fim da época de prosperidade que caracterizou aquele período histórico. [210]

Alexander Telford

1917—1936

O Rev. Alexander Telford nasceu em Leith, na Escócia, no dia 6 de julho de 1875. Foi ordenado pastor na cidade de Edimburgo, em 5 de junho de 1899. Naquele mesmo ano, com apenas 24 anos de idade, partiu para o Brasil como missionário da *Missão Socorro para o Brasil*, para trabalhar no campo congregacional da cidade do Recife, em Pernambuco.

Antes de iniciar seu trabalho missionário no Recife, Telford morou durante três anos na cidade de Passa Três, no Rio de Janeiro, para estudar a língua portuguesa. Aprendeu tão bem o idioma que passou a falar o português quase sem sotaque e de maneira gramaticalmente correta. Tanto que, anos depois, mesmo sendo estrangeiro, foi nomeado redator do Jornal *O Cristão*, órgão oficial da Igreja Congregacional do Brasil.

Em 1902, mudou-se para a cidade do Recife, onde iniciou o pastorado na Igreja Evangélica Pernambucana. [211] Telford permaneceu naquela cidade até 1911, quando foi transferido para o Rio de Janeiro, a fim de pastorear a Igreja Evangélica Fluminense. Pregador eloquente, o Rev. Telford tornou-se conhecido e apreciado em todo o país, sendo frequentemente convidado para pregar em igrejas de outras denominações. No período em que permaneceu na

Igreja Evangélica Fluminense, fundou o Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro.

No início de 1917, aceitou o convite da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) para ser seu secretário no Brasil e deixou o pastorado de sua igreja, passando a dedicar-se somente ao trabalho de divulgação da Bíblia. Reorganizou o serviço de colportagem, visitou vários Estados e dinamizou a distribuição das Escrituras em todo o país. Em 1922, começou a publicar a revista *A Bíblia pelo Mundo*, que circulou no Rio de Janeiro durante mais de dez anos, sustentada por ofertas de colaboradores.

Como secretário da SBBE, Telford promoveu vários projetos de cooperação com a agência da Sociedade Bíblica Americana (SBA), entre os quais a publicação conjunta de Escrituras, que reduziu o custo dos livros para as duas sociedades. Outra importante iniciativa de Telford foi a criação da primeira agência da SBBE na cidade de Manaus, no Amazonas, que durante muitos anos realizou um trabalho pioneiro de divulgação da Bíblia naquela região.

Durante a crise de 1929, a distribuição de Escrituras da SBBE no Brasil sofreu uma forte queda, mas recuperou-se antes da aposentadoria de Telford, em 1936. Graças a seu empenho, eficiência e criatividade, ele conseguiu multiplicar a distribuição de Escrituras durante o período em que esteve à frente da agência da SBBE. Quando iniciou seu trabalho, em 1917, a distribuição anual da agência era de 18.512 Escrituras. Quando Telford se aposentou, em 1936, a circulação havia aumentado para 197.184 exemplares.

Telford se aposentou após 19 anos de valiosos serviços prestados à SBBE e de 37 anos como missionário no Brasil, e foi substituído na direção da agência da SBBE pelo missionário canadense Rev. James Innes. [212]

Em artigo publicado na revista *A Bíblia no Brasil*, por ocasião do falecimento do Rev. Alexander Telford, no dia 5

de agosto de 1952, na cidade de Crook, na Inglaterra, o Sr. Charles Harold Morris, então secretário executivo da SBBE no Brasil, declarou:

> "Tive o privilégio de trabalhar durante seis anos sob a direção do Rev. Telford, chefe extremamente cortês e bondoso. Ele inspirava confiança, respeito e afeição aos seus companheiros de trabalho. Tinha profundo conhecimento das Escrituras, e os alicerces de sua fé eram seguros. Dedicou-se com energia e zelo ao desenvolvimento do trabalho da Sociedade Bíblica. O aumento contínuo da distribuição das Escrituras durante seu longo ministério bíblico no Brasil foi resultado da sua habilidade, empenho, persistência e de sua capacidade de motivar aqueles com quem trabalhava.
>
> A história dos colportores que trabalharam com ele é um novo capítulo de Atos dos Apóstolos. O Rev. Telford partiu, deixando no Brasil os frutos de sua devoção através dos anos. Deixou belas recordações de sua amizade e companheirismo e um exemplo inspirador para todos aqueles que se dedicam à obra de divulgação da Palavra de Deus neste país. Dele podemos dizer, com convicção, que 'depois de morto, ainda fala'. Hb 11.4.
>
> Nos meus dois últimos períodos de férias passados na Grã-Bretanha, estive com o Rev. Telford. Na última vez, passei quase dois dias em sua residência em Crook, no Norte da Inglaterra, onde ele faleceu. Tomamos parte numa reunião em prol do trabalho da Sociedade Bíblica e falamos até tarde da noite sobre o Brasil. Na manhã seguinte, fizemos um longo passeio pelo campo e à tarde do mesmo dia despedi-me dele na estação da estrada de ferro. Foi a última vez que o vi e, quando parti, ele me acenou com a mão e sorriu." [213]

A Comissão Executiva da Sociedade Bíblica do Brasil, em reunião realizada em 30 de setembro de 1952, registrou em Ata um agradecimento a Deus pelos relevantes serviços prestados pelo Rev. Alexander Telford em favor da Causa Bíblica no Brasil. [214]

O plano de cooperação em publicações

1924

Em 1903, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE), representada por seu novo secretário Rev. Franklin Uttley, e a SBA, pelo secretário Rev. Hugh Clarence Tucker, haviam chegado a um acordo para definir o campo de atuação de cada uma das organizações. O país

foi dividido, então, em cinco regiões, continuando uma delas a ser atendida por ambas as sociedades e as demais por apenas uma sociedade.

Esse plano de divisão territorial foi aprovado pelas duas sociedades e funcionou muito bem durante anos, resultando numa otimização de recursos para as duas sociedades. [215]

Em 1924, as duas sociedades resolveram estender o plano de cooperação à área de publicações, para que não houvesse mais duplicidade nas edições de Escrituras em português. Assim, naquele ano, a SBA reeditou a Bíblia na Tradução Brasileira (TB), que passou a ser usada pelas duas sociedades. No mesmo ano, atendendo aos pedidos recebidos das igrejas brasileiras, a SBBE, dirigida então pelo Rev. Alexander Telford, publicou, em Londres, uma nova edição da TB, com referências, que também passou a ser distribuída por ambas as sociedades. No final daquele mesmo ano, como havia uma grande demanda de Bíblias com letras grandes, a SBA publicou em Nova York mais uma edição da TB com letras maiores. A exemplo das edições anteriores, essa Bíblia também foi distribuída pelas duas sociedades.

O movimento de cooperação entre os evangélicos

1913—1934

Em 1925, o *Comitê de Cooperação na América Latina* promoveu de 29 de março a 18 de abril o *Congresso Evangélico de Montevidéu*, que contou com a presença de mais de 200 delegados de todos os países da América Sul. As Sociedades Bíblicas estiveram representadas naquele conclave por seus representantes nos países sul-americanos. Telford e Tucker representaram as agências das Sociedades Bíblicas no Brasil. O congresso recomendou, com entusiasmo, que as igrejas evangélicas

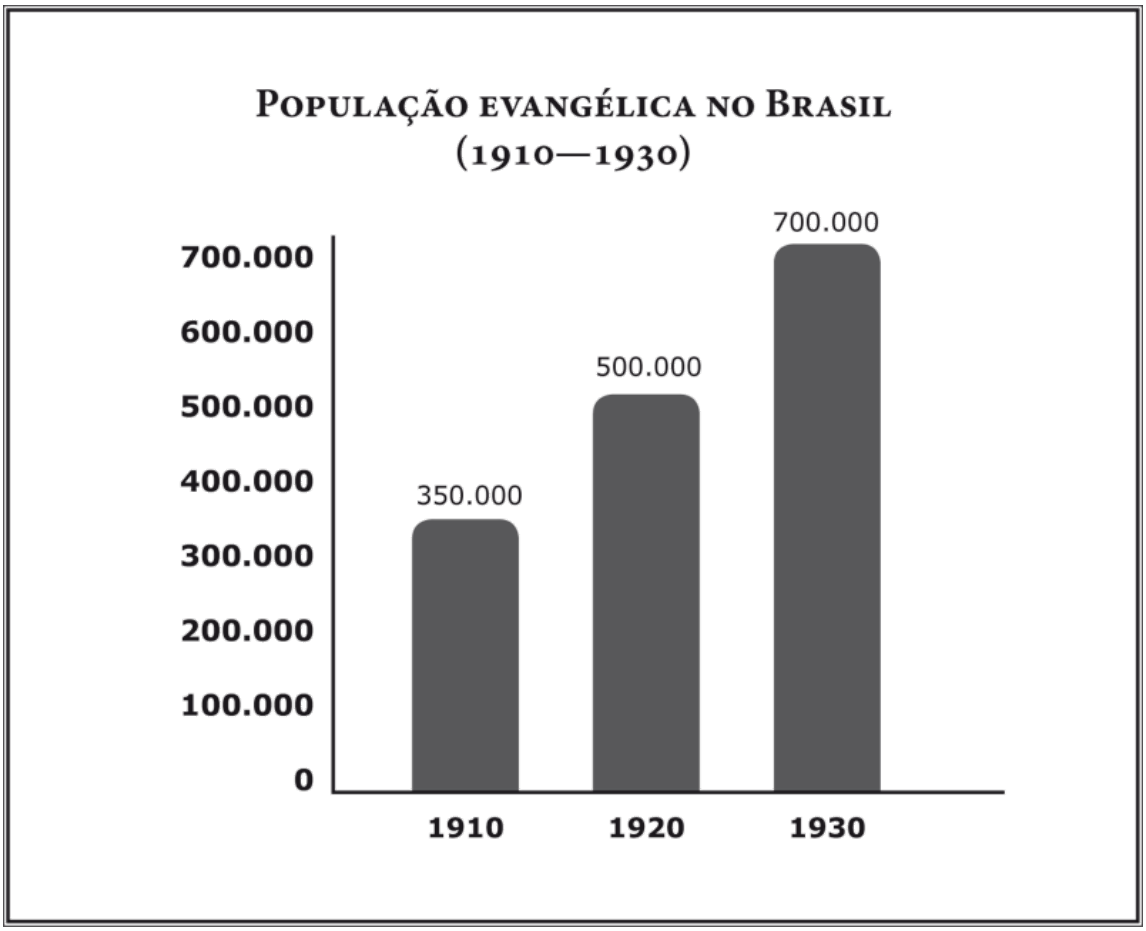
cooperassem com as Sociedades Bíblicas, não apenas promovendo a distribuição e a leitura da Bíblia na região, mas contribuindo financeiramente para o sustento da obra. Entre os convidados especiais para o congresso esteve a poetisa, educadora e diplomata chilena Gabriela Mistral, que seria mais tarde agraciada com o Prêmio Nobel de Literatura. Gabriela Mistral foi uma assídua leitora da Bíblia e expressou assim sua apreciação pelo Livro Sagrado:

> "A Bíblia é para mim o Livro. Não entendo como alguém pode viver sem ela sem tornar-se pobre; não sei como alguém pode ser forte sem seu alimento; não sei como alguém pode ser doce sem seu mel."

Inspirados no movimento de cooperação entre os evangélicos da América Latina, um grupo de missionários e pastores criou no Brasil a *Comissão Brasileira de Cooperação*. Essa comissão, liderada durante muitos anos pelo Rev. Erasmo Braga e pelo Rev. Hugh Clarence Tucker, realizou durante a década de 1920 importantes projetos cooperativos nas áreas de evangelização e ação social. Em 1928, foi criada a *Missão Evangélica Caiuá*, com o objetivo de dar assistência social e divulgar o Evangelho entre populações indígenas. Naquele mesmo ano, foi criada a *Associação Evangélica Beneficente*, com a finalidade de "promover o desenvolvimento humano através de programas que propiciem o atendimento integral no contexto pessoal, familiar e comunitário". [216]

Em 1934, após a morte de Erasmo Braga e a aposentadoria de Tucker, a Comissão Brasileira de Cooperação uniu-se à *Federação das Igrejas Evangélicas do Brasil* e ao *Conselho Nacional de Educação Religiosa* e formou a *Confederação Evangélica do Brasil*, que prestou relevantes serviços à comunidade evangélica brasileira durante várias décadas. [217]

A população evangélica, que havia dado um grande salto no início do século 20, passando de 220 mil em 1900 para 350 mil em 1910, continuou a crescer durante a década seguinte, embora num ritmo um pouco mais lento, chegando a 500 mil em 1920. Durante a década de 1920, os evangélicos cresceram mais 40%, chegando a 700 mil em 1930, como mostra o gráfico abaixo:



A crise mundial de 1929

No início do século 20, os EUA passaram por um período de grande prosperidade e pleno desenvolvimento. Porém, a partir de 1925, apesar de toda a euforia existente no país, a economia norte-americana começou a enfrentar sérias dificuldades. Três motivos desencadearam a crise econômica: a mecanização na indústria e no campo gerou o

desemprego; a produção cresceu mais do que os salários; e, após a Primeira Guerra Mundial, os países europeus restauraram suas indústrias e reduziram de forma significativa suas importações dos EUA.

Diante da contínua produção gerada pela euforia norte-americana e a falta de consumidores, houve uma crise de superprodução. Para armazenar os cereais que não haviam conseguido vender, os agricultores americanos tomaram altos empréstimos e, para pagá-los, tiveram de vender suas terras a preços muito baixos. As indústrias do país foram forçadas a diminuir a produção e demitir funcionários. Os preços dos papéis na Bolsa de Nova York, o maior centro capitalista da época, despencaram, provocando a quebra das empresas.

A crise atingiu o campo e as cidades. Os fazendeiros não tinham como pagar suas dívidas e acabaram perdendo suas terras, que foram a leilão. Os bancos não receberam o pagamento dos empréstimos feitos aos agricultores, industriais e especuladores e, assim, não puderam pagar os correntistas que lhes haviam confiado suas economias. Sem dinheiro, os bancos americanos quebraram. Em 1929, foram à falência 659 bancos; em 1930, faliram mais 1.352; e, em 1931, outros 2.294.

A produção industrial registrou uma queda de 50% no período de 1929 a 1932. Cerca de 20 mil empresas faliram, deixando sem emprego milhares de pessoas. Em 1929, havia nos EUA um milhão e meio de desempregados. Em 1933, esse número havia subido para 13 milhões, ou seja, 24% da população ativa. Os desempregados passaram a viajar pelo país em busca de vagas, mas sem encontrar.

Sem o salário de milhões de desempregados, o consumo caiu e tanto os pequenos como os grandes comerciantes não conseguiam vender seus produtos. A cada ano, a situação piorava. O governo também enfrentou dificuldades para pagar os salários. Em Chicago, muitos empregados

ficaram oito meses sem receber seus salários para depois ser demitidos sem pagamento de direitos.

Abalados pela crise, os EUA reduziram a compra de produtos estrangeiros e suspenderam os empréstimos a outros países, dando origem a uma crise mundial. Uma das vítimas da crise americana foi o Brasil, que tinha nos EUA o principal comprador de café. Com a depressão econômica, o preço do café despencou. A superprodução do produto gerou milhares de desempregados no Brasil.

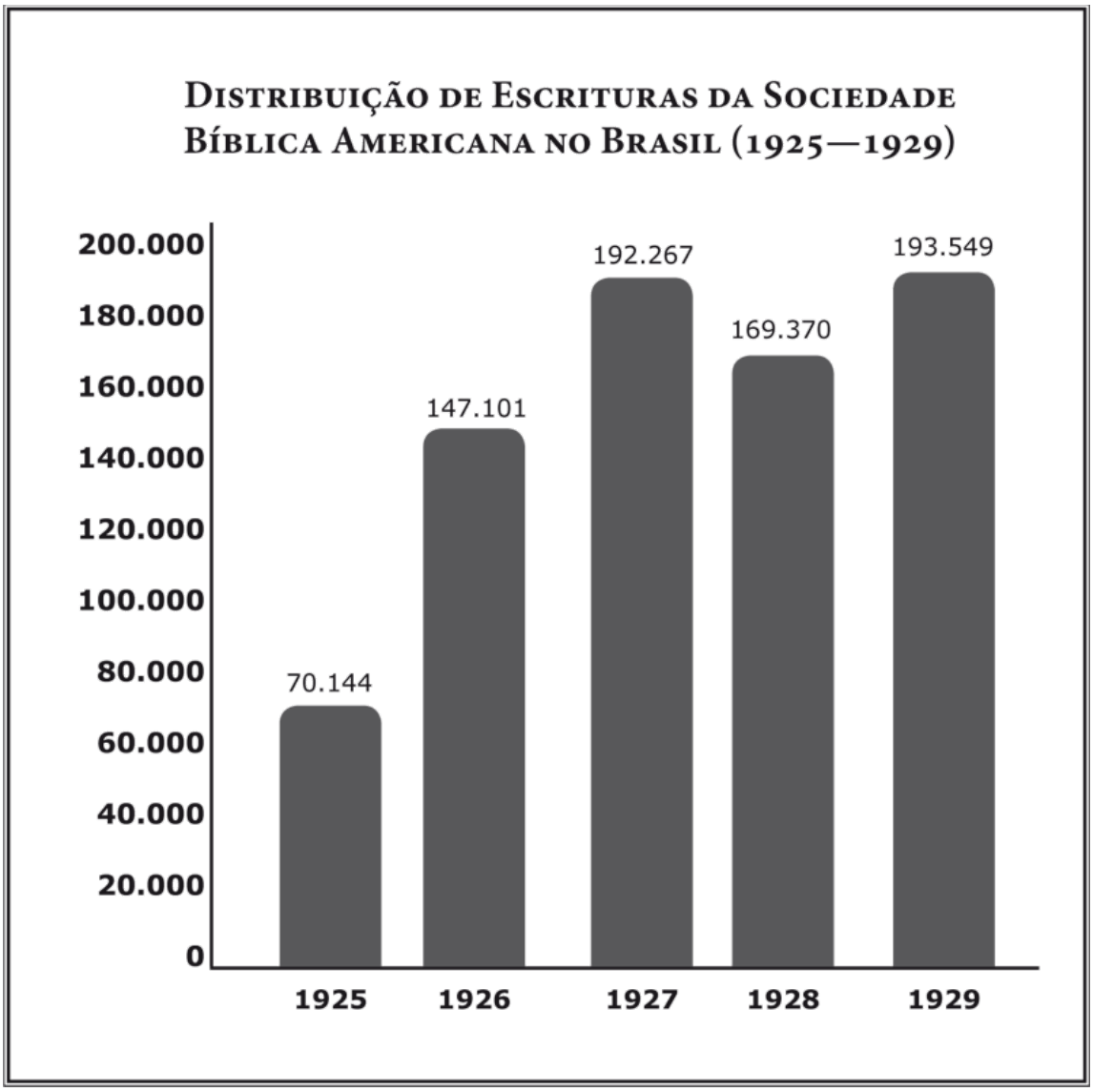
A situação só começou a melhorar em 1933, quando Franklin Delano Roosevelt foi eleito presidente dos EUA. Ele propôs uma mudança radical na política de intervenção do governo na economia. O governo americano, que antes deixava tudo sob o controle do próprio mercado, passou a intervir fortemente na economia. O Estado passou a investir em grandes obras de infraestrutura, salário-desemprego, assistência aos trabalhadores e concessão de empréstimos. Com isso, os EUA pouco a pouco retomaram o crescimento e, dez anos depois, conseguiram estabilizar a situação econômica. [218]

A Bíblia e a crise de 1929

Terminada a Primeira Guerra Mundial, no final de 1918, a economia nos EUA e na Europa teve uma rápida recuperação. Em 1920, a indústria norte-americana produzia quase 50% de toda a produção industrial do mundo. Durante quase toda a década de 1920, a prosperidade econômica gerou nos norte-americanos um clima de grande euforia e de consumo desenfreado, dando origem ao chamado *american way of life*, ou “estilo de vida americano”, como modelo de progresso. “Viver bem” significava, então, consumir cada vez mais. Esse otimismo se espalhou e refletiu positivamente na distribuição das Escrituras no Brasil e no mundo.

De 19 mil exemplares em 1918, a distribuição anual de Escrituras realizada no Brasil pela Sociedade Bíblica Americana (SBA) saltou para 70 mil em 1925, 147 mil em 1926 e 192 mil em 1927. Em sete anos a circulação de Escrituras foi multiplicada por 10.

No período de 1927 a 1929, houve uma acomodação. Os números registraram uma leve queda em 1928 para 169 mil. Em 1929, voltaram a subir, alcançando 193 mil, a maior distribuição anual de Escrituras realizada até então pela SBA no Brasil.



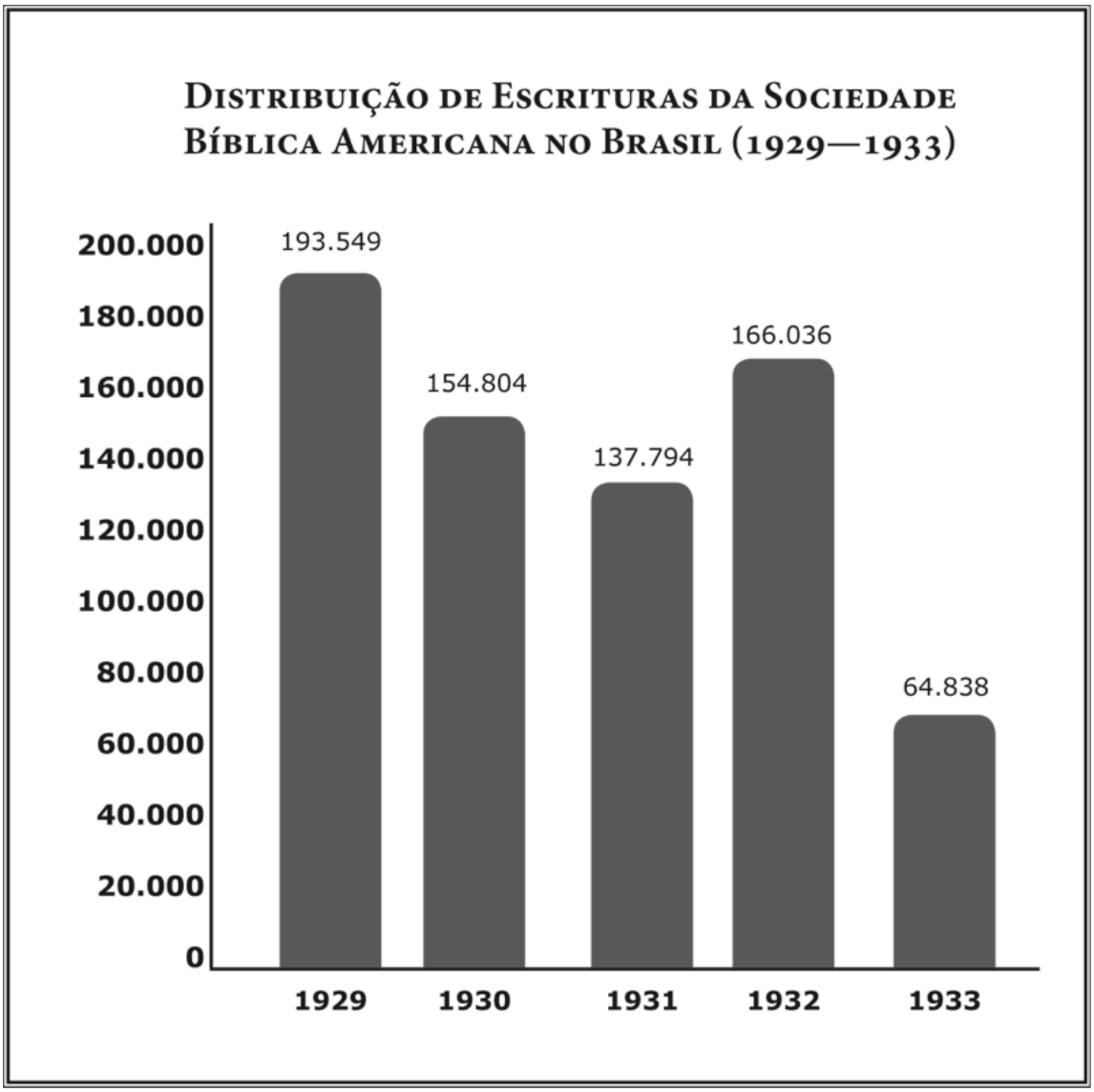
Porém, no dia 24 de outubro de 1929, os EUA foram surpreendidos pela quebra da Bolsa de Nova York, que deu início à *Grande Depressão* ou *Crise de 1929*. Essa crise ocasionou a queda na venda de todos os produtos, no mundo inteiro, inclusive da Bíblia. A quantidade de Escrituras publicadas pela SBA para distribuição no mundo inteiro caiu de 12 milhões de unidades, em 1929, para 8 milhões, em 1933.

A crise econômica chegou também ao Brasil, provocando a falência de um grande número de fazendeiros e grave desemprego no campo. Houve casos de proprietários de fazendas de café que, no final da década de 1930, tinham uma propriedade e, entusiasmados com os anos de progresso, compraram mais terras a prazo. Como os preços das terras despencaram para menos da metade do valor que tinham antes, esses proprietários tiveram de entregar suas fazendas a fim de fazer frente à dívida que haviam contraído e, assim, acabaram indo à falência. Com o crescimento do desemprego e a queda da renda da população, muitos brasileiros que desejavam adquirir um exemplar das Escrituras deixaram de comprar por falta de recursos. O relatório anual da SBA sobre sua agência no Brasil, durante o ano de 1932, traz o seguinte comentário sobre os reflexos da crise econômica na circulação das Escrituras:

> “O Brasil, assim como o resto do mundo, tem sofrido com a depressão econômica, que resultou na queda dos salários e aumento do desemprego. Muitas pessoas que gostariam de adquirir as Escrituras não têm dinheiro para comprar nem uma Bíblia popular.”

A partir de 1930, a distribuição de Escrituras no Brasil reverteu a tendência de alta e começou a cair. Como se pode ver no gráfico acima, de 193 mil Escrituras em 1929, a distribuição da SBA no Brasil caiu para 154 mil em 1930 e 137 mil em 1931. Os números reagiram levemente em

1932, subindo para 166 mil, porém, em 1933, despencaram novamente para 64 mil exemplares, a menor distribuição anual desde 1924, como ilustra o gráfico abaixo: [219]



O assassino convertido

1932

Plínio Andrade dos Santos converteu-se a Cristo em 1932, na 1ª Igreja Batista de Vitória, capital do Estado do Espírito Santo e, no mesmo ano, passou a ser membro da Igreja Batista de Suá, de Vitória. Em 1937, ao ouvir a

mensagem do Dr. James Innes sobre as grandes necessidades espirituais do Brasil, Santos sentiu o desejo de se dedicar ao trabalho de divulgação da Bíblia. Em 1940, tornou-se um colportor e começou a trabalhar no Estado do Espírito Santo. Em 1951, quando foi entrevistado pela revista *A Bíblia no Brasil*, estava completando 12 anos de carreira e atuava como colportor para a Sociedade Bíblica do Brasil e também para a Convenção Batista Brasileira, viajando pelo interior dos Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo.

Em uma de suas viagens pelo Vale do Rio Doce, [220] Santos encontrou um oficial de uma igreja evangélica que lhe contou a seguinte história sobre sua conversão a Cristo:

> "No final da década de 1930, quando eu ainda não era crente, matei dois homens e fugi da cidade para não ser preso. Sabendo que a polícia estava ao meu encalço, me refugiei entre os crentes, em uma cidade do Vale do Rio Doce. Eu achava que me escondendo no meio de pessoas religiosas, onde a polícia não costuma ir, estaria mais seguro. Para melhor me disfarçar de crente, comecei a frequentar uma igreja evangélica, comprei uma Bíblia e sempre ia com ela aos cultos.
>
> Certo dia, como não tinha nada para fazer, abri a Bíblia e comecei a ler. Gostei de suas histórias e passei a ler aquele livro quase todos os dias. Alguns meses depois, percebi que estava lendo o livro com mais respeito e que sua leitura estava mudando minha maneira de pensar e de sentir. Com o passar do tempo, senti que havia mudado muito e não era mais o mesmo homem. Então, me arrependi dos crimes bárbaros que havia cometido e resolvi contar tudo ao pastor da igreja. Conversando com ele em particular, confessei que era um assassino e lhe disse que para mim não havia mais salvação.
>
> O pastor ficou muito surpreso com a história que eu lhe contei. E depois, me falou que se eu realmente estava arrependido, Deus poderia me perdoar. Mas que, para isso, eu teria antes de pagar minha dívida com a sociedade, cumprindo a pena pelos meus crimes. Ele me disse que, se eu fizesse isso, além de ser perdoado por Deus, poderia começar uma vida nova.
>
> Eu pensei muito no que o pastor me disse e resolvi não fugir mais da justiça. Voltei à cidade onde havia cometido o crime e me apresentei à polícia. Fui julgado e o juiz, considerando o fato de eu haver me apresentado voluntariamente à justiça, reduziu a minha pena. Durante o tempo em que estive na prisão, me comportei como um verdadeiro crente e minha pena foi novamente diminuída por boa conduta. Por isso, fui solto depois de passar apenas seis anos na prisão.

Depois de cumprir minha pena, fui solto e voltei para a cidade onde havia conhecido o Evangelho. A igreja que eu frequentava antes de ser preso me recebeu com alegria e confiança. Comecei, então, a viver uma vida nova, fui batizado e passei a ser um crente fiel e ativo na igreja. Hoje, sou diácono da minha igreja e apaixonado pela obra de divulgação da Palavra de Deus, que transformou a minha vida.” [221]

Capítulo 14

O PRIMEIRO EDIFÍCIO DA BÍBLIA NO BRASIL

1932



Cresce a demanda de Escrituras

1924—1927

No relatório do ano de 1924, Tucker informou à Sociedade Bíblica Americana (SBA) que a demanda de Escrituras havia crescido muito no Brasil e que já não estava conseguindo atender a todos os pedidos. Naquele ano, registrava o relatório, a distribuição de Escrituras havia sido de 25.520 unidades — 7.392 Bíblias, 7.381 Testamentos e 10.747 Porções —, mas poderia ter sido muito maior se a agência dispusesse de mais livros em estoque.

O motivo do aumento da procura por Escrituras no país era o rápido crescimento da comunidade evangélica, após os efeitos desastrosos da Primeira Guerra Mundial. Durante aquele ano, a agência da SBA havia recebido das igrejas, escolas e indivíduos um número bem maior de pedidos do que nos anos anteriores.

Assim, o problema maior que a agência estava enfrentando naquele período não era mais a falta de interesse pela Bíblia, mas sim a falta de recursos para atender à demanda. As Escrituras eram vendidas a preço inferior ao custo de produção e, como a ajuda recebida da sede da SBA nos EUA naquele ano havia sido de apenas

US$ 14.690,00, parte em livros (US$ 10.305,06) e parte em dinheiro (US$ 4.385,40), a distribuição de Escrituras em 1924 havia sido limitada pela falta de estoque, não refletindo a necessidade brasileira.

Outra consequência da falta de recursos destinados ao Brasil havia sido a redução do número de colportores que atendiam as regiões mais pobres do país. A Sociedade Bíblica não tinha disponibilidade financeira para contratar um número maior desses vendedores ambulantes de Escrituras. Por outro lado, os pregadores, professores, líderes evangélicos e estudantes residentes nas regiões mais prósperas do país solicitavam Bíblias mais sofisticadas, com referências e encadernação de luxo — modelos de que, àquela altura, a agência não dispunha.

Em 1925, porém, a SBA atendeu ao apelo de Tucker e aumentou para US$ 18.249,99 sua contribuição anual à agência brasileira. Com isso, a distribuição de Escrituras pela agência SBA no Brasil triplicou, saltando de 25.520 exemplares em 1924 para 70.144 Escrituras em 1925. Em 1926, a contribuição da SBA subiu para US$ 20.317,02, e a circulação de Escrituras duplicou, chegando a 147.101 unidades.



Em 1927, a circulação voltou a aumentar, atingindo a marca de 192.267 Escrituras. Assim, em apenas três anos, com uma maior ajuda do exterior, a circulação de Escrituras da agência da SBA no Brasil foi multiplicada por sete, passando de 25 mil em 1924 para 192 mil Escrituras em 1927, como ilustra o gráfico acima. [222]

Produção e distribuição das Escrituras no Brasil

1926

Em 1926, a agência da Sociedade Bíblica Americana (SBA) no Brasil recebeu do cônsul dos EUA no Rio de Janeiro a seguinte solicitação de informação:

"Caro Dr. Tucker:

Recebi do Departamento de Estado um pedido de informações a respeito da impressão da Bíblia no Brasil e, para atender a essa solicitação, apreciaria receber dessa agência bíblica as seguintes informações:

1. Nome e endereço de empresas no Brasil que publicam a Bíblia.
2. Quais são as versões usadas?
3. Em que línguas a Bíblia foi impressa no Brasil?
4. Existe alguma nova tradução da Bíblia sendo feita?
5. No momento, qual é a circulação das diferentes versões da Bíblia no Brasil?"

A resposta do Rev. Hugh Clarence Tucker esclareceu as dúvidas do cônsul americano:

"Nesta manhã, recebi sua carta de 8 do corrente solicitando informações sobre a impressão da Bíblia no Brasil. Em primeiro lugar, informo que não tenho conhecimento de nenhuma impressão completa da Bíblia feita no Brasil, em português ou qualquer outra língua, por qualquer gráfica editora ou gráfica no Brasil.

Quanto às outras perguntas, respondo na ordem em que foram feitas:

1.1. O Novo Testamento em português, revisado pelos Franciscanos, foi publicado pela Gráfica São Francisco, na Bahia, em 1910.

1.2. Os Santos Evangelhos de Nosso Jesus Cristo, em português, revisado por um padre francês no Colégio da Imaculada Conceição, em 1904, foi impresso pela Gráfica P. Feron Vram, Rua Bayard, nº 3-5, Paris, França.

1.3. A Harmonia dos quatro Evangelhos, em português, foi preparada pelo Cônego Duarte Leopoldo e Silva e impressa em São Paulo, em 1903.

2.1. A Versão de João Ferreira de Almeida foi terminada em 1748 por João Ferreira de Almeida, ministro do Evangelho na Batávia e completada pelo holandês Jacobus op den Akker. Essa tradução foi feita do texto hebraico e grego e passou por várias revisões. A tradução original e as revisadas foram impressas em várias edições e estilos pela Sociedade Bíblica Americana, em Nova Iorque e pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, em Londres. Até o momento, foi essa a versão mais publicada pelos protestantes no Brasil.

2.2. A Versão de Figueiredo, lançada em 1783, foi feita da Vulgata Latina pelo padre católico Antonio Pereira de Figueiredo. Essa versão, com notas e comentários autorizados pela Igreja Católica, está sendo publicada pela Editora B. L. Garnier, Rua do Ouvidor, nº 109, e impressa em Paris. A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira publicou essa versão em

diferentes estilos, omitindo os livros apócrifos, as notas e os comentários. Essas versões são distribuídas pelas agências das duas Sociedades Bíblicas que atuam no Brasil, mas em quantidade menor que a Versão de Almeida.

2.3. A Tradução Brasileira, feita por uma comissão composta de três especialistas brasileiros e quatro missionários foi traduzida diretamente do texto original em hebraico e grego. A primeira edição da Bíblia completa foi produzida pela Sociedade Bíblica Americana, em Nova Iorque, em 1917. A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira imprimiu uma edição desta versão em outro formato e estilo, em 1924. As duas Sociedades Bíblicas têm iguais direitos de publicação desta versão, pois as despesas de tradução foram divididas igualmente entre elas. Essa versão está sendo cada vez melhor aceita entre os evangélicos brasileiros e algumas pessoas acreditam que, com algumas alterações, poderá se tornar a versão preferida dos protestantes no Brasil.

3. Como já foi dito, não existe nenhuma Bíblia completa impressa no Brasil. As duas agências das Sociedades Bíblicas no Brasil, além das versões em português, distribuem também a Bíblia em outras línguas, sendo as principais: italiano, alemão, espanhol, francês, inglês, diversas línguas europeias e asiáticas e alguns dialetos indígenas.

5.1. Não tenho informações sobre a quantidade de Bíblias distribuídas pela Editora B. L. Garnier e pelas editoras católicas no Brasil, mas sei que a distribuição é pequena. Provavelmente a causa da pequena distribuição das Bíblias publicadas pela Garnier seja seu alto preço, de 150 mil réis o exemplar.

5.2. Atualmente, as duas agências das Sociedades Bíblicas juntas distribuem anualmente no Brasil aproximadamente 20.000 Bíblias, 30.000 Novos Testamentos e 100.000 Porções bíblicas. E a distribuição cresce a cada ano.

5.3. Hoje, cerca de 3/6 das Bíblias distribuídas no Brasil são da Versão de Almeida, 2/6 da Tradução Brasileira e 1/6 da Versão de Figueiredo.” [223]

Nessa carta enviada em 1927 ao cônsul americano, ou no relatório que transcreve a carta, Tucker omitiu a resposta à pergunta número 4 (Existe alguma nova tradução da Bíblia sendo feita?). Provavelmente, ele ainda não tinha conhecimento da tradução da Bíblia completa que estava sendo feita em Portugal, desde 1917, pelo Padre Matos Soares, tampouco da tradução do Novo Testamento que o padre brasileiro Huberto Rohden havia iniciado em 1926. Ambas as traduções viriam a ser publicadas em 1932. [224]

O jubileu de ouro da agência da SBA

Em 1927, a Sociedade Bíblica Americana comemorou duas datas históricas: o jubileu de ouro de sua agência no Brasil e o quadragésimo aniversário de Tucker como seu secretário no país. A celebração foi realizada na tarde de 7 de setembro, dia da independência do Brasil, no auditório da Associação de Empregados do Comércio, localizada à Avenida Rio Branco, no centro do Rio de Janeiro.

Estiveram presentes, representando suas denominações, os seguintes líderes evangélicos: o Rev. Matatias Gomes dos Santos, moderador da Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana, o Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos, pastor da Igreja Congregacional e ex-secretário da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, o Rev. Francisco Fulgêncio Soren, pastor da Igreja Batista, o Rev. C. H. Sergel, pastor da Igreja Episcopal, além de outros destacados líderes evangélicos.

O célebre educador evangélico Erasmo Braga foi o orador da tarde e apresentou uma eloquente mensagem sobre o tema “A Bíblia e a cultura brasileira”, demonstrando que a difusão, a leitura e o estudo da Bíblia haviam contribuído decisivamente para a elevação intelectual, moral e espiritual do povo brasileiro. Abrilhantaram a cerimônia corais evangélicos, e um aluno do Colégio Bennet declamou versos do Salmo 119.

Após a comemoração, Tucker recebeu inúmeras cartas e telegramas de congratulações, entre elas esta carta do embaixador dos EUA no Brasil:

> “Caro Dr. Tucker:
>
> Permita-me cumprimentá-lo pela brilhante comemoração do 50º aniversário da Sociedade Bíblica Americana no Brasil e também pelos seus 40 anos de atividades nesse trabalho. Esta data histórica mostra que o seu trabalho não foi em vão e que a Sociedade Bíblica Americana tem beneficiado de maneira extraordinária o povo brasileiro, não apenas na área espiritual, mas também na área educacional.

Espero que o amigo permaneça, por muitos anos, à frente deste esplêndido trabalho.

Com meus cumprimentos pessoais, seu sinceramente,

Edwin V. Morgan,

Embaixador dos EUA no Brasil.” [225]

O presidente Hoover recebe a Bíblia em português

1928

Em dezembro de 1928, o presidente recém-eleito dos EUA, Herbert Clark Hoover, visitou o Brasil acompanhado de sua esposa. Como o casal passou um fim de semana no Rio de Janeiro, Tucker aproveitou a oportunidade para convidá-los a participar do culto de domingo no templo da Igreja Americana, da qual ele era pastor temporariamente. O presidente Hoover aceitou amavelmente o convite e participou do culto.

Durante a permanência do presidente americano na capital da República, Tucker prestou-lhe uma homenagem, entregando-lhe um exemplar da Bíblia na Tradução Brasileira e, à sua esposa, um Novo Testamento na mesma tradução. Junto aos livros também foi entregue ao presidente dos EUA uma carta com a seguinte mensagem de boas-vindas:

“Caro presidente Hoover:

A agência da Sociedade Bíblica Americana apresenta a V. Excia. e sua digníssima esposa seus cordiais cumprimentos por ocasião de sua visita ao Brasil.

Sua fé e sua lealdade às verdades divinas estão registradas em um livro publicado pela Sociedade Bíblica Americana e ficaram conhecidas no mundo inteiro, inclusive no Brasil. Esta agência lhe apresenta suas boas-vindas, com votos de uma feliz e bem-sucedida permanência no Brasil.

Em nome da agência brasileira da Sociedade Bíblica Americana, tenho o prazer de oferecer-lhe este exemplar da Bíblia traduzida para o português por uma comissão composta de missionários americanos e eminentes eruditos brasileiros. Esse importante projeto realizado por americanos e brasileiros resultou em uma tradução muito bem-aceita pelos leitores brasileiros.

Que a luz da verdade divina ilumine o seu caminho e guie os seus passos no desempenho do honroso cargo para o qual foi eleito pelos cidadãos americanos.

Oferecemos também um exemplar do Novo Testamento, nessa mesma tradução, à senhora Hoover.

Atenciosamente,

Hugh Clarence Tucker,

Secretário executivo da agência."

O presidente Hoover respondeu:

"Caro Rev. Tucker:

Minha esposa e eu nos sentimos sensibilizados com sua homenagem e profundamente gratos pelos exemplares das Escrituras Sagradas com que nos presenteou.

Atenciosamente,

Herbert Hoover."

A presença do presidente Hoover em um culto evangélico e a homenagem prestada a ele pela agência da SBA foram fatos amplamente divulgados e comentados pelos jornais do Rio de Janeiro e contribuíram para uma maior divulgação da Bíblia no Brasil. [226]

O primeiro Edifício da Bíblia no Brasil

1932

De 1856 a 1932, as agências das Sociedades Bíblicas se estabeleceram no Rio de Janeiro, em Manaus (AM) e em Belém (PA), em salas alugadas. O sonho de todos os seus representantes era ter, um dia, um edifício próprio, amplo e cômodo, com espaço suficiente para escritório, sala de reuniões e depósito de Escrituras. Em sua autobiografia, [227] Tucker descreveu assim o Edifício da Bíblia dos seus sonhos:

"Por muito tempo, eu havia sonhado com um Edifício da Bíblia no Rio de Janeiro. Ele seria grande o suficiente para abrigar as duas Sociedades Bíblicas e as organizações evangélicas do Rio de Janeiro e teria ainda salas para serem alugadas. A manutenção do prédio seria paga com a renda do

> aluguel. Ele seria construído no centro da cidade e teria uma loja com vitrine no andar térreo, para exposição dos livros.”

Durante anos, Tucker recomendou em seus relatórios à sede em Nova York a construção desse edifício. Segundo os seus cálculos, US$ 50.000,00 seriam suficientes, naquela época, para comprar ou construir um bom Edifício da Bíblia. [228] Porém, a resposta era sempre a mesma: “não há dinheiro para a construção”.

Em 1929 ele recebeu no Rio de Janeiro a visita de uma senhora americana, chamada M. H. Senbrance, que lhe perguntou:

— Qual é a maior necessidade dos evangélicos no Brasil?

Tucker respondeu:

— Um edifício da Bíblia no Rio de Janeiro.

Ouvindo isso, aquela senhora destinou uma contribuição de mil dólares para a construção do edifício.

No mesmo dia, Tucker escreveu à sede da SBA em Nova York informando que havia recebido aquela oferta e pediu que fizessem nos EUA uma campanha em favor da construção do Edifício da Bíblia no Rio de Janeiro.

Meses se passaram e então, um dia, ele recebeu de Nova York um cheque de US$ 20.000,00, destinado à compra do terreno para construção do edifício. Com essa importância em mãos foi possível, depois de demorada busca, comprar um pequeno terreno, localizado em uma área nova da cidade, chamada *Esplanada do Castelo*. Foi nomeada, então, uma comissão para planejar e administrar a obra. Ela se reuniu várias vezes a fim de estudar a planta do edifício. Como o terreno era pequeno, decidiram construir um prédio de 9 andares. A última reunião daquela comissão, que contou com a presença do prefeito do Rio de Janeiro, trabalhou na definição dos detalhes da construção.

O edifício foi construído com recursos provenientes de ofertas levantadas no país e nos EUA, e as obras duraram cerca de dois anos. Finalmente, no dia 16 de fevereiro de

1932, o primeiro Edifício da Bíblia do Brasil foi inaugurado festivamente, em uma cerimônia que contou com a presença de ilustres figuras da capital brasileira e também de representantes da sede da Sociedade Bíblica Americana, em Nova York.

A rua onde o edifício foi construído ainda não tinha nome porque estava situada em uma área nova da cidade. Como um dos grandes líderes evangélicos brasileiros, Erasmo Braga, [229] havia falecido recentemente, Tucker sugeriu o seu nome para a rua. E como essa via era muito larga e estava situada perto da avenida Rio Branco, na região central da cidade, passou a ser chamada avenida Erasmo Braga. [230]

Em sua autobiografia, Tucker fez o seguinte comentário sobre a construção desse edifício:

> "Quando comecei a trabalhar na SBA, em 1887, tinha apenas uma sala grande, uma escrivaninha, algumas estantes, poucas cadeiras e muitas caixas de Bíblias. O escritório estava situado no 2º andar, e, como naquela época não havia elevador, as caixas de Bíblias eram carregadas nos braços escada acima. Agora, a sede da SBA está bem-instalada em seu magnífico edifício próprio, no centro do Rio de Janeiro. Considero o clímax da minha carreira no Brasil a construção dessa Casa da Bíblia, em 1932." [231]

Homenagens ao grande pioneiro

1934—1956

Em 1933, aos 76 anos, o Rev. Hugh Clarence Tucker se aposentou e foi substituído no cargo de secretário da Sociedade Bíblica Americana no Brasil pelo missionário metodista Rev. Charles William Turner, que já estava trabalhando como seu assistente desde o ano anterior.

Quando Tucker iniciou suas atividades como secretário da SBA no Brasil, em 1887, a agência distribuía menos de 10 mil Escrituras por ano. Quando ele se aposentou, em 1934, a distribuição anual de Escrituras da agência havia aumentado para mais de 200 mil exemplares.

Após a sua aposentadoria na Sociedade Bíblica Americana, Tucker continuou a morar no Brasil, cooperando com a Igreja Metodista e o Instituto Central do Povo e exercendo outras atividades. Em janeiro de 1937, o Ministro do Exterior do Brasil convidou-o para participar de uma reunião no Palácio do Itamaraty, no Rio de Janeiro, a fim de estudar meios de promover as relações entre o Brasil e os EUA. Tucker presidiu a reunião e nela foi criado o Instituto Cultural Brasil-EUA. O cônsul do Brasil nos EUA, historiador e membro da Academia Brasileira de Letras, Hélio Lobo, foi eleito presidente e, Tucker, o vice-presidente do instituto.

No início da década de 1940, após dedicar mais de meio século de sua vida a serviço do Evangelho no Brasil, Tucker voltou para os EUA na companhia de sua esposa Elvira Granbery Tucker. Lá, continuou a escrever para o jornal oficial de sua Igreja, *O Expositor Cristão*, a respeito de suas atividades e experiências durante seu longo e frutífero ministério.

Em 1943, o Rev. Hugh Clarence Tucker recebeu do governo brasileiro a comenda da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, concedida por decreto presidencial. O governo brasileiro prestou-lhe essa homenagem em reconhecimento aos seus relevantes serviços prestados ao país na área social. A condecoração foi assinada pelo presidente Getúlio Vargas e entregue por Oswaldo Aranha, então Ministro das Relações Exteriores. [232]

A Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul é uma comenda que o presidente do Brasil atribui a personalidades estrangeiras. Foi criada com o nome de Ordem Imperial do Cruzeiro do Sul, em 1º de dezembro de 1822, por D. Pedro I, como símbolo do poder imperial. A comenda foi abolida na primeira Constituição republicana, em 1891, e restabelecida com sua atual denominação pelo Decreto 22.165, de 5 de dezembro de 1932, do presidente Getúlio

Vargas. É a mais alta condecoração brasileira atribuída a cidadãos estrangeiros. É uma forma de o governo brasileiro homenagear estrangeiros que prestaram importantes serviços a favor do país. [233]

Em 1949, por ocasião do Dia da Bíblia nos EUA, Tucker fez um discurso transmitido pela National Broadcasting Company (NBC), de Nova York, no qual ele ressaltou a importância da Bíblia na América Latina, como mostra o trecho a seguir:

> "A Bíblia é hoje o 'Livro da América Latina' e está promovendo mudanças de natureza econômica, cultural e política nos países daquela região. Nunca foi tão grande como agora o interesse dos latino-americanos pela Bíblia. Há cem anos, a Bíblia era um livro desconhecido na América Latina. Os agentes e colportores das Sociedades Bíblicas passaram, então, a visitar as cidades, vilas e povoados, penetrando fundo no interior desses países, para oferecerem ao povo as Sagradas Escrituras a um preço que até os mais pobres podiam pagar. Muitas vezes, ao escutarem a leitura da Bíblia, pessoas analfabetas expressaram o desejo de serem alfabetizadas para poderem ler as histórias maravilhosas daquele livro. A leitura das Escrituras exerce uma influência estimuladora sobre a atividade intelectual das pessoas. Por outro lado, as Sociedades Bíblicas, através do seu trabalho de difusão da Palavra de Deus, estão contribuindo para desenvolver a política da boa vizinhança entre os habitantes da América Latina." [234]

Em 1949, já com mais de 90 anos, Tucker voltou ao Brasil e recebeu homenagens do Instituto Central do Povo, do Colégio Bennet e da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB). A SBB lhe conferiu o título de secretário emérito, e seu retrato passou a integrar a Galeria de Honra da entidade.

E, no dia 5 de novembro de 1956, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro divulgou uma triste notícia em seu famoso programa *Repórter Esso*:

> "Faleceu ontem nos EUA da América, o Rev. Hugh Clarence Tucker, um dos fundadores da Igreja Metodista do Brasil." [235]

O Evangelho apanhado no lixo

1932—1933

Com o crescimento da distribuição das Escrituras no Brasil na década de 1920, milhares de pessoas leram a Bíblia pela primeira vez, e muitas vidas foram transformadas pelo poder da Palavra de Deus. Foi o que aconteceu com Isidoro Miron, espanhol de nascimento, que veio para o Brasil na década de 1920. Chegando da Espanha, Miron foi morar em São Caetano do Sul (SP), onde começou a trabalhar como alfaiate. Em 1932, foi comprar material para sua alfaiataria numa loja de atacado, localizada à Rua Carneiro Leão, naquela cidade. Enquanto separavam a mercadoria, ele viu algumas folhas de papel amassadas numa lata de lixo. Eram folhas de um livro desconhecido que alguém havia jogado fora.

Enquanto esperava a mercadoria comprada, Miron apanhou algumas daquelas folhas na lata de lixo e começou ler. Eram páginas do Evangelho de João. Em uma delas, ele leu uma frase que o impressionou muito: “Eu vim para que tenham vida e tenham em abundância” (Jo 10.10). Outra dizia: “Como o Pai me amou, também eu vos amei; permanecei no meu amor” (Jo 15.9).

Mesmo sem saber de qual livro haviam sido extraídas aquelas páginas, Miron conservou-as por muito tempo, lendo-as diariamente em casa ou no trem, a caminho do trabalho.

Um dia, quando ia de trem para o serviço, lendo aquelas páginas amarelecidas pelo tempo, percebeu que a pessoa que estava sentada no banco ao seu lado o estava observando. Constrangido por estar lendo aquelas páginas amassadas, Miron dobrou-as e colocou-as no bolso do paletó.

A pessoa que estava ao seu lado, porém, se apresentou, dizendo:

— Meu nome é José Benedito dos Santos. Vi que o senhor estava lendo algumas folhas soltas de um livro. Gostou do que leu ali?

— Sim, eu gosto muito de ler aquelas folhas — respondeu Miron.

— E o senhor sabe de que livro são elas? — perguntou Santos.

— Não, nunca descobri isso — respondeu Miron.

Santos, então, lhe explicou:

— Elas são páginas do Evangelho de João, que fazem parte do Novo Testamento e da Bíblia, a Palavra de Deus.

E Santos continuou:

— Eu gostaria muito de presenteá-lo com um exemplar completo do Novo Testamento.

Antes de saírem do trem, os dois combinaram um novo encontro, no dia seguinte, na casa de Miron.

No dia seguinte, José Benedito dos Santos, que era oficial da Igreja Presbiteriana de São Caetano do Sul, visitou Miron em sua casa e lhe entregou um exemplar do Novo Testamento.

Muito feliz com o presente recebido, Miron passou a ler o Novo Testamento diariamente. Aquela leitura deu um novo sentido à sua vida. Miron passou a frequentar a Igreja Presbiteriana de Filadélfia, em São Caetano do Sul, e no início de 1933, professou sua fé em Jesus Cristo. [236]

Capítulo 15

ANTÃO, O GRANDE COLPORTOR DO NORDESTE

1906—1926



As Bíblias rasgadas

Antão Pessoa foi um famoso colportor que trabalhou no Nordeste do Brasil para a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE), durante as primeiras décadas do século 20. Antes de ser colportor ele havia sido marinheiro. Foi contemporâneo de outro famoso colportor da SBBE, Frederick Glass, e fez muitas viagens de trabalho ao lado dele. Durante sua longa carreira, visitou repetidas vezes os Estados da Bahia, Mato Grosso, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará e Amazonas. Mas a maior parte da carreira de Antão foi dedicada à região do Nordeste do Brasil. Fazia parte da tradicional família Pessoa, à qual pertenceram o presidente da República Epitácio Pessoa e o governador da Paraíba, João Pessoa. [237] No entanto, era uma pessoa humilde e jamais se aproveitou de sua origem familiar para se promover ou beneficiar o seu trabalho. Antão foi uma das figuras mais conhecidas e queridas das igrejas evangélicas daquela região, distribuiu milhares de exemplares das Sagradas Escrituras e deu uma grande contribuição para o desenvolvimento do Evangelho no Nordeste do Brasil.

Em uma de suas viagens pelo Nordeste, ele chegou, em um sábado, à cidade de São José de Princesa, no sertão do

Estado da Paraíba. No domingo, foi à feira daquela cidade, levando sua mala de couro cru — conhecida na região como “bruaca” —, cheia de Bíblias, Novos Testamentos e Porções bíblicas. Chegou de manhã bem cedo e, sem pedir licença, abriu sua mala e começou a anunciar seus livros. Logo o povo se juntou ao redor dele e começou a comprar. Lá pelas 11 horas da manhã, o sol já estava quente, quando apareceu por ali um padre acompanhado de um grupo de seguidores. Sem nenhuma explicação, tomaram seus livros, os rasgaram, deixando os pedaços de papel espalhados no chão. Surpreso e desalentado, Antão pensou, a princípio, em apresentar uma queixa à delegacia de polícia. Depois, mais calmo, sentou-se à sombra de uma amendoeira e orou a Deus, pedindo orientação.

Nisso, o vento que soprava forte fez voar as folhas dos livros despedaçados. Uma página rasgada da Bíblia, trazida pelo vento, caiu perto dele. Então pegou a folha solta, viu que era uma página da carta de São Paulo aos Romanos e leu o versículo 12.19, que dizia:

> “Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira, porque está escrito: a mim me pertence a vingança; eu retribuirei, diz o Senhor.”

Emocionado, decidiu não apresentar nenhuma queixa à polícia, arriou o cavalo e se preparou para deixar a cidade.

Antes que ele partisse, porém, uma pessoa chegou perto de Antão e lhe disse que o prefeito da cidade queria falar com ele. Na prefeitura, o prefeito lhe pediu para dar sua versão do incidente e ele narrou o fato sem mágoas. O prefeito, depois de ouvir seu depoimento, perguntou qual era o valor do prejuízo, e exclamou:

— Cobre o que quiser. O padre não podia fazer isso e vai ter que pagar até o último tostão!

E Antão respondeu:

— O prejuízo foi de 300 mil réis.

Pouco depois, o padre veio à prefeitura, pagou o prejuízo e lhe pediu desculpas, na presença do prefeito. [238]

A conversão do alcoólatra

Então Pessoa estava atravessando uma floresta muito fechada, quando encontrou uma pequena cabana de madeira e decidiu passar a noite ali. Para a sua surpresa, descobriu que seu dono era um homem crente, que havia se convertido ao Evangelho de maneira extraordinária.

Durante muitos anos, aquele homem havia sido um alcoólatra. Um dia, levou uma garrafa vazia a um bar da aldeia mais próxima para enchê-la de cachaça. Como não havia uma rolha para tapar a boca da garrafa, o dono da taberna improvisou uma tampa com uma folha de papel usado que estava sobre o balcão.

Quando ele chegou à sua casa e retirou a rolha improvisada, a folha de papel se desenrolou e ele viu algumas palavras escritas nela. Com dificuldade, conseguiu soletrar a primeira linha, que dizia: “Nem os bêbados... entrarão no Reino de Deus” (1Co 6.10).

Assustado, ele atirou a garrafa pela janela e saiu correndo de volta ao lugar onde havia comprado a garrafa de cachaça. Chegando lá, encontrou em cima do balcão do bar os restos de um livro rasgado. A rolha improvisada tinha sido feita com uma folha daquele livro. E, examinando bem aquelas folhas, ele verificou que elas faziam parte de um livro chamado *O Novo Testamento.*

Ele nunca havia ouvido falar daquele livro. Mas, muito impressionado com aquelas palavras que diziam que os bêbados não iriam para o céu, o homem levou para casa o que restava do livro e, em pouco tempo, leu todas as folhas soltas. Durante a leitura, sua mente se iluminou e ele compreendeu a mensagem do Evangelho. Ele leu aquelas páginas por várias vezes, decorou muitos versículos e a mensagem do Evangelho acabou transformando a sua

maneira de pensar e de viver. Aquele homem deixou de beber e começou uma nova vida. Isso havia ocorrido há muito tempo e ele nunca havia encontrado outra pessoa que conhecesse o Novo Testamento. Então era o primeiro crente com quem entrava em contato. Disse a ele que era um novo homem, um seguidor de Cristo, e que gostaria de ser batizado. Depois de ouvir essa impressionante experiência de conversão unicamente através da leitura das Escrituras, Então prometeu àquele homem que pediria para um missionário visitá-lo e batizá-lo. E isso realmente aconteceu. Poucos meses depois, aquele homem recebeu a visita de um missionário e foi batizado. [239]

Colportagem no rio São Francisco

Era um ano de muita seca no Nordeste do Brasil e o grande rio São Francisco estava muito baixo devido à falta de chuva. Pequenos navios e barcos a vapor estavam encalhados nos bancos de areia, aguardando a chegada da estação das chuvas para voltar a navegar. Naqueles primeiros anos do século 20, o norte da Bahia tinha poucas estradas e, para muitos povoados, o rio São Francisco era a única via de acesso a outras localidades.

Então Pessoa estava realizando uma longa jornada de colportagem pelo vale do rio São Francisco, e já havia terminado seu trabalho de distribuição de Escrituras em uma vila do norte da Bahia. Por falta de transporte, estava impedido de prosseguir viagem para visitar outros povoados da região. Como ex-marinheiro, Então conhecia como poucos aquele rio e sabia remar e nadar muito bem. Comprou por quase nada uma canoa feita de tronco de árvore, colocou dentro dela alimentos suficientes para vários dias e sua carga de Escrituras e seguiu remando rio abaixo. Quando encontrava alguma casa à beira do rio, parava para conversar com os ribeirinhos, oferecia a Bíblia e, se a pessoa não tinha dinheiro nem algo para dar em

troca, Então oferecia gratuitamente um exemplar de um dos Evangelhos.

Durante duas semanas ele remou debaixo de um sol escaldante, enfrentou torrentes e redemoinhos e até mesmo uma forte tempestade, pouco antes de chegar ao povoado mais próximo. Quando Então chegou ao povoado, as ruas estavam totalmente alagadas pela tempestade que havia caído na noite anterior. Então procurou uma casa para descansar e secar suas roupas, mas os moradores dali o olharam com desconfiança e ninguém quis hospedá-lo em casa. Então, alguém lhe disse que ele poderia se abrigar na prisão da cidade. Na falta de coisa melhor, ele se dirigiu para lá e teve uma surpresa agradável: a prisão estava vazia.

A presença de um forasteiro na cadeia do povoado atraiu logo a atenção de todos. Muitas pessoas foram visitá-lo para saber quem era ele, como havia chegado ali e o que estava fazendo no povoado. Isso lhe deu oportunidade de oferecer seus livros e vender muitos Evangelhos, Novos Testamentos e Bíblias. Após alguns dias naquele lugar, Então conquistou a confiança de muitos moradores e, então, pôde realizar um culto, expondo a mensagem das Escrituras para muita gente que nunca havia ouvido falar do Evangelho.

Quando o tempo melhorou e suas roupas secaram, Então comprou mantimento suficiente para mais alguns dias de viagem, colocou sua carga na canoa, despediu-se das pessoas conhecidas e seguiu viagem, remando rio abaixo.

Cerca de duas semanas depois, chegou a uma estrada de ferro francesa [240] que corria em direção ao mar e embarcou de volta para a sua casa. [241]

O encontro com o Padre Cícero

1925

Padre Cícero Romão Batista nasceu em 1844, no Estado do Ceará. Em 1889, tornou-se muito conhecido no Nordeste do Brasil devido a um fato que teve repercussão nacional. Em uma missa celebrada na igreja de Juazeiro, no Ceará, a hóstia consagrada por ele teria se transformado em sangue na boca de uma mulher.

A população local passou a considerá-lo um santo milagreiro. A Igreja Católica não concordou e o proibiu de exercer o sacerdócio. Em 1898, ele viajou para Roma, onde conseguiu do papa Leão XIII a sua absolvição, continuando, porém, proibido de celebrar os rituais da igreja. Em 1911, o Padre Cícero entrou na política, foi eleito prefeito da cidade de Juazeiro e exerceu esse cargo durante 15 anos. Morreu em 1934, tornando-se uma das figuras religiosas mais famosas da história do país.

O colportor Antão Pessoa percorreu os Estados do Nordeste do Brasil na mesma época em que o Padre Cícero era o principal líder espiritual do Nordeste. Em uma de suas costumeiras viagens pela região, chegou a Juazeiro do Norte, a famosa cidade do Padre Cícero. Hospedou-se em uma humilde pensão, que ficava na entrada da cidade, e perguntou se seria conveniente vender seus livros, publicados pelos protestantes, na feira do sábado. O dono da pensão aconselhou-o a fazer antes uma visita ao famoso Padre Cícero Romão Batista. E o próprio dono da pensão, que conhecia alguns amigos do Padre Cícero, conseguiu marcar o encontro.

Na hora marcada, Antão se apresentou ao Padre Cícero e lhe mostrou os quatro Evangelhos publicados pela SBBE. O Padre pegou os Evangelhos, examinou-os bem e em seguida foi com Antão até a sacada do seu sobrado, de onde ele costumava falar às pessoas que se reuniam ali. Então apresentou o visitante ao povo que estava na praça, mostrou os seus livros e disse:

— Este cidadão está vendendo livros. Eu não quero que ele seja incomodado. Mas não comprem os seus livros, nem

os aceitem de graça.

Antão, decepcionado, despediu-se do Padre Cícero, achando que sua missão naquela cidade estava encerrada.

Porém, ao cair da noite, aconteceu um fato surpreendente. As pessoas que estavam na praça e tinham ouvido o Padre Cícero falar dos livros de Antão ficaram curiosas para saber que livros eram aqueles. E como o próprio Padre Cícero havia admitido a possibilidade de os livros serem doados, houve uma verdadeira romaria à pensão para pedir os livros de graça. Assim, em pouco tempo, a carga de Evangelhos que Antão havia levado foi toda doada. [242]

Surpresa agradável no rio Paraguai

O colportor Antão Pessoa estava fazendo uma longa viagem em um pequeno navio de carreira, subindo o grande rio Paraguai em direção a Corumbá, no Estado do Mato Grosso. [243] Era um domingo e, nesse dia, ele costumava fazer um breve culto com seus companheiros de viagem. Então, ele e seus dois companheiros se dirigiram ao convés do navio, e lá iniciaram a reunião devocional. A assistência era formada por seus dois companheiros de viagem e um bom número de passageiros. Ele iniciou a reunião com uma oração e depois fez uma exposição sobre uma passagem bíblica. Quando Antão começou a falar, os passageiros ficaram muito curiosos para saber do que se tratava e o ouviram com atenção e interesse. Durante a exposição, era tanto o interesse dos passageiros, que ele teve a impressão de que era aquela a primeira vez que eles ouviam falar do Evangelho.

Os colportores estavam acostumados a realizar reuniões públicas para apresentar a Bíblia e, quase sempre, alguém se levantava durante ou após a apresentação para protestar, acusar os protestantes de hereges ou dizer que a Bíblia que eles estavam vendendo era falsa. Por isso, depois

de falar, Antão se preparou para se defender das críticas que ia ouvir. Mas, nesse dia, teve uma surpresa muito agradável.

Assim que concluiu a sua palestra, um jovem advogado imediatamente se levantou e, visivelmente emocionado, fez um discurso breve e inesperado:

— Não sou protestante, mas quero agradecer à Sociedade Bíblica por haver enviado estes homens de tão longe, em uma viagem tão dispendiosa, para colocar a Bíblia nas mãos de seus conterrâneos. Confesso que não conheço nada a respeito da Bíblia. E, acredito que seja esse o caso de muitos de vocês que estão aqui. Mas estou impressionado com o que ouvi e com a fé e a convicção deste homem que nos falou a respeito da Bíblia. Por isso, quero comprá-la e vou ler com muito interesse.

Depois disso, aquele homem concluiu a sua fala de maneira surpreendente: pediu aos passageiros que estavam ali para curvarem suas cabeças e fazerem uma prece a Deus em favor de Antão e seus companheiros. [244]

A companhia inseparável

1926

Em uma de suas viagens, o colportor Antão Pessoa parou em uma pequena cidade para vender seus livros, e lá encontrou um homem que 30 anos antes havia comprado um exemplar do Evangelho de João em uma banca de artigos religiosos, na feira de sua cidade. O vendedor não conhecia a Bíblia e lhe disse que se tratava de um livro que contava a vida e os ensinamentos de São João Batista. Aquele homem não sabia ler, mas como ficou muito interessado pelo livro, pagou o preço pedido, que era de 400 réis.

Voltando para casa, como era analfabeto, pediu à sua filha para ler para ele o livro em voz alta. Ouviu com muita atenção e curiosidade a leitura dos primeiros capítulos do

Evangelho de João e ficou fascinado com as suas histórias e seus ensinamentos. A mensagem do livro falou de maneira tão profunda ao seu coração que todos os dias pedia para a sua filha ler para ele mais um trecho do livro. Com o passar do tempo, aquele livro passou a ser uma companhia inseparável para ele. Apegou-se tanto ao livro que resolveu guardá-lo no bolso e levá-lo a todos os lugares aonde ia. Ele o levava sempre em suas viagens e pedia para alguém ler alguns capítulos em voz alta. Em umas de suas viagens, esqueceu-se de levá-lo e, quando percebeu, já estava bem longe de casa. Mesmo assim, voltou para casa, caminhando várias léguas, para pegar o livro.

Com o passar do tempo, ficou conhecido na região como “o homem do livro”. Ele não conhecia nenhum crente e ninguém lhe tinha dito que aquele era o livro preferido por eles. Depois de ler o livro várias vezes e quase decorá-lo, teve a ideia de emprestá-lo. Se o livro havia feito tão bem a ele, poderia fazer o mesmo para outras pessoas. Começou, então, a emprestá-lo a seus amigos. Mas toda vez que o livro era devolvido, voltava com um defeito: uma página rasgada, uma folha arrancada, ou a capa estragada. Mas ele não desistiu e continuou a emprestar o livro. Com 30 anos de uso constante, aquele pequeno livro já estava irreconhecível: amarelado, com muitas páginas faltando e sem capa.

Foi quando o colportor Antão chegou àquela cidade, trazendo um carregamento de mais de cem Evangelhos de João, Novos Testamentos e Bíblias. Quando aquele homem se encontrou com Antão e viu tantos livros iguais ao seu, ficou muito emocionado. E sua alegria foi ainda maior quando soube que seu livro inseparável era apenas uma parte de outros maiores, o Novo Testamento e a Bíblia. Entusiasmado e sem se importar com o preço, comprou logo um Novo Testamento de letra grande.

Antão permaneceu naquela cidade por alguns dias e conversou várias vezes com aquele homem, ouvindo seus

comentários sobre o seu livro e suas histórias de viagem. Então, por sua vez, lhe falou a respeito do Evangelho e respondeu a muitas perguntas. Quando deixou aquela cidade, estava plenamente convencido de que aquele homem havia se convertido a Cristo apenas lendo o Evangelho de João, que por muitos anos havia sido a sua companhia inseparável. [245]

Colportagem no rio Amazonas

Então já havia visitado 20 anos antes o Amazonas, trabalhando para a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. Dessa vez, ele era um colportor muito mais experiente, porém tinha um grande desafio pela frente. Estava na cidade de Tefé, no noroeste do Estado do Amazonas, e ia iniciar uma jornada bíblica de mais de 500 quilômetros, remando sozinho em uma canoa grande, com destino à cidade de Manaus, a capital do Estado. Nessa longa jornada de colportagem, ele remaria correnteza abaixo, no largo e profundo rio Solimões, de mais de 10 metros de profundidade. Passaria por muitos povoados pequenos, visitaria inúmeras casas isoladas à beira do rio e só encontraria durante a viagem uma cidade, chamada Coari. Ele não esperava enfrentar, naquela época do ano, grandes enchentes, mas tempestades seriam inevitáveis. Com certeza, remaria vários dias nas águas barrentas do Solimões, debaixo de chuva e de um sol escaldante. Porém, confiava em sua experiência de muitos anos como marinheiro para superar todas as dificuldades que pudessem estar à frente.

A fim de proteger os livros da chuva e do sol, Então colocou na canoa um toldo bem grande. Ao lado dos livros, armou uma rede para dormir durante a noite. Como nos trechos mais estreitos o rio tinha cerca de dois quilômetros de largura e a correnteza nas margens era mais forte, ficava muito difícil para ele manobrar a canoa a fim de

visitar os ribeirinhos que moravam nas margens do rio. Mesmo assim, sempre que avistava um casebre, conduzia a canoa até a margem, cumprimentava os moradores e lhes oferecia um exemplar das Escrituras.

Dinheiro era algo muito escasso na região, então ele aceitava em troca dos livros produtos da região, tais como um cacho de banana, uma galinha, peixe seco, ovos de tartaruga, farinha de mandioca e peles de animais. Foi assim que, durante a viagem, ele conseguiu distribuir àquela gente tão pobre cerca de 400 exemplares das Escrituras. Quando a pessoa não tinha nada para dar em troca de seus livros, ele doava um Evangelho. Mesmo que a pessoa fosse analfabeta, ele deixava um exemplar, na esperança de que algum vizinho ou visitante pudesse ler. Em poucos povoados foi possível reunir um grupo de pessoas, ler a Bíblia em voz alta e pregar o evangelho.

À noite, antes de dormir, Antão tomava a precaução de amarrar a canoa em alguma árvore à beira do rio. Mas esse seu cuidado não impediu que, em uma noite escura e chuvosa, a amarra do barco se soltasse. Quando ele acordou assustado com o barulho das águas agitadas, viu que a canoa já estava longe da margem e, descontrolada, era levada pela correnteza rio abaixo. Com dificuldade, conseguiu controlar a embarcação e voltar para a margem.

Passados muitos dias de viagem, a canoa se aproximou do estuário do Rio Negro e, de repente, as águas tranquilas do Solimões se transformaram num mar tempestuoso. Pegando o remo maior, Antão remou sem parar até colocar a canoa na direção favorável ao vento. Durante mais de três horas, manteve uma luta de vida ou morte contra as forças da natureza. Naquele lugar, o rio tinha mais de cinco quilômetros de largura e o valente colportor só encontrou terra firme quando a tempestade já estava quase acabando. Com muito custo chegou à margem do Solimões, amarrou a canoa em uma árvore e, exausto, jogou-se ao chão para recuperar o fôlego.

Na madrugada do dia seguinte, quando o sol despontou no horizonte, Antão seguiu viagem, remando em águas tranquilas, rumo à capital do Amazonas. Porém, poucas horas depois, o rio mais uma vez se tornou agitado porque a canoa estava passando pelo lugar onde as águas escuras do Rio Negro se encontram com as águas barrentas do Solimões, formando o grande Rio Amazonas. De novo, ele teve que remar forte e rápido para chegar a uma das margens, onde encontrou uma casa muito simples. E ali foi recebido amistosamente por um ribeirinho. Finalmente, seus momentos de perigo estavam terminando. No dia seguinte, remou mais algumas horas e chegou em paz à cidade de Manaus.

No dia seguinte, Antão acordou bem cedo e deu início ao trabalho de divulgação da Bíblia na capital do Amazonas. Como já conhecia Manaus muito bem, começou a oferecer seus livros no mercado municipal, o local mais movimentado da cidade. Embora fosse ainda muito cedo, o mercado já estava cheio de gente e, até o meio dia, Antão conseguiu vender uma grande quantidade de Escrituras. Depois do almoço, optou por oferecer as Escrituras de casa em casa. Ao longo de dois meses repetiu esse mesmo programa de trabalho, visitando o mercado de manhã e as casas à tarde.

Durante essa visita a Manaus, Antão vendeu 119 Bíblias, 380 Novos Testamentos e mais de 1.600 Evangelhos. Além de distribuir tantas Escrituras, tornou-se uma pessoa muito conhecida e querida na capital do Amazonas. Encontrou ali um grande amigo do evangelho, o juiz do Tribunal de Justiça da cidade. Esse senhor ficou tão impressionado com o trabalho de divulgação da Palavra de Deus realizado pelo colportor e com as experiências que ele lhe contou que o convidou a hospedar-se em sua casa. Dessa maneira, após uma viagem tão longa, exaustiva e perigosa, e semanas de total desconforto, Antão passou várias semanas

confortavelmente hospedado em uma rica mansão, onde foi tratado como um membro da família.

Capítulo 16

A BÍBLIA NO BRASIL NOS ANOS 30

1930—1939



Tempos difíceis

1930—1939

A década de 1930 começou com a Grande Depressão Econômica e terminou com a Segunda Guerra Mundial, e, por isso, é considerada uma das épocas mais agitadas e violentas da história. Nesse período, Hitler assumiu o poder na Alemanha e deu início à perseguição aos judeus. De 1936 a 1939 houve a Guerra Civil Espanhola e, em 1939, começou a Segunda Guerra Mundial. Nos EUA, após a quebra da bolsa de Nova York, em 1929, o presidente Franklin Delano Roosevelt lançou o plano de recuperação econômica.

Os anos 1930 foram também agitados e violentos no Brasil, iniciando com a Revolução de 30 e terminando com a Segunda Guerra Mundial. A Revolução de 30, liderada pelo político gaúcho Getúlio Vargas, acabaria levando o país à ditadura. Em 1932 começou a Revolução Constitucionalista, organizada pelo Estado de São Paulo, que exigiu, entre outras coisas, a constitucionalização do novo regime. O movimento foi derrotado, mas forçou a convocação de uma Assembleia Constituinte, em 1933. Em 16 de julho de 1934 foi promulgada a nova Carta que estabelecia uma República Federalista. A Constituição se inspirava na República de Weimar — regime que governou a Alemanha entre o fim da Primeira Guerra Mundial e o

surgimento do nazismo. No mesmo dia em que a nova Constituição foi aprovada, os constituintes reelegeram Getúlio presidente do Brasil.

Na noite de 10 de novembro de 1937, Getúlio fez o seguinte pronunciamento à nação, transmitido pelo rádio para todo o país:

> “Quero instituir um governo de autoridade, liberto das peias da chamada democracia liberal, que inspirou a Constituição de 1934. Nos períodos de crise, como o que atravessamos, a democracia de partidos subverte a hierarquia, ameaça a unidade pátria e põe em perigo a existência da nação.”

No dia seguinte, Getúlio aboliu os partidos e o Parlamento, mandou prender os adversários e baixou uma nova Carta, inspirada na Constituição autoritária da Polônia que, por essa razão, passou a ser chamada de “Polaca”. A partir de 1937, Getúlio se tornou um ditador absoluto. As eleições só voltariam ao país no final do Estado Novo, em 1945.

A economia brasileira foi também seriamente afetada pela crise econômica de 1929, que perdurou durante quase toda a década de 1930. Os preços dos produtos de exportação brasileiros, como o café, a borracha, o açúcar e o algodão despencaram e, além disso, a concorrência internacional aumentou. Devido a esses fatores, o valor das exportações caiu muito e o país teve que contrair uma dívida para pagar os produtos importados. Durante os primeiros anos da década de 1930, o desemprego cresceu tanto no campo como na cidade e a população passou a usar o pouco de que dispunha para comprar produtos de primeira necessidade, deixando de adquirir aqueles considerados dispensáveis ou supérfluos. Com isso, caiu a venda de livros em geral e da própria Bíblia.

A crise se agravou no Brasil até 1933, e a recuperação econômica só se iniciou a partir de 1934, quando a economia americana reagiu com as providências tomadas

pelo presidente Roosevelt. Durante o governo de Getúlio Vargas, os estoques de café chegaram a ser queimados para que os preços subissem. O governo preferiu queimar o café a vendê-lo a preço baixo. Foram queimadas, de 1931 a 1943, 72 milhões de sacas de café, quantidade equivalente a quatro safras. Com a queda na exportação dos produtos agrícolas, o governo Vargas passou a incentivar a indústria e criou grandes companhias estatais, tais como a Companhia Siderúrgica Nacional, em 1938, a Companhia Hidroelétrica do São Francisco, em 1939, a Vale do Rio Doce, em 1942, e a Companhia Nacional de Álcalis, em 1943. Em 1939, quando a depressão econômica finalmente estava acabando, eclodiu a Segunda Guerra Mundial.

Os evangélicos nos anos 30

Em 1930, a comunidade protestante no Brasil era estimada em 700 mil pessoas, ou 1,8% da população brasileira, de 38 milhões de habitantes. Entre as igrejas evangélicas existentes naquela época no país estavam a Adventista, a Anglicana, a Assembleia de Deus, a Batista, a Batista Independente, a Congregacional, a Congregação Cristã, a Episcopal, a Luterana, a Metodista, a Presbiteriana e a Presbiteriana Independente. Entre as missões, destacava-se a União Evangélica Sul-Americana, enquanto que entre as entidades interdenominacionais atuavam no Brasil a Sociedade Bíblica Americana, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, a Associação Cristã de Moços, a Missão Evangélica Caiuá, a Comissão Brasileira de Cooperação e a Associação Cristã Feminina.

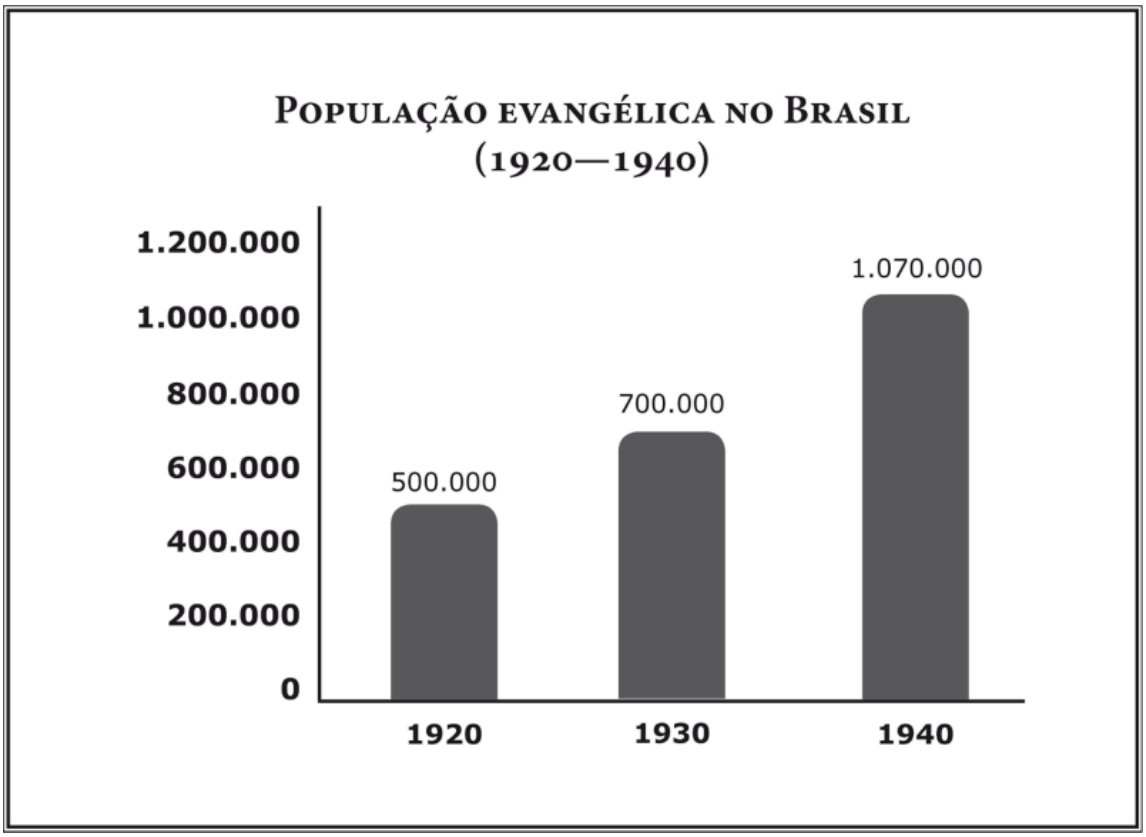
A principal característica desse período foi o processo de nacionalização das denominações evangélicas, que se tornaram independentes econômica e administrativamente de suas missões no exterior.

A Constituição de 1937 era autoritária, mas manteve aspectos mais liberais, como a separação entre a Igreja e o

Estado, o ensino religioso facultativo nas escolas e a liberdade religiosa no país. É o que mostravam alguns artigos do texto constitucional relacionados à religião:

> “Art. 32 — É vedado à União, aos Estados e aos Municípios:
> ...
> b) estabelecer, subvencionar ou embaraçar o exercício de cultos religiosos;
> ...
> Art. 122 — ...
> 4º) todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum, as exigências da ordem pública e dos bons costumes;
> ...
> Art. 133 — O ensino religioso poderá ser contemplado como matéria do curso ordinário das escolas primárias, normais e secundárias. Não poderá, porém, constituir objeto de obrigação dos mestres ou professores, nem de frequência compulsória por parte dos alunos.”

Em 1920, a população evangélica no Brasil era estimada em 500 mil pessoas e, em 1930, já atingia 700 mil. O censo de 1940 registrou uma população de 41.169.321 habitantes, sendo 1.070.687 evangélicos, ou seja, 2,6% da população brasileira. Comparada com a população estimada em 1930, houve um aumento expressivo no número de evangélicos no Brasil que, em dez anos, cresceram 52%, como mostra o gráfico abaixo: [246]



As Sociedades Bíblicas na Amazônia

1930

A primeira tentativa das Sociedades Bíblicas de estabelecer uma agência bíblica na Amazônia havia acontecido em 1857. Naquele ano, a Sociedade Bíblica Americana (SBA) enviou para Belém do Pará o missionário Rev. Robert Nesbit, que foi muito bem-recebido na região, encontrando um campo fértil para a divulgação das Escrituras e conseguindo distribuir os 2.500 exemplares de Escrituras que havia recebido de Nova York. Em 1858, entusiasmado com os resultados animadores do seu primeiro ano de atividades, Nesbit resolveu fazer uma longa viagem missionária, percorrendo todo o Rio Amazonas, até a cidade de Iquitos, na fronteira com o Peru. Partiu de Belém no barco *Tabatinga*, levando um grande carregamento de Escrituras em português para distribuir

aos moradores ribeirinhos. Tudo correu muito bem até Manaus, capital da então Província do Amazonas, onde ele reabasteceu o seu barco. Porém, na última etapa da viagem, aconteceu o inesperado: Nesbit foi acometido de febre amarela e, sem recursos para enfrentar a doença, faleceu no barco, pouco antes do final da viagem. [247]

A segunda tentativa ocorreu três anos depois com o missionário episcopal americano, Rev. Richard Holden. Enviado ao Brasil pela Sociedade Missionária Nacional e Estrangeira e pela SBA, ele chegou a Belém do Pará com o objetivo de dar prosseguimento ao trabalho iniciado por Robert Nesbit. Naquela cidade, divulgou a Bíblia na imprensa e promoveu a sua distribuição através de contatos pessoais na capital e no interior da província, navegando pelos rios da Amazônia. Em junho de 1861, ele subiu o rio Guamá, foi a pé até a nascente do rio Caetés e desceu por esse rio até a cidade de Bragança. Nessa viagem, conseguiu distribuir todos os livros que ele e dois canoeiros puderam levar. Retornou pelo mesmo caminho, pregando o evangelho e distribuindo a Bíblia ao longo do rio Guamá e de seus afluentes. Holden permaneceu três anos na região amazônica e, em 1864, aceitou o convite da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira para ser seu representante na cidade de Salvador, na Bahia. [248]

Durante 66 anos, as Sociedades Bíblicas permaneceram sem um representante na Amazônia. E, finalmente, em 1930, o Rev. Alexander Telford, secretário no Brasil da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) no Rio de Janeiro resolveu abrir uma agência bíblica na cidade de Manaus, a capital do Estado do Amazonas. Ciente das dificuldades enfrentadas anteriormente pelas Sociedades Bíblicas na região, ele procurou para dirigi-la uma pessoa que já conhecesse a Amazônia. E encontrou o missionário anglicano Charles Harold Morris, que já trabalhava ali havia cinco anos e conhecia muito bem a região. Morris tinha vindo da Inglaterra em 1925 como missionário da

Missão Pró-Evangelização Mundial, e vinha realizando um excelente trabalho, tornando-se um obreiro conhecido e querido no Amazonas.

Em 1930, Morris abriu a agência da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira em Manaus. Para suprir de Escrituras as igrejas e os missionários, ele manteve um estoque permanente na cidade. Como na região não havia estradas, a única maneira de alcançar as pessoas que viviam fora da capital do Amazonas era por meio dos rios, viajando em barcos. Por isso, logo no início do trabalho, Morris adquiriu um pequeno barco, ao qual deu o nome de *Luz na Amazônia*. Por meio dele, pôde viajar pelos rios da bacia amazônica e levar a Palavra de Deus a pessoas que nunca antes haviam ouvido falar do Evangelho. Durante suas viagens, Morris teve de enfrentar inúmeros perigos, tais como fortes tempestades e grandes enchentes. Mas com fé, coragem e dedicação ele conseguiu superar todos os desafios, permanecendo como representante da SBBE no Amazonas durante toda a década de 1930. Morris viria deixar a região somente 12 anos depois, em 1942, quando foi convidado a dirigir a agência da Sociedade Bíblica do Rio de Janeiro. Infelizmente, durante esse longo período na Amazônia, não conseguiu evitar a doença de Chagas, [249] enfermidade que afetou seriamente a sua saúde durante o resto de sua vida.

Com a saída de Morris, em 1942, a região amazônica passaria mais 16 anos sem contar com a atuação das Sociedades Bíblicas. Somente em 1958, dez anos depois de sua fundação, a Sociedade Bíblica do Brasil abriria uma agência em Belém do Pará. Em 1962, criaria um projeto de divulgação da Bíblia e assistência médica e social, ao qual daria o nome de *Luz na Amazônia*, em homenagem ao trabalho pioneiro iniciado na região pelo missionário Charles Harold Morris.

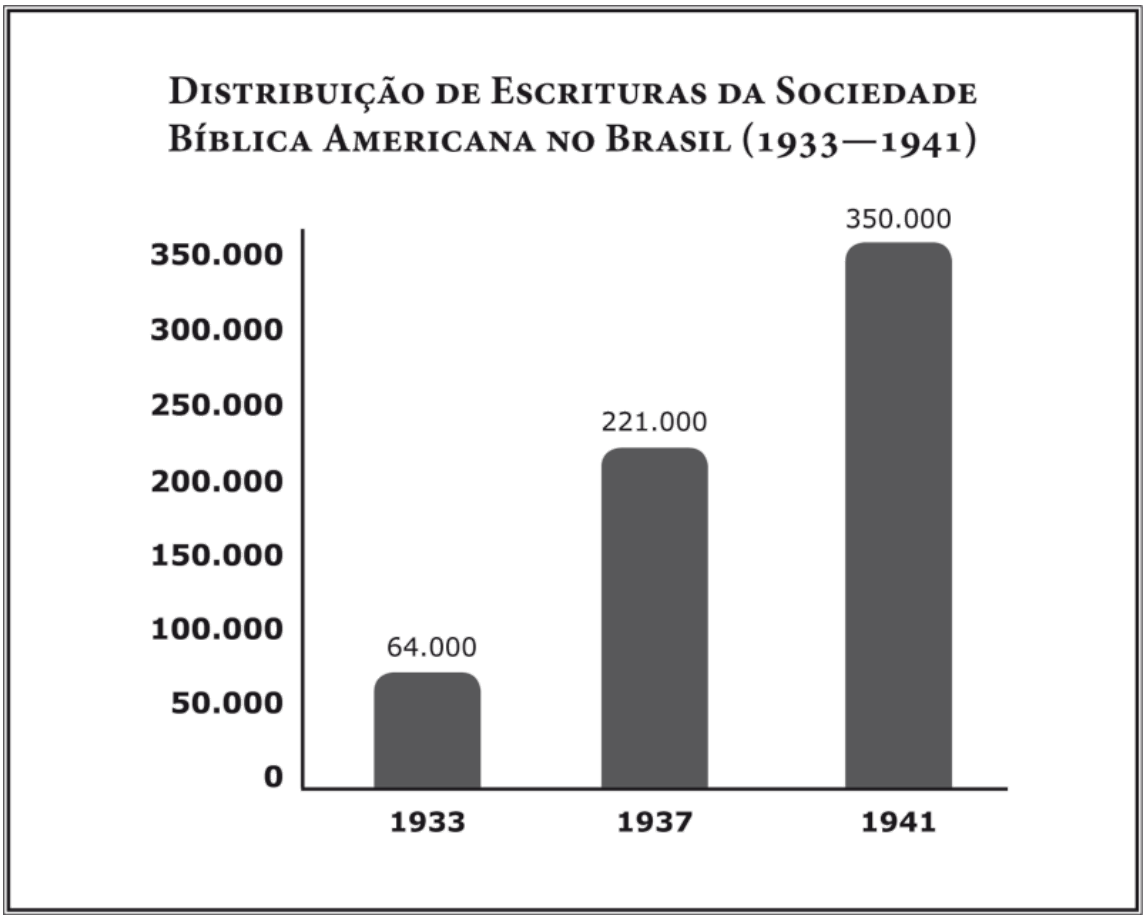
Charles William Turner

1933—1947

O Rev. Charles William Turner graduou-se pela Universidade Wesleyana de Ohio, nos EUA, e, em 1932, recebeu o grau de Doutor em Filosofia pela Universidade de Drew, onde havia sido professor de espanhol durante quatro anos. Em 1933, quando aceitou o convite da Sociedade Bíblica Americana (SBA) para trabalhar no Brasil, era pastor da Igreja Metodista de Cedar Cliff, em Paterson, New Jersey.

Em 1933, começou sua carreira no Brasil atuando como assistente do Rev. Hugh Clarence Tucker na agência da SBA no Rio de Janeiro. Em 1934, Tucker aposentou-se após 47 anos de atividades como secretário da SBA no Brasil, e Turner assumiu o seu posto. Sua responsabilidade foi muito grande desde o início, pois, além de substituir uma figura de grande prestígio, encontrou o Brasil em um período de forte crise econômica, decorrente da depressão de 1929. Além disso, administrou a agência da SBA em um país dominado pela ditadura e enfrentou graves problemas de falta de Escrituras durante a Segunda Guerra Mundial.

Apesar de administrar a agência em um período tão difícil, Turner conseguiu recuperar a distribuição de Escrituras da queda ocorrida no início da década de 1930 e mantê-la em nível elevado e crescente até 1942, quando a SBA e a SBBE se unificaram para formar no Brasil as Sociedades Bíblicas Unidas. Em 1933, quando começou a trabalhar no Brasil, a distribuição anual de Escrituras da SBA no país era de apenas 64.838 exemplares, e quando as Sociedades Bíblicas se uniram, em 1942, subiu para 350 mil, como mostra o gráfico abaixo:



Terminada a Segunda Guerra Mundial, além de exercer suas funções de secretário da SBA no Brasil, Turner dedicou-se à construção de dois edifícios da Bíblia, um no Rio de Janeiro e outro na cidade de Buenos Aires, na Argentina. Em 1947 ele foi transferido para a Argentina, a fim de dirigir as Sociedades Bíblicas Unidas do Rio da Prata. Foi substituído, no Brasil, em 1947, pelo Rev. Lewis Malen Bratcher Jr., filho do missionário batista Rev. Lewis Malen Bratcher. Em 10 de junho de 1948, Turner participou da cerimônia de inauguração da Sociedade Bíblica do Brasil, no Rio de Janeiro, como representante das Sociedades Bíblicas Unidas, e ressaltou em seu discurso a importância da obra de difusão da Bíblia realizada pela SBBE e pela SBA durante 130 anos no Brasil. Em 1954, o Rev. Turner publicou, na Argentina, um livro de

sua autoria, denominado *La Biblia construye en América Latina*. [250]

Leonor Raeder

1934—1983

Leonor Raeder nasceu em 1913, em Petrópolis (RJ), cidade que seus bisavós alemães haviam ajudado a fundar, no início do século 19. Membro da Igreja Presbiteriana de Copacabana, no Rio de Janeiro, ela iniciou sua longa carreira na Sociedade Bíblica em 1934, com apenas 21 anos de idade, a convite do Rev. Hugh Clarence Tucker, secretário da Sociedade Bíblica Americana (SBA) no Brasil. Começou a trabalhar como secretária do Rev. Charles William Turner, que naquele ano estava assumindo a direção da agência da SBA no Brasil em lugar de Tucker. De 1934 a 1942, foi funcionária da SBA e, de 1942 a 1948, das Sociedades Bíblicas Unidas. Durante esses 14 anos, ocupou diversos cargos na administração e em todos se destacou pela dedicação, eficiência e amor à causa bíblica.

Após a fundação da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), em 1948, Leonor assumiu a função de assistente do seu primeiro secretário-geral, o Rev. Egmont Machado Krischke. Em 1950, quando Krischke se retirou, passou a ser assistente do novo secretário-geral da SBB, o Rev. Ewaldo Alves. Ela exerceu diversas atividades na SBB, como encarregada da produção de Escrituras, responsável pelo departamento de Recursos Humanos e redatora da revista *A Bíblia no Brasil*, órgão oficial da SBB. Durante 26 anos, serviu à Sociedade Bíblica do Brasil com dedicação e eficiência e, por diversas vezes, ocupou interinamente as funções do secretário-geral, durante sua ausência em viagens ao exterior.

Após a transferência da sede da SBB para Brasília, em 1975, Leonor permaneceu no Rio Janeiro, como redatora da revista *A Bíblia no Brasil*, função que exerceu até sua

aposentadoria. Aposentou-se em 1980, após 46 anos de relevantes serviços prestados à Sociedade Bíblica Americana, às Sociedades Bíblicas Unidas e à Sociedade Bíblica do Brasil.

Mesmo depois da aposentadoria, em 1980, acompanhou com interesse o trabalho da Sociedade Bíblica do Brasil. Em entrevista concedida à revista *A Bíblia no Brasil*, ela declarou:

> "Guardo as mais sublimes recordações de minha passagem pela SBB, dos diretores, secretários e funcionários em geral, entre os quais o Sr. Emílio Conde, o Bispo César Dacorso Filho, Rev. Antônio de Campos Gonçalves, Prof. Haroldo Lobo, Pr. David Gomes, Dr. Aldo Fagundes, Dr. Antônio Neves de Mesquita e Rev. Ewaldo Alves. Todos me impressionaram muito pela dedicação e carinho que lidaram com a causa da Bíblia. O Rev. Ewaldo dedicou sua vida à causa da Bíblia no Brasil e, graças à sua atuação, a SBB hoje está entre as maiores do mundo. Lembro com alegria de grandes eventos como a publicação da Versão Revista e Atualizada da Tradução de Almeida, a publicação do Novo Testamento na Linguagem de Hoje e da Grande Concordância Bíblica; da inauguração do edifício da Bíblia no Rio de Janeiro, da reunião de secretários da América Latina, do Concílio Mundial de Sociedades Bíblicas, do Concurso Bíblico Internacional e do Concurso Bíblico Nacional. Acho que, em nosso trabalho, o principal é o amor pela nossa missão e o amor pelas almas. Quem trabalha não deve pensar apenas no seu sustento. Isso é importante, sim, mas achar o sentido evangelístico do trabalho é fundamental. Continuem sempre firmes. Tivemos anos difíceis, mas sempre conseguimos vencer." [251]

Na madrugada de 21 de maio de 1990, Leonor Raeder faleceu na cidade de Petrópolis, aos 77 anos, deixando um exemplo inspirador de amor a Deus e ao próximo e de uma vida inteiramente consagrada à difusão da Palavra de Deus no Brasil. [252]

Charles Harold Morris no Rio de Janeiro

1930—1961

Em 1936, o missionário canadense Rev. James Innes assumiu o cargo de secretário da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) no Brasil, em substituição

ao Rev. Alexander Telford. Innes passou a trabalhar no Rio de Janeiro, mantendo Morris como representante da agência em Manaus. Em 1942, Innes voltou para o Canadá, e Morris foi transferido de Manaus para o Rio de Janeiro, a fim de dirigir a SBBE em todo o Brasil.

Naquele mesmo ano, juntamente com o secretário da SBA, Rev. Charles Turner, Morris participou da unificação das duas sociedades que operavam no Brasil e que, após a unificação, adotaram o nome de Sociedades Bíblicas Unidas. Ele permaneceu nesse cargo até a fundação da Sociedade Bíblica do Brasil, em 1948, quando passou a integrar o corpo de executivos da nova sociedade.

Em 1948 e 1949, Morris dividiu a direção executiva da SBB com o secretário brasileiro Rev. Egmont Valle Machado Krischke e o secretário americano Rev. Lewis Malen Bratcher Jr. A partir de meados de 1950, ele compartilhou o cargo com o Rev. Ewaldo Alves, novo secretário da SBB e o secretário da SBA. De 1948 a 1961, passou a dirigir os departamentos de finanças e distribuição da SBB.

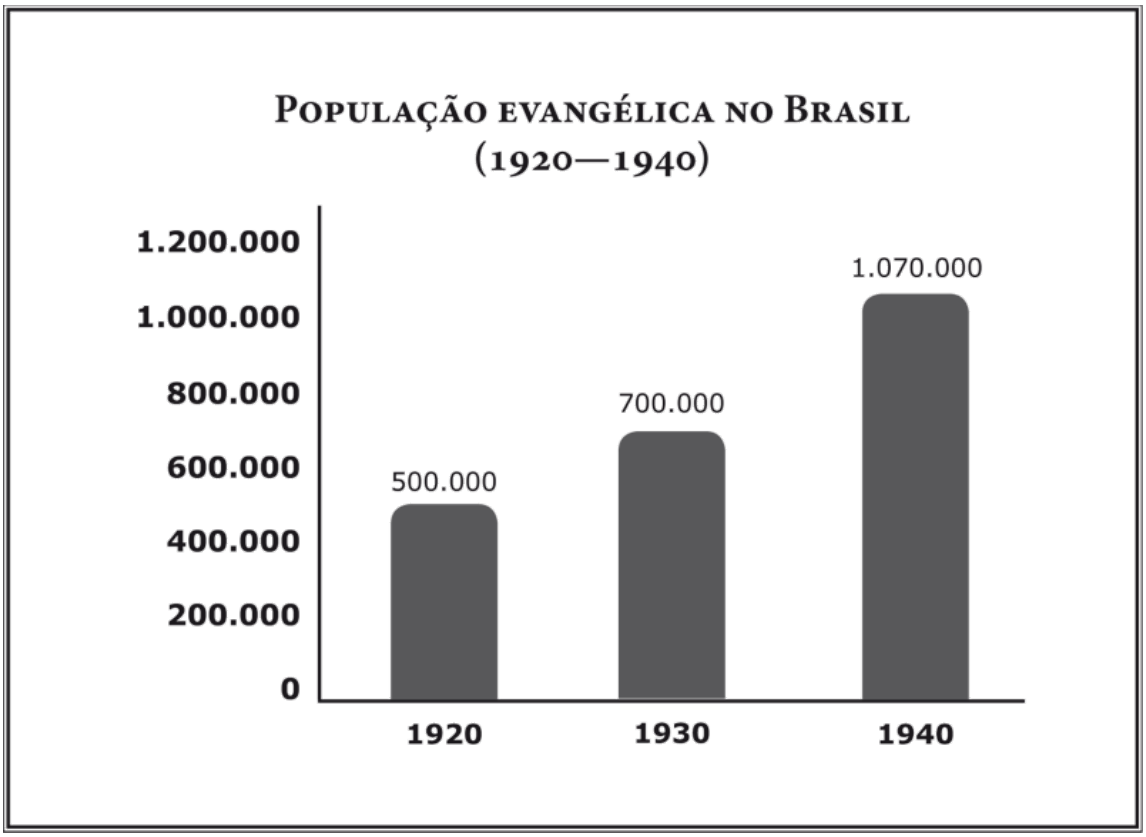
Em junho de 1961, a Sociedade Bíblica Americana (SBA) e a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) decidiram retirar seus secretários executivos que cooperavam com a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) desde a sua fundação, em 1948. No dia 15 de junho de 1961, a diretoria da SBB, reunida no Rio de Janeiro, homenageou Charles Harold Morris e deu graças a Deus pela grande contribuição dada por ele durante 36 anos à obra bíblica no Brasil.

Naquele mesmo ano, Charles Harold Morris foi designado pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira para organizar e dirigir a Sociedade Bíblica da África do Sul, com sede em Johanesburgo. Morris viria a falecer na Inglaterra, em 1979, depois de dedicar toda a vida à difusão da Palavra de Deus no Brasil e na África. [253]

A Bíblia no Brasil nos anos 30

Durante a década de 30, tanto a Sociedade Bíblica Americana (SBA) como a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) passaram por mudanças na direção de suas agências. Em 1934, o Rev. Hugh Clarence Tucker, que havia dirigido a agência da SBA no Brasil desde 1877, foi substituído pelo missionário metodista Rev. Charles Turner. Em 1936, o Rev. Alexander Telford, que havia assumido a direção da agência da SBBE no Rio de Janeiro em 1917, aposentou-se e foi substituído pelo missionário canadense Rev. James Innes. Essas alterações ocorridas na área administrativa provocaram nos primeiros anos certa instabilidade no trabalho de distribuição de Escrituras das agências bíblicas no Brasil.

Em 1930, a SBA distribui no Brasil 154 mil Escrituras, baixando para 137 mil em 1931 e voltando a subir para 166 mil, em 1932. Porém, em 1933, sofreu uma queda brusca, caindo para apenas 64 mil exemplares. Daí em diante, a distribuição da SBA voltou a crescer no Brasil, chegando a 112 mil em 1934 e 97 mil em 1935. Em 1936, subiu para 173 mil, atingindo o nível do início da década e, em 1937, alcançou o patamar de 221 mil Escrituras, a maior circulação da década, como ilustra o gráfico abaixo:



Atolados no lamaçal

1933

No início da década de 1930, para realizar melhor o seu trabalho, o colportor Frederick Glass passou a fazer uso de novos meios de comunicação e de transporte que haviam surgido na Europa e nos EUA e estavam chegando ao Brasil. O primeiro deles foi o projetor, conhecido na época como “lanterna mágica”, que tornava as palestras mais atraentes e, como toda novidade, encantava o público. E, para o transporte dos colportores e dos livros, feito até então no lombo de animais, em carroças e carros de boi, Glass passou a usar uma modernidade: o automóvel.

Em 1933, Glass resolveu fazer uma longa viagem pelo interior da Bahia, em companhia dos colportores Antão e Januário, e aproveitou a oportunidade para experimentar aqueles novos meios de comunicação e de transporte. Ele escolheu como local de atividade o interior da Bahia,

porque esse era um Estado grande e populoso, que estava sendo atendido na época por apenas seis missionários evangélicos. Como meio de transporte, Glass e seus companheiros de trabalho decidiram empreender a viagem num carro Ford 1929, recém-adquirido pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE).

Partiram da Sede da SBBE, no Rio de Janeiro, atravessaram o Estado de Minas, passaram pela cidade de Salvador e rumaram para o Nordeste da Bahia, a uma região próxima do rio São Francisco e do Estado de Sergipe. Como era tempo de chuvas e as estradas de terra estavam enlameadas, a viagem foi difícil e demorada — embora bem mais rápida e confortável do que as anteriores, feitas em lombo de mulas. Começaram o trabalho de distribuição da Bíblia de casa em casa em uma região rural próxima das cidades de Rio Branco e Nova Olinda, chamada hoje Olindina. [254] As estradas daquela região tinham sido construídas para o tráfego de animais de carga, carroças e carros de bois, e ainda não haviam sido adaptadas ao transporte rodoviário.

Depois de haverem ultrapassado com grande dificuldade estradas estreitas, esburacadas e cheias de lama, chegaram a um lugar em que só podiam prosseguir passando por um grande atoleiro. Sem ânimo para voltar e confiantes na potência do seu Ford, eles resolveram atravessar de carro aquele terrível lamaçal. Mas a lama era muito mais profunda do que imaginavam e o carro ficou atolado no barro. Eles procuraram de todas as maneiras retirar o carro, mas ele permaneceu imóvel, mergulhado na lama. Então, sem alternativa, os colportores saíram a pé para procurar socorro. Passaram por um canavial e avistaram a sede da fazenda. Bateram palmas e o dono apareceu à porta, muito sério e assustado. Glass contou o que estava acontecendo e lhe pediu ajuda.

Naquela época, andavam por todo o Nordeste do país os jagunços do famoso cangaceiro Lampião. Provavelmente

temeroso de que os colportores fossem cangaceiros, o dono da fazenda respondeu gritando:

— Vocês estão invadindo minha fazenda. Retirem-se daqui!

Glass insistiu educadamente:

— Desculpe-me, senhor, mas nós não podemos ir embora sem a sua ajuda.

O dono da fazenda não aceitou as desculpas e disse que não ia ajudar.

Então Glass teve a ideia de dizer:

— E sou estrangeiro, sou inglês.

Então o homem se acalmou, respondendo:

— Inglês? Bem, muito bem.

Em seguida, chamou seus empregados:

— José, João, Chico, Antônio, venham depressa para ajudar esses homens a tirar o carro do atoleiro!

No mesmo instante, cerca de 20 homens apareceram e foram com eles até o lugar onde o carro estava atolado. Tentaram tirá-lo do lamaçal, mas não conseguiram. Então, trouxeram duas juntas de bois para ajudar a puxar o carro. E, assim, conseguiram retirá-lo do lamaçal.

Quando os colportores voltaram à fazenda cobertos de lama e esfomeados, encontraram à sua espera um delicioso jantar. Depois da refeição, fizeram uma reunião com toda a família e muitos colonos também assistiram. Em pouco tempo, se tornaram bons amigos.

O dono da fazenda pediu sinceras desculpas pela maneira grosseira com que os havia recebido e os convidou a passar alguns dias ali. Os colportores aceitaram o amável convite e passaram três dias com aquela bondosa família, lhes falando do evangelho. E, antes de partir, deram ao dono da fazenda um exemplar do Novo Testamento.

Algum tempo depois, o colportor Frederick Glass soube que aquele homem havia lido todo o Novo Testamento e que essa leitura havia despertado nele um vivo interesse no Evangelho. [255]

Capítulo 17

A BÍBLIA DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

1939—1945



A Segunda Guerra Mundial

1939—1945

A Segunda Guerra Mundial, travada entre 1939 e 1945, teve origem no continente europeu e envolveu países de todos os continentes. A causa principal desse conflito foi a pretensão expansionista de países como Alemanha, Itália e Japão. Essas nações desejavam se tornar grandes potências e acreditavam que a melhor forma de conseguir esse objetivo seria através da invasão de novos territórios e sua posterior anexação aos seus domínios.

Assim, em 1937 e 1938, o Japão invadiu a China, a Rússia e a Mongólia. Em 1938, a Alemanha se apoderou de dois países vizinhos, a Áustria e a Tchecoslováquia. Em 1939, a Itália enviou tropas para se apossar da Albânia.

A eclosão da guerra aconteceu em 1939, quando a Alemanha invadiu a Polônia. A Inglaterra e a França saíram em defesa da Polônia, declarando guerra à Alemanha. A União Soviética foi invadida pelo exército alemão e também entrou no conflito. Os únicos países da Europa que permaneceram neutros foram Portugal, Espanha, Suécia e Suíça.

Em 7 de dezembro de 1941, os EUA também entraram na guerra, após o ataque aéreo japonês à base naval norte-americana de Pearl Harbor, no Havaí, que destruiu 11 navios e 188 aviões e matou 2.471 pessoas.

O conflito envolveu dois grupos distintos de países: o Eixo e os Aliados. O Eixo foi formado por Alemanha, Itália e Japão. No grupo dos Aliados estavam, dentre outros, França, Inglaterra, União Soviética, EUA e Brasil.

Em 1943, após quatro anos de violentos confrontos militares, a guerra deu sinais de que poderia terminar, com a rendição da Itália. Em 1945, a Alemanha e o Japão não suportaram a ofensiva dos Aliados e também se renderam, consolidando a derrota do grupo do Eixo. O Japão somente se rendeu depois de ser atingido por duas bombas atômicas lançadas pelos EUA, uma na cidade Hiroshima e outra em Nagasaki.

Terminada, a Segunda Guerra Mundial, que devastou dezenas de países e matou mais de 30 milhões de seres humanos, surgiu na comunidade internacional um sentimento de que era necessário encontrar uma forma de manter a paz entre os países. Assim, em 24 de outubro de 1945 foi criada a *Organização das Nações Unidas (ONU)*, com o objetivo de facilitar a cooperação entre as nações no tocante a temas como direito internacional, segurança, desenvolvimento econômico, progresso social, direitos humanos e a própria paz mundial. Em 10 de dezembro de 1948 a ONU aprovou a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, que é a base da luta universal contra a opressão e a discriminação. Defende a igualdade e a dignidade das pessoas e reconhece que os direitos humanos e as liberdades fundamentais se aplicam a todos os seres humanos. [256]

O Brasil na Segunda Guerra Mundial

1939—1945

Em 1939, no início da Segunda Grande Guerra, o governo brasileiro, liderado pelo presidente Getúlio Dorneles Vargas, se mostrou indefinido quanto à sua posição na guerra. Ao mesmo tempo em que contraía empréstimos com os EUA, Getúlio, como ditador, manifestava maior simpatia pelos países do Eixo. Os generais Eurico Gaspar Dutra e Góis Monteiro eram favoráveis a uma aliança com a Alemanha. Diante disso, as autoridades norte-americanas passaram a ver com preocupação a possibilidade de o Brasil vir a apoiar os nazistas. Afinal, o Brasil estava localizado em posição estratégica, próximo do continente africano, e poderia servir de escala para a força aérea americana em trânsito para a África e a Europa.

A preocupação norte-americana proporcionou a Getúlio a liberação de um empréstimo de 20 milhões de dólares para a construção da Usina de Volta Redonda. Esse empréstimo foi aprovado em dezembro de 1941, seis meses antes do ataque japonês a Pearl Harbor.

Em fevereiro de 1942, submarinos alemães e italianos iniciaram o torpedeamento de embarcações brasileiras no oceano Atlântico, em represália à adesão do Brasil aos compromissos da Carta do Atlântico, que previa o alinhamento automático com qualquer nação do continente americano que fosse atacada por uma potência de fora do continente.

Em agosto de 1942, após meses de torpedeamento de navios mercantes brasileiros, o governo brasileiro não resistiu à pressão popular e declarou guerra à Alemanha nazista e à Itália fascista. Em 1942, os americanos instalaram bases aeronavais ao longo da costa Norte e Nordeste brasileira. A mais importante dessas bases foi estabelecida no município de Parnamirim, vizinho à capital Natal, no Estado do Rio Grande do Norte. Essa base foi de especial importância para o esforço de guerra aliado antes do desembarque de tropas anglo-americanas no Norte da

África, em novembro de 1942, e passou a ser chamada de “Trampolim da Vitória”.

No final de 1943, o governo brasileiro começou a formar a Força Expedicionária Brasileira (FEB), destacamento militar convocado para lutar na Segunda Guerra Mundial. Esperava-se que 100 mil brasileiros se alistassem, porém, no início de 1944, apenas 28 mil soldados haviam se apresentado para ir à guerra. Em 30 de junho de 1944 foi iniciado o embarque das tropas brasileiras para a Itália. De julho a setembro de 1944, 25.334 homens foram enviados para a Europa, com o auxílio da Força Aérea Brasileira.

Ao longo de 259 dias de luta, a FEB participou da conquista dos Apeninos, cadeia montanhosa situada no Norte da Itália, de importância estratégica para a vitória dos Aliados na Itália. No dia 21 de fevereiro de 1945, em pleno inverno europeu, após doze horas de intensos combates, as tropas brasileiras venceram sua principal batalha e conquistaram Monte Castelo. Foi o ponto alto da participação brasileira na guerra.

No dia 2 de maio cessaram as hostilidades na Itália, com a capitulação do último batalhão do exército inimigo. Seis dias depois, a guerra acabou na Europa, com a vitória dos Aliados e a rendição definitiva da Alemanha. Durante a guerra, a Força Expedicionária Brasileira perdeu 454 combatentes, que foram sepultados no cemitério de Pistoia, na Itália.

Apesar de haver enfrentado forças italianas e nazistas mais bem-preparadas para a guerra, os pracinhas brasileiros lutaram bravamente, voltaram vitoriosos da Itália e foram recebidos festivamente no Brasil. [257]

As Sociedades Bíblicas durante a guerra

1939—1945

Em setembro de 1939, poucas semanas depois do início da Segunda Guerra Mundial, a Sociedade Bíblica Britânica

e Estrangeira (SBBE) produziu uma edição de 300 mil Novos Testamentos, no formato de bolso, com capas nas cores cáqui e azul real, para distribuição aos soldados ingleses. No início de cada livro foi impressa a seguinte mensagem do rei George VI, da Inglaterra:

> "A todos que servem as minhas Forças de mar, de terra e de ar, e a todo o meu povo empenhado na defesa do Reino, eu recomendo a leitura deste livro. Por séculos, a Bíblia tem sido uma benéfica e fortalecedora influência na vida do nosso país e, nestes dias difíceis, precisamos retornar, com fé renovada, a essa fonte Divina de conforto e inspiração."

No final de 1939, a produção desses Novos Testamentos ultrapassou meio milhão de exemplares, e a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) criou, com o apoio do Arcebispo de Canterbury, Cosmo Gordon Lang, o *Fundo para Publicação das Escrituras*.

No dia 17 de janeiro de 1941, a Gestapo [258] visitou o depósito de Escrituras da SBBE em Viena, na Áustria, e deu a seguinte ordem:

> "Todo o trabalho da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira está proibido em todo o território nazista. Todo o estoque de Bíblias dessa sociedade, tanto na Alemanha como na Áustria, inclusive os materiais de impressão e encadernação estão confiscados e serão retirados para serem destruídos."

Durante aquele ano, dezenas de milhares de prisioneiros de guerra aliados foram enviados aos campos de concentração na Alemanha e na Áustria. Como a SBBE não podia fazer nada para levar a Bíblia a esses prisioneiros, devido a seu envolvimento na guerra, a Sociedade Bíblica Americana (SBA) procurou ajudar. O secretário-geral da SBA, Eric North, escreveu à Comissão Ecumênica de Capelães, em Genebra, na Suíça, solicitando a essa organização a indicação de uma pessoa para trabalhar para as Sociedades Bíblicas naquele país. Como a Suíça havia mantido sua neutralidade durante a guerra, poderia se

tornar um novo centro de produção e distribuição da Bíblia na Europa.

A Comissão Ecumênica de Capelães indicou para representar as Sociedades Bíblicas na Suíça o nome de Olivier Béguin. Ele aceitou o convite da SBA, iniciou a produção de Escrituras na Suíça e usou todos os meios possíveis para levar a Bíblia aos prisioneiros de guerra, em diversos países da Europa. No final de 1941, a fim de acelerar o processo de produção e distribuição das Escrituras aos prisioneiros de guerra, a SBA também produziu 117.539 exemplares de Bíblias, Novos Testamentos e Evangelhos, em inglês, francês, russo, italiano, polonês, tcheco, grego, holandês e espanhol, e os enviou à Cruz Vermelha Internacional, que atuava em diversos países da Europa.

Além da Cruz Vermelha, a Associação Cristã de Moços (ACM), que possuía representação e voluntários em quase todos os países da Europa, desempenhou um papel importante na distribuição da Bíblia aos prisioneiros de guerra. Seus membros visitaram campos de concentração em muitos países, levando assistência espiritual aos prisioneiros e lhes entregando um exemplar das Escrituras. Em 1946, após o término da guerra, John R. Mott, líder da ACM, recebeu o Prêmio Nobel da Paz, em reconhecimento ao importante trabalho de assistência moral e espiritual prestado às vitimas da Segunda Guerra Mundial.

A ACM do Rio de Janeiro também colaborou na assistência às vítimas da Segunda Guerra Mundial, enviando à Europa seu secretário executivo e fundador Myron Clark. Ele desenvolveu um importante programa de apoio aos combatentes de guerra, porém voltou ao Brasil com a saúde abalada e, dois anos depois, faleceu prematuramente no Rio de Janeiro, com apenas 54 anos. [259]

No início de 1942, Olivier Béguin, então secretário da Comissão Ecumênica de Capelães, informou em relatório

enviado à SBA, em Nova York, que até 30 de novembro de 1941, 95 campos de concentração haviam sido visitados e que 7.100 Bíblias, 22.600 Novos Testamentos e 40.800 Evangelhos haviam sido distribuídos aos prisioneiros de guerra na Europa.

Os capelães dos campos de concentração que receberam os livros enviaram muitas cartas de agradecimento às Sociedades Bíblicas, como a transcrita a seguir:

> “Agradecemos muito pela amável carta que nos enviaram, acompanhada de caixas de Bíblias, que vieram atender a uma necessidade urgente que existe em nosso campo. Informamos ainda que outros 3.200 prisioneiros de nosso campo estão solicitando Novos Testamentos.” [260]

A falta de Bíblias no Brasil durante a guerra

1939—1945

Durante a Segunda Guerra Mundial, as Sociedades Bíblicas enfrentaram muitas dificuldades para suprir de Escrituras as igrejas no Brasil. O primeiro obstáculo enfrentado foi o racionamento do papel na Europa e nos EUA, com uma consequente elevação do preço do produto no mercado internacional, o que encareceu a produção de Escrituras. O segundo foi a escassez de materiais utilizados na encadernação de Bíblias e Novos Testamentos. O terceiro problema foram as elevadas despesas que as Sociedades Bíblicas tiveram de arcar na Europa a fim de reconstruir suas sedes, que foram destruídas em muitos países.

A maior causa da escassez de Escrituras no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, porém, foi a dificuldade encontrada pelas Sociedades Bíblicas para enviar seus livros para o Brasil. A partir de 1942, muitos navios da marinha mercante brasileira que transportavam Bíblias dos EUA e da Europa para o Brasil foram afundados.

De 1942 a 1944 foram atingidos e afundados pela marinha e força aérea da Alemanha 34 navios brasileiros, sendo nove de passageiros e 25 cargueiros. O primeiro foi o navio de passageiros *Buarque*, em 15 de fevereiro de 1942, e o último o navio cargueiro *Vital de Oliveira*, em 19 de julho de 1944. Durante esses naufrágios morreram 1.081 passageiros.

Esses sérios obstáculos enfrentados pela SBA e pela SBBE tornaram impossível o suprimento regular de Bíblias ao Brasil durante a Segunda Grande Guerra. Por isso, em 1943, a Sociedade Bíblica Americana, atendendo à solicitação do Rev. Turner, que dirigia sua agência no Brasil, concordou em enviar as placas tipográficas do Novo Testamento com Salmos, a fim de que pudessem ser impressos no Brasil.

Em setembro de 1943, um ano após o Brasil ter entrado na guerra, a revista *Bible Society Record*, editada pela Sociedade Bíblica Americana, em Nova York, publicou a seguinte nota sobre a distribuição de Escrituras no Brasil e o episódio da remessa das chapas tipográficas:

> "A demanda de Escrituras no Brasil não para de crescer. Por causa da dificuldade de transporte de livros para o país, a Sociedade Bíblica Americana em Nova Iorque autorizou recentemente o embarque de chapas tipográficas contendo o Novo Testamento e o livro de Salmos em português, para o secretário Rev. Charles William Turner poder imprimir 25 mil exemplares no Brasil. Existe atualmente no Brasil uma grande expectativa pelo recebimento de um milhão de Evangelhos em português, procedentes dos EUA. Informações mais recentes indicam que esses livros provavelmente poderão ser embarcados nos próximos meses." [261]

As Sociedades Bíblicas Unidas no Brasil

1942

A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) e a Sociedade Bíblica Americana (SBA) operaram separadamente no Brasil durante todo o século 19. No início do século 20, definiram seus campos de atuação no

Brasil e unificaram suas lojas de venda no Rio de Janeiro. Em 1924, unificaram a produção de Escrituras, mas continuaram a atuar separadamente nas áreas de distribuição e administração. E, finalmente em janeiro de 1942, as agências da SBBE e da SBA decidiram se unir no Brasil para formar as Sociedades Bíblicas Unidas no Brasil.

A unificação das duas Sociedades Bíblicas no Brasil foi anunciada e celebrada em uma cerimônia realizada no dia 31 de maio de 1942, um domingo, na Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, e contou com a presença de líderes das principais denominações evangélicas em atividade no país. A reunião foi aberta pelo Rev. João Filson Soren, pastor da igreja hospedeira, e transmitida pelo rádio para todo o país.

Após a palavra introdutória do Rev. Soren, o Rev. Rodolfo Anders, secretário executivo da Confederação Evangélica do Brasil, invocou a presença de Deus. O Bispo Ivor Evans, da Igreja Anglicana do Rio de Janeiro, e o Rev. Hugh Clarence Tucker fizeram a leitura de passagens do Antigo e do Novo Testamento. O secretário da agência da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, Charles Harold Morris, apresentou um resumo histórico da atuação da SBBE e da SBA no Brasil.

Em seguida, falaram sobre a importância e o uso da Bíblia na Escola Dominical, no lar, na escola, nos negócios, na igreja e na vida diária os seguintes líderes evangélicos: Arcedíago Nemésio Almeida, da Igreja Episcopal; Rev. Odilon de Morais, presidente da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil; Rev. William C. Kerr, presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil; J. L. Fernandes Braga Jr., representante leigo da Igreja Cristã Evangélica do Brasil; Rev. Sinésio Lyra, presidente da Comunhão Evangélica; e o Rev. Manoel Avelino de Souza, presidente da Convenção Batista Brasileira.

O bispo metodista César Dacorso Filho, eleito presidente das Sociedades Bíblicas Unidas, pregou uma inspiradora

mensagem sobre o tema “A Bíblia: fonte de liberdade”. O orador lembrou a importância da Bíblia na formação das grandes potências mundiais — a Inglaterra e os EUA — e a união dessas duas nações para defender a liberdade dos povos durante a Segunda Guerra Mundial.

A cerimônia foi encerrada com o cântico pela congregação do hino “Minha Pátria para Cristo” e oração e bênção pelo Rev. Matatias Gomes dos Santos, pastor da Primeira Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro.

Nos dias que se seguiram ao evento, as Sociedades Bíblicas Unidas receberam telefonemas, telegramas e cartas de autoridades do governo, líderes evangélicos do Brasil e do exterior e leitores da Bíblia, com cumprimentos pela união das duas entidades e votos de bênçãos e vitórias no cumprimento de sua missão de divulgar a Palavra de Deus no Brasil. [262]

A Bíblia no Brasil durante a guerra

1939—1945

Após o alinhamento do Brasil com os Aliados, em agosto de 1942, os portos e aeroportos brasileiros assumiram um papel estratégico para os EUA na Segunda Guerra Mundial. Diariamente, centenas de marinheiros e pilotos americanos transitavam pelos portos do Brasil, especialmente em Belém, Natal, Recife e Rio de Janeiro. Para atender a esses soldados em trânsito para a Europa e a África, as Sociedades Bíblicas que operavam no Brasil importaram dos EUA milhares de Novos Testamentos contendo mensagem do presidente americano Franklin Delano Roosevelt. As Sociedades Bíblicas Unidas publicaram também uma edição especial de Evangelhos para a Força Expedicionária Brasileira.

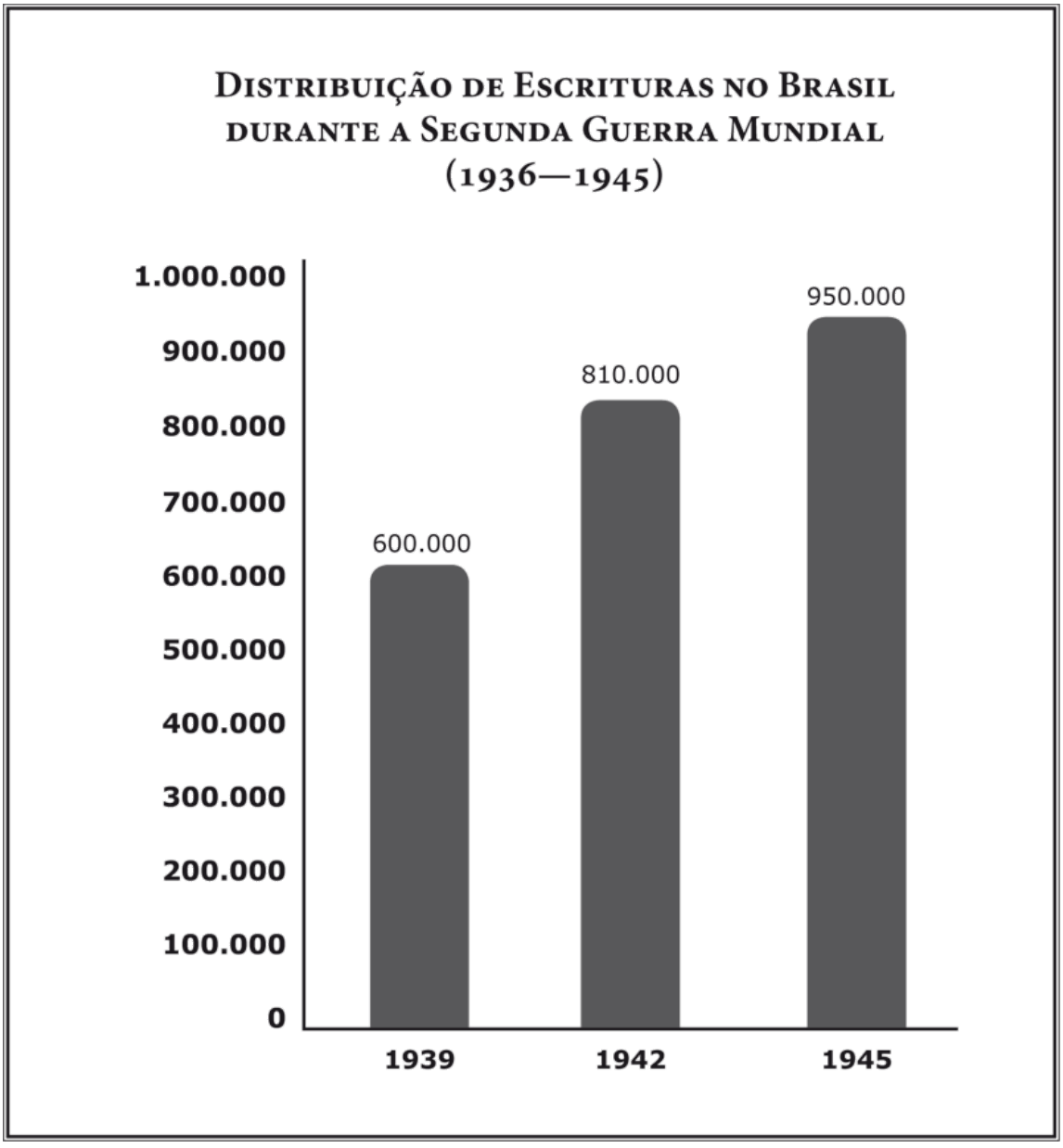
Nos portos e aeroportos do Norte e Nordeste do Brasil, os combatentes americanos receberam as Escrituras em inglês por meio de voluntários. No Rio de Janeiro, onde

havia a presença de expedicionários brasileiros e de soldados americanos em trânsito para a Europa, foi organizado o *Comitê de Assistência aos Combatentes*, formado por voluntários das igrejas. A fim de facilitar o trabalho desse comitê, as Sociedades Bíblicas Unidas abriram no Rio de Janeiro um centro social, localizado em um prédio de três andares, localizado à Avenida Rio Branco, nº 43. Nesse centro, além de receberem as Escrituras, os soldados brasileiros e americanos podiam se encontrar, ler, escrever, conversar, descansar e receber assistência espiritual.

Até o final da guerra, o comitê atendeu a um grande número de combatentes. Muitos pracinhas brasileiros e soldados americanos que passavam pelo centro social levaram exemplares do Novo Testamento e Evangelhos a seus colegas de corporação. Alguns deles manifestaram sua alegria e gratidão pela atenção que receberam ali, em um momento especial de sua vida. Um deles disse: “Eu precisava muito de uma ajuda espiritual e de inspiração. E a recebi, lendo este livro.” Outro agradeceu assim: “Muito obrigado pelo apoio que me deram. Vocês não têm ideia do quanto eu necessitava desta ajuda espiritual neste momento da minha vida.” [263]

Durante a Segunda Guerra Mundial, cresceu muito a procura pela Bíblia no Brasil. E, apesar da escassez de Escrituras para atender à crescente demanda, a distribuição de Escrituras continuou a aumentar. No início da guerra, em 1939, as duas Sociedades Bíblicas que atuavam no país distribuíram 600 mil exemplares das Escrituras. Três anos depois, em 1942, ano em que o Brasil entrou na guerra, as Sociedades Bíblicas Unidas circularam no Brasil 810 mil Escrituras. Em 1945, último ano da guerra, a distribuição de Escrituras chegou a 950 mil exemplares. Durante os seis anos de guerra, apesar de operarem sempre com um estoque insuficiente para

atender a todos os pedidos recebidos, as Sociedades Bíblicas registraram um aumento de 58% em sua circulação anual de Escrituras, como mostra o gráfico abaixo:



A eleição da Junta Consultiva

1943

Nos dias 14 e 15 de abril de 1943, as Sociedades Bíblicas Unidas reuniram no auditório do Edifício da Bíblia, localizado à Avenida Erasmo Braga, nº 12, na Esplanada do Castelo, no Rio de Janeiro, uma assembleia de pastores, missionários e leigos, pertencentes às principais denominações evangélicas que operavam no Brasil, com o objetivo de eleger sua primeira *Junta Consultiva*, composta dos seguintes membros:

Presidente:
Bispo César Dacorso Filho, da Igreja Metodista
Vice-presidente:
Rev. Matatias Gomes dos Santos, da Igreja Presbiteriana
Secretário de Atas:
Dr. João Filson Soren, da Igreja Batista
Vogais:
Rev. Antônio Varizo Jr., da Igreja Congregacional
Rev. Azor Etz Rodrigues, da Igreja Presbiteriana Independente
Rev. Hugh Clarence Tucker, da Igreja Metodista
Dr. Ismael de França Campos, da Igreja Congregacional e Cristã
Dr. James E. Ellis, da Igreja Metodista
Rev. José Antonio de Figueiredo, da Igreja Metodista
Rev. Leonard F. Harris, da Igreja Metodista
Rev. Lewis Malen Bratcher, da Igreja Batista
Rev. Manoel Avelino de Souza, da Igreja Batista
Arcedíago Nemésio de Almeida, da Igreja Episcopal Brasileira
Dr. Remígio Fernandes Braga, da Igreja Congregacional
Rev. Rodolfo Anders, da Igreja Presbiteriana do Brasil
Dr. Sátilas do Amaral Camargo, da Igreja Presbiteriana Independente
Rev. Synésio P. Lyra, da Igreja Congregacional
Dr. Waldyr Trajano Costa, da Igreja Presbiteriana do Brasil
Rev. William B. Forsyth, da Igreja Congregacional
Rev. William C. Kerr, da Igreja Presbiteriana
Bispo William M. M. Thomas, da Igreja Episcopal Brasileira [264]

Como as Sociedades Bíblicas Unidas haviam recebido muitos pedidos de uma nova tradução ou versão da Bíblia em português, esse assunto foi amplamente debatido pelos membros daquela assembleia.

A Imprensa Bíblica Brasileira

1940—1942

Desde a crise de 1929 até o início da década de 1940, houve escassez de Bíblias no Brasil. Em 1930, o Rev. Hugh Clarence Tucker, secretário da SBA, declarou que poderia ter vendido um número muito maior de Escrituras naquele ano se houvesse estoque suficiente. Não dispondo, durante vários anos, de Bíblias em quantidade suficiente para uso dos crentes e para o trabalho de evangelização, os batistas começaram a pensar seriamente em produzir as Escrituras no Brasil.

Por isso, não foi surpresa a decisão tomada pela assembleia anual da Missão Batista do Sul do Brasil, reunida em junho de 1940, de criar a Imprensa Bíblica Brasileira (IBB), com o objetivo de publicar a Bíblia no Brasil. O missionário batista Dr. Edgard Francis Hallock, que atuou no Brasil de 1943 a 1988 e foi, durante muitos anos, diretor da Casa Publicadora Batista, no Rio de Janeiro, fez a seguinte declaração sobre os motivos que levaram os batistas a criar a Imprensa Bíblica Brasileira:

> "O dia 2 de julho de 1940 é uma data histórica para os evangélicos brasileiros, pois naquele dia se reuniram seis dedicados obreiros batistas para iniciar a obra da Imprensa Bíblica Brasileira. Já havia muitos anos que obreiros evangélicos vinham sentindo a falta de Escrituras no Brasil. A procura pela Bíblia no país estava sendo muito maior do que a quantidade recebida dos EUA e da Europa. Em 1930, o Dr. Hugh Clarence Tucker, da Sociedade Bíblica Americana, declarou que poderia ter distribuído quatro vezes o número de Bíblias vendidas naquele ano, se tivesse estoques suficientes. E ele estava muito interessado em imprimir as Sagradas Escrituras no Brasil.
>
> No começo da década de 1930, já havia um consenso entre os batistas neste sentido. A Casa Publicadora Batista estava disposta a imprimir as Bíblias, se pudesse receber da América do Norte as chapas já prontas. Porém, não houve uma resposta positiva da Sociedade Bíblica Americana. Os anos se passaram e aumentou a falta de Escrituras no Brasil.
>
> A guerra na Europa envolveu recursos britânicos e reduziu ainda mais a remessa de Bíblias da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira para o Brasil. E o resultado foi que, na assembleia anual da Missão Batista do Sul, em junho de 1940, foi aprovada, por unanimidade, a proposta de criação de uma nova entidade para imprimir a Bíblia no Brasil." [265]

Na primeira reunião da diretoria da Imprensa Bíblica Brasileira (IBB) foram tomadas as seguintes decisões: começar imediatamente a impressão da Bíblia na tradução de Almeida na ortografia oficial, iniciar os planos para o preparo de uma nova tradução da Bíblia e nomear uma comissão de tradução.

Em 14 de julho de 1942 foram aprovados e registrados os estatutos da Imprensa Bíblica Brasileira, e a organização passou a existir como personalidade jurídica. [266]

Em 2 de junho de 1942, o presidente da Imprensa Bíblica Brasileira (IBB) informou que os quatro Evangelhos já estavam compostos e prontos para serem impressos e que os livros de Atos e as Cartas aos Tessalonicenses começariam a ser revisados pela comissão de tradução.

Como não era possível importar papel durante a guerra, a IBB usou para imprimir a Bíblia o papel-bíblia fabricado pela Companhia Industrial de Papel Pirahy, que já fabricava esse tipo de papel para companhias de cigarros. No dia 25 de junho de 1943 foi iniciada no Brasil a impressão da primeira Bíblia de edição evangélica. Em 1944, concluída a impressão, a IBB lançou sua primeira Bíblia, na tradução de João Ferreira de Almeida, Versão Revista e Corrigida. Essa foi a primeira Bíblia completa impressa pelos evangélicos no país. [267]

A Bíblia popular começou a ser vendida no Brasil ao preço de 10 cruzeiros, o que equivalia, na época, a US$ 0,50 (cinquenta centavos de dólar). A Bíblia de luxo, por sua vez, com encadernação em couro, era comercializada por 50 cruzeiros, ou aproximadamente US$ 2,50 (dois dólares e cinquenta centavos).

A Versão de Almeida da Imprensa Bíblica Brasileira

1940—1968

Na reunião da Imprensa Bíblica Brasileira (IBB), realizada em 2 de julho de 1940, a primeira decisão tomada havia sido iniciar imediatamente a impressão da Bíblia no Brasil, e a segunda, iniciar a revisão do texto da tradução de Almeida. Nas reuniões seguintes, foi nomeada a Comissão Revisora, que deu inicio à revisão da Versão Revista e Corrigida da tradução de João Ferreira de Almeida. Foi eleito presidente da Comissão Revisora o Dr. S. L. Watson, que era professor de hebraico e havia sido diretor do Seminário Batista no Rio de Janeiro e do Seminário Teológico Batista no Recife. Também faziam parte da comissão o Pastor Manoel Avelino de Souza, o Dr. W. E. Allen, professor de grego no Seminário Batista do Sul do Brasil, e o Dr. A. R. Crabtree, professor de hebraico.

Há muitos anos, os batistas brasileiros sentiam a necessidade de uma revisão na tradução de João Ferreira de Almeida. As mudanças no sentido de certas palavras, ocorridas ao longo dos anos e, especialmente, o progresso nos estudos do texto grego exigiam modificações na Versão Revista e Corrigida da tradução de Almeida.

Na revisão da tradução de Almeida, a comissão da IBB usou os melhores textos gregos disponíveis na época. Os últimos manuscritos descobertos haviam mostrado que o *Textus Receptus*, usado no século 17 por João Ferreira de Almeida para traduzir o Novo Testamento Grego, continha muitos erros.

O Dr. Edgar Hallock expôs assim as razões que levaram a IBB a substituir o texto grego antigo por outro mais atualizado:

> “A tendência de muitos copistas era sempre melhorar ou revisar o texto grego, assim como as comissões de redação revisam hoje os estatutos de nossas organizações. Muitas vezes, eles acrescentavam ao texto original uma palavra ou uma expressão quando queriam harmonizar o sentido do texto.
>
> Podemos citar vários exemplos desse tipo de modificação. Temos o acréscimo à oração de Jesus em Mateus 6.13. Esta frase não está na

> Vulgata Latina, de São Jerônimo, porque ele usou um texto grego mais antigo que não tinha essa frase.
>
> Em Colossenses 1.14, um copista acrescentou a expressão ‘pelo seu sangue’, copiada da passagem paralela em Efésios 1.7.
>
> Em Mateus 1.25, o escriba acrescentou ‘o primogênito’, copiado de Lucas 2.7, onde realmente está.”

Os princípios que orientaram a revisão foram os seguintes: fidelidade aos textos mais antigos existentes, por serem os mais próximos dos originais; fidelidade, até onde possível, às expressões e linguagem do texto da primeira revisão de Almeida publicada no Brasil; uso da linguagem falada expressiva e correta, embora simples.

O primeiro resultado do trabalho da Comissão Revisora foi a obra *A Harmonia dos Evangelhos*, publicada em 1942. A Bíblia completa na nova Versão da Imprensa Bíblica Brasileira somente foi lançada em 1968, 26 anos após o início da revisão. A edição de 1968 foi impressa no formato de púlpito. E, no início de 1972, a Imprensa Bíblica Brasileira imprimiu a nova versão de Almeida no formato comum, para uso pessoal. [268]

A Bíblia compartilhada

1941

O Rev. Eudaldo Silva Lima, pastor da Igreja Presbiteriana em Brasília, contou, em artigo publicado na revista *A Bíblia no Brasil*, como a Bíblia foi dividida em partes para poder ser lida por prisioneiros, nos campos de concentração na Alemanha, durante a Segunda Guerra Mundial:

> “Nos tempos dos campos de concentração na Alemanha, muitos cristãos vindos da Áustria, que discordavam das ideias de Hitler, foram presos e alguns deles jamais saíram vivos dali. Eles não tinham direito a qualquer tipo de leitura ou a coisa alguma que lhes aliviasse a solidão e o sofrimento. Seus parentes e amigos que estavam livres procuravam sempre alguma oportunidade para se comunicarem com eles.

Num desses campos, foram confinados cerca de 400 membros da Igreja Evangélica Reformada. Esses cristãos esperavam ansiosamente receberem um exemplar da Bíblia, para se fortalecerem espiritualmente com sua leitura, mas isso lhes parecia impossível.

Passado o inverno de 1941, veio a primavera e os guardas nazistas começaram a levar os prisioneiros para colher verduras que nasciam no meio das plantações de trigo. Surgiu, então, uma oportunidade para os parentes e amigos dos prisioneiros se aproximarem e lhes entregarem exemplares da Bíblia. Logo que surgiu essa oportunidade, os crentes que estavam fora da prisão se reuniram e prepararam um plano de emergência. Pegaram seis exemplares da Bíblia e os dividiram em 30 partes. Cada uma dessas porções da Bíblia, ao todo 180, foi envolvida em feixes de verduras. E, durante a noite, eles colocavam esses feixes no meio da plantação de trigo. A partir do terceiro dia de colheita, os prisioneiros começaram a encontrar os feixes de verdura recheados com páginas da Bíblia e os levavam para o acampamento.

Para que um número maior de pessoas pudesse ter acesso à Bíblia, os prisioneiros combinaram fazer circular entre eles as porções da Bíblia. Cada um lia rapidamente a sua porção bíblica, passava adiante e recebia uma nova para ler. Dessa maneira, meia dúzia de exemplares da Bíblia, cada um deles dividido em 30 porções, circulou durante meses entre mais de 400 prisioneiros, dando a eles fé e força espiritual para resistirem à solidão e aos sofrimentos no campo de concentração.” [269]

Capítulo 18

A LIGA DE ESTUDOS BÍBLICOS

1920—1965



A tradução do Novo Testamento do Padre Rohden

1926—1932

A recomendação do papa Leão XIII de traduzir a Bíblia diretamente dos originais em grego, hebraico e aramaico demorou mais tempo para ser posta em prática no Brasil. Somente em 1932, quatro décadas depois da publicação da encíclica *Providentissimus Deus*, o padre católico Huberto Rohden concluiu a tradução da primeira tradução católica do Novo Testamento para o português, feita diretamente dos originais. Naquele mesmo ano, o padre português Matos Soares também finalizou sua tradução da Bíblia completa, a partir do texto da Vulgata Latina. [270]

Huberto Rohden nasceu em 1893 na cidade de São Ludgero, em Santa Catarina, e foi ordenado padre jesuíta em 1920. Naquele ano, foi provisionado vigário na cidade de Florianópolis (SC), transferindo-se em 1922 para a cidade de Laguna, no mesmo Estado. Desde o início de sua carreira, Rohden demonstrou uma preferência pelos estudos. Ele percebeu logo que sua vocação não era para atividades pastorais, mas para a vida acadêmica.

Em 1924, foi estudar Filosofia na Europa e, em 1926, quando estudava na Universidade Leopol-Franzens, na

cidade de Innsbruck, Áustria, iniciou a tradução do Novo Testamento do grego para o português. Rohden usou como base o *Textus Receptus*, texto grego publicado na Holanda em 1633 que é, com pequenas variações, o mesmo Novo Testamento grego publicado por Erasmo de Roterdã, em 1516. Esse texto grego já havia sido utilizado anteriormente por João Ferreira de Almeida em sua tradução do Novo Testamento, no século 17. [271]

Em 1928, após terminar seus estudos na Europa, Rohden voltou para o Rio Grande do Sul, atuando na paróquia de Santa Cruz do Sul até 1930. Em 1931, transferiu-se para São Paulo, onde até 1945 trabalhou na editora católica *Cruzada da Boa Imprensa*. Durante esse período, viajou por todo o país, lançando obras católicas daquela editora.

Rohden concluiu a tradução do Novo Testamento do grego para o português em 1932 e, naquele mesmo ano, a obra foi publicada pela *Cruzada da Boa Imprensa*. A tradução foi muito elogiada pelos católicos e também pelos protestantes, não apenas por ter sido feita diretamente dos originais, mas também devido à sua linguagem simples, clara e agradável.

Em 1935, a revista jesuíta *O Eco*, de Porto Alegre, fez a seguinte referência à sua obra:

> "As obras de Huberto Rohden não necessitam de recomendação. Também como tradutor, o Padre Huberto Rohden não desmente o seu estilo característico. Talvez fosse até a sua vocação principal dar-nos esta tradução do Novo Testamento que nos parece destinado a tomar-se o nosso Novo Testamento, assim como o Roesch é o dos alemães. Sempre fiel à sua linguagem desimpedida, agradável e popular, Rohden sabe conservar os matizes mais sutis do original, que percebe com sensibilidade de artista da palavra."

Essa tradução do Novo Testamento foi reeditada três vezes pela Editora Martin Claret, de São Paulo. A última edição, em 2006, traz os seguintes comentários sobre a tradução:

> “Após um intervalo de 15 anos, reaparece finalmente esta tradução do Novo Testamento que, em suas três edições anteriores, conquistou a simpatia do Brasil inteiro.
>
> Tudo que de bom se tem dito e escrito sobre esta tradução do Novo Testamento pode sintetizar-se nas seguintes palavras:
>
> 1) A presente tradução tem a vantagem de ser baseada no texto grego original do primeiro século e não em alguma tradução deste, reproduzindo com a maior fidelidade possível o sentido real do texto como fluiu do coração de Jesus Cristo e dos lábios de seus inspirados discípulos.
>
> 2) A tradução é vazada numa linguagem moderna, fluente, acessível a qualquer pessoa, evitando locuções antiquadas e de difícil compreensão aos leitores do nosso tempo.
>
> 3) A introdução e as notas explicativas que se encontram no princípio e no fim de cada um dos livros esclarecem numerosos tópicos menos claros e dão ao leitor o fundo e a moldura históricos, geográficos e etnológicos necessários para a exata compreensão do Novo Testamento.” [272]

Em 1945, o Padre Huberto Rohden recebeu uma bolsa de estudos para Pesquisas Científicas na Universidade de Princeton, em New Jersey, EUA, onde teve a oportunidade de conhecer o cientista Albert Einstein. De 1946 a 1951, foi professor de Filosofia Universal e de Religiões Comparadas na American University, de Washington. Durante a Segunda Guerra Mundial, Rohden foi convidado pelo Bureau of Inter-American Affairs, de Washington, para reger as cátedras de Filosofia Universal e Religiões Comparadas da Universidade Internacional de Metaka, no Japão. Em 1953 ele voltou ao Brasil e assumiu o cargo de professor de Filosofia na Universidade Mackenzie, em São Paulo.

O Padre Huberto Rohden faleceu no dia 7 de outubro de 1981, aos 87 anos, na cidade de São Paulo. Suas ultimas palavras foram: “Vim para servir à humanidade”.

As relações entre católicos e protestantes melhoram

1920—1933

Em seu livro de memórias, escrito em 1933, o Rev. Hugh Clarence Tucker, secretário da Sociedade Bíblica Americana (SBA) no Brasil, reconheceu um crescimento no interesse da Igreja Católica em relação à divulgação da Bíblia no Brasil, além de uma melhoria nas relações entre católicos e protestantes. Um ano antes de sua aposentadoria, e esperançoso de dias melhores para a distribuição das Sagradas Escrituras no Brasil, Tucker declarou:

> "Lentamente, uma mudança está chegando ao Brasil, e ela será mais marcante à medida que a nação for progredindo. Depois de muitos anos, os católicos traduziram a Bíblia e agora estão promovendo com determinação a sua circulação no Brasil. Um proeminente educador católico declarou: 'Estou convencido de que os protestantes são pessoas boas. São nossos irmãos'. Durante a I Guerra Mundial, fiz um apelo por doações para o nosso trabalho social e a primeira resposta veio do Arcebispo Católico do Rio de Janeiro, que fez uma generosa contribuição. Esse mesmo arcebispo, em uma introdução ao Novo Testamento em português, referiu-se aos protestantes como 'os nossos irmãos separados'." [273]

Em 1932, logo após a publicação de sua tradução do Novo Testamento a partir dos originais gregos, o Padre Huberto Rohden escreveu o editorial do jornal católico *Lampejos.* No texto, intitulado *A Alma da Ação Católica,* lamentou o fato de os católicos brasileiros ignorarem as Sagradas Escrituras:

> "Por mais de um ano, viajei pelo Brasil, percorrendo 14 estradas. E em todos os lugares onde estive, constatei uma profunda e vergonhosa ignorância da Bíblia."

Essa declaração, da parte de um padre, reconhecendo que os brasileiros, preponderantemente católicos, ignoravam a Bíblia, teve uma grande repercussão no meio evangélico e foi amplamente divulgada em um folheto.

O Rev. Hugh Clarence Tucker, secretário da Sociedade Bíblica Americana, leu tanto a tradução do Novo

Testamento produzida por Rohden como seu editorial para o jornal *Lampejos* e ficou muito impressionado com ambos. Resolveu, então, visitar Rohden em São Paulo, a fim de cumprimentá-lo por sua grande contribuição à divulgação da Palavra de Deus no país. O Padre Huberto Rohden recebeu Tucker amavelmente, ouvindo-o com atenção e interesse e perguntando-lhe:

— É verdade que meu editorial sobre a Bíblia, publicado no jornal *Lampejos*, foi divulgado em forma de folheto pelos evangélicos?

E Tucker lhe respondeu:

— Sim, é verdade.

Em seguida, lhe entregou uma cópia do folheto.

Após uma longa e agradável conversa a respeito da Bíblia e de sua divulgação no país, o Padre Huberto Rohden presenteou Tucker com o exemplar de um de seus livros. [274]

A encíclica do papa Pio XII sobre a Bíblia

1943

Após a morte do papa Leão XIII, em 1903, o Padre Marie-Joseph Lagrange, fundador da Escola Bíblica de Jerusalém, deu seguimento às suas pesquisas arqueológicas e aos estudos de crítica textual dos manuscritos bíblicos. Em 1935, após mais de 40 anos de trabalhos dedicados ao estudo dos textos originais das Escrituras, Lagrange decidiu voltar à França, seu país natal, a fim de submeter-se a um tratamento de saúde. Lá, seguiu trabalhando no grande projeto de sua vida, até sua morte. Lagrange faleceu em Paris em 10 de março de 1938, deixando muitos discípulos que deram continuidade à sua obra.

Cinco anos depois da morte de Lagrange, o papa Pio XII celebrou o jubileu de ouro da encíclica *Providentissimus Deus*, publicando a encíclica *Divino Afflante Spiritu*. A nova encíclica apoiou as decisões tomadas pelo papa Leão XIII

quanto à tradução e divulgação das Escrituras Sagradas, exaltando o trabalho de crítica textual realizado, durante tantos anos, pelo Padre Marie-Joseph Lagrange e a Escola Bíblica de Jerusalém. A encíclica do papa Pio XII trazia a seguinte citação:

> "Hoje em dia, a arte da crítica textual, usada nas edições de autores profanos, se aplica também aos Livros Santos, precisamente pela reverência devida à palavra de Deus. De fato, o seu fim é reconstruir com toda a perfeição possível o texto sagrado e expurgá-lo das alterações nele introduzidas por culpa dos copistas... Graças a um melhor conhecimento das línguas bíblicas e de tudo o que diz respeito ao Oriente, numerosas questões levantadas no tempo de Leão XIII contra a autenticidade, a antiguidade, a integridade e o valor histórico dos Livros Sagrados se encontram hoje esclarecidas e resolvidas." [275]

Essa encíclica introduziu a Igreja Católica na moderna pesquisa exegética e encorajou os tradutores católicos a deixarem de traduzir a Bíblia somente a partir da *Vulgata Latina* e começarem também a traduzi-la diretamente dos originais em grego e hebraico. Pio XII recomendou, na encíclica *Divino Afflante Spiritu*, o estudo das línguas bíblicas, além do uso da filologia, da busca do sentido literal dos textos, o exame do contexto e o estudo da história, da arqueologia, dos gêneros literários e da condição social do autor.

Em 1943, incentivado pela encíclica do papa Pio XII, o frei dominicano francês Thomas Georges Chifflot solicitou à*Escola Bíblica de Jerusalém* uma tradução católica da Bíblia realizada com base nos originais grego, hebraico e aramaico. Seu pedido foi atendido e, em 1956, surgiu o grande fruto do trabalho da *Escola Bíblica de Jerusalém*: a *Bíblia de Jerusalém*, que foi a primeira tradução católica da Bíblia completa feita nos últimos cinco séculos diretamente dos originais grego, hebraico e aramaico, considerada hoje a melhor tradução católica da Bíblia. A *Bíblia de Jerusalém* foi traduzida para muitos idiomas, serviu de referência para

diversas traduções católicas das Escrituras, entre elas a tradução para a língua portuguesa, e impulsionou o movimento de valorização da Palavra de Deus dentro da Igreja Católica. [276]

A Semana Bíblica Nacional

1947

No dia 18 de junho de 1946, o padre salesiano Antônio Charbel enviou uma carta a todos os brasileiros que haviam estudado no *Pontifício Instituto Bíblico de Roma*, consultando-os sobre a possibilidade de realização de uma *Semana Bíblica Nacional* no Brasil.

Essa proposta era a resposta dos biblistas católicos brasileiros ao desafio que o papa Pio XII acabara de lançar com a encíclica *Divino Afflante Spiritu*, promulgada no dia da festa de São Jerônimo, em 1943.

As respostas foram unânimes a favor da proposta. O prefeito da Pontifícia Comissão Bíblica de Roma, cardeal Eugênio Tisserant, felicitou a iniciativa dos biblistas brasileiros. Nesse mesmo documento, o secretário da Pontifícia Comissão Bíblica manifestou o desejo de que se fizesse no Brasil a tradução da Bíblia para o português, diretamente dos textos originais.

A Primeira Semana Bíblica Nacional, destinada a especialistas em Ciências Bíblicas, realizou-se de 3 a 8 de fevereiro de 1947 no Mosteiro de São Bento, no centro de São Paulo. Cerca de 40 biblistas, vindos de muitos Estados do Brasil, participaram do encontro. No início da reunião, foi enviado um telegrama ao papa Pio XII, reafirmando fidelidade e invocando suas bênçãos. O papa respondeu com outro telegrama, enviando sua bênção apostólica, com os votos de fecundos trabalhos.

No final do encontro foi redigida uma carta circular, intitulada “Resoluções da Primeira Semana Bíblica Nacional”, que continha as seguintes recomendações:

a) Instituir o Domingo da Bíblia;
b) Incentivar a publicação da literatura bíblica;
c) Fundar a Liga de Estudos Bíblicos — LEB;
d) Traduzir a Bíblia para a língua portuguesa, diretamente dos originais.

Os resultados da Primeira Semana Bíblica superaram todas as expectativas, graças ao trabalho conjunto de seus organizadores e colaboradores em todo o país. A partir daquela data, os católicos brasileiros começaram a celebrar o *Domingo da Bíblia*, data comemorativa criada com o propósito de instruir os fiéis sobre a Palavra de Deus, divulgar a mensagem bíblica e promover o estudo da Bíblia na homilia da missa. Sugeriu-se, durante o encontro, que o *Domingo da Bíblia* fosse celebrado no último domingo de setembro, por estar mais perto da festa litúrgica de São Jerônimo. Depois da Primeira Semana Bíblica, a data foi inserida, em caráter oficial, no Diretório Litúrgico da Igreja Católica no Brasil e passou a ser comemorada no dia 30 de setembro.

Um dos principais líderes desse movimento de promoção do estudo das Escrituras Sagradas entre os católicos durante o século 20 foi D. Estevão Tavares Bettencourt (1919—2008), autor do livro *Os Estudos Bíblicos no Brasil*. Durante a segunda metade do século 20, ele estabeleceu uma relação amistosa e construtiva com a Sociedade Bíblica do Brasil. [277]

A Liga de Estudos Bíblicos

1947

Uma das decisões mais importantes da Semana Bíblica Nacional, realizada em São Paulo, em 1947, foi a fundação da Liga de Estudos Bíblicos (LEB), que, desde o princípio, teve o apoio unânime da liderança católica. Durante a segunda metade do século 20, e, especialmente, após o Concílio Vaticano II, realizado na década de 1960, essa

organização promoveu de muitas maneiras a tradução, o estudo e a difusão das Escrituras entre os católicos brasileiros. Uma das primeiras providências da LEB foi criar as Semanas Bíblicas Populares, com o objetivo de promover o conhecimento bíblico não apenas entre a liderança católica, mas também entre todos os católicos. A sugestão foi dada por um dos seus membros, o Cardeal Agnello Rossi, que, durante a Semana Bíblica Nacional, fez o seguinte desafio:

> “Seja esta Semana Bíblica Nacional o prenúncio de outras semanas bíblicas de caráter popular, a fim de proporcionar ao povo fiel o ensejo de se abeberar dos conhecimentos bíblicos, o que virá fortalecer sua fé, incentivando ainda mais seu amor à Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo.”

Em 1947 foi realizada a primeira Semana Bíblica de caráter popular, promovida na Diocese de Natal, no Rio Grande do Norte, pelo Cardeal Dom Eugênio Sales. O evento foi organizado pelos membros da LEB e liderado pelo Padre José Ferreira Neto, através do Departamento Diocesano de Defesa da Fé e da Moral. Essa Semana Bíblica Popular serviu de preparação para a implantação do primeiro Domingo da Bíblia na referida Diocese, que foi a pioneira no Brasil.

Em 1948, foi a vez da Diocese de Campinas organizar também sua Semana Bíblica Popular. E, com o passar do tempo, essa comemoração se estendeu por todo o país, nas dioceses, paróquias e nos colégios das congregações religiosas.

Outra iniciativa da LEB foi incentivar e supervisionar traduções da Bíblia para o português com base nos originais grego, hebraico e aramaico. O primeiro projeto de tradução da Bíblia diretamente dos originais foi promovido pelo Instituto Bíblico Pontifício e resultou na Bíblia das Editoras Paulinas, publicada em 1960. Nos anos seguintes, surgiram várias outras traduções da Bíblia feitas a partir

dos originais. Em 1967, a *Versão dos Monges de Maredsous*; em 1982, a versão em português da *Bíblia de Jerusalém*, publicada pela Editora Paulinas; em 1983, a *Bíblia da Liga de Estudos Bíblicos*, publicada pela Editora Loyola; e, em 1983, a *Bíblia da Editora Vozes*.

Após o Concílio Vaticano II, a LEB procurou promover também traduções ecumênicas da Bíblia em português. Em 1968, propôs à Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) a publicação de uma Bíblia ecumênica em português, traduzida por uma comissão composta de especialistas católicos e protestantes. Depois de uma ampla consulta às lideranças evangélicas, a diretoria da SBB decidiu não participar do projeto de tradução de uma Bíblia ecumênica, proposto pela Igreja Católica. Propôs, entretanto, que a Igreja católica recomendasse aos católicos brasileiros o uso da sua *Versão Revista e Corrigida no Brasil*, que havia sido lançada pela SBB poucos anos antes. A Igreja Católica aceitou a proposta e recomendou aos seus fiéis a leitura do *Novo Testamento na Tradução de João Ferreira de Almeida, Versão Revista e Atualizada no Brasil*. [278]

O livro deixado pelo hóspede

Durante a década de 1930, centenas de milhares de exemplares das Escrituras foram distribuídos no Brasil. Por meio da sua leitura, milhares de pessoas e famílias foram transformadas pelo poder da Palavra de Deus. Em depoimento publicado na revista *A Bíblia no Brasil*, o célebre pregador e escritor presbiteriano Rev. Miguel Rizzo Jr. contou uma impressionante história de um Novo Testamento que, naquele período, foi deixado por um viajante desconhecido na casa de uma família que o hospedou:

> “Viajando, há alguns anos, pelo interior do Estado do Espírito Santo, pernoitei em uma casa humilde, bem longe do povoado. Fiquei surpreso

com a vitalidade espiritual da família que generosamente me hospedou. Sua religião não consistia em meras formalidades. Era antes uma força que se manifestava em interesse abnegado pelas pessoas que sofrem, em hábitos devocionais respeitáveis e impressionantes, em escrúpulos aprimorados de consciência e num conjunto de qualidades morais que me deslumbraram.

Procurando descobrir o segredo daquela crença tão viva, tive, então, uma surpresa. Não tinha sido nenhum pastor ou sacerdote, nenhum guia espiritual, nenhum mestre de religião que havia levado aquela família a atingir tão alta atmosfera de religiosidade. A origem dessa força, segundo me explicou uma das pessoas da casa, era muito outra.

Anos atrás, aquela família havia hospedado um viajante desconhecido que deixou um livro sobre a mesa do quarto em que havia dormido. Como a falta de livros e até de jornais era grande ali, as pessoas daquela família passaram a ler diariamente aquele livro. O nome do livro era 'O Novo Testamento' e a leitura lhes interessou muito.

À medida que iam se familiarizando com os ensinos do livro, uma transformação silenciosa começou a operar na alma de todos: eram escrúpulos mais delicados da consciência, era um desejo mais imperativo de fazer o bem, era uma esperança mais viva que repontava naquelas almas. Esse processo transformador foi se acentuando até chegar aos primores que pudemos contemplar em nossa passagem por aquelas regiões.

Aquela maravilhosa transfiguração moral havia operado naquela família unicamente pela leitura daquele Novo Testamento esquecido ali, providencialmente, por aquele viajante desconhecido." [279]

Capítulo 19

A VERSÃO REVISTA E ATUALIZADA DE ALMEIDA

1943—1959



Uma nova revisão da Tradução de Almeida

1943

Nos dias 14 e 15 de abril 1943, as Sociedades Bíblicas Unidas, que haviam sido criadas no ano anterior no Brasil, convocaram uma assembleia formada pelos principais líderes evangélicos com o propósito de eleger sua Junta Consultiva e promover uma consulta nacional sobre importantes assuntos relacionados à distribuição da Bíblia no Brasil. Após a eleição, a Junta passou a examinar a agenda preparada pelas Sociedades Bíblicas Unidas, na qual o principal era o pedido recebido de parte de várias denominações evangélicas de uma nova tradução ou versão da Bíblia em português para uso no Brasil. Durante dois dias, os consultores debateram o tema, chegando finalmente à conclusão de que havia mesmo necessidade de uma nova versão da Bíblia em português no país. A Junta das SBU decidiu, também, que essa nova versão das Escrituras seria feita no Brasil, por uma comissão de especialistas evangélicos residentes no país, sob a supervisão das Sociedades Bíblicas Unidas. [280]

Quanto à definição de como seria realizada essa nova versão, havia três alternativas: a primeira delas era promover uma nova tradução da Bíblia para o idioma

português, a exemplo do que havia sido feito no início do século, com a Tradução Brasileira da Bíblia; a segunda era empreender uma revisão da própria Tradução Brasileira; e a terceira seria preparar uma nova revisão da Versão Revista e Corrigida de Almeida, publicada pelas Sociedades Bíblicas no final do século 19.

Durante o debate, ficou claro que a preferência dos evangélicos brasileiros era pela Tradução de João Ferreira de Almeida. A Tradução Brasileira, que havia tido uma boa recepção durante a década de 1920, havia perdido pouco a pouco seu prestígio e, no início da década de 1940, sua distribuição havia caído muito. A Junta Consultiva resolveu, então, promover uma nova revisão da Versão Revista e Corrigida de Almeida. E decidiu que essa nova versão da Bíblia seria intitulada *Versão de Almeida Revista e Atualizada no Brasil*.

Foi nomeada para realizar essa tarefa uma Comissão Revisora, composta de 17 especialistas em grego, hebraico e português, pertencentes às principais denominações evangélicas então atuantes no país. A lista continha os seguintes nomes:

Antônio Almeida, da Igreja Presbiteriana do Brasil
Antônio de Campos Gonçalves, da Igreja Metodista
Antônio Neves de Mesquita, da Igreja Batista
Ari Bonchristiani Ferreira, da Igreja Metodista
A. R. Crabtree, da Igreja Batista
Galdino Moreira, da Igreja Presbiteriana do Brasil
George U. Krischke, da Igreja Episcopal
Jalmar Bowden, da Igreja Metodista
João Pedro Ramos Jr., da Igreja Metodista
Jorge Bertolaso Stella, da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil
Martin Begrich, da Igreja Evangélica do Brasil
Matatias Gomes dos Santos, da Igreja Presbiteriana do Brasil
Nemésio de Almeida, da Igreja Episcopal
Sinésio Lyra, da Igreja Congregacional e Cristã
Walter G. Kunstmann, da Igreja Evangélica Luterana do Brasil
William B. Forsyth, da Igreja Congregacional e Cristã
William Carey Taylor, da Igreja Batista [281]

Em artigo publicado na revista *A Bíblia no Brasil*, em dezembro de 1948, o Rev. Antonio de Campos Gonçalves, secretário da Comissão Revisora, fez os seguintes comentários sobre aquela reunião:

> "Houve no Rio de Janeiro, em abril de 1943, uma importante assembleia de elementos do maior padrão cultural evangélico do Brasil, a fim de estudar a necessidade e maneira de se processar uma revisão da Bíblia, sem demora, para atender aos reclamos repetidos e justos do povo brasileiro. Tal assembleia constituiu-se em Junta Consultiva, clérigos e leigos, nacionais e missionários, ponderou sobre o assunto e, em muito boa hora, recomendou às entidades componentes das Sociedades Bíblicas Unidas, então vigentes, a revisão da tradução de Almeida. Compôs-se de 21 membros a Junta Consultiva, a quem coube a organização da Comissão Revisora, hoje formada de 17 ministros, repartidos em dois grupos: helenistas (Novo Testamento) e hebraístas (Antigo Testamento)...
>
> A Comissão Revisora, por sua vez, elegeu um secretário para, até certo ponto, coordenar o processo de revisão, lado a lado com as Sociedades Bíblicas Unidas, hoje Sociedade Bíblica do Brasil." [282]

A Junta Consultiva das SBU recomendou também que, após a publicação da nova versão de Almeida, a antiga versão continuaria a ser publicada, respeitando-se a preferência de leitores.

O processo de revisão

O secretário eleito pela Comissão Revisora, que passou a ser também o coordenador do projeto, foi o próprio Rev. Antonio de Campos Gonçalves, que era funcionário das Sociedades Bíblicas.

A fim de agilizar o trabalho, a Comissão Revisora elegeu uma Comissão Consultiva, cuja função era examinar a tradução de base feita pelos especialistas em grego e hebraico. Essa Comissão Consultiva examinava o texto da primeira revisão e dava suas sugestões. As sugestões da Comissão Consultiva eram, depois, estudadas pela Comissão Revisora e incorporadas ou não ao texto.

A partir de 1948, para dar a redação final aos livros revisados, a Comissão Revisora nomeou a Subcomissão de Redação. Depois da última revisão feita pela Comissão Revisora, o livro passava por essa subcomissão, que fazia a redação final e o encaminhava para publicação. Foram nomeados para compor essa subcomissão o Dr. Paul W. Shelp e o Rev. Antônio de Campos Gonçalves. O Dr. Schelp, que passou a fazer parte da Comissão Revisora em janeiro de 1948, [283] era o responsável pela revisão final do sentido dos originais em grego e hebraico, e o Rev. Gonçalves, pela revisão final da redação em português.

A Comissão Revisora, composta de membros voluntários, se reunia duas vezes ao ano. Essas reuniões duravam de uma semana a dez dias, estendendo-se ao longo de todo o dia e, às vezes, até à noite.

O Rev. Gonçalves fez o seguinte comentário sobre o empenho dos membros da comissão:

> "De ordinário a Comissão se reúne duas vezes ao ano; tem feito assim, reuniões para trabalho, nas horas todas do dia e algumas de noite, não regateiam esforço para o bom resultado da causa; pelo contrário, é com vivo interesse que se socorrem do tempo para o máximo proveito da valiosa demão, por oito dias, dez, e às vezes mais seguidamente." [284]

As normas de revisão

1943—1956

No século 17, quando João Ferreira de Almeida fez a sua tradução da Bíblia, ele dispunha apenas do texto grego chamado *Textus Receptus*, o único disponível naquele tempo para os tradutores da Bíblia. Esse texto do Novo Testamento em grego havia sido editado por Erasmo de Roterdã, em 1516, e reeditado várias vezes até 1527, e baseava-se em manuscritos gregos copiados durante a Idade Média.

Porém, durante os séculos seguintes, foram descobertos manuscritos gregos mais antigos, muitos deles do quarto

século d.C. e até mesmo de antes disso. A partir desses manuscritos — que estão mais próximos do tempo dos apóstolos e evangelistas, portanto, e isentos de muitos erros e acréscimos dos copistas —, foram publicadas edições do Novo Testamento em grego, chamadas “edições críticas”. O termo “crítico” indica que essas edições possibilitam uma crítica textual, ou seja, permitem que seja feita uma comparação entre o texto que se considera original e as variantes ou alternativas textuais, entre elas o *Textus Receptus*.

A Comissão de Tradução da Versão Revista e Atualizada resolveu adotar como texto-base o melhor que havia em 1943, que era a 16ª edição do Novo Testamento em grego editado por Erwin Nestle. Esse Novo Testamento em grego, reconhecido como o melhor até então, continuou a ser reeditado sem alterações até a 26ª edição, publicada em 1979.

Além dessa diferença quanto à base textual, a *Versão Revista e Atualizada de Almeida (RA)* se caracterizava pelas seguintes modificações em relação à sua versão anterior, denominada *Revista e Corrigida (RC)*:

- Foram eliminados cerca de dois mil cacófatos, como por exemplo, “tatu” (“volta tu também”, Rt 1.15); “alice” (“... ali se vê o fim de todos os homens”, Ec 7.2); “dentão”, foram substituídas as locuções “desde então” (Is 4.8) etc. Nessa mesma linha, a fim de evitar um mal-entendido, “a vós” passou a ser, em certos contextos, a locução “a vós outros”;
- O nome de Deus (Javé), no Antigo Testamento, foi traduzido por SENHOR e impresso com letras maiúsculas;
- A primeira letra da palavra que inicia um parágrafo passou a ser impressa em negrito;
- Os textos poéticos, como Salmos, por exemplo, foram impressos em formato de poesia;

- Com o objetivo de eliminar a linguagem arcaica, a Versão Revista e Atualizada no Brasil (RA) fez algumas alterações em relação ao vocabulário da Versão Revista e Corrigida (RC). Entre elas, a substituição da expressão “de Deus” pela expressão “por Deus” (2Co 1.4). [285]

Novos membros da Comissão Revisora

1943—1956

O projeto da Versão Revista e Atualizada, lançado pelas Sociedades Bíblicas Unidas em 1943, só foi concluído 13 anos depois, em 1956. Durante esse longo período, alguns membros da Comissão Revisora faleceram e outros, por diversas razões, não puderam permanecer até o final dos trabalhos. Durante a década de 1950, dois membros da comissão faleceram: o pastor presbiteriano Rev. Matatias Gomes dos Santos, em 1950, e o pastor episcopal Rev. Nemésio de Almeida, em 1957. Nesse período, foram convidados a integrar a comissão os seguintes revisores:

> Almir S. Gonçalves, da Igreja Metodista
> George U. Krischke, da Igreja Episcopal Brasileira
> Guilherme Kerr, da Igreja Presbiteriana do Brasil
> H. Wendt, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
> João Filson Soren, da Igreja Batista
> Page H. Kelley, da Igreja Batista
> Paul W. Schelp, da Igreja Evangélica Luterana do Brasil
> Robert G. Bratcher, da Igreja Batista
> Rodolfo Garcia Nogueira, da Igreja Episcopal
> Sátilas do Amaral Camargo, da Igreja Presbiteriana Independente [286]

Dois desses revisores da tradução de Almeida iriam exercer, durante a segunda metade do século 20, papel de destaque na vida da Sociedade Bíblica do Brasil. O Rev. Rodolfo Garcia Nogueira, após o lançamento da Versão Revista e Atualizada de Almeida, seria nomeado presidente da Comissão Permanente de Revisão e Consulta, criada pela SBB em 1959. No período de 1985 a 1991, ele

ocuparia o cargo de presidente da Sociedade Bíblica do Brasil e, terminado o seu mandato, assumiria a função de presidente de honra da entidade.

O Dr. Robert G. Bratcher, brasileiro, era filho do missionário batista Rev. Lewis Malen Bratcher e irmão do Rev. Lewis Malen Bratcher Jr., secretário da SBA no Brasil na década de 1950. Além de participar da Comissão Revisora, Robert Bratcher colaborou na divulgação da nova versão de Almeida, escrevendo em 1952 e 1953 uma série de artigos para a revista *A Bíblia no Brasil*. E, a partir da década de 1960, após terminar nos EUA uma tradução pioneira do Novo Testamento para o inglês popular, [287] engajou-se no projeto de Tradução da Bíblia na Linguagem de Hoje (BLH). De 1966 a 1989, Bratcher atuou como tradutor nesse projeto, representando as Sociedades Bíblicas Unidas. Após o lançamento dessa nova tradução da Bíblia, em 1989, seguiu participando de outros importantes projetos de tradução da Bíblia para a língua portuguesa, até a sua morte, em 2010.

Rev. Gonçalves, o revisor de português

1943—1956

Coube aos dois membros da Subcomissão de Redação, o Rev. Antônio de Campos Gonçalves e o Dr. Paul A. Schelp, a tarefa mais difícil e estafante do projeto de revisão da tradução de Almeida: dar a redação final à tradução. Durante muitos anos eles trabalharam juntos, reunindo-se várias vezes ao ano, para dar a redação final ao texto revisado pela Comissão revisora. O Dr. Schelp, especialista em grego e hebraico, era responsável pela fidelidade da revisão ao sentido dos textos originais. E o Rev. Antônio de Campos Gonçalves, redator, estilista e gramático, dava a redação final em português.

Antônio de Campos Gonçalves nasceu em Araras (SP) e formou-se como professor na cidade de Piracicaba, em

1918. Estudou literatura e teologia em Juiz de Fora, Minas Gerais, onde foi ordenado pastor metodista. Pastoreou diversas igrejas e colaborou com várias revistas evangélicas.

O Rev. Gonçalves era uma pessoa amável, responsável e pontual. Culto, gostava de ler os autores clássicos, como Herculano, Castilho e Garrett, e conhecia, como poucos, as obras de Rui Barbosa. Era profundo conhecedor do idioma português, hábil redator e estilista. Seu estilo de linguagem era clássico e agradável. Como revisor do texto bíblico, desenvolveu uma rara habilidade para perceber incoerências, ambiguidades e cacófatos. Chegou até a preparar uma lista de mais de mil cacófatos existentes na Versão Revista e Corrigida da tradução de Almeida, documento precioso, que infelizmente se perdeu ao longo dos anos.

O Dr. Paul Schelp, seu companheiro de trabalho por longos anos na Subcomissão de Redação, fez a seguinte apreciação a respeito de seus conhecimentos da língua portuguesa:

> “O Rev. Gonçalves desenvolveu o sentido alto da beleza do idioma português, apurando-se nele a capacidade de perceber incoerências, ambiguidades e cacófatos; em suma, tudo quanto pode ferir a fluência e a música do estilo. A sua linguagem é simples, porém bela e, às vezes, majestosa.” [288]

O Rev. Ivan Espíndola de Ávila, que trabalhou com Gonçalves nos primeiros anos de existência da SBB, definiu assim seu perfil, em artigo publicado na revista *A Bíblia no Brasil*:

> “Alto, magro, sempre bem-arrumado, revelando ser um homem de fino gosto, andar firme e olhar profundo, maneiras singelas e cativantes, este é o perfil de Antônio de Campos Gonçalves, o vernaculista de escol.”

E o Rev. Ewaldo Alves, secretário executivo da Sociedade Bíblica do Brasil, contou, em matéria publicada na revista *A Bíblia no Brasil*, em 1981, um episódio ocorrido no início da década de 1950, que demonstra o profundo conhecimento do Rev. Gonçalves sobre a língua portuguesa:

> "Lá pelos idos de 50, ouvimos de gramáticos não evangélicos que a Bíblia da SBB tinha muitas incorreções gramaticais. Um dia, resolvemos convocar, no Edifício da Bíblia no Rio de Janeiro, um encontro do Rev. Gonçalves com esses críticos. Foi a discussão linguística mais alta que eu já presenciei. Dezenas de autores e centenas de exemplos foram citados no debate. Ao cair da tarde, nenhuma objeção permaneceu. O mestre Gonçalves havia respondido a todas elas. E, no final do encontro, foi cumprimentado efusivamente!"

Em culto realizado na Igreja Metodista do Catete, em agosto de 1976, a Assembleia Geral da SBB prestou uma significativa homenagem ao Rev. Antônio de Campos Gonçalves pela sua inestimável contribuição à obra bíblica no Brasil. [289]

Dr. Schelp, o revisor de hebraico e grego

1948—1956

Paul W. Schelp nasceu em 1895, na cidade de Emma, Missouri, nos EUA. Em 1929, com apenas 25 anos e recém-casado, veio para o Brasil como missionário luterano, para trabalhar na região Sul do país. Durante quase toda a sua vida, foi professor no Seminário Concórdia, em Porto Alegre (RS). [290] Participou de inúmeras conferências regionais e, provavelmente, de todas as Convenções da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), onde sua palavra era sempre ouvida com respeito por toda a liderança da Igreja. Foi também escritor incansável e redator de diversas revistas por mais de duas décadas.

No período de 1948 a 1956, ele participou do projeto de revisão da tradução de João Ferreira de Almeida, mas continuou a trabalhar como professor no Seminário

Concórdia. Foi um professor muito querido de seus alunos. Em depoimento à revista *A Bíblia no Brasil*, o pastor luterano Rev. Martinho Lutero Hoffmann, um de seus alunos, fez o seguinte comentário sobre sua atuação como professor:

> "O Dr. Schelp era um professor que transmitia não apenas ensinamentos, mas uma vivência. Era um pastor em classe. E continuou pastor dos seus ex-alunos — que também se tornaram pastores — até o fim da sua vida." [291]

Assim que terminou o trabalho de revisão, o Dr. Schelp iniciou outra grande tarefa, a preparação da *Concordância Bíblica da Versão Revista e Atualizada no Brasil.* Com a ajuda de seminaristas de sua denominação, trabalhou nesse projeto por mais de dez anos, terminando a obra no final da década de 1960. A *Concordância Bíblica* — obra volumosa, de 1.101 páginas — foi lançada pela Sociedade Bíblica do Brasil em 1976, e continua a ser reeditada até hoje.

A partir de 1969, o Dr. Schelp passou a trabalhar como revisor de grego na Comissão de Tradução nomeada pela SBB para preparar o *Novo Testamento na Linguagem de Hoje*. Homem sábio, humilde, piedoso e amigo, foi sempre um companheiro querido por todos os seus colegas de trabalho. Seus sólidos conhecimentos sobre o grego do Novo Testamento deram aos membros da comissão a segurança de estarem preparando uma tradução fiel aos originais. [292]

O Dr. Schelp não chegou a ver impressa a sua *Concordância Bíblica* e tampouco o *Novo Testamento na Linguagem de Hoje*, pois faleceu antes da publicação dessas obras, em 27 de fevereiro de 1972.

O andamento dos trabalhos

1943—1956

Em outubro de 1948, logo após a fundação da Sociedade Bíblica do Brasil, o Rev. Antonio de Campos Gonçalves comunicou, em notícia publicada na revista *A Bíblia no Brasil*, que o Evangelho de Mateus, na Versão Revista e Atualizada de Almeida, havia sido impresso e enviado a todos os pastores evangélicos do Brasil. Informou também que os demais Evangelhos estavam sendo revisados pela Comissão Consultiva e seriam examinados pela Comissão Revisora no mês de novembro daquele ano. Enquanto o grupo de helenistas fazia a revisão do Novo Testamento, o grupo de hebraístas trabalhava na revisão do livro de Salmos.

Na semana de 7 a 12 de março de 1950, o Dr. Eugene Nida, secretário de traduções da Sociedade Bíblica Americana (SBA), visitou o Brasil para conhecer o trabalho de revisão da Bíblia em português. Participou de diversas reuniões da Comissão Revisora, foi informado de como estava sendo feita a revisão e ficou bem impressionado com o desenvolvimento do trabalho e com a dedicação dos revisores. O Dr. Nida, que supervisionava trabalhos semelhantes em outros idiomas, ofereceu à comissão sugestões a fim de aprimorar e agilizar a revisão da Bíblia em português, assegurando o apoio da SBA ao projeto. Despedindo-se do Brasil, Nida seguiu para Buenos Aires, com o objetivo de tratar da revisão da Bíblia em espanhol, na versão Reina Valera.

Em abril de 1952, após nove anos de trabalhos, a Comissão Revisora da SBB anunciou o término da revisão do Novo Testamento. O grupo de especialistas em grego que concluiu em 1952 a revisão do Novo Testamento na *Versão Revista e Atualizada de Almeida* era composto pelas seguintes pessoas:

Almir S. Gonçalves, da Igreja Metodista
Antônio Almeida, da Igreja Presbiteriana do Brasil
Antônio de Campos Gonçalves, da Igreja Metodista

Ari Bonchristiani Ferreira, da Igreja Metodista
A. R. Crabtree, da Igreja Batista
Galdino Moreira, da Igreja Presbiteriana do Brasil
George U. Krischke, da Igreja Episcopal Brasileira
Guilherme Kerr, da Igreja Presbiteriana do Brasil
Jalmar Bowden, da Igreja Metodista
João Filson Soren, da Igreja Batista
Paul Schelp, da Igreja Luterana do Brasil

Em 5 de agosto de 1952, o Rev. Ewaldo Alves, então secretário-geral da Sociedade Bíblica do Brasil, forneceu em relatório à diretoria as seguintes informações sobre o andamento do projeto de revisão da Bíblia em português:

> "O trabalho de revisão segue seu ritmo normal. Já está circulando a primeira edição do Novo Testamento revisto, sendo as apreciações e referências que temos recebido as mais animadoras possíveis, parecendo-nos que essa revisão da Bíblia será mais tarde considerada como padrão da língua portuguesa em nossa pátria. As denominações evangélicas, através de seus representantes nas comissões Revisora e Consultiva têm colaborado grandemente para que esse trabalho seja motivo de justo orgulho do evangelismo nacional." [293]

Concluído o Novo Testamento, a Comissão Revisora prosseguiu na revisão do Antigo Testamento. No mês de julho de 1953, o Dr. Eugene Nida voltou ao Brasil, onde participou das reuniões da Comissão Revisora e apresentou sugestões para agilizar também a revisão do Antigo Testamento. Após essa visita, a comissão fixou o prazo de dois anos para o término da revisão do Antigo Testamento na *Versão Revista e Atualizada de Almeida*. [294]

Em junho de 1954, o Dr. Schelp informou que já estavam prontos os livros de Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Miqueias e os primeiros cem capítulos de Salmos. A fim de acelerar a revisão do Antigo Testamento, acrescentou Schelp, a Subcomissão de Redação estava procurando redigir diariamente de 40 a 50 versículos da Bíblia.

O final da revisão

1956

Em nota publicada na revista *A Bíblia no Brasil*, em outubro de 1956, o Rev. Paul W. Schelp anunciou a conclusão da tradução e agradeceu a colaboração recebida:

> "Terminamos a revisão no dia 21 de setembro de 1956, às 11 horas e 35 minutos da manhã. Foi a primeira revisão brasileira da tradução de Almeida. É uma revisão brasileira, não apenas porque ela se deu no Brasil, mas porque ela foi feita por brasileiros ilustres como Matatias Gomes dos Santos, Galdino Moreira, Antônio Neves de Mesquita, Antônio Almeida, Rodolfo Garcia Nogueira, Sinésio Lira, George U. Krischke, Ari Bonchristiani Ferreira, João Pedro Ramos Jr., Robert G. Bratcher e Antônio de Campos Gonçalves, que garantiram sua vernaculidade. É verdade que missionários que não nasceram no Brasil também fizeram parte da comissão. Mas o papel deles foi assegurar à revisão a fidelidade aos textos originais. Entre esses, destacamos o Dr. Taylor, o Rev. Forsyth, o Rev. Bertolaso, o Dr. Crabtree, o Dr. Kunstmann, o Dr. Bowden, o Prof. Wendt, o Prof. Wadewitz e o Dr. Kelly." [295]

Na noite de 21 de setembro de 1956, o final da revisão foi celebrado com um culto de ação de graças no templo da 1ª Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro. [296]

Lançamento e recepção da nova versão

1959

Em junho de 1959, a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) lançou a 1ª edição da Bíblia na tradução de Almeida na *Versão Revista e Atualizada*. Foi impressa no Brasil uma edição de luxo comemorativa dessa 1ª edição, e promovida, através das comissões regionais, a entrega de um exemplar às principais autoridades do país: o presidente da República, governadores, prefeitos das capitais e embaixadores. Receberam também um exemplar os principais líderes das denominações evangélicas e os formandos de todos os seminários evangélicos. [297]

A nova Versão de Almeida foi recebida com entusiasmo pela comunidade evangélica no Brasil. Quase todas as denominações evangélicas tradicionais — adventistas do

sétimo dia, congregacionais, episcopais, luteranos, presbiterianos, presbiterianos independentes e metodistas — adotaram a nova versão. Entre as denominações históricas, apenas as igrejas batistas preferiram continuar com a antiga Versão de Almeida, publicada pela Imprensa Bíblica Brasileira. Entre os pentecostais, a nova versão foi adotada pela Assembleia de Deus do Norte do Brasil, pela Igreja O Brasil para Cristo e pela Igreja do Evangelho Quadrangular. Em 1959, ano do lançamento da nova versão, registrou-se um salto de 70% na distribuição de Bíblias e, no ano seguinte, a circulação de Bíblias cresceu mais 40%.

Não obstante, a diretoria da SBB decidiu continuar a publicar também a Versão Revista e Corrigida de Almeida, respeitando a preferência de parte dos leitores. Muitas pessoas, especialmente as mais idosas, que conheciam de cor muitos versículos de sua velha Bíblia, preferiram continuar usando a versão antiga de Almeida. Por outro lado, muitos outros, especialmente os novos leitores da Bíblia, preferiram adotar a nova versão, devido à sua linguagem mais atual e compreensível.

Em depoimento à revista *A Bíblia no Brasil*, Dr. Paul Schelp, membro da Comissão Revisora da SBB, contou uma experiência que ilustra bem a conveniência da continuidade da publicação das duas versões de Almeida:

> "Quando, há alguns anos, cheguei aqui no Rio de Janeiro para participar de mais uma reunião da Comissão Revisora do Novo Testamento, uma senhora distinta, de uns 50 anos de idade, minha conhecida, me pegou pelo braço e disse:
>
> — O que o senhor está fazendo aqui de novo? Está procurando roubar a minha Bíblia de Almeida?
>
> E eu respondi:
>
> — Não senhora, isso está muito longe dos objetivos da Comissão Revisora. Ninguém pensa nisso; seria até um crime! A senhora e muitas outras pessoas devem continuar a ler a atual versão de Almeida e têm de morrer com essa Bíblia. A senhora conhece de cor inúmeras passagens lindas das Escrituras e qualquer mudança, por mínima que fosse, perturbaria a sua devoção. A versão de Almeida que a nossa comissão está

preparando visa os nossos filhos e netos e também os milhares de brasileiros que ainda não conhecem a Palavra de Deus. Para esses é que estamos preparando uma versão nova e melhor, em linguagem atualizada e mais compreensível.

Um médico de Porto Alegre que havia visto o filme 'Sansão' me encontrou na rua e disse:

— Fiquei sabendo que esse filme reproduz uma história da Bíblia. Tenho em casa um exemplar da Bíblia, mas nunca o li. Onde posso encontrar o trecho que fala de Sansão?

Expliquei-lhe tudo e, ao mesmo tempo, pedi que lesse um pouco mais do que a história de Sansão, pois o temor de Deus é o princípio de toda sabedoria. Semanas mais tarde, vi aquele médico caminhando do outro lado da rua, corri até lá e lhe perguntei:

— O senhor achou e leu tudo a respeito de Sansão?

E ele respondeu:

— Sim. Até achei interessante o conto, mas que linguagem antiquada, que frases esquisitas e até certo ponto um pouco grosseiras!

E eu lhe disse:

— Há uma comissão que está fazendo a revisão da linguagem da Bíblia... Dentro de dois ou três anos, lhe darei uma Bíblia que o senhor terá prazer de ler." [298]

Ao longo dos anos, a aceitação da *Versão Revista e Atualizada da tradução de Almeida* foi ampliada e consolidada no Brasil. Além das Igrejas tradicionais, as novas denominações pentecostais que surgiram na segunda metade do século 20, como a Igreja Universal do Reino de Deus e a Renascer em Cristo, também adotaram a Versão Revista e Atualizada no Brasil.

A Bíblia do Rev. Gonçalves

1922—1962

Em 1962, o Rev. Antônio de Campos Gonçalves deu este testemunho à revista *A Bíblia no Brasil*, no qual ele descreve, em seu português clássico e elegante, o amor por sua velha Bíblia, recebida de presente em 1922:

"Faz 40 anos que três irmãs, ainda meninas, me deram de presente um livro, com a seguinte dedicatória: 'Ao Rev. Gonçalves uma prova de reconhecimento e estima. Rio de Janeiro, 30-8-1922'. Foi um de vários presentes que recebi quando me ausentava do Rio de Janeiro, onde tinha

sido pastor, para iniciar meu pastorado no interior, na cidade de Leopoldina, em Minas Gerais. Levei a Bíblia comigo. Presente precioso. Capa de couro, bordas viradas, papel fino, era um tesouro, era a Bíblia em português, tradução de João Ferreira de Almeida. Por fora, em letras douradas, o meu nome por inteiro. O livro era meu, para meu uso, para lição e exemplo, para orientação e bênção na vida.

Quando o recebi novo, era belo, vinha perfumado de carinho, mimoso de afeições que o trouxeram para as minhas mãos. Dir-se-ia que, por entre as páginas, nasciam flores de singular bondade. Hoje, é vê-lo: todo lido e estudado da primeira à última página, assinalado de azul, de preto, de vermelho, lápis e tinta; marcações à margem, notas e chamadas; raminhos secos e malvas guardados com o perfume de memórias e saudades; pensamentos escolhidos, pregados em folhas ou escritos à mão. Hoje é tesouro ainda mais rico, mais precioso, incalculável. Hoje, não só vale pelo que é e nele se pode ver. Vale hoje pelo que terá feito para inspirar-me nesse longo prazo em que me acompanha, para diariamente falar comigo, não só para os ouvidos, e sim para o coração.

O volume é certo que envelheceu: dorso meio rasgado, beiras puídas, folhas em desalinho e até despegadas, amarelecidas do tempo, do suor das mãos, da poeira; manchado de azeite de lamparinas, quando de viagens pelo interior, fazendas e sítios; levado na pasta sempre, para os serviços religiosos e também para o uso pessoal, constante, afetivo, amigo. Sim, o livro envelheceu, mas as suas palavras são as mesmas, animadoras, conselheiras, exortativas, cheias de vida e poder, abundantes de inspiração e de luz, em tudo da palavra humana, em tudo, convidativas: são cânticos, são preceitos, orações, discursos; narração e história, história e profecia e realidade; promessas, revelações e apelos; pão e remédio; agasalho, justiça, recompensa, mas, sobretudo, as palavras de salvação por Jesus Cristo, as boas-novas, o evangelho de Deus, a vida eterna.

Quando pego no livro é como se tomasse alguma coisa memorável, e realmente o é: trazem lembranças de anos que vão longe, memórias que não se apagam, bens que se multiplicam para que eu possa reparti-los.

Quero bem a esse livro não só pelo que é, mas principalmente pelo bem que me tem feito, pela bênção que me tem proporcionado, acompanhando-me na carreira da vida, sempre meu, sempre comigo.” [299]

Capítulo 20

AS SOCIEDADES BÍBLICAS UNIDAS

1946



Conferência histórica

1946

Em Elfinsward, centro de conferências com belos gramados, glicínias e árvores nobres, situado na Diocese de Chichester, em Haywards Heath, Sussex, Inglaterra, foi realizada de 6 a 9 de maio de 1946 uma conferência histórica que resultou na criação das Sociedades Bíblicas Unidas, entidade que congrega hoje 147 Sociedades Bíblicas nacionais, que operam em mais de 200 países. A conferência foi realizada por iniciativa das Sociedades Bíblicas da Inglaterra, EUA, Holanda e Escócia, e foram convidadas a participar da reunião as Sociedades Bíblicas da Alemanha, Dinamarca, Finlândia, França, Noruega, Polônia, Suécia, Suíça, Tchecoslováquia e também a Comissão de Auxílio de Capelania para Prisioneiros de Guerra.

A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE), como hospedeira, participou da conferência com 14 executivos, liderados pelos secretários gerais Rev. J. R. Temple e Rev. A. H. Wilkinson e seu presidente Sir Graeme Tyrrel. E a Sociedade Bíblica Americana (SBA) esteve representada pelos secretários gerais, Rev. E. M. North e o Sr. Rome A. Betts, o tesoureiro Rev. Gilbert Darlington e o secretário de traduções, Dr. Eugene Nida.

Laços de amizade foram renovados durante toda a conferência, após as grandes provações dos anos de

guerra. Diversos membros do encontro haviam sofrido em prisões ou campos de concentração. Todos se emocionaram quando o Bispo Berggrav, da Noruega, se levantou para cumprimentar o Dr. Lilje, da Alemanha, pois eles não se encontravam desde 1940 e haviam passado anos como prisioneiros de guerra.

Palavra do representante da Polônia

Na primeira sessão, iniciada na segunda-feira, 6 de maio, às 18 horas, o presidente da SBBE, Sir Graeme Tirrel, deu as boas-vindas a todos e fez a apresentação de cada um dos 64 delegados. Em seguida, concedeu a palavra ao Sr. Alexander Enholc, superintendente da Sociedade Bíblica da Polônia, que narrou assim sua experiência durante a guerra:

> "Quando a Alemanha invadiu a Polônia, em 1939, uma bomba explodiu ao lado do depósito de Bíblias, na cidade de Varsóvia, destruindo portas e janelas do prédio e danificando sua fachada. Sobrou apenas um painel de vidro no qual estavam escritas as seguintes palavras: 'O céu e a terra desaparecerão, mas as minhas palavras ficarão para sempre.' Mc 13.31 Essas palavras permaneceram escritas naquele pedaço de vidro durante meses e anos. E as pessoas que por ali passavam tiravam o chapéu, faziam o sinal da cruz e exclamavam:
>
> — Isso é um milagre!
>
> O trabalho continuou apesar das grandes dificuldades. O nome 'Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira' precisou ser alterado para apenas 'Sociedade Bíblica', pois os alemães faziam objeção a qualquer coisa associada à Grã-Bretanha. O nome 'Sociedade Bíblica' foi escrito em polonês e alemão. A despeito dos perigos e problemas, 266 mil exemplares da Bíblia, do Novo Testamento e de Porções bíblicas foram distribuídos durante a guerra, através do nosso depósito. O trabalho de colportagem foi proibido, mas algumas pessoas trabalharam por conta própria, correndo grandes riscos. As Escrituras em polonês e ucraniano foram as mais distribuídas. Mas foram vendidos também exemplares em russo. Foi proibida a venda de Escrituras em inglês, francês e turco. Apesar das enormes dificuldades para produzir Escrituras, seis mil Bíblias e 22 mil Novos Testamentos foram impressos na Polônia, sem nenhum tipo de pagamento. A única instituição britânica na Polônia que não foi fechada foi a Sociedade Bíblica.

Fui chamado à Gestapo quatro vezes e, na última, achei que não voltaria mais para casa. Fui interrogado sobre as atividades da Sociedade Bíblica, especialmente sobre o Sr. Haig. Quando disse que o trabalho não tinha nada a ver com política, me perguntaram:

— O senhor é contra Hitler?

E eu respondi:

— Não sei, mas a Bíblia diz que todos os governos emanam do Senhor.

O oficial da Gestapo respondeu:

— Isso é verdade. O senhor pode ir.

No início da guerra, fui levado por algumas semanas para o Leste da Polônia e minha esposa ficou responsável pelo depósito. Durante a revolta de Varsóvia, [300] ela conseguiu entrar na cidade para comprar alimentos e retirar do depósito 12 caixas de Escrituras, moldes tipográficos e máquinas de escrever e levar para lugar mais seguro. Depois, devido o cerco da cidade, ela não pôde retornar ao depósito e teve de morar por seis semanas no porão de nossa casa. Mais tarde, os alemães decidiram enviar as mulheres e as crianças para os campos de concentração e minha esposa foi escolhida para ir para as minas. Ela protestou, pois sua saúde era muito frágil e, apesar de ter sido tratada muito mal, acabou conseguindo se livrar.

Os católicos romanos foram muito solidários conosco durante a guerra. Eles estão interessados em nosso trabalho e perguntam quando o depósito será reaberto. Vamos necessitar de milhares de Escrituras e, com a ajuda de Deus, esperamos conseguir.” [301]

Declaração do representante da Alemanha

Durante a primeira sessão da conferência, falou ainda o Rev. Hanns Lilje, membro do Comitê Central das Igrejas Evangélicas Alemãs:

“Espero que me perdoem por começar com uma observação pessoal, mas desejo expressar minha alegria por estar com os senhores. Há pouco mais de um ano, fui libertado da prisão de Nuremberg, por tropas norte-americanas. No período anterior à minha breve permanência naquela prisão, estive nas mãos da Gestapo, em seu presídio especial em Berlim, que era muito semelhante a um campo de concentração. Por três vezes, quase fui morto por enforcamento, fuzilamento ou inanição.

Durante o período em que permaneci acorrentado dia e noite e desprotegido contra ataques aéreos, sem nada para ler ou escrever, contei com as coisas que aprendera na juventude para poder sobreviver. Se algum dia eu tiver a oportunidade de escrever sobre minhas experiências, escreverei sobre como as pessoas, em circunstâncias difíceis, se lembram dos ensinamentos que receberam durante a juventude. Lembro-me de que um prisioneiro, durante um terrível ataque noturno, disse em uma das celas:

— É surpreendente que todas as pessoas aqui — presidentes, coronéis, sindicalistas — têm uma coisa em comum: a fé cristã.

Um dos prisioneiros conseguiu fazer um acordo com seus guardas para sair de sua cela à noite. Durante os ataques aéreos e após todos os guardas descerem para o porão, ele se esgueirava pelos corredores, abria as portas de algumas celas e procurava aliviar os presos de sua tensão psicológica. Ele arriscava a sua vida sempre que fazia isso. Uma noite, ele se aproximou da minha cela e sussurrou que na prisão estava compreendendo melhor a história de Jesus no Monte das Oliveiras e no Jardim do Getsêmani. Ele havia entendido que Jesus havia sofrido no lugar dos pecadores.

Após experiências como essa, as pessoas compreendem o que significa estar vivo. Quem não passou por algo parecido não pode imaginar a sensação de receber de volta a dádiva da vida e da liberdade. Isso se passou não apenas com as pessoas, mas também com a Igreja. Na Alemanha, durante os anos da guerra, ocorreu um verdadeiro despertar religioso e muitas pessoas perceberam e sentiram a necessidade da verdade eterna. Nesse sentido, os anos mais felizes da minha vida foram 1941, 1942 e 1943 em Berlim, quando preguei o Evangelho em igrejas onde era ouvido com muito mais interesse do que antes da guerra.

Se hoje a Alemanha se encontra em um estado de perplexidade e não consegue ver um futuro claro para a Igreja, contamos com nossas experiências do passado e sabemos que o mesmo Deus que nos ofereceu oportunidades durante a guerra nos proporcionará novas oportunidades no futuro. Durante os anos de regime nazista, que agora já pertence ao passado, fomos fortalecidos pelo pensamento de que ‘a mensagem de Deus não está presa’. Sabemos que há uma luz e uma esperança: a Palavra de Deus, que nos ajudou a superar os anos amargos no passado, certamente continuará a nos conduzir no futuro.” [302]

A finalidade da conferência

A segunda sessão da Conferência de Elfinsward, realizada na segunda-feira, 6 de maio, às 20 horas e 15 minutos, começou com a seguinte exposição do Rev. J. R. Temple, secretário-geral da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, a respeito da finalidade da conferência:

“Um dos principais objetivos desta conferência é nos conhecermos melhor, para podermos enfrentar o futuro juntos, como amigos. O Livro que é a nossa ligação e que é nosso privilégio distribuir é o Livro de Deus. É o bem inestimável dos filhos de Deus, em todos os lugares. Embora as Igrejas possuam diferentes hinários e livros de oração, teologias e liturgias diferentes, graças a Deus nós temos apenas um Livro: a Bíblia, que é o elo que nos une.”

Em seguida, o Rev. Temple apresentou um histórico do trabalho conjunto das Sociedades Bíblicas desde o ano de 1932, quando o Rev. A. H. Wilkinson convocou uma conferência em Londres, da qual participaram representantes da Sociedade Bíblica Nacional da Escócia, da Sociedade Bíblica Americana e da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. Um resultado direto daquela conferência foi a administração unificada das Sociedades Bíblicas na China, no Japão, nos Bálcãs, no Oriente Médio, no Brasil, no Chile, no Uruguai e na Venezuela. Após a visita feita por ele e o Dr. North à América Latina, ambos sentiram que era possível ampliar o trabalho conjunto naquela região.

No ano de 1939, foi realizada uma conferência maior em Amsterdã, da qual participaram representantes dos EUA, da Inglaterra, da França, da Holanda, da Noruega e da Escócia. Os planos formulados na época para um desenvolvimento mais amplo do trabalho bíblico conjunto tiveram de ser abandonados devido ao início da guerra. Mas, durante os anos de isolamento da Europa, quando a maioria dos países enfrentava a guerra total, a Inglaterra, por meio do subcomitê de Planejamento Pós-guerra, da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, pôde fazer contato com representantes das igrejas e dos governos aliados. Em consultas constantes a esses representantes, foram colhidas informações úteis sobre a maneira de oferecer uma ajuda mais eficiente quando a Europa estivesse novamente livre.

O Rev. Temple concluiu com estas palavras sua exposição sobre a finalidade da conferência:

> “Temos pensado sempre naqueles de quem fomos separados e que permaneceram isolados, e oramos pelo dia em que pudéssemos nos reunir novamente para enfrentar as necessidades da Europa. Ouvimos histórias comoventes de pessoas que durante cinco anos não tiveram nenhuma literatura cristã e ficaram sem o único Livro que realmente importa. Esta

conferência foi convocada com a finalidade de obter informações sobre as necessidades dos vários países na Europa e fora dela; de somar nossos conhecimentos, de pensar e aconselhar em conjunto, de acreditar que a força está na união. Além disso, nós do Comitê de Londres, como nossos colegas em Nova York, achamos que, em relação à Europa, seria muito importante que um dos resultados desta conferência — e eu sinceramente espero que isso aconteça — seja o estabelecimento de algum tipo de Escritório Central. Seria uma espécie de câmara de compensação para facilitar a coordenação de nossos projetos. Percebemos essa necessidade na conferência de Amsterdã, em 1939. E acho que isso é ainda mais necessário agora. Se esta conferência julgar que realmente existe essa necessidade e aceitá-la em princípio, o Sr. Wilkinson poderá convocar uma reunião de secretários para, logo após esta conferência, estabelecermos como funcionará essa nova organização.” [303]

A Bíblia na reconstrução da Europa

Na terceira sessão da conferência, realizada na terça-feira, 7 de maio de 1946, às 10 horas, seu presidente, o Bispo Evind Berggrav, presidente da Sociedade Bíblica Norueguesa, deu a palavra ao Bispo de Chichester, que fez o seguinte pronunciamento:

“Sempre houve intercâmbio de ideias e de conhecimentos entre as Igrejas da Grã-Bretanha e de outros países e, nos últimos anos, ocorreu um significativo aumento nos contatos entre as Igrejas da Grã-Bretanha e do continente europeu. De alguma forma, as próprias adversidades da guerra e do regime que a provocou na Alemanha aproximaram os cristãos de todos os países aos cristãos da Grã-Bretanha. E nós, neste país, observamos, oramos, esperamos, confiamos e, como em muitas partes do mundo, ouvimos as vozes que se levantaram em busca de Deus e sua Igreja e em favor da justiça. E nós também fomos iluminados e aquecidos pelas tochas e pelas fogueiras que foram acesas.

Os senhores estão prestes a discutir o significado da Bíblia na reconstrução da Europa. Certamente ela teve um enorme significado na construção da Europa. A Bíblia falou de maneira eloquente aos ouvidos dos europeus no início de nossa era. Antes de chegar à Europa, a Bíblia falou através dos seus profetas tanto ao povo de Deus como a outros povos sobre a Lei Divina, a Santidade de Deus e o Amor de Deus. As vozes proféticas eram vozes individuais, mas tinham uma aliança por trás delas. Elas falaram para o povo de Deus que possuía um relacionamento de aliança com seu Criador.

A Bíblia falou com uma força renovada e urgente na época da Reforma. Do lado católico romano, o cardeal Bellarmino confessou que a Bíblia marcou a linha divisora fundamental entre a Igreja de Roma e as Igrejas

Reformadas. E, do lado protestante, Lutero afirmou: ‘Se Cristo e a sua Palavra estiverem comigo, não temerei o que o mundo inteiro quiser fazer comigo.’ E todas as Igrejas Reformadas, inclusive a Igreja da Inglaterra, colocaram as Escrituras em primeiro plano em seus ensinamentos e em seu testemunho.”

Em seguida, o Bispo Berggrav falou também sobre o tema “A Bíblia na reconstrução de Europa”:

“A Europa e o mundo não podem ser reconstruídos por meio de soluções políticas. Todos estão notando isso hoje. É muito fácil perceber. Não há muita esperança no mundo, mas há muitíssima esperança na Bíblia. A Bíblia é realista, não otimista. Observem que paz e esperança são duas das principais palavras na Bíblia e agora o mundo pergunta como podemos encontrar o nosso caminho para o novo futuro. Mas não devemos ter medo, nem achar que tudo está perdido e que não há possibilidades para o futuro. Os estadistas que agora estão tentando descobrir o caminho para o futuro necessitam de nossas orações muito mais do que imaginamos. Podemos pensar que esses homens sabem tudo, que são poderosos, porém, eles realmente não têm nenhum poder, mas sim uma grande responsabilidade. Se eu ou os senhores estivéssemos no lugar deles, certamente pediríamos que todos os nossos amigos orassem por nós.

Agora estamos enfrentando um período de situações obscuras, mas não tenham medo. Precisamos ter confiança. Nós passamos por períodos em que havia muito menos esperança e muito mais escuridão. Lembrem-se do outono europeu de 1940 e pensem na situação de hoje. Na Noruega, 7 de maio é o dia da esperança porque é o dia do milagre de Deus para o mundo. Somos gratos às forças dos Aliados, porém, na verdade foi Deus o responsável. Foi na noite entre os dias 6 e 7 de maio que Keitel se rendeu no Q.G. do General Eisenhower. Na manhã do dia 8, foi oficializado o armistício. Nos jornais matutinos, de procedência nazista, havia uma nota do Ministro da Polícia, um colaborador, que dizia que os alemães derrotariam os Aliados e que toda a Noruega seria destruída. À noite, a situação se inverteu. Às 5h30, o cônsul da Suécia (que era uma das poucas pessoas que sabia onde eu estava) bateu na janela de meu esconderijo, entrou e disse: ‘Os ingleses estão chegando.’ Às 18h00, um avião branco, como um anjo dos céus, chegou à noite do mesmo dia em que havíamos lido nos jornais matutinos que começaria uma guerra civil. Foi como uma revelação de como Deus pode mudar uma situação neste planeta.

Nós, que passamos por essas experiências na primavera europeia de 1945, devemos ser os últimos a ter medo em uma situação de emergência política como a atual.”

O Rev. J. Krenek, moderador da Igreja Evangélica dos Irmãos Tchecos, representante da Tchecoslováquia,

declarou:

> “Durante a guerra, observei muito de perto as almas dos homens e minha primeira percepção, quando estávamos nas masmorras quase sem consolo, foi que nelas há um coração que anseia por coisas positivas, independentemente de a Igreja resistir ou sucumbir.
>
> Quando um médico chega a um hospital para ver alguém muito doente, a primeira pergunta que ele ouve do paciente é: ‘Doutor, minha doença tem cura, eu vou viver?’ A necessidade mais profunda da alma humana é algo positivo; é o ‘sim’ para a vida. O ser humano teme o aterrorizante ‘não’. Não há outro livro no mundo, exceto a Bíblia, que responde esse profundo desejo de vida... No meu país, 250 mil pessoas perderam suas vidas em campos de concentração ou de alguma outra forma. Milhões de pessoas faleceram precocemente, o que suscita a questão: ‘Isso é tudo ou há um significado mais elevado para a vida?’ Se a morte vem de forma inesperada ou súbita, há um objetivo em nossa vida, um propósito superior? Apenas um livro diz claramente, não com uma conclusão lógica nem por exame científico: ‘porque eu vivo, vocês também viverão’. Essa é a Bíblia. É isso que precisamos oferecer ao nosso povo.”

O Dr. Visser’t Hooft, representante do Conselho Mundial de Igrejas, deu o seguinte testemunho:

> “O que aconteceu durante a guerra foi essa redescoberta da Bíblia que repentinamente se espalhou pela Igreja. Foi maravilhoso ver isso acontecer em toda a Europa, com mais ênfase onde os homens mais sofriam: nos campos de prisioneiros, entre refugiados, nos campos de concentração. Foi nesses lugares que a luta aconteceu. Foi a partir deles que a Bíblia irrompeu nas Igrejas e fez o que sempre faz: começou a transformá-las. As Igrejas não podiam mais permanecer as mesmas com a Bíblia voltando a ser a espada afiada, que essencialmente sempre foi, e, portanto, vimos com nossos próprios olhos como as Igrejas começaram a ser transformadas.” [304]

As necessidades imediatas de Bíblias

A quarta sessão da Conferência de Elfinsward, realizada na terça-feira, 7 de maio de 1946, às 10 horas e 10 minutos, foi presidida pelo Rev. North, representante da Sociedade Bíblica Americana, e estudou as necessidades imediatas de Bíblias na Europa e em outras partes do mundo. Cada país representado na conferência apresentou um breve relatório sobre suas necessidades de Escrituras,

as iniciativas tomadas na área de produção e as expectativas de ajuda.

A Sociedade Bíblica Norueguesa informou que necessitava imediatamente de 50 mil Bíblias e 50 mil Testamentos. Metade desse total estava sendo impresso pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e a outra metade pela Sociedade Bíblica Norueguesa que, no entanto, enfrentava a falta de materiais de encadernação. Os estoques de papel no país eram suficientes.

A Sociedade Bíblica da Holanda necessitava de 150 mil Bíblias em holandês, 25 mil Bíblias em frísio e 150 mil Testamentos em holandês. Normalmente, a produção da Sociedade Bíblica da Holanda atendia às necessidades do país. A maioria dos livros acima estava sendo impressa na Holanda, com exceção dos 50 mil Novos Testamentos que estavam sendo produzidos em Londres.

A França necessitava de 25 mil Bíblias e 10 mil Testamentos; a Polônia, de 11 mil Bíblias, 40 mil Testamentos e 80 mil Evangelhos; a Iugoslávia, de 6 mil Bíblias, 21 mil Testamentos e 92 mil Evangelhos; a Romênia, de 5 mil Bíblias, 35 mil Testamentos e 130 mil Evangelhos.

Antes da guerra, a produção anual na Alemanha era de 350 mil Bíblias e 300 mil Novos Testamentos. Um pouco antes do fim da guerra, foi enviada uma mensagem secreta indicando que a necessidade, após os anos de combate, seria de 1 milhão de Bíblias e 2,5 milhões de Novos Testamentos. Mas imprimir meio milhão de Bíblias na Alemanha, durante a guerra, era impossível. Houve, então, uma proposta das igrejas evangélicas alemãs de que as Sociedades Bíblicas na Alemanha imprimissem localmente 1 milhão de Bíblias, desde que conseguissem obter no exterior a celulose e o material para a encadernação.

Além da necessidade de Escrituras na Europa, foi examinada a situação na América do Sul, na China, no Japão, na África e na Índia. O Japão, que havia participado

ativamente da guerra, precisava de 100 mil Bíblias e 2,5 milhões de Novos Testamentos.

Ao terminar a sessão, o Bispo Berggrav declarou:

> “Os números apresentados confirmaram o fato de que estamos diante de uma porta aberta para a distribuição das Escrituras na Europa e no mundo.” [305]

A cooperação entre as Sociedades Bíblicas

Na quinta e na sexta sessões da conferência, realizadas na tarde de quarta-feira, 7 de maio de 1946, foram discutidos dois temas: tipos de serviços prestados pelas Sociedades Bíblicas e arrecadação de fundos através de voluntários. E, na sétima sessão, presidida pelo Bispo Berggrav, que começou às 18h do mesmo dia, foi discutido um dos assuntos mais importantes da reunião — a cooperação entre as Sociedades Bíblicas.

Apresentando o assunto, o Rev. Temple, secretário-geral da SBBE, se referiu à visita que havia feito aos EUA no final de 1944 para estudar como a SBBE e a SBA poderiam trabalhar em conjunto naquele momento de emergência. Na primeira oportunidade após a guerra, ele havia visitado também a Noruega, a Suécia e a Finlândia e voltado cheio de esperança e confiança de que as Sociedades Bíblicas daqueles três países fariam um grande esforço de cooperação. Temple estava convencido de que deveria haver uma espécie de Escritório Central em algum lugar para coordenar o trabalho. Durante a guerra, o Departamento da Bíblia do Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra, havia realizado um excelente trabalho, através do Sr. Olivier Béguin.

Usando da palavra, Béguin informou que seu principal objetivo durante os últimos anos havia sido tentar ajudar o máximo possível os prisioneiros de guerra na Alemanha e nos países sob ocupação nazista. O escritório em Genebra havia se convertido em uma espécie de armazém para a

Europa, além de uma câmara de compensação e, por meio dele, foi possível fazer chegar as Bíblias fornecidas pelas Sociedades doadoras aos lugares em que elas eram necessárias. O escritório tentou obter o máximo possível de informações sobre as necessidades dos diversos países na Europa e repassá-las à Grã-Bretanha e aos EUA. Também procurou ajudar na formação de Sociedades Bíblicas nacionais em vários países. E houve uma grande cooperação com o Conselho Mundial de Igrejas, que foi importantíssimo para o trabalho realizado pelas Igrejas e pelas Sociedades Bíblicas.

O Bispo Berggrav, presidente da Sociedade Bíblica Norueguesa, que estava presidindo a sessão, lembrou que as principais questões que deveriam ser discutidas eram a localização mais adequada para o Escritório Central e qual seria o relacionamento que se teria com o Conselho Mundial de Igrejas. Disse que Londres ou Genebra pareciam ser as melhores opções e que o Bispo Berggrav preferia Londres. Para muitos países europeus, Londres era a localização ideal para Escritório Central. Seria nomeado um comitê para preparar um relatório em termos práticos sobre o que a conferência poderia fazer.

O Sr. A. L. Haig, secretário da SBBE para a Europa, comentou que Olivier Béguin havia desempenhado uma tarefa muito difícil e teve um desempenho esplêndido, auxiliando os agentes das Sociedades Bíblicas em vários países. Segundo ele, era muito importante ter um escritório europeu, e Genebra seria uma opção melhor que Londres por ser mais central em termos de posição geográfica. Além disso, as notícias chegavam mais rapidamente a Genebra do que a Londres ou qualquer outro centro. Era essencial ter um Escritório Central para evitar sobreposições e coordenar o trabalho realizado na Europa pelas várias Sociedades. Também seria necessário ter um centro em cada país com o qual o Escritório Central pudesse se comunicar. O Escritório Central precisaria

trabalhar com pelo menos três tipos diferentes de entidade. Em alguns países, por exemplo Suécia, Holanda e Dinamarca, já havia Sociedades Bíblicas nacionais. Havia um ou dois países em que já estavam estabelecidos comitês de coordenação, que representavam as Sociedades Bíblicas nessas nações. E, durante muitos anos, seria necessário continuar com os agentes da SBBE e da SBA, pois essas nações ainda não estavam prontas para terem uma Sociedade Bíblica Nacional. Esse era o caso, por exemplo, dos países da Europa Oriental. Seria muito difícil, se não impossível, organizar uma Sociedade Bíblica sem contar antes com o total apoio das Igrejas nacionais. Nos últimos anos, a SBBE havia tentado deixar o trabalho na Alemanha por conta das várias Sociedades Bíblicas alemãs, mas não havia sido possível chegar a um acordo antes da guerra.

O Dr. H. C. Rutgers, secretário-geral da Sociedade Bíblica da Holanda (SBH), disse que sua sociedade também havia recebido com gratidão as Escrituras enviadas da Suíça durante a guerra. A sugestão de um Escritório Central europeu não era algo novo, mas sim o desenvolvimento de algo já em gestação que deveria ter continuidade. A questão em discussão era como ampliar da melhor forma possível o alcance do escritório europeu já existente. Ele poderia fazer muitas coisas úteis, como organizar Sociedades Bíblicas nacionais, estabelecer quais eram as necessidades e determinar a quantidade de materiais bíblicos que deveriam ser impressos. Considerando que os funcionários desse escritório teriam diariamente contatos internacionais, Genebra seria um local muito adequado. Mas se não fosse possível ser em Genebra, Londres seria a segunda melhor opção.

O Dr. North, secretário-geral da SBA, apresentou o seguinte resumo dos serviços que poderiam ser prestados pelo Escritório Central:

1. Fornecer informações às Sociedades Bíblicas contribuintes sobre as necessidades de distribuição em outros países;
2. Coordenar as contribuições feitas pelas Sociedades, para evitar doações duplicadas;
3. Auxiliar no intercâmbio de experiências, por exemplo, sobre produção, métodos eficazes de distribuição ou métodos de promoção;
4. Fornecer informações aos líderes das Igrejas, em países onde não houvesse trabalho das Sociedades Bíblicas;
5. Ajudar no desenvolvimento de publicações e traduções para o trabalho missionário;
6. Realizar a supervisão administrativa em áreas especiais;
7. Informar às Sociedades Bíblicas sobre as edições de Escrituras disponíveis.

O Rev. B. Cernohorsky, superintendente da SBBE na Tchecoslováquia, declarou que em seu país a distribuição de Escrituras não havia sido interrompida durante a guerra. Mas ele havia sido chamado três vezes ao quartel-general da Gestapo e, por fim, havia sido proibido de usar o nome da SBBE. Foi, então, definido que a distribuição de Escrituras seria realizada através da Igreja Evangélica dos Irmãos Tchecos. E essa Igreja apoiou com entusiasmo o trabalho e garantiu os recursos necessários para a sua realização. Cerca de 400 mil exemplares de Bíblias, Novos Testamentos e Evangelhos foram publicados e distribuídos durante a guerra na Tchecoslováquia.

O Rev. G. Darlington, tesoureiro da Sociedade Bíblica Americana (SBA), informou que o nome “Sociedades Bíblicas Unidas” já estava sendo usado em 1,5 milhões de Novos Testamentos impressos para o Japão, em mais de 1 milhão de Escrituras que estavam sendo distribuídas no Brasil e em uma grande quantidade de Novos Testamentos e Bíblias impressos no idioma alemão. [306]

As Sociedades Bíblicas Unidas

Durante a nona sessão da Conferência de Elfinsward, presidida pelo Prof. F. W. Grosheide, presidente da Sociedade Bíblica da Holanda, realizada na quarta-feira, 8

de maio, às 17 horas e 15 minutos, foram redigidas duas mensagens: uma às Nações Unidas e outra ao líder inglês Winston Churchill.

Durante a nona e a décima sessões da conferência foi estudada a organização das Sociedades Bíblicas Unidas (SBU). E, na décima primeira sessão, presidida por Sir Gilbert Hogg, presidente da Sociedade Bíblica Nacional da Escócia, e realizada na quinta-feira, dia 9 de maio de 1946, às 10 horas, foram aprovados os estatutos das SBU, [307] que definiram assim a sua finalidade:

> "A finalidade das Sociedades Bíblicas Unidas será auxiliar as Sociedades Bíblicas, Comitês Nacionais e outras entidades, facilitando o intercâmbio de experiências na tradução, publicação e distribuição das Escrituras Sagradas e na promoção do trabalho das Sociedades Bíblicas."

A cidade de Londres foi escolhida como sede das Sociedades Bíblicas Unidas, o Bispo Evind Berggrav como seu presidente e o Sr. Olivier Béguin como seu secretário-geral. [308]

O Dr. Eugene Nida, Secretário de Traduções da Sociedade Bíblica Americana, considerado a figura mais importante na área de tradução da Bíblia no século 20, fez a seguinte apreciação a respeito dessa conferência histórica das Sociedades Bíblicas:

> "Elfinsward mudou profundamente a história das Sociedades Bíblicas e mudou radicalmente a minha vida." [309]

Prisioneiro de Cristo

Logo depois do final da Segunda Guerra Mundial, Michiharu Shinya, um antigo oficial naval japonês, visitou a Nova Zelândia para rever o lugar onde havia se convertido a Cristo, quando era prisioneiro de guerra.

Naquela prisão, ele havia ganhado uma Bíblia. Quando isso aconteceu, ele se lembrou de um belo versículo citado

muitas vezes pelo capelão da prisão. Sentiu, então, um forte desejo de encontrar aquele versículo na Bíblia, o único que naquela ocasião tinha algum significado para ele. Michiharu não tinha a mínima ideia de onde encontrar o versículo. Mas como ele dispunha de muito tempo de sobra na prisão, resolveu procurar aquela passagem bíblica. Passou a ler a Bíblia todos os dias e fez isso durante semanas, com o único propósito de encontrar aquele versículo. Quando finalmente o encontrou, ficou muito feliz. Era o versículo 31 do capítulo 40 do livro de Isaías, que dizia:

> “Mas os que confiam no Senhor recebem sempre novas forças. Voam nas alturas como águias, correm e não perdem as forças, andam e não se cansam.”

Durante aquelas semanas de leitura bíblica, ele se sentiu muito bem. Por isso, resolveu conhecer melhor a Bíblia e a leu durante todo o tempo em que esteve preso. Deus lhe falou através de sua Palavra e ele entregou sua vida a Cristo. E, ali, na prisão, assumiu o compromisso de tornar-se um discípulo de Jesus. Decidiu que, se algum dia fosse solto, voltaria para o seu país e se tornaria um pregador do evangelho.

Terminada a guerra, Michiharu Shinya foi solto, voltou para o Japão e realmente se tornou um ministro do evangelho.

Antes de deixar a Nova Zelândia, o Rev. Michiharu Shinya, então diretor do Seminário Bíblico de Tóquio, declarou em um programa de televisão:

— Eu vim para Nova Zelândia como prisioneiro de guerra, mas, graças à leitura da Bíblia, voltei para o Japão como um prisioneiro de Cristo. [310]

Capítulo 21

A SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL

1940—1948



O Brasil pós-guerra

1945—1948

Em 1937, Getúlio Vargas havia implantado no Brasil o Estado Novo, um regime autoritário e, por isso, alinhou-se com outros regimes autoritários no mundo. Naquele ano, a Alemanha e a Itália eram os dois países que mais representavam o autoritarismo na Europa. Getúlio, como ditador, demonstrava simpatia pelo regime fascista, tanto que, para preparar a Carta do Estado Novo, se inspirou na Constituição autoritária da Polônia, chamada "Polaca".

As primeiras contestações ao Estado Novo apareceram em 1943, quando um grupo de advogados mineiros publicou o chamado Manifesto dos Mineiros, defendendo a redemocratização do país. Mas o que mais fragilizou o governo de Getúlio foi a Segunda Guerra Mundial. Afinal, ele era um ditador e foi forçado a entrar na guerra para combater aquilo que ele praticava: um regime autoritário. Por isso, à medida que se aproximou o fim da guerra, cresceu a rejeição ao governo de Getúlio.

Durante o ano de 1945, Getúlio se viu forçado a conceder anistia para os presos políticos, permitir a organização de partidos, convocar uma nova Assembleia Constituinte e marcar novas eleições. Embora tenha surgido um movimento de apoio a ele, sua imagem já estava

desgastada, e o resultado foi sua deposição do poder no dia 29 de outubro de 1945. Naquele dia, as tropas de militares que compunham seu próprio ministério invadiram o Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, e forçaram a sua renúncia.

O General Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra desde 1936, candidatou-se à Presidência e venceu as eleições de 2 de dezembro de 1945, superando o Ministro da Aeronáutica, Eduardo Gomes. Dutra assumiu o governo em 31 de janeiro de 1946, juntamente com a abertura dos trabalhos da Assembleia Constituinte, em clima de ampla liberdade.

A nova Constituição, aprovada em 1946, determinou a autonomia entre os três poderes e a realização de eleições diretas para os cargos executivos e legislativos estaduais, municipais e federais.

Durante o governo Dutra, o Brasil aumentou a importação de produtos industrializados, especialmente dos EUA. Com isso, em pouco tempo, as reservas cambiais do país foram diminuindo, a indústria nacional desacelerou e a dívida externa voltou a crescer.

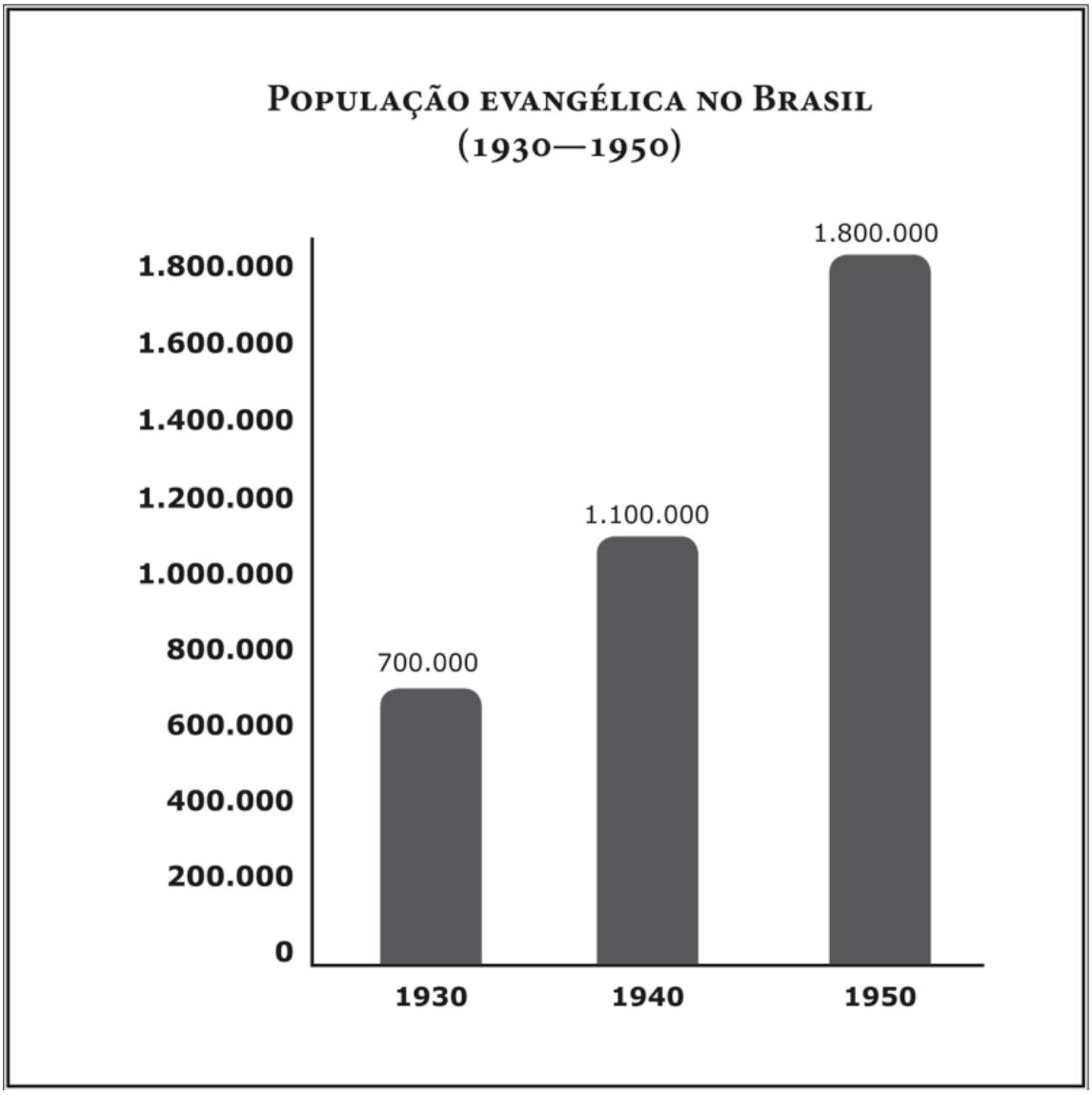
Os destaques do seu governo foram: a criação da Escola Superior de Guerra, o rompimento das relações com a União Soviética, a inauguração da TV Tupi, primeiro canal de televisão do Brasil, e a construção do estádio do Maracanã. [311]

Os evangélicos nos anos 40

Em 1948, foi fundado em Amsterdã, na Holanda, o Conselho Mundial de Igrejas (CMI), e as Igrejas evangélicas brasileiras foram convidadas a participar dessa organização ecumênica. Porém, somente duas denominações evangélicas brasileiras se filiaram imediatamente a ela: a Igreja Metodista e o Sínodo Rio-grandense da Igreja Luterana. Na década de 1960, mais duas denominações evangélicas se filiariam à CMI: a Igreja

Episcopal e a denominação pentecostal O Brasil para Cristo, liderada pelo seu fundador, o Pastor Manoel de Melo. [312]

A população brasileira, que era de 41.165.289 habitantes, em 1940, subiu para 51.944.397 em 1950. Nesse mesmo período, o número de evangélicos no Brasil aumentou de 1.100.000, em 1940, para 1.800.000, em 1950, um crescimento de 64% em dez anos. Assim, a proporção de evangélicos em relação à população brasileira, que era de 2,7% em 1940, subiu para 3,5% durante a década de 1940, como ilustra o gráfico abaixo:



O censo feito pelo IBGE em 1950 ainda não especificava a quantidade de membros de cada denominação evangélica. Isso somente viria a acontecer a partir de 1970. Porém, sabe-se que as denominações pentecostais Assembleia de Deus e Congregação Cristã no Brasil foram as que mais cresceram durante aquele período. [313]

Os manuscritos do Mar Morto

1947

Em 1947, um jovem pastor de ovelhas estava cuidando do seu rebanho em Qumran, na costa do Mar Morto, na Palestina, situada a 24 quilômetros a leste de Jerusalém, e encontrou uma caverna. Curioso para saber o que havia dentro da caverna, pegou uma pedra e jogou dentro dela. Para sua surpresa, ouviu o som de um vaso de barro se quebrando. Para verificar que barulho era aquele, entrou na caverna e encontrou ali alguns vasos velhos de barro. Dentro deles, protegidos por uma tela de linho, havia três manuscritos de couro, em forma de rolo.

O pastor não tinha a mínima ideia do que se tratava, mas achando que podia valer alguma coisa, levou-os para casa. Tentou vendê-los na cidade de Belém, mas ninguém se interessou. Continuou a procurar um comprador para os seus rolos de couro e, algum tempo depois, conseguiu vendê-los em dois lotes: o primeiro para Athanasius Samuel, bispo do mosteiro ortodoxo sírio São Marcos, em Jerusalém, e o segundo para Eleazar Sukenik, da Universidade Hebraica de Jerusalém.

Em 1948, cientistas comprovaram que aqueles documentos eram autênticos e que naqueles vasos de barro estavam guardadas as cópias mais antigas do Antigo Testamento de que se tinha notícia. Um dos rolos era uma cópia completa do livro de Isaías, escrita cerca de 150 anos antes de Cristo. Era uma cópia mil anos mais antiga do que qualquer outra cópia descoberta antes. Até aquele dia, a

cópia mais antiga que havia do livro de Isaías e do resto da Bíblia hebraica, ou Antigo Testamento, era de cerca de 900 anos depois de Cristo.

Nos anos seguintes, arqueólogos e pastores começaram a investigar outras cavernas nas proximidades de Qumran. O que eles encontraram na década seguinte foi uma biblioteca de escritos sagrados dos judeus, muito antiga, copiados no período de 250 a.C. a 68 d.C. Em 68 d.C. os soldados romanos haviam devastado a comunidade onde estava aquela biblioteca. Os arqueólogos encontraram ali cópias completas ou parciais de todos os livros do Antigo Testamento, menos do livro de Ester.

Espalhados em 11 cavernas nos rochedos e desfiladeiros próximos do Mar Morto, foram encontrados pedaços de cerca de 800 manuscritos, e 200 deles eram cópias de livros do Antigo Testamento. Somente cerca de uma dúzia deles estava intacta. Todo o resto (cerca de 25 mil fragmentos) havia sido destruído durante dois mil anos. Mesmo assim os fragmentos continuaram a ser estudados por especialistas, que ainda hoje tentam unir as peças encontradas.

Foram encontrados três tipos de escritos na biblioteca do Mar Morto: livros bíblicos, comentários sobre livros bíblicos e escritos religiosos em geral, como livros de orações, regras de vida e coleções de visões. Um rolo conhecido como *Rolo de Cobre* — porque seu texto era gravado em folhas de cobre — identifica 64 lugares onde poderiam ser encontrados outros manuscritos, perfumes e tesouros de ouro e prata. As localizações descritas são vagas e estão codificadas. Por isso, parece que foram escritas com a intenção de serem compreendidas apenas por pessoas da época, familiarizadas com os lugares descritos.

Os comentários encontrados sobre os livros proféticos de Isaías, Habacuque e Oseias mostram que a comunidade do

Mar Morto possuía uma maneira particular de interpretar a Bíblia e dava atenção especial às profecias que falavam sobre o fim do mundo, quando Deus acabaria com o pecado e estabeleceria um Reino de Justiça. Essas pessoas acreditavam que o fim do mundo estava próximo e que elas, como “filhas da luz”, iriam em breve marchar com o exército de Deus para derrotar os “filhos das trevas”.

A maioria dos pesquisadores afirma que os rolos do Mar Morto foram copiados e preservados por uma comunidade de judeus que levava uma vida monástica e era conhecida pelo nome de *essênios*, ou *piedosos*. Eles viviam em Qumran, uma pequena aldeia cercada de muros, localizada numa serra sem vegetação, nas encostas do Mar Morto — um lago de águas salgadas, onde nem os peixes conseguem sobreviver. Por volta do ano 152 a.C., os essênios que viviam em Qumran romperam todas as relações com os judeus. Isso aconteceu porque, após a vitória dos judeus contra a Síria, o líder vitorioso se declarou o novo Grande Sacerdote. Muros destruídos pelo fogo e pontas de flechas romanas encontradas nas ruínas da aldeia confirmam que ela teve um fim trágico.

Os manuscritos do Mar Morto revelam como um grupo de judeus viveu na época e no lugar onde o cristianismo nasceu. Eles estavam esperando pela vinda de Deus, mas não o reconheceram quando ele chegou à terra.

Esses manuscritos mostram também a preocupação e o cuidado que os escribas judeus tiveram em preservar seus escritos sagrados. O professor Julio Trebolle Barrera, membro da equipe internacional de editores dos Rolos do Mar Morto, fez o seguinte comentário a respeito desses documentos:

> “O Rolo de Isaías encontrado em Qumran fornece prova irrefutável de que a transmissão do texto bíblico, durante um período de mais de mil anos, pelas mãos de copistas judeus, foi extremamente fiel e cuidadosa.”

Os manuscritos do Mar Morto continuam a ser estudados ainda hoje, num trabalho minucioso e demorado. E formam a prova mais definitiva da autenticidade do Antigo Testamento. O livro de Isaías encontrado em Qumran é, por exemplo, exatamente igual aos livros de mesmo nome encontrados em manuscritos dos séculos 9, 16 e 20. [314]

Desde 1965, amostras dos manuscritos do Mar Morto são exibidas em Jerusalém, no Museu de Israel, em um pavilhão chamado Santuário do Livro. [315]

Um novo Edifício da Bíblia no Rio de Janeiro

1947

O Edifício Profissional, construído pela Sociedade Bíblica Americana (SBA) no Rio de Janeiro em 1932, à Avenida Erasmo Braga, nº 12, na Esplanada do Castelo, foi usado pela SBA até 1942 e pelas Sociedades Bíblicas Unidas no Brasil de 1942 a 1944. Em 1929, quando a SBA comprou o terreno para construção do edifício, a área da Esplanada do Castelo era ainda pouco valorizada, e Tucker pagou apenas US$ 20.000,00 pelo terreno. Como foram gastos cerca de US$ 30.000,00 na construção do prédio, o Edifício Profissional custou na época aproximadamente US$ 50.000,00.

Aconteceu que, em 12 anos, os imóveis no Rio de Janeiro valorizaram muito e, em 1944, o então secretário da SBA no Brasil, Rev. Charles William Turner, recebeu uma oferta de US$ 250.000,00 pelo edifício. Impressionado com a boa proposta, ele se reuniu com o ex-secretário Rev. Hugh Clarence Tucker, para discuti-la. Após o encontro, Turner resolveu informar a sede da SBA em Nova York sobre a proposta.

A direção da SBA nos EUA respondeu recomendando que o edifício fosse vendido e o resultado da venda fosse usado na construção de dois outros, um no Rio de Janeiro e outro em Buenos Aires, na Argentina. O Edifício Profissional foi

vendido em 1944 e, com o resultado da venda, a SBA construiu dois edifícios de nove andares, um no Brasil e outro na Argentina.

Esses dois novos projetos de construção foram coordenados por Turner, no período de 1944 a 1947. Para efeito de economia, a planta usada para construir o novo Edifício da Bíblia no Rio de Janeiro, situado à Rua Buenos Aires, nº 135, foi usada também para levantar o Edifício da Bíblia em Buenos Aires, na rua Tucumán, nº 358. Por isso, esses dois Edifícios, situados em diferentes países, são idênticos.

O novo edifício construído à Rua Buenos Aires, nº 135, no centro do Rio de Janeiro, foi inaugurado em 1947. A cerimônia de inauguração foi dirigida pelo Dr. Paul A. Collyer, secretário-geral da SBA nos EUA. Vários oradores se pronunciaram na ocasião, entre eles o Rev. Arnoldo Canclini, colaborador das Sociedades Bíblicas Unidas, na Argentina. Em sua mensagem durante a cerimônia de inauguração, Canclini lembrou o fato de que, em 1818, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira havia enviado da Argentina para o Brasil duas mil Bíblias, as quais ficaram retidas por muito tempo em Montevidéu, no Uruguai.

Participaram também da solenidade o Dr. Olivier Béguin, secretário-geral das Sociedades Bíblicas Unidas, e o Dr. W. J. Platt, secretário-geral da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, em Londres. Coube ao bispo argentino Juan Q. Gattinoni fazer a oração dedicatória.

Em 1947, Turner foi transferido para a cidade de Buenos Aires, para dirigir as Sociedades Bíblicas Unidas do Rio da Prata. Ele foi substituído no Brasil pelo Rev. Lewis Malen Bratcher Jr., filho do missionário batista Rev. Lewis Malen Bratcher, que, no ano seguinte, seria eleito membro da primeira diretoria da Sociedade Bíblica do Brasil.

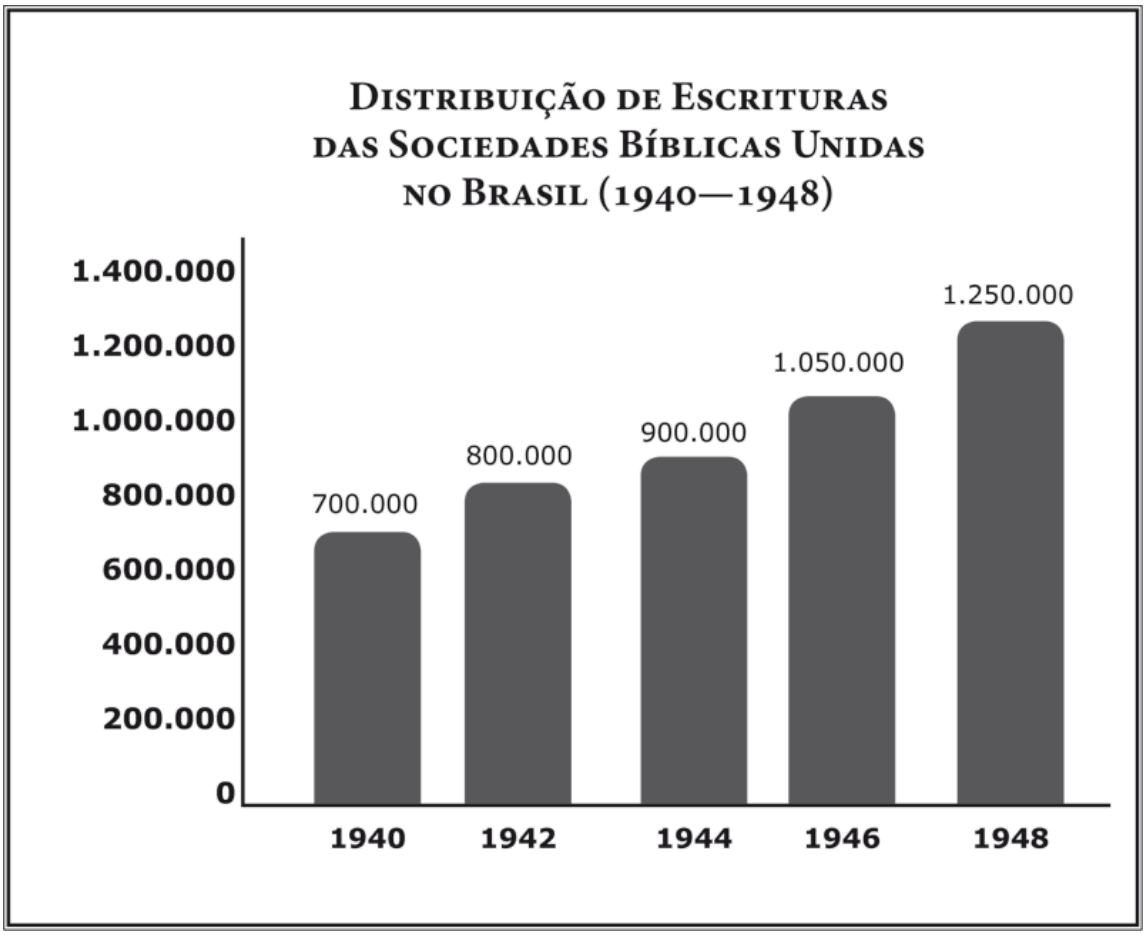
Em 1954, Turner escreveu, em Buenos Aires, o livro *La Biblia construye en América Latina*, no qual mostra que a

Bíblia exerceu um papel fundamental na independência e no desenvolvimento dos países latino-americanos. [316]

Esse segundo edifício, situado à Rua Buenos Aires, nº 135, no centro da cidade do Rio de Janeiro, foi a sede da Sociedade Bíblica do Brasil de 1948 a 1976. Em 1976, a sede da SBB foi transferida para Brasília e o edifício passou a ser usado pela Secretaria Regional do Rio de Janeiro. E, a partir de 2004, passou a ser a sede do Centro Cultural da Bíblia. [317]

A Bíblia no Brasil nos anos 40

Durante a década de 1940, apesar da falta de Bíblias durante o período de guerra, a distribuição de Escrituras realizada pelas Sociedades Bíblicas cresceu expressivamente no Brasil, subindo de 700 mil exemplares no ano de 1940 para 1.250.000 em 1948, um aumento de 79% em apenas 8 anos, como mostra o gráfico abaixo:



Nesse período, foi publicada uma edição especial dos Evangelhos para as Forças Armadas Brasileiras e uma edição do Evangelho de Marcos, com letras grandes, para recém-alfabetizados.

Nos anos de 1940 e 1941, as agências da Sociedade Bíblica Americana (SBA) e da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) ainda atuavam separadamente. A partir de janeiro de 1942, elas se uniram para formar as Sociedades Bíblicas Unidas e, em 10 de junho de 1948, foi fundada a Sociedade Bíblica do Brasil.

Vários fatores impulsionaram a difusão das Escrituras no Brasil durante os anos 40. O primeiro foi a própria guerra. Diante do perigo iminente, as pessoas procuraram refúgio em Deus e na leitura de sua Palavra. O segundo foi a unificação das agências das Sociedades Bíblicas, fato que

veio proporcionar maior economia e eficiência na área administrativa. E o terceiro fator foi a normalização do suprimento de Escrituras no país, após o encerramento da guerra, em 1945.

A distribuição poderia ter sido ainda maior se não houvesse faltado Escrituras durante a guerra. E não estão incluídas nesses números as Escrituras produzidas no Brasil e distribuídas nesse período pela Imprensa Bíblica Brasileira. [318]

A fundação da Sociedade Bíblica do Brasil

1948

Desde o início da década de 1930, as Sociedades Bíblicas estavam preocupadas com as dificuldades financeiras ocasionadas pela redução das ofertas e com as ameaças de conflitos armados em várias partes do mundo. As poucas Sociedades Bíblicas nacionais então existentes não conseguiam atender à demanda de Escrituras no mundo.

Por outro lado, as Igrejas nacionais haviam se fortalecido em vários países, e algumas delas já tinham condições de cooperar de alguma maneira na manutenção do trabalho de divulgação da Bíblia em seus países. Diante disso, elas decidiram não apenas apoiar, mas também promover a organização de novas Sociedades Bíblicas nacionais nos países onde o ambiente fosse favorável. Esse propósito foi confirmado pela Conferência de Elfinsward, realizada em 1946, na Inglaterra, que promoveu a criação das Sociedades Bíblicas Unidas.

No Brasil, o término da Segunda Guerra Mundial, o fim do Estado Novo, a retomada das liberdades democráticas e as esperanças de melhores dias criaram um ambiente propício para a divulgação da Bíblia.

Nesse clima de otimismo, a Junta Consultiva das Sociedades Bíblicas Unidas no Brasil se reuniu no primeiro semestre de 1948 e convocou uma assembleia geral para

tratar da fundação de uma Sociedade Bíblica nacional no Brasil. Essa reunião foi realizada no mês de junho, no Rio de Janeiro, e contou com a presença de quase todas as denominações evangélicas que atuavam na época no Brasil. Somente a Congregação Cristã no Brasil, que também cooperava com as Sociedades Bíblicas, não enviou um representante a esse conclave, porque, por questão de princípio, não participava de encontros interdenominacionais. [319]

No dia 10 de junho de 1948, os representantes de 11 denominações evangélicas se reuniram no novo Edifício da Bíblia, à Rua Buenos Aires, nº 135, no Rio de Janeiro, e aprovaram a organização da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), elegeram a sua diretoria e sua comissão executiva, aprovaram seus estatutos e elegeram seu secretário executivo. Na reunião do dia 11 de junho de 1948 foi aprovada a criação do órgão oficial de comunicação da nova entidade, a revista *A Bíblia no Brasil*, e marcada a cerimônia de inauguração da Sociedade Bíblica do Brasil para o dia seguinte, no templo da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro.

Foram estes os 23 membros eleitos para compor a primeira diretoria da SBB:

Presidente:
Bispo César Dacorso Filho, da Igreja Metodista
Vice-presidente:
Rev. Matatias Gomes dos Santos, da Igreja Presbiteriana
Secretário de Atas:
Dr. João Filson Soren, da Igreja Batista
Tesoureiro:
Dr. Ismael de França Campos, da Igreja Congregacional e Cristã
Vogais:
Rev. Afonso Romano Filho, da Igreja Metodista
Rev. Antônio Varizo Jr., da Igreja Congregacional e Cristã
Rev. Azor Etz Rodrigues, da Igreja Presbiteriana Independente
Arcedíago Charles S. Neal, da Igreja Episcopal Brasileira
Rev. D. Hermann Dohmns, da Igreja Evangélica Luterana [320]
Dr. James E. Ellis, da Igreja Metodista

Rev. Lewis Malen Bratcher, da Igreja Batista
Rev. L. F. Harris, da Igreja Metodista
Rev. Manoel Avelino de Souza, da Igreja Batista
Rev. Martin Begrich, da Igreja Evangélica do Brasil
Rev. Miguel Rizzo Jr., da Igreja Presbiteriana do Brasil
Arcedíago Nemésio de Almeida, da Igreja Episcopal Brasileira
Dr. Remígio Fernandes Braga, da Igreja Congregacional e Cristã
Rev. Rodolfo Anders, da Igreja Presbiteriana do Brasil
Dr. Sátilas do Amaral Camargo, da Igreja Presbiteriana Independente
Rev. Synésio P. Lyra, da Igreja Congregacional e Cristã
Rev. W. B. Forsyth, da Igreja Congregacional e Cristã
Dr. Waldir Trajano Costa, da Igreja Presbiteriana do Brasil
Bispo William Thomas, da Igreja Episcopal Brasileira [321]

A Sociedade Bíblica do Brasil foi a primeira a ser organizada na América Latina. Somente 15 anos depois, em 1963, seriam fundadas duas outras Sociedades Bíblicas na região, na Argentina e na Colômbia. Hoje existem Sociedades Bíblicas nacionais em quase todos os países da América Latina.

O primeiro secretário-geral da SBB

1948

Em sua reunião do dia 10 de junho de 1948, a primeira diretoria da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) elegeu por unanimidade, para o cargo de secretário executivo da nova organização, o Rev. Egmont Machado Krischke, ministro da Igreja Episcopal Brasileira.

Egmont Machado Krischke nasceu em 26 de junho de 1909, na cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, e era filho do Arcedíago G. U. Krischke. Fez seus estudos secundários no Colégio Cruzeiro do Sul, em Porto Alegre, em 1927 e, em 1930, concluiu o curso superior de teologia no Seminário Teológico da Igreja Episcopal Brasileira. Em 1931 foi ordenado ministro e pastoreou igrejas nas cidades de Santa Maria, Bagé e Porto Alegre. Em 1938, fez parte da delegação brasileira no Concílio Internacional de Missões, realizado na cidade de Madras, na Índia. Krischke recebeu

o título de doutor em teologia no Seminário de Virgínia e na Universidade do Sul, instituições da Igreja Episcopal nos EUA. Quando foi eleito secretário executivo da SBB, era professor de teologia sistemática no seminário de sua Igreja.

Na Sociedade Bíblica do Brasil, Krischke dividiu a direção executiva da organização com o Rev. Lewis G. Bratcher Jr., representante da Sociedade Bíblica Americana, e o Sr. Charles Harold Morris, representante da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. Exerceu esse cargo de junho de 1948 a março de 1950.

No dia 12 de março de 1950 foi eleito bispo de sua igreja e, em 1965, foi eleito o primeiro Bispo Primaz da Igreja Episcopal Brasileira. Foi autor de diversos livros, entre os quais *Vozes do Calvário*,*Nos dias de Tua Mocidade*,*Perspectivas da Juventude*,*Numa era de Inquietação*, *Estrutura da Fé* e*Crise e Renovação*. [322]

O Bispo Egmont Machado Krischke faleceu no dia 28 de junho de 1971, aos 62 anos.

O presidente César Dacorso Filho

1948

O bispo metodista César Dacorso Filho, que em 1943 havia sido eleito presidente da *Junta Consultiva* das Sociedades Bíblicas Unidas no Brasil, em 1948 foi também eleito o primeiro presidente da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB). Ele nasceu no dia 10 de novembro de 1891 na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Tornou-se pastor da Igreja Metodista do Brasil e pastoreou diversas igrejas nos Estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Em 1934, já conhecido em todo o país como pregador e teólogo, foi ordenado bispo da Igreja Metodista do Brasil.

Em 1935, o primeiro bispo metodista no Brasil recebeu o título de doutor *Honoris Causa* da Faculdade de Teologia de sua Igreja. Durante o seu bispado, deu atenção especial

à estruturação administrativa de sua denominação, aos projetos educacionais e à criação de novas congregações no interior do país. Representou sua Igreja por diversas vezes na América Latina, nos EUA e na Europa. Na década de 1940, tornou-se uma figura conhecida e respeitada, não apenas no Brasil, mas também no exterior.

Sua eleição para o cargo de presidente da Sociedade Bíblica do Brasil foi bem-recebida pela comunidade evangélica brasileira. No desempenho do seu longo mandato de nove anos, contou com o apoio e a confiança não apenas da liderança evangélica, mas também das Sociedades Bíblicas Unidas.

O Rev. Ivan Espíndola de Ávila, secretário regional da SBB em São Paulo, descreveu assim seu caráter e sua personalidade, em matéria publicada na revista *A Bíblia no Brasil*:

> "O primeiro presidente da Sociedade Bíblica do Brasil era também o grande líder do metodismo nacional. Tive o privilégio de conhecê-lo pessoalmente, desfrutando de sua amizade, dele recebendo abençoada influência. Porque César Dacorso Filho, e que se escreva esse nome com muito respeito, carinho e sincera veneração, era um varão de Deus. Sua presença de homem absolutamente simples infundia profundo respeito, transmitia bondade e confiança, comunicava algo mais. Ele se destacava pela inteligência e força de caráter. Era um desses homens que vão ficando raros, hoje. Daí a pobreza deste nosso século.
>
> Gaúcho de ótima cepa, César trazia, na alma, a bravura dos homens vocacionados e os sonhos alcançados dos indomáveis. Sabia o que queria, e não se afastava dos ideais propostos, que foram seus inquebrantáveis desafios, as grandes metas de sua vida, cheias de frutos. E o que fazia, e ao que se dispunha, conferia o selo mágico de sua tenacidade, de sua consagração e enorme capacidade de trabalho. Trabalho desenvolvido com método e bem-programado. Tudo a seu tempo, na hora devida, sem correrias e atropelos, ordeiramente, com seriedade e zelo." [323]

Terminado seu segundo e último mandato de presidente da SBB, o Bispo César foi convidado pelo secretário-geral da SBB, Rev. Ewaldo Alves, para representar a SBB em seu Estado natal, o Rio Grande do Sul. Em 1959 ele organizou a

Secretaria Regional da SBB em Porto Alegre, onde exerceu o cargo de secretário regional até 1962.

Em reconhecimento aos relevantes serviços prestados à causa da Bíblia no Brasil, o Bispo César recebeu durante o seu ministério os seguintes títulos: presidente de honra da Sociedade Bíblica do Brasil, sócio vitalício da Sociedade Bíblica Americana, sócio honorário da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e membro da Academia Evangélica de Letras de São Paulo e da Academia Evangélica de Letras do Rio de Janeiro.

O Bispo César Dacorso faleceu em 15 de fevereiro de 1966, no Rio de Janeiro, e foi sepultado no cemitério São João Batista, no bairro de Botafogo. [324]

A cerimônia de inauguração da SBB

1948

Perante um auditório de mais de três mil pessoas, no templo da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, com um programa transmitido para todo o território nacional, através da Rádio Clube do Brasil, foi inaugurada a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB). A solenidade, realizada na noite de 12 de junho de 1948, teve início às 20 horas, com a presença dos diretores e secretários executivos da nova sociedade, do representante das Sociedades Bíblicas Unidas do Rio da Prata e dos representantes das principais denominações evangélicas do país. [325]

Na abertura da cerimônia, o Rev. Lewis Malen Bratcher Jr., secretário executivo da Sociedade Bíblica Americana, ressaltou o trabalho de divulgação da Bíblia realizado no Brasil pelas Sociedades Bíblicas, durante mais de um século:

> “Estamos aqui por causa da fé de um pequeno grupo de homens que, em 1804, na Inglaterra e, em 1816, na América do Norte, empenharam-se na grande tarefa de dar a Bíblia ao mundo inteiro. Estamos aqui por causa da fé e do amor que levou a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira a

remeter os primeiros exemplares das Escrituras para o Brasil antes de 1816. Estamos aqui por causa da fé e do amor dos primeiros homens que se dedicaram à tarefa de distribuir a Palavra de Deus em todo o Brasil. Homens como Uttley, Brown, Tucker e Telford, que dedicaram a vida a essa gloriosa missão. Estamos aqui por causa da fé e do amor de milhares de pessoas, cujos nomes não nos é possível citar neste momento, colportores humildes e anônimos, que levaram a semente do evangelho a todos os recantos deste país. E estamos aqui, ainda, por causa da fé e do amor dos grandes líderes evangélicos de todas as denominações que têm trabalhado no Brasil, levando a mensagem das Boas-Novas ao povo brasileiro. Portanto, pela fé no poder de Deus e na obra que ele nos tem dado e por amor à sua divina Palavra e à Pátria brasileira, nós nos reunimos hoje aqui para a inauguração da Sociedade Bíblica do Brasil." [326]

Em seguida, o Sr. Charles H. Morris, Secretário Executivo da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira no Brasil desde 1930, deu informações sobre o trabalho das Sociedades Bíblicas durante a década de 1940:

"Um dos acontecimentos mais importantes na história do evangelismo brasileiro foi a unificação, em 1942, do trabalho das Sociedades Bíblicas que operam no Brasil, a Americana e a Britânica, sob o nome de Sociedades Bíblicas Unidas. E os resultados dessa unificação têm sido muito positivos, apesar de terem ocorrido em tempo de guerra.

Nos últimos seis anos e meio, de janeiro de 1942 a julho de 1948, apesar das dificuldades enfrentadas, as Sociedades Bíblicas Unidas distribuíram no território brasileiro 6.326.943 Escrituras Sagradas, das quais 625.703 foram Bíblias e Novos Testamentos completos. Foi publicada, nesse período, uma edição especial de Evangelhos para as Forças Armadas Brasileiras e uma edição especial do Evangelho de Marcos, com letras grandes, para recém-alfabetizados." [327]

O Rev. Charles William Turner, que havia sido transferido para Buenos Aires, representou as Sociedades Bíblicas Unidas no evento e proferiu a seguinte mensagem:

"Contemplando o panorama desta obra notável que as Sociedades Bíblicas realizaram no Brasil, podemos ver nela o esforço conjunto de duas Sociedades Bíblicas, que frutificou com a indispensável ajuda de Deus. Em primeiro lugar, destacamos o fato de que as Sociedades Bíblicas mantiveram, desde o início do seu trabalho, há 130 anos, um texto bíblico fiel e digno na língua portuguesa. Em segundo lugar, essa permanente distribuição das Escrituras Sagradas tem despertado no povo brasileiro o

desejo de ler e estudar a Palavra de Deus. Quantas pessoas têm aprendido a ler, mesmo na velhice, só para terem o prazer de ler, por si mesmas, a Palavra de Deus? Em terceiro lugar, a obra permanente das Sociedades Bíblicas tem inspirado outras igrejas cristãs. A Igreja Católica Romana, por exemplo, inspirada na obra das Sociedades Bíblicas, decidiu também traduzir, publicar e distribuir a Bíblia.

Em quarto lugar, as Sociedades Bíblicas vêm prestando uma contribuição insubstituível, desde os seus primórdios, à obra missionária no Brasil. Seria possível o desenvolvimento da Igreja de Cristo sem a distribuição de Bíblias a preços acessíveis às pessoas mais pobres? Em quinto lugar, em todo esse tempo, as Sociedades Bíblicas jamais mudaram seu propósito, embora tenham atualizado de maneira eficaz seus métodos de trabalho para atenderem melhor às necessidades do país. Em sexto lugar, as Sociedades Bíblicas conseguiram, ao longo dos anos, construir uma cooperação recíproca, prática, fecunda e inspiradora, que culminou na organização das Sociedades Bíblicas Unidas, em 1946. E uma das mais claras e verdadeiras expressões desse espírito de cooperação é o que estamos presenciando hoje aqui, a fundação da Sociedade Bíblica do Brasil.” [328]

O secretário-geral da SBB, Rev. Egmont Machado Krischke, destacou, com estas palavras, a importância do trabalho das Sociedades Bíblicas:

“A Sociedade Bíblica do Brasil é o fruto precioso do esforço honesto e sadio com que as Sociedades Bíblicas, Americana e Britânica, intentam, há muitos anos, tornarem a divulgação das Escrituras Sagradas uma obra dos brasileiros para o Brasil. Manifestamos nosso respeito aos nossos irmãos missionários que, a exemplo do apóstolo Paulo, procuraram agradar a todos em tudo, não pensando em si mesmos, mas no bem da Causa de Deus! Nós os cumprimentamos pela sua amplitude visual e pelo espírito de humildade e de renúncia! Lembremos, ainda, que a Sociedade Bíblica do Brasil precisa tanto das igrejas quanto estas precisam dela. A igreja que não estuda a Bíblia, que não a difunde entre os fiéis será sempre uma luz pálida, reflexa. Sua mensagem, de segunda mão, nunca terá o calor nem a vibração requerida pela miséria moral da geração presente. Por sua vez, a Sociedade Bíblica do Brasil não poderia avançar sequer um passo em sua missão gloriosa se ela deixasse de contar com o apoio e o clima propício que só as Igrejas Cristãs lhe podem proporcionar.” [329]

O bispo metodista César Dacorso Filho, presidente da Sociedade Bíblica do Brasil, destacou em sua mensagem o poder transformador da Palavra de Deus:

“A influência das Escrituras Sagradas sobre a humanidade é infinita porque elas revelam às almas ansiosas as verdades sublimes que lhes permitem conhecer melhor o seu Criador e porque oferecem aos santos as armas de conciliação de que precisam para se aperfeiçoarem nas lutas da vida. As Escrituras falam de Deus, o Criador, do homem, a criatura, e de Jesus Cristo, o único intermediário entre o Criador e a criatura. E elas fazem isso exaltando a santidade do Criador e condenando o pecado da criatura. Onde mais se leem as Escrituras Sagradas, o homem é mais sadio, mais forte e mais instruído; é mais ético, mais justo, mais sincero e mais feliz. Os povos que leem as Escrituras Sagradas são os mais adiantados, os mais fortes e os mais felizes. Os povos que só indiretamente ou remotamente estão sob a influência das Escrituras Sagradas são atrasados. Os povos que não têm nenhum contato com as Escrituras Sagradas são os mais miseráveis que existem.

O Brasil, como qualquer outra nação, e os brasileiros, como quaisquer outros homens, dependem muito mais para seu progresso, engrandecimento e felicidade das suas qualidades morais do que dos recursos materiais. Somente o senso cristão da realidade que as Escrituras Sagradas incutem lhes dará as qualidades superiores de reintegração diante de Deus, lastro e garantia inabalável para tudo que possa realmente forjar seu progresso, engrandecimento e felicidade.” [330]

O Rev. Benjamin Moraes, secretário executivo da Igreja Presbiteriana do Brasil, ressaltou a importância da Bíblia para o progresso do país:

“‘Oh! Se a Bíblia fosse traduzida na língua de todos os povos, de modo que pudesse ser lida não só por escoceses e irlandeses, mas também até pelos turcos e sarracenos!’ [331]

Quem diria que nesse sublime anseio de um dos apóstolos da Reforma se vislumbrava, em embrião, o gigantesco plano que, mais tarde, seria posto em execução pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e, posteriormente, pela Sociedade Bíblica Americana e, hoje, como um desafio aos ataques titânicos de adversários poderosos, com a instalação da Sociedade Bíblica do Brasil.

As lutas, os sofrimentos, as dores por que passaram todos aqueles que se bateram para quebrar os grilhões que acorrentavam o Livro de Deus e colocá-lo nas mãos de todos os povos são um fato cuja compreensão não atinge bem a nossa inteligência, assim como não se encontram termos que bem descrevam a coragem, valentia e perseverança destes heróis, impulsionados, todos eles, por forças incompreensíveis!

Farei uma pausa: que poder estranho moverá estes homens de Deus que se empenham em difundir a Palavra de Deus, espalhando o Livro Sagrado aos quatro cantos da Terra? Por que se apegam com tamanha intensidade à faina ininterrupta de traduzir, imprimir e espalhar Bíblias?

É que eles sonham com um mundo melhor, de tal maneira que já se impregnaram da grande verdade de que um país só será completamente civilizado quando em cada choupana brilhar a 'Tocha resplandecente' da Palavra de Deus! Sonham eles como eu sonho agora: vislumbro, maravilhado, uma grande e poderosa nação que se ergue majestosa e forte e cujos alicerces foram cimentados com os sólidos ensinos deste Livro Bendito, abundantemente distribuído pelas Sociedades Bíblicas! Este país é grande porque é livre; é livre porque se rege pelos preceitos bíblicos, e a Bíblia contém o gérmen dos grandes ideais de liberdade que se estão desenvolvendo no seio das gerações modernas. No Novo Testamento, aparece Jesus Cristo, o Príncipe da Liberdade. Os grandes libertadores a quem as nações independentes imortalizam em seus monumentos, tais como Washington, San Martin e Bolívar, têm se inspirado em Cristo; e, quando essa inspiração falha, a liberdade conseguida, prontamente, se transmite em uma nova forma de tirania, quiçá, pior do que a que havia sido derribada. Sem os ensinamentos de Cristo, o mundo não conheceria o lema: liberdade, igualdade, fraternidade. Lloyd George disse: 'Não vejo esperança para a democracia de um país senão em Jesus de Nazaré.' Um povo só é livre quando é religioso, pois a verdadeira religião é o fundamento mais poderoso do desenvolvimento humano. Não se consegue liberdade por meio de ateísmo, que debilita as faculdades morais do homem e que, assim, o arruína física e intelectualmente. O sentimento religioso é uma força na vida, e todos que tentam debilitá-lo debilitam os povos, conduzindo-os à barbárie e, por ela, à escravidão. Onde o Cristianismo não é conhecido, aí, tampouco, se conhece a liberdade!

Nas dobras da bandeira do País dos meus sonhos eu leio: 'Ordem e Progresso' porque este país é o Brasil de amanhã; é o Brasil que hoje canta comigo, porque, assistindo, agora, às solenidades da inauguração da Sociedade Bíblica do Brasil, ele vislumbra para si e seus filhos um porvir brilhante e glorioso, numa aurora de plena concretização de todos os ideais desejados!"

O termo de inauguração da SBB

1948

Após os oradores concluírem suas mensagens, o Dr. João Filson Soren, secretário da diretoria da Sociedade Bíblica do Brasil e pastor da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, leu o termo de inauguração da Sociedade Bíblica do Brasil:

"Aos doze dias do mês de junho do ano de mil novecentos e quarenta e oito, nesta cidade do Rio de Janeiro, no Santuário da Primeira Igreja Batista, reuniu-se numerosa e expressiva representação do evangelismo brasileiro. Depois do programa solene, abrilhantado com a participação de

destacadas figuras do ministério evangélico e dos representantes da Sociedade Bíblica Americana e Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, foi lida publicamente a Constituição da Sociedade Bíblica do Brasil. Através desse ato, a Sociedade Bíblica do Brasil passa a existir como entidade jurídica perante a lei cível da República dos EUA do Brasil e como entidade evangélica. Sua existência colima a mais intensa e eficaz divulgação das Sagradas Escrituras na Pátria Brasileira no vernáculo, sem notas nem comentários. E nós, os que assinamos este termo de inauguração, volvemo-nos para o Céu, com a súplica de que a novel Sociedade concorra para a glória de Deus, para a difusão do Reino de Jesus Cristo na Terra e para a iluminação espiritual e eterna salvação de muitas almas. Nessa confiança e sob a invocação da bênção tríplice da Santíssima Trindade para quantos se associam aos esforços de divulgar a Palavra de Deus e de tornar a Bíblia o 'Livro do Brasil', proclamamos formalmente inaugurada nesta data, na capital da República, a Sociedade Bíblica do Brasil. E eu, secretário da diretoria da Sociedade Bíblica do Brasil, redigi o termo de inauguração, que assino juntamente com o senhor presidente, bem como com quantos aqui presentes desejarem se tornar testemunhas signatárias do surgimento dessa benemérita organização." [332]

Congratulações

1948

A Sociedade Bíblica do Brasil recebeu mensagens de felicitações do governo brasileiro, de organizações coirmãs e de líderes evangélicos residentes no Brasil em outros países. Entre elas, destacamos as seguintes:

"Agradecendo comunicação haver sido organizada Sociedade Bíblica do Brasil, lamento impossibilidade comparecer ato sua apresentação pública e faço voto prosperidade instituição, saudações."

Eurico Gaspar Dutra, presidente da República do Brasil

"A Sociedade Bíblica Americana envia à Sociedade Bíblica do Brasil suas efusivas saudações e espera colaborar conjuntamente num grande avanço no ministério das Escrituras Sagradas ao povo do seu maravilhoso país."

Daniel Burke e Eric. M. North, presidente e secretário da SBA

> “No dia do nascimento da Sociedade Bíblica do Brasil, a junta geral e os oficiais da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira desejam expressar gratidão a Deus pelas novas responsabilidades tão alegremente assumidas pelas vossas Igrejas no trabalho de difusão das Escrituras, e assegura-vos o seu constante interesse e suas orações, nesta ocasião memorável.”
>
> *J. R. Temple e W. J. Platt, secretários-gerais da SBBE*

A porção bíblica que evitou um crime

Na década de 1940, em que foi fundada a Sociedade Bíblica do Brasil, uma pessoa que estava se preparando para cometer um assassinato mudou de ideia depois de ler o Evangelho de Lucas. Essa porção bíblica lhe foi presenteada pelo Sr. Haroldo Pereira Lobo, líder da Igreja Adventista do Sétimo Dia e diretor da Sociedade Bíblica do Brasil nas décadas de 1960 e 1970, que contou assim como isso ocorreu:

> “Certo dia, embarquei na cidade de Ponte Nova, em Minas Gerais, em um trem da Companhia Ferroviária Leopoldina e, durante a viagem, me encontrei com meu amigo Demétrio Abreu, que vinha de Ubá. Olhando para ele, percebi que alguma coisa estava errada. Demétrio era uma pessoa expansiva e jovial, mas naquele dia estava tenso e preocupado. Perguntei o que estava acontecendo, mas ele se esquivou e não quis se abrir comigo. Quando estávamos chegando à cidade de Raul Soares e ele se preparava para desembarcar, tive a boa lembrança de entregar-lhe um Evangelho de Lucas.
>
> Mais ou menos dois meses depois, voltei a encontrá-lo em Ponte Nova, onde ele tinha ido fazer compras. Ele estava alegre e descontraído e me agradeceu comovido pelo Evangelho que eu lhe havia dado. Disse que a leitura daquela porção bíblica lhe havia ajudado a resolver um problema pessoal muito difícil. Em seguida me contou sua história.
>
> Ele era uma pessoa influente em sua cidade e estava filiado a um partido político. Era época de eleições e dois partidos estavam em luta na cidade para levar vantagem nas urnas. O delegado de polícia da cidade era uma pessoa sem escrúpulos e filiado ao partido político contrário ao seu. Com o objetivo de ganhar as eleições, o delegado havia feito uma falsa acusação contra ele e o colocado na prisão. Preso e sentindo-se injustiçado e humilhado, Demétrio jurou vingança. Saindo da prisão, voltou para casa, apanhou sua esposa e os filhos e seguiu para Ubá, cidade onde residia seu sogro. Lá, cheio de ódio, e sem revelar nada à sua mulher, comprou um revólver e passou a praticar tiro ao alvo.

Quando se sentiu preparado para executar a vingança, partiu de trem para Raul Soares. Foi durante essa viagem que ele havia se encontrado comigo. Depois de me encontrar no trem, seguiu para a casa de seu pai, na cidade de Matipó. Lá, começou a ler o Evangelho de Lucas que eu lhe havia dado. Prosseguiu na leitura até encontrar o versículo 11 do capítulo 14, que dizia: 'Porque quem se engrandece será humilhado, mas quem se humilha será engrandecido.' Leu de novo o versículo e não conseguiu continuar. Profundamente impactado pela mensagem recebida, caiu em prantos, coisa que jamais havia acontecido em sua vida. Passada a crise de choro, Demétrio caiu em si, sentiu-se envergonhado do seu plano de vingança e resolveu deixar o assunto nas mãos de Deus. Então voltou para Ubá para buscar sua esposa e filhos e seguiu normalmente sua vida." [333]

Apêndice



Índice de abreviaturas

ABNB	—	Revista A Bíblia no Brasil
a.C.	—	Antes de Cristo
AT	—	Antigo Testamento
BLH	—	A Bíblia na Linguagem de Hoje
BLHD	—	A Bíblia na Linguagem de Hoje com os livros Deuterocanônicos
CEB	—	Confederação Evangélica do Brasil
CNBB	—	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CPAD	—	Casa Publicadora das Assembleias de Deus
CPB	—	Casa Publicadora Batista
d.C.	—	Depois de Cristo
DO	—	Versão Revista e Corrigida da tradução de Almeida, de 1898
FGV	—	Fundação Getúlio Vargas
IBB	—	Imprensa Bíblica Brasileira
IBGE	—	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPB	—	Igreja Presbiteriana do Brasil
IPI	—	Igreja Presbiteriana Independente
JUERP	—	Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira
LBAL	—	Revista La Biblia en América Latina
LEB	—	Liga de Estudos Bíblicos

MS — Manuscrito das Escrituras Sagradas
MuBi — Museu da Bíblia
NT — Novo Testamento
NTLH — Nova Tradução na Linguagem de Hoje
ONU — Organização das Nações Unidas
RA — Versão Revista e Atualizada da tradução de Almeida
RC — Versão Revista e Corrigida da tradução de Almeida, de 1995
SBA — Sociedade Bíblica Americana
SBB — Sociedade Bíblica do Brasil
SBBE — Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira
SBE — Sociedade Bíblica Escocesa
SBP — Sociedade Bíblica de Portugal
SBU — Sociedades Bíblicas Unidas
TB — Tradução Brasileira da Bíblia
TLH — Tradução na Linguagem de Hoje
TF — Tradução de Figueiredo
TLH — Novo Testamento na Linguagem de Hoje
VL — Vulgata Latina

A Bíblia no Brasil durante o Brasil República 1889—1948

Linha do tempo

1890	No dia 7 de janeiro, o Governo Provisório da República decreta a liberdade religiosa no Brasil, através do Decreto 119-A e, com isso, impulsiona a difusão da Bíblia no Brasil.
1893	A Associação Cristã de Moços é fundada no Brasil, na sede da Sociedade Bíblica Americana (SBA), no Rio de Janeiro.
1894	O Rev. Hugh Clarence Tucker, secretário da SBA

	no Brasil, entrega um exemplar da Bíblia ao presidente Prudente de Moraes durante a cerimônia de posse. No dia 25 de janeiro de 1894 é inaugurado em São Paulo o Hospital Samaritano. E em 12 de fevereiro do mesmo ano é também lançada em São Paulo a pedra fundamental do Colégio Mackenzie.
1895	Fundação da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil.
1899	A SBBE publica a 1ª edição da tradução de Almeida, na Versão Revista e Corrigida.
1902	Aposenta-se o Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos, após 23 anos de atividades como secretário da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) no Brasil. O Rev. G. Uttley assume a direção da agência da SBBE no Brasil.
1903	É iniciado no Rio de Janeiro o projeto da Tradução Brasileira da Bíblia, com a participação de ilustres consultores, como Rui Barbosa, Machado de Assis e José Veríssimo. O Rev. Hugh Clarence Tucker, secretário da SBA no Brasil, coopera com Oswaldo Cruz, diretor-geral da Saúde Pública, no combate à febre amarela na cidade do Rio de Janeiro.
1903	O Rev. Hugh Clarence Tucker cria no Rio de Janeiro o Instituto Central do Povo. A SBA e a SBBE definem seus campos de atuação no Brasil.
1904	A SBBE celebra seu centenário.
1908	Os imigrantes japoneses que chegam ao Brasil recebem das Sociedades Bíblicas Bíblias em japonês.

	A SBA lança o Novo Testamento na Tradução Brasileira.
1910	Fundação da Congregação Cristã no Brasil.
1911	Fundação da Assembleia de Deus no Brasil.
1912	O Rev. Hugh Clarence Tucker promove, no Rio de Janeiro, uma campanha contra a tuberculose.
1914	As Sociedades Bíblicas terminam a Tradução Brasileira da Bíblia.
1916	A Sociedade Bíblica Americana comemora seu centenário.
1917	Frank Uttley se aposenta e o Rev. Alexander Telford assume a direção da agência da SBBE no Brasil. A SBA publica a 1ª edição da Bíblia na Tradução Brasileira.
1920	O papa Bento XV promulga a encíclica Spiritus Paraclitus, incentivando a tradução, publicação e distribuição da Bíblia.
1928	O presidente dos EUA, Herbert Clark Hoover, visita o Brasil e recebe a Bíblia em português das mãos do Rev. Tucker.
1930	O Sr. Charles H. Morris assume o cargo de representante da SBBE em Manaus.
1932	É publicada em São Paulo, pela Editora Cruzada da Boa Imprensa, a tradução do Novo Testamento para o português, feita no Brasil, diretamente do grego, pelo Padre Huberto Rohden. A tradução católica feita pelo Padre português Matos Soares, com o imprimátur da Diocese do Porto, em Portugal é publicada no Brasil pela Pia Sociedade de São Paulo.

1932	A SBA inaugura, no Rio de Janeiro, seu primeiro Edifício da Bíblia, na Avenida Erasmo Braga, nº 12.
1934	Após 48 anos de relevantes serviços prestados à causa bíblica no país, aposenta-se o Rev. Hugh Clarence Tucker, secretário da SBA no Brasil. O Rev. Charles. W. Turner assume a direção da agência Bíblica da SBA no Brasil.
1936	Aposenta-se o Rev. Alexander Telford, secretário da SBBE no Brasil. O Rev. James Innes assume a direção da agência da SBBE no Brasil.
1942	A SBA e a SBBE se unificam no Brasil sob o nome de Sociedades Bíblicas Unidas.
1943	As Sociedades Bíblicas Unidas elegem sua Junta Consultiva. As Sociedades Bíblicas Unidas iniciam a preparação da Versão Revista e Atualizada de Almeida.
1943	O Rev. Hugh Clarence Tucker, ex-secretário da SBA no Brasil e um dos fundadores da Igreja Metodista no Brasil, recebe a Ordem do Cruzeiro do Sul. As Sociedades Bíblicas Unidas publicaram uma edição especial dos Evangelhos para a Força Expedicionária Brasileira.
1943	O papa Pio XII promulga a encíclica Divino Afflante Spiritu, incentivando a tradução, publicação e distribuição da Bíblia.
1944	As Sociedades Bíblicas Unidas abrem à Avenida Rio Branco, nº 43, no Rio de Janeiro, um centro social de apoio aos combatentes brasileiros e americanos em trânsito para a Segunda Guerra Mundial. A Bíblia completa na Versão Revista e Corrigida de

	Almeida é publicada pela Imprensa Bíblica Brasileira, em sua gráfica Própria no Rio de Janeiro.
1946	É fundada, na Inglaterra, a fraternidade mundial de Sociedades Bíblicas, chamada Sociedades Bíblicas Unidas.
1947	São encontrados em Qmran, na Palestina, os Manuscritos do Mar Morto, contendo cópias do texto hebraico do Antigo Testamento, escritas 150 anos a.C. A Igreja Católica cria a Liga de Estudos Bíblicos — LEB, com o propósito de divulgar a Bíblia no Brasil.
1947	O Rev. Charles W. Turner é transferido para a Argentina e o Rev. Lewis M. Bratcher Jr. assume a direção da agência da SBA no Brasil. A SBA inaugura no Rio de Janeiro um novo Edifício da Bíblia, situado à Rua Buenos Aires, nº 135.
1948	É fundada no Rio de Janeiro a Sociedade Bíblica do Brasil.

Cronologia das edições da Bíblia em português até a fundação da SBB, em 1948

Linha do tempo

1753	1ª edição da tradução de João Ferreira de Almeida, em dois volumes.
1790	1ª edição da tradução católica do Padre Antônio Pereira de Figueiredo, publicada em 23 volumes.
1804	2ª edição revisada da tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo.
1808 A	Entre 1808 e 1817, Usielli, Adam Clark e W. Blair fizeram uma revisão ortográfica de toda a Bíblia para a SBBE. O Novo Testamento foi publicado em

1819	Londres, em 1808, e a Bíblia completa, em um só volume, em 1819.
1840	Em 1840, o Rev. E. Whiteley, capelão inglês, residente na cidade do Porto, em Portugal, concluiu a revisão ortográfica de toda a Bíblia na tradução de Almeida. Foi a primeira Bíblia publicada pela SBBE em Portugal, com o nome de Versão Revista e Emendada.
1842	Tradução de João Ferreira de Almeida, Versão Revista e Reformada, em 25 volumes.
1857	Em 1857, o Rev. Antonio de Mattos, refugiado da Ilha da Madeira, residente nos EUA, fez uma revisão do Novo Testamento na tradução de Almeida, para uso de seus compatriotas nos EUA. A SBA publicou duas edições dessa versão, uma em português e outra em português e inglês.
1864	Em 1864, o português Da Costa Ricci, residente em Londres, fez para a SBBE uma revisão ortográfica dos quatro Evangelhos e Atos dos Apóstolos na tradução de Almeida.
1875	Em 1875, Manoel Soares, João José da Graça e R. B. Girdlestone prepararam uma nova revisão de toda a Bíblia na tradução de Almeida, que foi publicada em Portugal, pela SBBE, com o nome de Versão Revista e Correcta.
1879	De 1876 a 1879, Alexander Latimer Blackford, José Manoel Garcia e Modesto Perestrello de Barros Carvalhosa prepararam uma revisão do Novo Testamento na tradução de Almeida, publicado no Brasil pela SBA com o título de 1ª Edição Brasileira.
1894	Em 1894, João Nunes Chaves, R. Stuart e mais três consultores portugueses fizeram mais uma revisão ortográfica de toda a Bíblia na tradução de

	Almeida, que foi publicada pela SBBE em Lisboa, Portugal.
1896	No período de 1891 a 1896, foi publicada em Portugal uma edição católica do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, com o título de Bíblia Ilustrada.
1899	1ª edição da Versão Revista e Corrigida da tradução de João Ferreira de Almeida, em um só volume, publicada pela SBBE em Lisboa, Portugal.
1900	2ª edição da Versão Revista e Corrigida da tradução de Almeida, em um só volume, com títulos nos parágrafos, referências, texto alternativo nas margens e mapas.
1903	Harmonia dos Santos Evangelhos, tradução dos quatro Evangelhos feita da Vulgata pelo Cônego Duarte Leopoldo, em São Paulo, com prefácio do Monsenhor Manoel Vicente da Silva.
1904	Os Santos Evangelhos de N. S. Jesus Cristo, revisada por um padre francês no Colégio Imaculada Conceição, no Rio de Janeiro. Edição da tradução de Figueiredo, com novas notas do Padre Santos Farinha.
1908	A SBA lança o Novo Testamento na Tradução Brasileira.
1910	O Novo Testamento em português, revisado pelos franciscanos e impresso na Imprensa São Francisco, na Bahia.
1917	1ª edição da Tradução Brasileira da Bíblia, feita no Brasil de 1903 a 1914 e publicada pela SBA, em Nova York.
1932	Tradução do Novo Testamento para o português, feita no Brasil, diretamente do grego, pelo Padre Huberto Rohden e publicada em São Paulo pela

	editora Cruzada da Boa Imprensa. Tradução católica feita pelo Padre português Matos Soares, com o imprimátur da Diocese do Porto, em Portugal, e publicada no Brasil pela Pia Sociedade de São Paulo.
1942	Os quatro Evangelhos na Versão Revista e Corrigida de Almeida são publicados pela Imprensa Bíblica Brasileira, em sua gráfica própria no Rio de Janeiro.
1943	As Sociedades Bíblicas Unidas publicam uma edição especial de Evangelhos para a Força Expedicionária Brasileira.
1944	A Bíblia completa na Versão Revista e Corrigida de Almeida é publicada pela Imprensa Bíblica Brasileira, em sua gráfica própria no Rio de Janeiro. Foi essa a primeira Bíblia de edição protestante impressa no Brasil.

Primeiro estatuto das Sociedades Bíblicas Unidas

1946

I. *Nome:* Sociedades Bíblicas Unidas.

II. *Afiliação:*

1. A afiliação às Sociedades Bíblicas Unidas será aberta às Sociedades Bíblicas e Comitês Nacionais, enraizados na vida dos povos e das Igrejas, cuja função principal ou exclusiva seja promover a ampla circulação das Escrituras Sagradas, ordinariamente com apenas uma Sociedade ou um Comitê Nacional qualificado de cada país.

2. Solicitações ou recomendações de afiliação deverão ser submetidas ao Comitê Executivo, que está autorizado a tomar medidas provisórias, com suas decisões sendo informadas às Sociedades afiliadas e submetidas ao Conselho para determinação final.

III. *O Conselho das Sociedades Bíblicas Unidas:*

1. Haverá um Conselho das Sociedades Bíblicas Unidas, composto por não mais de dez membros de cada Sociedade ou Comitê Nacional, que será convocado pelo Comitê Executivo para se reunir em intervalos não superiores a três anos.

2. As sessões do Conselho deverão ser presididas por um presidente ou Presidentes, eleitos pelo Conselho entre seus membros.

3. O Conselho deverá promover a distribuição mundial das Escrituras Sagradas. E deverá receber relatórios do Comitê Executivo e da Equipe, tendo a palavra final na determinação das políticas e do trabalho das Sociedades Bíblicas Unidas.

IV. *O Comitê Executivo do Conselho:*

1. Haverá um Comitê Executivo do Conselho consistindo em um representante de cada Sociedade ou Comitê Nacional afiliado. No caso de impossibilidade de um representante participar de uma reunião do Comitê Executivo, a Sociedade ou o Comitê Nacional em questão poderá nomear um substituto temporário.

2. Os membros do Comitê Executivo serão divididos, em primeira instância, em três categorias para mandatos de um, dois e três anos, respectivamente, e, posteriormente, para mandatos de três anos ou até que seus sucessores sejam eleitos.

3. O Comitê Executivo terá poder para atuar em nome do Conselho no intervalo entre sessões do Conselho, mas não terá autorização para alterar o Estatuto das Sociedades Bíblicas Unidas ou as políticas do Conselho.

4. O Comitê Executivo deverá se reunir pelo menos uma vez por ano.

V. *Constituição Legal*

O Comitê Executivo está autorizado a assegurar a constituição legal das Sociedades Bíblicas Unidas da forma

que julgar necessária.

VI. *Escritórios e Equipe:*

1. O escritório principal das Sociedades Bíblicas Unidas será em Londres, com escritórios regionais em outras localidades conforme determinado periodicamente pelo Comitê Executivo.

2. Os dirigentes serão os seguintes, nomeados pelo Conselho ou pelo Comitê Executivo:

(a) Um presidente do Comitê Executivo, que será eleito pelo Comitê entre seus membros.

(b) Um secretário-geral, cujo escritório será em Londres, e a quem os outros membros da Equipe se reportarão.

(c) Secretários, remunerados ou honorários, conforme determinação periódica e oportuna.

(d) Um Tesoureiro, que pode ser um dirigente honorário.

3. O secretário-geral, os secretários e o tesoureiro terão assento no Conselho e no Comitê Executivo, mas sem direito a voto, exceto nos casos em que um dirigente honorário também for um membro representante do Conselho ou do Comitê Executivo.

VII. *Orçamento:*

Um orçamento para despesas administrativas deverá ser elaborado anualmente pelo secretário-geral e submetido ao Comitê Executivo. Após sua aprovação, as Sociedades e os Comitês Nacionais afiliados deverão ser convidados a contribuir com parcelas apropriadas para cobrir as despesas totais.

VIII. *Obrigações do Comitê Executivo e da Equipe:*

1. Sob a direção geral do Conselho e a direção específica do Comitê Executivo, a Equipe deverá:

(a) Auxiliar as Sociedades e os Comitês Nacionais afiliados, e outras entidades, facilitando o intercâmbio de experiências na tradução, publicação e distribuição das Escrituras Sagradas e na promoção do trabalho das Sociedades Bíblicas;

(b) Obter dados sobre as necessidades de Escrituras dos vários países e povos e apresentar, às Sociedades e Comitês Nacionais capazes de ajudar a atender a essas necessidades, recomendações quanto ao auxílio que possa ser prestado;

(c) Coordenar a aplicação das contribuições das Sociedades ou dos Comitês Nacionais nas áreas necessitadas para evitar duplicação e ampliar os serviços prestados;

(d) Interpretar os valores e a importância do trabalho das Sociedades em regiões em que ele não seja realizado e do serviço unificado em regiões em que o trabalho não seja unificado, a fim de estabelecer Sociedades Bíblicas ou Comitês Nacionais, enraizados na vida dos povos e das Igrejas, que possam participar do trabalho mundial;

(e) Realizar, mediante solicitação dos órgãos apropriados, a supervisão da administração do trabalho de Sociedades Bíblicas em uma determinada região;

(f) Auxiliar as Sociedades no planejamento da publicação e do fornecimento de Escrituras, levando em conta os interesses de uma prestação de serviços eficaz por parte de todas as Sociedades;

(g) Servir como um centro de informações sobre as edições e os estoques disponíveis de Escrituras, traduções realizadas, revisões planejadas, etc.;

(h) Representar as Sociedades Bíblicas Unidas para salvaguardar a liberdade de circulação e utilização das Escrituras Sagradas;

(i) Facilitar a representação da Causa da Bíblia em relacionamentos com outras agências internacionais;

(j) Organizar as reuniões do Conselho;

(k) Assumir quaisquer outras responsabilidades que periodicamente o Conselho ou o Comitê Executivo venha a determinar.

2. Para a promoção desse trabalho, as Sociedades e os Comitês Nacionais devem fornecer à Equipe as informações

e as recomendações necessárias. Além disso, o Comitê Executivo e a Equipe devem consultar as Sociedades e os Comitês Nacionais que trabalham nas diversas regiões para obter dados e fazer recomendações.

IX. *Limitações:*

1. Nenhuma ação do Conselho, do Comitê Executivo e da Equipe constituirá obrigação legal para as Sociedades ou os Comitês Nacionais afiliados, salvo mediante a concordância expressa dessas entidades.

2. As Sociedades Bíblicas Unidas não deverão concorrer com as Sociedades e os Comitês Nacionais afiliados na solicitação de contribuições. A liberdade das Sociedades afiliadas de direcionar o trabalho nos vários países deve ser respeitada.

X. *Emenda:*

Desde que haja notificação do conteúdo de qualquer emenda às Sociedades e Comitês Nacionais afiliados com pelo menos 60 (sessenta) dias de antecedência à reunião do Conselho, este Estatuto das Sociedades Bíblicas Unidas pode ser alterado em qualquer reunião do Conselho por dois terços dos votos, com cada Sociedade ou Comitê Nacional afiliado representado tendo direito a um voto. Emendas propostas e aprovadas por uma reunião do Conselho entrarão em vigor somente quando dois terços das Sociedades ou dos Comitês Nacionais afiliados registrarem sua aprovação com a Equipe.

Primeiro estatuto da Sociedade Bíblica do Brasil

1948

Artigo 1º — Sede e filiais

A sociedade tem sua sede e foro no Rio de Janeiro, podendo abrir filiais ou escritórios em qualquer ponto do território nacional.

Artigo 2º — Duração da sociedade

A duração da sociedade será por tempo indeterminado.

Artigo 3º — Objetivo social

A sociedade, de caráter filantrópico, tem como objetivo promover e encorajar a mais vasta circulação das Escrituras Sagradas, sem nota ou comentário, o que não impedirá o uso de referências marginais.

Parágrafo único — Para alcançar o seu propósito, a sociedade se empenhará na obra de traduzir, revisar e publicar e distribuir as Escrituras Sagradas, em cooperação com todas as pessoas físicas e também as jurídicas, que participam de seu objetivo básico, como, também, com todas as organizações cristãs, com a aprovação da diretoria. A sociedade aceitará cordialmente a cooperação de outras sociedades bíblicas.

Artigo 4º — Receita e patrimônio

A receita e o patrimônio da sociedade serão constituídos por subscrições de seus membros, donativos das entidades eclesiásticas e igrejas locais, doação e legados, produtos das vendas de Escrituras e contribuições das sociedades bíblicas cooperantes.

Artigo 5º — Das Assembleias Gerais

De três em três anos, depois da fundação da sociedade, reunir-se-á a assembleia geral, que será composta dos membros da diretoria, do Secretário Executivo, dos secretários das sociedades bíblicas cooperantes, que contribuam materialmente para o orçamento da sociedade, e de dois representantes de cada Comissão Regional Auxiliar.

Parágrafo único — A convocação, data e local dessas assembleias gerais serão determinados pela diretoria.

Artigo 6º — Atribuições das Assembleias Gerais

Compete às Assembleias Gerais:

a) Eleger, dentre os seus membros, a diretoria da sociedade, atendendo às sugestões de uma comissão de indicações, que deverá ser nomeada pela própria assembleia;

b) Discutir e apreciar o relatório dos vários aspectos de trabalho da sociedade, durante o período anterior, fazendo recomendações com referência ao trabalho da sociedade, os quais a diretoria estudará cuidadosamente.

Parágrafo 1º — As assembleias funcionarão com o “quorum” de metade de seus membros.

Parágrafo 2º — As deliberações das assembleias gerais serão tomadas por maioria de votos dos seus membros presentes, ressalvado o disposto nos artigos 9, 10 e 11.

Artigo 7º — Da Diretoria

A diretoria da sociedade será composta, no máximo, de 24 (vinte e quatro) membros eleitos pela assembleia geral, pelo prazo de 3 (três) anos, podendo ser reeleitos.

Parágrafo 1º — Compete à diretoria:

a) Representar a sociedade ativa, passiva, judicial e extrajudicialmente, atendidas as discriminações do Regimento Interno;

b) administrar a sociedade no interregno das assembleias.

Parágrafo 2º — A diretoria, dentre os seus membros, escolherá uma Comissão Executiva. Elegerá o Secretário Executivo, cujos poderes serão especificados no Regimento Interno.

Parágrafo 3º — Para assegurar o maior interesse e apoio na distribuição das Escrituras, a diretoria, autorizada pela assembleia geral, organizará Comissões Regionais Auxiliares.

Artigo 8º — Responsabilidade

Os membros da sociedade não respondem subsidiariamente com o seu patrimônio particular pelas obrigações da sociedade, e exercem o direito de voto atendidas as condições estabelecidas no artigo 5º desta escritura.

Artigo 9º — Alteração de Estatutos

As emendas a estes estatutos devem ser propostas à diretoria e por esta encaminhada com o seu parecer à

assembleia geral da sociedade, e só serão consideradas aceitas se aprovadas por dois terços dos membros presentes à assembleia.

Artigo 10º — Dissolução da sociedade

Em caso de dissolução da sociedade, liquidado o passivo que houver, inclusive, se possível, as contribuições capitais das sociedades cooperantes, compete à assembleia que deliberar a dissolução resolver sobre o destino dos bens que existirem, obedecendo à intenção dos doadores, isto é, a distribuição das Escrituras, no Brasil.

Artigo 11 — Disposições Gerais

Fica a primeira diretoria investida de poderes para elaborar e aprovar o Regimento Interno da sociedade, regulamentando as normas destes estatutos, que, entretanto, só poderão ser alterados, no futuro, por proposta da diretoria, aprovada por dois terços dos membros presentes à assembleia geral.

Mensagens dos oradores na cerimônia de inauguração da SBB

Sr. Emílio Conde, representante da Assembleia de Deus

No momento mais cruciante e aflitivo da história do mundo, quando governos e governados vivem na expectação de tremendos desastres, tanto de ordem física como de ordem moral, as Assembleias de Deus consideram a criação da Sociedade Bíblica do Brasil uma demonstração da providência de Deus. Ela irá estabelecer uma concentração de forças espirituais cujo reflexo influenciará os destinos do nosso povo, orientando-o num sentido mais racional de crer naquele que disse: “Eu sou a ressurreição e a vida.”

Na noite de 12 de junho de 1948, na cidade do Rio de Janeiro, realiza-se a reunião de maior transcendência e do

mais notável relevo que a história da evangelização do Brasil até hoje pôde registrar.

Ainda que para alguém essa reunião tão significativa e tão oportuna possa representar tão somente a cerimônia simples e formal da instalação da Sociedade Bíblica do Brasil, a Igreja que represento divisa neste movimento a mobilização das forças de Deus orientando os homens para um plano onde refulgem, em todo o seu esplendor, os ensinos dos Evangelhos, que apontam para Jesus Cristo, a Luz do mundo.

As Assembleias de Deus existem pela mesma razão e pelos mesmos motivos que determinam a criação da Sociedade Bíblica do Brasil, isto é, existem porque há um Livro, a Bíblia, cujas páginas são códigos de ética tão elevados, que, conhecidos e praticados, transmitem paz à alma, levam a felicidade aos lares e engrandecem a vida nacional; e as Assembleias de Deus estão particularmente interessadas em que o povo brasileiro conheça tão formosas verdades.

A Sociedade Bíblica do Brasil inicia hoje sua vida e suas atividades numa atmosfera de intensa vibração e plena de esperanças, em virtude da existência de um Livro tão extraordinariamente belo em seu conjunto, tão verdadeiro em suas afirmações e tão exato em seus conceitos, que é capaz de determinar a transformação de um povo e levar até Deus qualquer nação que o aceite; e a Sociedade Bíblica do Brasil, cujo alvo é contribuir para a grandeza da Pátria através do conhecimento da Bíblia, coloca-se agora na vanguarda dessa cruzada de altruísmo e amor, a fim de superintender a distribuição da Palavra de Deus.

Portanto, se o nosso objetivo é comum, se os nossos propósitos são idênticos e se a nossa finalidade se confunde, a Igreja que represento autorizou-me a oferecer à Sociedade Bíblica do Brasil o apoio de 120 mil membros que se propõem a colaborar de forma ativa, pois a consideram uma Agência do Reino de Deus aqui na terra,

interessada no bem-estar dos homens e no louvor do nosso Deus.

Rev. Elias Escobar Gavião, representante da Igreja Metodista

Tenho a honra de representar neste solene ato o Revmo. Bispo da Igreja Metodista do Brasil, Isaías Fernandes Sucasas, e sua Região Eclesiástica, a Região do Sul. Apresento-vos sua saudação muito fraternal e seu sentimento de desprazer por não poder desfrutar a bênção de tão inspiradora solenidade. Colocando-me, pois, em seu lugar, falarei sobre o assunto que lhe fora confiado, a Sociedade Bíblica do Brasil e minha Igreja.

Nesta Pátria querida e amada, laboram forças que se aproximam e se confundem em razão de seu ideal. Representam a concretização da vontade suprema do Criador, no esforço providencial de semear nos corações o símbolo da fé cristã e o germe da salvação através dos raios luminosos da Verdade Eterna.

Nesse plano divino de redenção e salvação, como forças cristãs arregimentadas para o serviço dos ideais supremos de Deus, eu vejo a Sociedade Bíblica do Brasil e a minha Igreja, a Igreja Metodista do Brasil. A primeira, como riquíssimo acervo da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e da Sociedade Bíblica Americana, surgindo como símbolo de uma nova era para o evangelismo nacional, oferecendo como fonte inesgotável aos milhares e aos milhões o livro-chave da civilização cristã, a Bíblia Sagrada. A segunda, como belíssima expressão do ideal de John Wesley, Fundador do Metodismo, que dizia: “O mundo é a minha paróquia.”

Por essa razão, neste solene momento de tão profunda repercussão nos corações cristãos e de tão elevado sentido para a felicidade dos brasileiros, eu louvo a Deus pela inauguração da Sociedade Bíblica do Brasil, rogando de sua

bondade infinita bênçãos incessantes que determinem a sua prosperidade, sua segurança e sua vitória completa e gloriosa.

A Igreja Metodista do Brasil, como serva obediente do Mestre dos Mestres, levará aos corações sedentos a água pura que jorra abundante de seu Livro divino, dará o pão da vida aos famintos no espírito, agradecendo sempre a Deus o grande e inesgotável Celeiro repositório do Livro dos livros, a Sociedade Bíblica do Brasil.

Que o grande ideal de Cristo, em sublime afinidade espiritual, seja o elo inquebrantável que unirá minha Igreja, a Igreja Metodista do Brasil, à Sociedade Bíblica do Brasil, hoje, dia de sua inauguração, e pelos séculos dos séculos. Amém.

Rev. Salustiano Pereira César, representante da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil

No Livro da eternidade encontram-se, gravadas pela mão de Deus, palavras áureas representadas por símbolos celestes, nas quais, com o sublime alcance visual do espírito, nós descobrimos esta inscrição: em 12 de junho de 1948, cria-se no planeta terrestre, entre os homens pecadores e para a felicidade dos mesmos, a Sociedade Bíblica do Brasil.

Que magnífica visão, prezados ouvintes! Uma empresa firmada na Terra com o beneplácito divino e merecedora dos registros do Senhor do mundo! A Sociedade Bíblica do Brasil é realmente uma obra poderosa cujo fim se impõe e se sobrepõe a todas as conveniências do ser humano!

Sim, caros ouvintes, a Biblioteca Divina, a Palavra de Deus, esse tesouro inesgotável, a Bíblia, tem tido, em cada Agência até então existente no Brasil, uma depositária zelosa e uma distribuidora fidedigna a serviço de todos os que desconhecem a verdadeira sabedoria.

O testemunho das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil a respeito dessas agências é longo demais para ser apresentado nos reduzidos momentos de que dispomos neste feliz programa; mas nós nos comprazemos em declarar que as nossas forças espirituais estão sobre o altar da fé, prontas para qualquer arremetida, por amor dos pecadores.

A mensagem do evangelho de Cristo, mensagem de vida e de paz, de justiça e de amor, aflora aos nossos lábios num verdadeiro anseio de pregar a toda criatura.

Distribuindo Evangelhos, Porções bíblicas e exemplares completos das Sagradas Escrituras, a minha Igreja está certa de bem cumprir a gloriosa missão que lhe foi outorgada por nosso Senhor Jesus Cristo; e, para tanto, se sente coadjuvada e disposta na sua tarefa pela segurança com que ela encara a ação futura que, de hoje em diante, será reafirmada pela Sociedade Bíblica do Brasil.

Rev. Antônio Corrêa Rangel de Alvarenga, presidente do sínodo da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil

Hoje, aqui estamos reunidos em torno da Bíblia, esse monumento eterno, firmado na Terra pelas próprias mãos de Deus. Grandes maravilhas tem realizado a Bíblia!

Foi a Bíblia que, em poucos séculos, conduziu os bárbaros do Norte da Europa à vanguarda da civilização.

Foi a Bíblia que fez a grandeza material e espiritual do povo suíço e dos povos anglo-saxões.

Muito se tem falado sobre os três grandes problemas do Brasil: transporte, saneamento e instrução; mas, ao lado de qualquer desenvolvimento econômico e financeiro, se torna necessária a formação moral do caráter nos moldes preconizados por Deus nas páginas luminosas da Bíblia. Torna-se ela, assim, imprescindível a todos os povos da Terra. Sem a Bíblia, não houve e não haverá civilização na exata significação do termo, porque o progresso material e

mesmo cultural não pode fazer a felicidade do gênero humano. É, pois, a Bíblia a Pedra Fundamental da civilização.

Só uma coisa os brasileiros estão aguardando para, libertos de seus preconceitos, apressarem o desenvolvimento de todas as suas admiráveis possibilidades materiais, morais e espirituais: Bíblias, milhões de Bíblias para o Brasil!

Igreja pioneira, Igreja genuinamente nacional, Igreja que, em sua árdua caminhada histórica, desde 31 de julho de 1903, tem posto diante de si o grande alvo de ganhar o Brasil para Cristo, a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, com estas minhas palavras, vem trazer à Sociedade Bíblica do Brasil os protestos de sua irrestrita solidariedade. Vem congratular-se convosco, apresentando-vos os mais efusivos parabéns e votos de prosperidade. Vem trazer-vos a garantia de sua efetiva cooperação, para a glória de Deus e maior progresso do Reino de Cristo em nossa querida Pátria.

Brigadeiro Ricardo Christensen, secretário-geral do Exército da Salvação no Brasil

O Exército da Salvação no Brasil congratula-se por ser inaugurada oficialmente, esta noite, a Sociedade Bíblica do Brasil, e prometemos a nossa cooperação leal e dedicada aos dirigentes desta Casa, para que a Bíblia seja espalhada mais e mais entre o povo brasileiro.

A Bíblia tem alguma semelhança com o muro que certo irlandês construiu em redor de sua propriedade e que tinha um metro de altura e um metro e meio de espessura. Quando os vizinhos principiaram a rir por ser o muro dele mais largo do que alto, o irlandês explicou que a vantagem estava que, quando o vento derrubasse o muro, este ficaria ainda mais alto.

Assim sucede também com a Bíblia. Apesar de todas as tempestades e tufões da crítica e do ateísmo que investiram contra ela, ocupa hoje, de todo ponto de vista, no conceito das nações, um lugar mais elevado que nunca.

Contudo, Satanás continua esforçando-se para destruí-la. Quanta leitura perniciosa ele tem inventado! Quantas revistas imorais que são vendidas nas bancas de jornal aqui nesta cidade, revistas que destroem o caráter da nossa juventude e desmoralizam tudo quanto é puro e sagrado nos lares!

Tudo quanto podemos fazer para espalharmos as Sagradas Escrituras entre o povo será pouco, considerando a grande necessidade existente. Nos lares onde a Bíblia é lida, dissipam-se as trevas da ignorância, e a luz da Palavra de Deus purifica de todo o pecado.

Esta noite, louvamos a Deus por mais um corpo de artilharia pesada que é inaugurado, a Sociedade Bíblica do Brasil, e antecipamos grandes vitórias para a Causa do Reino de Deus quando ela entrar em ação, pois essa artilharia há de demolir as posições fortificadas do Inimigo e ajudar-nos muito a ganharmos o Brasil para Cristo.

Sr. R. A. Butler, representante da Igreja Adventista do Sétimo Dia

As Sociedades Bíblicas Unidas, de maneira abnegada, e que Deus as abençoe por isso, põem a Bíblia ao alcance dos membros de minha Igreja; mas, para que essas almas por ela se interessem, devo eu mesmo estar nela interessado. Para despertar profundo amor por seu estudo, devo amá-la. A instrução que dou terá apenas a importância de influência que eu lhe empreste pelo meu próprio exemplo e espírito.

As grandes forças incentivadoras da alma são a fé, a esperança e o amor; e é para estas que apela o estudo da Bíblia bem-dirigido. A beleza exterior da Bíblia, a beleza

das imagens e expressões não é, por assim dizer, senão o encaixe de seu tesouro real, a beleza da santidade. No relato que apresenta sobre os homens que andaram com Deus, podemos apanhar os lampejos de sua glória. Naquele que é “totalmente desejável”, contemplamos o Ser de quem toda a beleza na Terra e no Céu é apenas um pálido reflexo.

O verdadeiro conhecimento das Escrituras só se pode adquirir pelo auxílio daquele Espírito, pelo qual a Palavra de Deus foi dada. E, a fim de obtermos esse conhecimento, devemos viver por ele. A tudo que a Palavra ordena urge obedecer. Tudo quanto promete podemos reclamar. A vida que recomenda é a que, pelo seu poder, somos capazes de viver.

Rev. Dr. Hermann Dohms, presidente do sínodo Rio-grandense da Igreja Evangélica Luterana

A Igreja Evangélica no Rio Grande do Sul e os Sínodos Evangélicos no Brasil, coirmãos, neste ato solene de inauguração, saúdam cordialmente a Sociedade Bíblica do Brasil, formulando ardentes votos para que o Deus Todo-Poderoso ricamente abençoe a sua obra, dedicada inteira e exclusivamente à difusão da Palavra Eterna, que, neste mundo incerto, é o único fundamento firme para a existência do homem e da humanidade.

Lutero, cujos ensinamentos a Igreja Evangélica quer seguir e realizar no presente, em uma das suas 95 teses, disse: “O verdadeiro tesouro da Igreja é o santíssimo Evangelho de Deus soberano e misericordioso”. E a Confissão Agostiniana ratificou a seguinte doutrina: “Ensinamos que, por todos os tempos, há de existir e permanecer uma santa Igreja Cristã, que é a congregação dos crentes na qual o evangelho é pregado com pureza e os sacramentos são administrados de conformidade com a Palavra de Deus.”

Obedecendo às diretrizes da Reforma, a Igreja Evangélica no Brasil tem diante de si esta única tarefa: pregar e difundir a Palavra de Deus, a qual, por obra do Espírito Santo, cria e sempre renova a comunhão dos crentes, que é a Igreja de Cristo.

Essa confissão e essa tarefa obrigam a Igreja Evangélica em nosso país a cooperar decididamente com todos aqueles que formam a Sociedade Bíblica do Brasil ontem constituída.

A grande obra da difusão das Escrituras Sagradas terá o nosso inteiro apoio. Trabalharemos e não deixaremos de orar ardorosamente para que a Palavra de Deus permaneça entre nós e com ela permaneça a Igreja de Cristo, nosso Salvador, Redentor do mundo e da humanidade.

Bispo William M. M. Thomas, representante da Igreja Episcopal Brasileira

A Igreja Episcopal Brasileira, como toda a Comunhão Anglicana, aceita as Sagradas Escrituras como a história da própria revelação de Deus ao homem e da resposta que o homem formulou à divina revelação. Esta é a base primordial da autoridade das Escrituras. O fato de ter a Igreja, sob a orientação do Espírito Santo, recebido a Bíblia como canônica reveste-a na sua inteireza de um caráter de suprema autoridade para todo cristão. E essa autoridade torna-se ainda mais válida pela experiência contínua do povo cristão através da história.

A Bíblia possui unidade interior por ser a história do preparo especial para o advento de Cristo, para a redenção do homem pela vida, morte, ressurreição e ascensão de nosso Senhor e para a dádiva do Espírito Santo.

Tanto no Antigo como no Novo Testamento, é proclamado o Reino de Deus, e a vida eterna é oferecida à humanidade em Cristo Jesus, único Mediador entre Deus e o homem.

A Bíblia sempre foi e ainda é, para a Igreja Cristã, o supremo padrão de seu ensino e a fonte principal de direção para a vida. Contém toda a doutrina requerida para a salvação pela fé em Jesus Cristo.

A leitura e a pregação da Palavra de Deus são indispensáveis na vida e no culto da Igreja.

É, pois, por todas essas razões que os membros da Igreja Episcopal possuem e leem suas Bíblias, todas elas fornecidas pelas Sociedades Bíblicas e sempre na língua do povo. No seu ritual, as passagens bíblicas compõem dois terços do Livro de Oração, sendo as Epístolas e Evangelhos para os domingos e outros dias santos do Ano Cristão, extraídos da Tradução Brasileira da Bíblia.

Essa tradução, como se sabe, foi feita por iniciativa das Sociedades Bíblicas, feita por brasileiros para os brasileiros, com base nos originais em grego e em hebraico.

A Igreja Episcopal, com o indispensável auxílio prestado pelas Sociedades Bíblicas, põe nas mãos de todos os eclesianos a Palavra Divina, Regra de Fé, para que lhes ministre a necessária instrução em tudo o que respeita às suas obrigações para com Deus e para com o próximo.

Galeria dos promotores de colportagem bíblica no Brasil República

1889—1948

1. **A. Hoehne Filho:** Início: 1903; Para quem trabalhou: SBA
2. **Abel P. C. Branco:** Província(s) visitada(s): AL, PE, PB, CE; Início: 1926; Para quem trabalhou: SBA
3. **Albert C. Wood :** Província(s) visitada(s): RS; Início: 1881; Para quem trabalhou: SBBE
4. **Alberto Garcia :** Província(s) visitada(s): MG; Início: 1904; Para quem trabalhou: SBA

5. **Alexandre F. da Gama:** Província(s) visitada(s): PE; Início: 1896; Para quem trabalhou: SBBE
6. **Alexandre F. de Freitas:** Província(s) visitada(s): BA; Início: 1896; Para quem trabalhou: SBBE
7. **Antão Pessoa:** Província(s) visitada(s): BA, AL, PE, PB; Início: ; Para quem trabalhou: SBBE
8. **Antonio B. S. Miranda:** Província(s) visitada(s): PB; Início: 1896; Para quem trabalhou: SBBE
9. **Antonio B. Vasconcelos:** Província(s) visitada(s): PE; Início: 1896; Para quem trabalhou: SBBE
10. **Antonio Luiz de Jesus :** Província(s) visitada(s): RJ; Início: 1880; Para quem trabalhou: SBBE
11. **Antonio Marques:** Província(s) visitada(s): PE; Início: 1892; Para quem trabalhou: SBBE
12. **Augusto Dutra Pereira :** Província(s) visitada(s): RJ; Início: 1921; Para quem trabalhou: SBA
13. **Camilo Roig:** Província(s) visitada(s): SP; Início: ; Para quem trabalhou: SBBE
14. **Charles Frederick Glass:** Província(s) visitada(s): GO; Início: 1894; Para quem trabalhou: SBBE
15. **Daniel de Souza e Silva :** Província(s) visitada(s): SP; Início: 1927; Para quem trabalhou: SBA
16. **Emiliano O. M. Novais:** Província(s) visitada(s): BA; Início: 1892; Para quem trabalhou: SBBE
17. **Eugênio Bis:** Província(s) visitada(s): RS; Início: 1896; Para quem trabalhou: SBBE
18. **Faustino J. da Silva:** Província(s) visitada(s): RJ; Início: 1896; Para quem trabalhou: SBBE
19. **Francisco A. Deslandes:** Província(s) visitada(s): MG; Início: 1885; Para quem trabalhou: Igr. Presbiteriana
20. **Francisco L. Cardoso:** Província(s) visitada(s): SP; Início: 1889; Para quem trabalhou: SBBE
21. **Frederick Charles Glass:** Província(s) visitada(s): GO, MT, MG, PE; Início: ; Para quem trabalhou: SBBE

22. **Gedeão P. da Silva:** Província(s) visitada(s): MA, PI; Início: 1875; Para quem trabalhou: SBBE
23. **Generoso A. Gonçalves:** Província(s) visitada(s): ; Início: 1903; Para quem trabalhou: SBA
24. **Giuseppe Cazzulino:** Província(s) visitada(s): SP; Início: 1904; Para quem trabalhou: SBA
25. **Gregório T. A. Cruz:** Província(s) visitada(s): PA, PE; Início: 1896; Para quem trabalhou: SBBE
26. **Gregório T. A. Cruz :** Província(s) visitada(s): SP; Início: 1896; Para quem trabalhou: SBBE
27. **Guilherme Fróes:** Província(s) visitada(s): SP; Início: 1921; Para quem trabalhou: SBA
28. **Herman Gartner:** Província(s) visitada(s): PR; Início: 1886; Para quem trabalhou: SBBE
29. **Horácio d'Almeida:** Província(s) visitada(s): BA; Início: 1904; Para quem trabalhou: SBBE
30. **João Antonio de Menezes:** Província(s) visitada(s): RJ, RS, SC; Início: 1876; Para quem trabalhou: SBBE
31. **João Bernini:** Província(s) visitada(s): SP; Início: 1898; Para quem trabalhou: SBA
32. **João da Cruz:** Província(s) visitada(s): RJ; Início: 1925; Para quem trabalhou: SBA
33. **João da Silva Pereira:** Província(s) visitada(s): RJ; Início: 1886; Para quem trabalhou: SBA
34. **João d'Alegria:** Província(s) visitada(s): SP; Início: 1904; Para quem trabalhou: SBA
35. **João Ribeiro:** Província(s) visitada(s): RJ; Início: 1921; Para quem trabalhou: SBA
36. **Joaquim Bernardes Oliveira:** Província(s) visitada(s): MG; Início: 1886; Para quem trabalhou: SBBE
37. **Joaquim de Andrade:** Província(s) visitada(s): SP; Início: 1895; Para quem trabalhou: SBBE
38. **Joaquim Gomes Ferreira:** Província(s) visitada(s): PR; Início: 1921; Para quem trabalhou: SBA

39. **Joaquim J. Coelho:** Província(s) visitada(s): SP; Início: 1887; Para quem trabalhou: SBBE
40. **Joaquim José da Silva:** Província(s) visitada(s): AM, PA, RJ, SC; Início: 1865; Para quem trabalhou: SBBE
41. **Joaquim Portilho:** Província(s) visitada(s): GO; Início: 1915; Para quem trabalhou: SBBE
42. **Joaquim S. de Brito:** Província(s) visitada(s): BA; Início: 1889; Para quem trabalhou: SBBE
43. **José C. Fernandes:** Província(s) visitada(s): RJ; Início: 1896; Para quem trabalhou: SBBE
44. **José E. Paím:** Província(s) visitada(s): BA; Início: 1896; Para quem trabalhou: SBBE
45. **José I. Fernandes:** Província(s) visitada(s): SP; Início: 1889; Para quem trabalhou: SBBE
46. **José Millan :** Província(s) visitada(s): SP; Início: 1903; Para quem trabalhou: SBBE
47. **José P. Da Silva:** Província(s) visitada(s): MG; Início: 1896; Para quem trabalhou: SBBE
48. **Joseph Orton:** Província(s) visitada(s): PE, AM; Início: 1888; Para quem trabalhou: SBBE
49. **Luiz J. Rangel:** Província(s) visitada(s): RJ; Início: 1895; Para quem trabalhou: SBBE
50. **Manoel Canuto Alves:** Província(s) visitada(s): AL, PE, PB, RN; Início: 1900; Para quem trabalhou: SBA
51. **Manoel de Souza e Silva:** Província(s) visitada(s): SP; Início: 1883; Para quem trabalhou: Igr. Presbiteriana
52. **Manoel L. Malaquias:** Província(s) visitada(s): SC; Início: 1894; Para quem trabalhou: SBBE
53. **Odilon A. Farias:** Província(s) visitada(s): ES, SP; Início: 1904; Para quem trabalhou: SBA
54. **Pedro Digiovanni:** Província(s) visitada(s): SP; Início: 1879; Para quem trabalhou: SBA
55. **Rafael Archanjo dos Santos:** Província(s) visitada(s): RS; Início: 1904; Para quem trabalhou: SBA

56. **Silvino Neves:** Província(s) visitada(s): MA; Início: 1887; Para quem trabalhou: Igr. Presbiteriana
57. **Theophilo R. da Costa:** Província(s) visitada(s): ; Início: 1903; Para quem trabalhou: SBA

Produção de Escrituras da SBA de 1816 a 1916 (Primeiro Centenário)

Sociedade Bíblica Americana
Produção de Escrituras de 1816 A 1916

1º ano
- **Bíblias:** 6.410
- **Testamentos e porções:** 0
- **Total:** 6.410

2º ano
- **Bíblias:** 17.594
- **Testamentos e porções:** 0
- **Total:** 17.594

3º ano
- **Bíblias:** 23.870
- **Testamentos e porções:** 0
- **Total:** 31.118

4º ano
- **Bíblias:** 26.800
- **Testamentos e porções:** 14.713
- **Total:** 41.513

5º ano
- **Bíblias:** 26.772
- **Testamentos e porções:** 16.474
- **Total:** 43.248

6º ano

- **Bíblias:** 28.910
- **Testamentos e porções:** 24.560
- **Total:** 53.470

7º ano
- **Bíblias:** 28.448
- **Testamentos e porções:** 26.357
- **Total:** 54.805

8º ano
- **Bíblias:** 31.590
- **Testamentos e porções:** 28.849
- **Total:** 60.439

9º ano
- **Bíblias:** 30.094
- **Testamentos e porções:** 33.757
- **Total:** 63.851

10º ano
- **Bíblias:** 31.154
- **Testamentos e porções:** 35.980
- **Total:** 67.134

11º ano
- **Bíblias:** 35.876
- **Testamentos e porções:** 35.745
- **Total:** 71.621

12º ano
- **Bíblias:** 75.734
- **Testamentos e porções:** 58.873
- **Total:** 134.607

13º ano
- **Bíblias:** 91.248

- **Testamentos e porções:** 103.874
- **Total:** 200.122

14º ano
- **Bíblias:** 130.254
- **Testamentos e porções:** 103.329
- **Total:** 238.583

15º ano
- **Bíblias:** 171.972
- **Testamentos e porções:** 70.211
- **Total:** 242.183

16º ano
- **Bíblias:** 54.843
- **Testamentos e porções:** 60.959
- **Total:** 115.802

17º ano
- **Bíblias:** 36.941
- **Testamentos e porções:** 54.227
- **Total:** 91.168

18º ano
- **Bíblias:** 34.083
- **Testamentos e porções:** 76.749
- **Total:** 110.832

19º ano
- **Bíblias:** 47.709
- **Testamentos e porções:** 75.527
- **Total:** 123.236

20º ano
- **Bíblias:** 65.974
- **Testamentos e porções:** 155.720

- **Total:** 221.694

21º ano
- **Bíblias:** 51.354
- **Testamentos e porções:** 154.886
- **Total:** 206.240

22º ano
- **Bíblias:** 45.083
- **Testamentos e porções:** 113.215
- **Total:** 156.298

23º ano
- **Bíblias:** 45.333
- **Testamentos e porções:** 89.604
- **Total:** 134.937

24º ano
- **Bíblias:** 54.227
- **Testamentos e porções:** 103.034
- **Total:** 157.261

25º ano
- **Bíblias:** 64.304
- **Testamentos e porções:** 87.898
- **Total:** 152.202

26º ano
- **Bíblias:** 101.416
- **Testamentos e porções:** 155.650
- **Total:** 257.066

27º ano
- **Bíblias:** 82.912
- **Testamentos e porções:** 133.693
- **Total:** 216.805

28º ano
- **Bíblias:** 114.766
- **Testamentos e porções:** 199.816
- **Total:** 314.582

29º ano
- **Bíblias:** 145.970
- **Testamentos e porções:** 263.122
- **Total:** 429.092

30º ano
- **Bíblias:** 161.974
- **Testamentos e porções:** 321.899
- **Total:** 483.873

31º ano
- **Bíblias:** 209.416
- **Testamentos e porções:** 418.348
- **Total:** 627.764

32º ano
- **Bíblias:** 232.272
- **Testamentos e porções:** 422.794
- **Total:** 655.066

33º ano
- **Bíblias:** 205.307
- **Testamentos e porções:** 359.419
- **Total:** 564.726

34º ano
- **Bíblias:** 205.087
- **Testamentos e porções:** 428.358
- **Total:** 633.395

35º ano

- **Bíblias:** 209.821
- **Testamentos e porções:** 382.611
- **Total:** 592.432

36º ano
- **Bíblias:** 221.450
- **Testamentos e porções:** 444.565
- **Total:** 666.015

37º ano
- **Bíblias:** 260.381
- **Testamentos e porções:** 538.999
- **Total:** 799.380

38º ano
- **Bíblias:** 277.564
- **Testamentos e porções:** 537.815
- **Total:** 815.399

39º ano
- **Bíblias:** 256.087
- **Testamentos e porções:** 493.809
- **Total:** 749.896

40º ano
- **Bíblias:** 240.776
- **Testamentos e porções:** 427.489
- **Total:** 666.285

41º ano
- **Bíblias:** 258.846
- **Testamentos e porções:** 511.211
- **Total:** 770.057

42º ano
- **Bíblias:** 260.997

- **Testamentos e porções:** 451.048
- **Total:** 712.045

43º ano
- **Bíblias:** 269.826
- **Testamentos e porções:** 451.269
- **Total:** 721.095

44º ano
- **Bíblias:** 267.466
- **Testamentos e porções:** 486.306
- **Total:** 753.772

45º ano
- **Bíblias:** 295.858
- **Testamentos e porções:** 426.020
- **Total:** 721.878

46º ano
- **Bíblias:** 161.374
- **Testamentos e porções:** 932.468
- **Total:** 1.093.842

47º ano
- **Bíblias:** 175.554
- **Testamentos e porções:** 1.083.563
- **Total:** 1.259.117

48º ano
- **Bíblias:** 238.063
- **Testamentos e porções:** 1.262.501
- **Total:** 1.500.564

49º ano
- **Bíblias:** 239.097
- **Testamentos e porções:** 1.591.859

- **Total:** 1.830.756

50º ano
- **Bíblias:** 256.498
- **Testamentos e porções:** 894.030
- **Total:** 1.150.528

51º ano
- **Bíblias:** 324.215
- **Testamentos e porções:** 933.745
- **Total:** 1.257.960

52º ano
- **Bíblias:** 315.525
- **Testamentos e porções:** 871.669
- **Total:** 1.187.194

53º ano
- **Bíblias:** 339.591
- **Testamentos e porções:** 1.047.016
- **Total:** 1.386.611

54º ano
- **Bíblias:** 329.774
- **Testamentos e porções:** 1.000.866
- **Total:** 1.330.640

55º ano
- **Bíblias:** 316.857
- **Testamentos e porções:** 790.870
- **Total:** 1.107.727

56º ano
- **Bíblias:** 298.352
- **Testamentos e porções:** 802.519
- **Total:** 1.100.871

57º ano
- **Bíblias:** 313.714
- **Testamentos e porções:** 887.531
- **Total:** 1.201.245

58º ano
- **Bíblias:** 317.365
- **Testamentos e porções:** 673.207
- **Total:** 990.572

59º ano
- **Bíblias:** 281.703
- **Testamentos e porções:** 645.197
- **Total:** 926.900

60º ano
- **Bíblias:** 269.303
- **Testamentos e porções:** 561.167
- **Total:** 850.470

61º ano
- **Bíblias:** 239.546
- **Testamentos e porções:** 641.510
- **Total:** 881.056

62º ano
- **Bíblias:** 297.452
- **Testamentos e porções:** 560.041
- **Total:** 857.493

63º ano
- **Bíblias:** 343.902
- **Testamentos e porções:** 843.952
- **Total:** 1.187.854

64º ano

- **Bíblias:** 394.545
- **Testamentos e porções:** 961.494
- **Total:** 1.356.039

65º ano
- **Bíblias:** 422.208
- **Testamentos e porções:** 1.052.395
- **Total:** 1.474.603

66º ano
- **Bíblias:** 371.728
- **Testamentos e porções:** 1.153.045
- **Total:** 1.524.773

67º ano
- **Bíblias:** 438.063
- **Testamentos e porções:** 1.238.169
- **Total:** 1.676.232

68º ano
- **Bíblias:** 499.379
- **Testamentos e porções:** 1.308.836
- **Total:** 1.808.215

69º ano
- **Bíblias:** 429.716
- **Testamentos e porções:** 1.118.459
- **Total:** 1.548.175

70º ano
- **Bíblias:** 369.714
- **Testamentos e porções:** 1.067.726
- **Total:** 1.437.440

71º ano
- **Bíblias:** 391.885

- **Testamentos e porções:** 1.055.405
- **Total:** 1.447.270

72º ano
- **Bíblias:** 420.242
- **Testamentos e porções:** 1.084.405
- **Total:** 1.504.647

73º ano
- **Bíblias:** 410.282
- **Testamentos e porções:** 1.030.173
- **Total:** 1.440.455

74º ano
- **Bíblias:** 412.862
- **Testamentos e porções:** 1.083.195
- **Total:** 1.496.057

75º ano
- **Bíblias:** 450.180
- **Testamentos e porções:** 1.047.457
- **Total:** 1.497.637

76º ano
- **Bíblias:** 411.618
- **Testamentos e porções:** 886.578
- **Total:** 1.298.196

77º ano
- **Bíblias:** 410.093
- **Testamentos e porções:** 984.770
- **Total:** 1.394.863

78º ano
- **Bíblias:** 400.176
- **Testamentos e porções:** 1.047.483

- **Total:** 1.447.659

79º ano
- **Bíblias:** 403.434
- **Testamentos e porções:** 1.177.694
- **Total:** 1.581.128

80º ano
- **Bíblias:** 391.437
- **Testamentos e porções:** 1.358.846
- **Total:** 1.750.283

81º ano
- **Bíblias:** 317.472
- **Testamentos e porções:** 1.196.027
- **Total:** 1.513.499

82º ano
- **Bíblias:** 252.530
- **Testamentos e porções:** 1.109.743
- **Total:** 1.362.273

83º ano
- **Bíblias:** 194.564
- **Testamentos e porções:** 1.186.328
- **Total:** 1.380.892

84º ano
- **Bíblias:** 215.426
- **Testamentos e porções:** 1.191.375
- **Total:** 1.406.801

85º ano
- **Bíblias:** 238.081
- **Testamentos e porções:** 1.316.047
- **Total:** 1.554.128

86º ano
- **Bíblias:** 263.288
- **Testamentos e porções:** 1.440.503
- **Total:** 1.723.791

87º ano
- **Bíblias:** 302.121
- **Testamentos e porções:** 1.691.437
- **Total:** 1.993.558

88º ano
- **Bíblias:** 301.952
- **Testamentos e porções:** 1.465.939
- **Total:** 1.770.891

89º ano
- **Bíblias:** 290.847
- **Testamentos e porções:** 1.540.249
- **Total:** 1.831.096

90º ano
- **Bíblias:** 274.185
- **Testamentos e porções:** 1.962.574
- **Total:** 2.236.759

91º ano
- **Bíblias:** 272.077
- **Testamentos e porções:** 1.638.776
- **Total:** 1.910.853

92º ano
- **Bíblias:** 262.518
- **Testamentos e porções:** 1.633.423
- **Total:** 1.896.941

93º ano

- **Bíblias:** 312.922
- **Testamentos e porções:** 1.840.106
- **Total:** 2.153.028

94º ano
- **Bíblias:** 327.636
- **Testamentos e porções:** 2.499.195
- **Total:** 2.826.831

95º ano
- **Bíblias:** 393.230
- **Testamentos e porções:** 2.838.492
- **Total:** 3.231.722

96º ano
- **Bíblias:** 430.098
- **Testamentos e porções:** 3.261.103
- **Total:** 3.691.201

97º ano
- **Bíblias:** 399.734
- **Testamentos e porções:** 3.649.876
- **Total:** 4.049.610

98º ano
- **Bíblias:** 412.229
- **Testamentos e porções:** 4.636.917
- **Total:** 5.251.176

99º ano
- **Bíblias:** 352.489
- **Testamentos e porções:** 6.053.854
- **Total:** 6.406.323

100º ano
- **Bíblias:** 383.824

- **Testamentos e porções:** 7.377.553
- **Total:** 7.761.377

TOTAL
- **Bíblias:** 23.817.439
- **Testamentos e porções:** 93.588.140
- **Total:** 117.651.573

Bibliografia

A Bíblia no Brasil (Revista *ABNB*). Barueri (SP): Museu da Bíblia, 1948 a 2012.

ACM (Associação Cristã de Moços de São Paulo). *100 anos servindo a juventude*. São Paulo, 2002.

AMARAL, Sonia Guarita do. *O Brasil como Império*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2009.

ÁVILA, Ivan Espíndola de. *A Bíblia, sempre a Bíblia*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1971.

BARBOSA, Rui. *A imprensa e o dever da verdade*. São Paulo: São Paulo Com-Arte, Edusp, 1990.

___. *Secularização dos cemitérios*. Obras Completas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1950.

___. *Visita à terra natal*. Obras Completas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1948.

___. *Ruínas de um Governo*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1931.

___. *Discurso no Senado Federal.* Obras Completas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1914.

___. *Excursão eleitoral*. Obras Completas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1912.

___. *Memória sobre a Eleição Presidencial*. Obras Completas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui

Barbosa, 1910.

___. *Discurso no Colégio Anchieta.* Obras Completas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1903.

___. *Programa da Tribuna do Povo, OC.* Obras Completas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1903.

___. *Resposta a César Zama*. Obras Completas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1896.

___. *Reforma do Ensino Primário*. Obras Completas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1883.

___. *Cartas da Inglaterra*. Obras Completas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1870.

___. *Discurso na Sociedade Acadêmica Beneficente*. Obras Completas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1870.

BECKER, Idel. *Pequena história da civilização ocidental.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.

BETTENCOURT, Dom Estêvão. *Os estudos bíblicos no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, 1950.

BITTENCOURT, B. P. *O Novo Testamento: metodologia da pesquisa textual*. Rio de Janeiro: JUERP, 1993.

BUENO, Eduardo. *Brasil, uma história*. São Paulo: Texto Editora Ltda., 2010.

CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição dogmática Dei Verbum, Da Escritura na vida do povo*. Igreja Católica Romana, 1965.

DOLLINGER, Johann Joseph Ignaz; BARBOSA, Rui. *O Papa e o Concílio*. Rio de Janeiro: Brown & Evaristo,

1877.

DORCY, Jean Marie. *St. Dominic's Family*. Tan Books and Publishers, 1983.

DWEIGHT, Henry Otis. *The Centennary History of the American Bible Society*. Nova York: American Bible Society, 1916.

FERREIRA, G. L. Santos. *A Bíblia em Portugal*. Lisboa: Tipografia de Ferreira de Medeiros, 1906.

FERREIRA, Júlio de Andrade. *O apóstolo de Caldas: vida, época, obras e influência póstuma do Rev. Miguel Gonçalves Torres*. Franca (SP): Gráfica Renascença, 1948.

FRANCESCON, Luigi. *Resumo de uma ramificação da obra de Deus pelo Espírito Santo, no século atual*. São Paulo: Indústrias Reunidas Irmãos Spina, 1958.

GLASS, Frederick Charles. *Aventuras com a Bíblia no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Evangélica Ltda., 1963.

HALLOCK, Edgar F.; SWELLENGREBEL, J. L. *A maior dádiva e o mais precioso tesouro*. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 2000.

I CONGRESSO EVANGÉLICO BRASILEIRO. *Manifesto à nação*. Federação de Igrejas Evangélicas, 1931.

LESSA, Vicente Themudo. *Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo*. São Paulo, 1938.

MATOS, Alderi Souza de. *Os pioneiros presbiterianos do Brasil*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

MEIN, John. *A Bíblia e como chegou até nós.* Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1990.

MILLER, Stephen; HUBER, Robert. *A Bíblia e sua história*. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

MORAES, Ledwar Vieira de; CAMARGO, Lígia Vieira de Moraes. *Um ano de gratidão por um século de bênçãos*. Itapetininga (SP): Igreja Presbiteriana de Itapetininga, 1987.

NICHOLS, Robert Hastings. *História da Igreja Cristã*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1954.

PAPA BENTO XV. *Encíclica Spiritus Paraclitus*, 1920.

PAPA PIO XII. *Encíclica Divino Afflante Spiritu sobre estudos bíblicos*, 1943.

PENZOTTI, Francisco G. *Autobiografia de Francisco G. Penzotti*. Nova York: American Bible Society, 1916.

REILY, Duncan A. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1984.

ROHDEN, Huberto. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda., 2006.

SBA. *American Bible Society History*. Essay nº 15, Parte V-C. Nova York: American Bible Society.

SBA. *Relatório anual da Sociedade Bíblica Americana*. Nova York: American Bible Society.

SBA. *Revista Bible Society Record*. Nova York: American Bible Society, 1944.

SBA. *Relatório anual de 1927*. Museu da Bíblia, Barueri (SP).

SBA. *Relatório anual de 1927*. Barueri (SP): Museu da Bíblia.

SBBE. *Relatório anual da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira*. Londres: British and Foreign Bible Society.

SBU. *Ata de fundação das SBU.* Londres: British and Foreign Bible Society, 1946.

SOARES, Caleb. *150 anos de paixão missionária*. Santos (SP): Instituto de Pedagogia Cristã, 2009.

STEAD, William Thomas. *Revista Forum*. Salvador (BA), 1973.

STEER, Roger. *The story of Bible Society*. Oxford (Reino Unido): Monarch Books, e Michigan (EUA): Grand Rapids, 2004.

TUCKER, John T. *Compêndio de história de missões*. Lisboa: Junta Presbiteriana de Cooperação de Portugal, 1954.

TUCKER, Hugh Clarence. *Reminiscências — 50 anos no Brasil* (manuscrito não publicado). Rio de Janeiro: Colégio Bennet, 1940.

TURNER, Charles W. *La Biblia construye en América Latina*. Buenos Aires: Editorial La Aurora, 1954.

VIEIRA, Ruy Carlos de Camargo. *Vida e obra de Guilherme Stein Jr.* Tatuí (SP): Casa Publicadora Brasileira, 1995.

http://www.acmsaopaulo.org

http://www.brasilescola.com/historiag/primeira-guerra.htm

http://www.brasil.gov.br/sobre/cidadania/direitos-do-cidadao/declaracao-universal-dos-direitos-humanos/

http://www.brasilimperial.org.br/dpedro2

http://www.cpad.com.br

http://www.cnbb.org.br/site/images/stories/Pastoral_bblica_e_animação_biblica_no_Brasil_-_Ir._Aparecida_Barboza.pdf

http://www.cristianopolis.go.gov.br/

http://www.e-biografias.net/oswaldo_cruz/

http://www.educacional.com.br

http://educador.brasilescola.com/estrategias-ensino/o-crescimento-industrial-brasil-na-decada-20.htm

http://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/o-brasil-na-primeira-guerra-mundial.htm

http://historiaespetacular.blogspot.com.br/2012/04/imigracao-italiana-no-brasil.html

http://www.historiamais.com/crise_de_1929.htm

http://www.ibge.gov.br/brasil500/japoneses/razaoemigjaponesa.html

http://www.ibnpaz.hpg.ig.com.br

http://www.iceb.com.br/web/index.php?option=com_content&view=article&id=46&Itemid=28

http://www.ieclb.org.br

http://www.igrejaassembleiadedeus.org

http://www.infoescola.com

http://www.mackenzie.com.br

http://www.onu.org.br/conheca-a-onu/a-historia-da-organizacao/

http://pebesen.wordpress.com/padres-da-igreja-catolica-em-santa-catarina/padre-huberto-rohden-um-longo-caminho

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituiçao34.htm

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm

http://pt.wikipedia.org

http://www.robertreidkalley.xpg.com.br/html/joaomanuel.htm

http://www.ueb.org.br/index.php/a-igreja/historia-da-igreja-brasil.html

http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xv/encyclicals/documents/hf_ben-xv_enc_15091920_spiritus-paraclitus_sp.html

http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_30091943_divino-afflante-spiritu_en.html

Bibliotecas

American Bible Society, Nova York, EUA.

British and Foreign Bible Society, Swindon, Inglaterra.

Cambridge University, Cambridge, Inglaterra.

Colégio Bennet, Rio de Janeiro, Brasil.

Faculdade Teológica Batista, São Paulo, Brasil.

Faculdade Teológica Batista, Rio de Janeiro, Brasil.

Faculdade Teológica Metodista, São Bernardo do Campo (SP), Brasil.

Faculdade Teológica Presbiteriana, Campinas (SP), Brasil.

Faculdade Teológica da Igreja Presbiteriana Independente, São Paulo, Brasil.

Museu da Bíblia, Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri (SP), Brasil.

Museu Britânico, Londres, Inglaterra.

Nacional de Lisboa, Lisboa, Portugal.

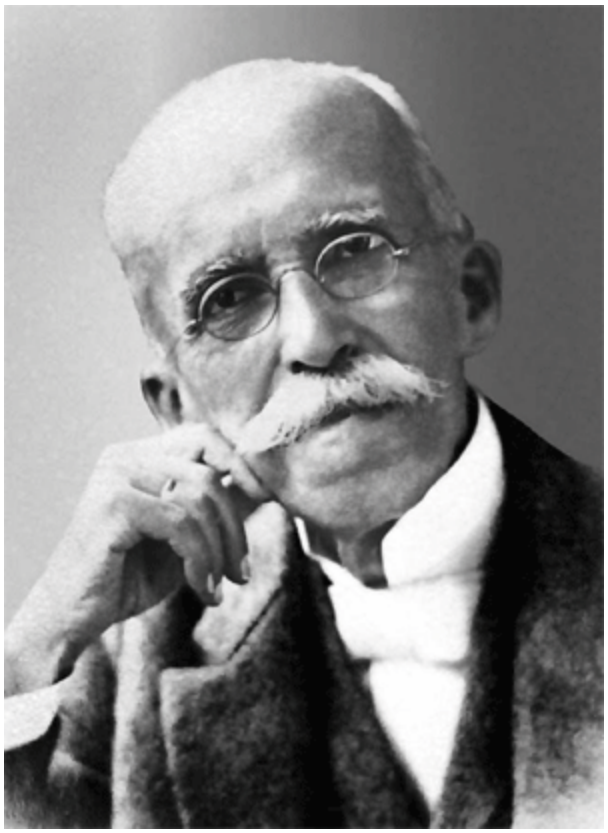
Nacional, Rio de Janeiro, Brasil.

Seminário Concórdia, São Leopoldo (RS), Brasil.

Sociedade Bíblica de Portugal, Lisboa, Portugal.

Galeria de fotos

Rui Barbosa, redator do decreto que estabeleceu a liberdade religiosa no Brasil e consultor da Tradução Brasileira da Bíblia de 1903 a 1914.



Prudente de Moraes, Presidente do Brasil de 1894 a 1898.



Rev. Hugh Clarence Tucker, agente no Brasil da Sociedade Bíblica Americana de 1887 a 1934.



Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos, agente da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira no Brasil de 1879 a 1902.



Machado de Assis, membro da Academia Brasileira de Letras e revisor da Tradução Brasileira da Bíblia de 1903 a 1917.



José Veríssimo Dias Matos, escritor e revisor da Tradução Brasileira da Bíblia de 1903 a 1917.



Heráclito de Alencastro Pereira da Graça, escritor e Revisor da Tradução Brasileira da Bíblia de 1903 a 1917.



Rev. Eduardo Carlos Pereira, fundador da Igreja Presbiteriana Independente e revisor da Tradução Brasileira da Bíblia de 1903 a 1917.



Rev. Antonio Bandeira Trajano, pastor presbiteriano e revisor da Tradução Brasileira da Bíblia de 1903 a 1917.



Rev. Alfredo Borges Teixeira, pastor da Igreja Presbiteriana Independente e revisor da Tradução Brasileira da Bíblia de 1903 a 1917.



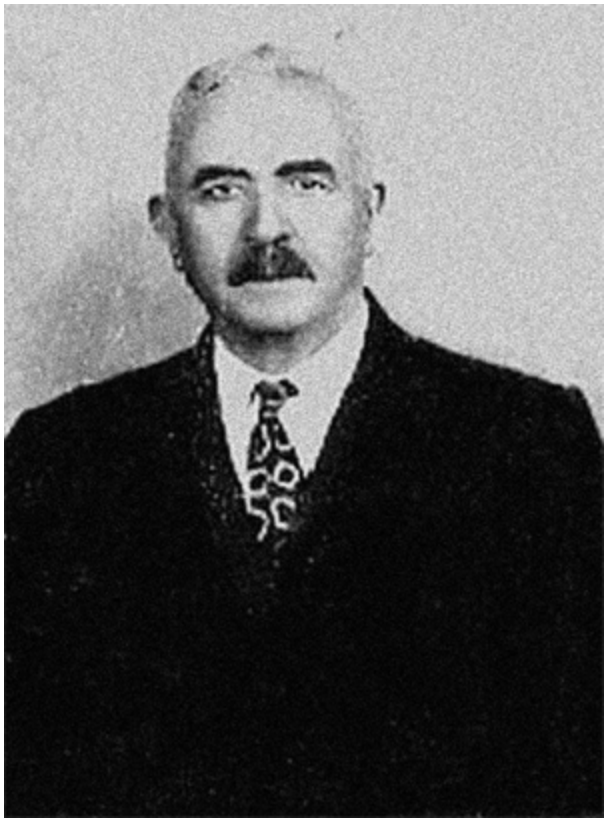
Rev. John Merrill Kyle, missionário presbiteriano e revisor da Tradução Brasileira da Bíblia de 1903 a 1917.



Virgílio dos Reis Várzea, escritor e revisor da Tradução Brasileira da Bíblia de 1903 a 1917.



Luigi Francescon, fundador da Congregação Cristã no Brasil, em 1910.



Gunnar Vingren, um dos fundadores da Assembleia de Deus no Brasil, em 1911.



Daniel Berg, um dos fundadores da Assembleia de Deus no Brasil, em 1911.



Primeiro Edifício da Bíblia construído no Brasil, em 1933, pela Sociedade Bíblica Americana, localizado à Avenida Erasmo Braga, nº. 12, na Esplanada do Castelo, no centro da cidade do Rio de Janeiro.



Padre Huberto Rohden, traduziu o Novo Testamento dos originais para o português, em 1932.



Rev. Charles William Turner, agente da Sociedade Bíblica Americana de 1934 a 1947.



Rev. Antonio de Campos Gonçalves e Dr. Paul Schelp, revisores da Versão Revista e Atualizada de Almeida de 1946 a 1956.



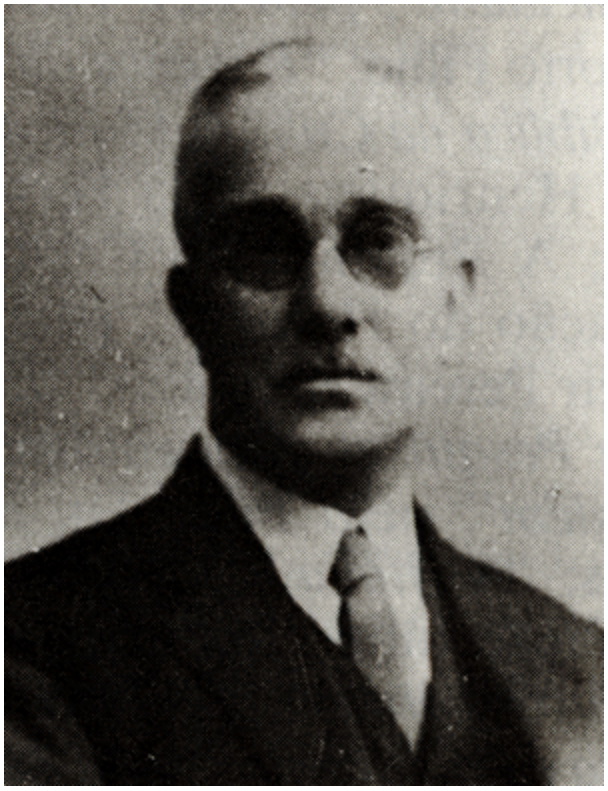
Rev. Egmont Machado Krischke, Secretário-Geral da Sociedade Bíblica do Brasil de 1948 a 1950.



Emílio Conde, líder da Assembleia de Deus, um dos fundadores da Sociedade Bíblica do Brasil e seu diretor de 1951 a 1964.



Rev. Alexander Telford, secretário da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira no Brasil, de 1917 a 1936.



Rev. Miguel Torres, pastor presbiteriano e colportor no Sul de Minas Gerais (1849-1902).



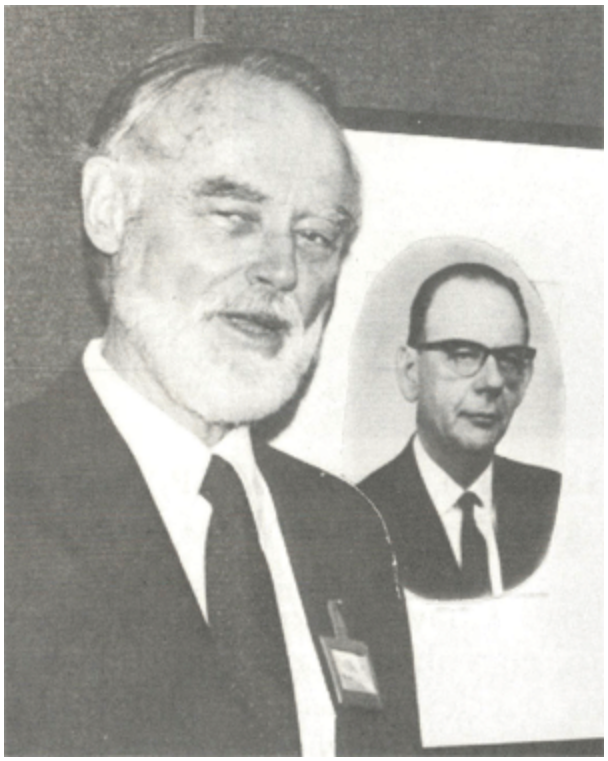
Charles Harold Morris, secretário da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira no Brasil, de 1930 a 1961.



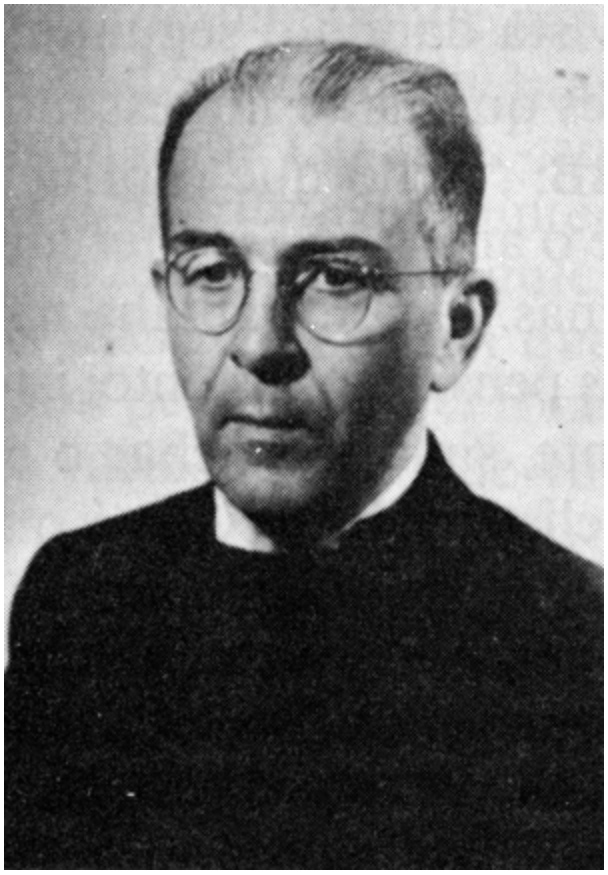
Leonor Raeder, assistente do secretario da Sociedade Bíblica Americana no Brasil e do secretário-geral da Sociedade Bíblica do Brasil, no período de 1934 a 1980.



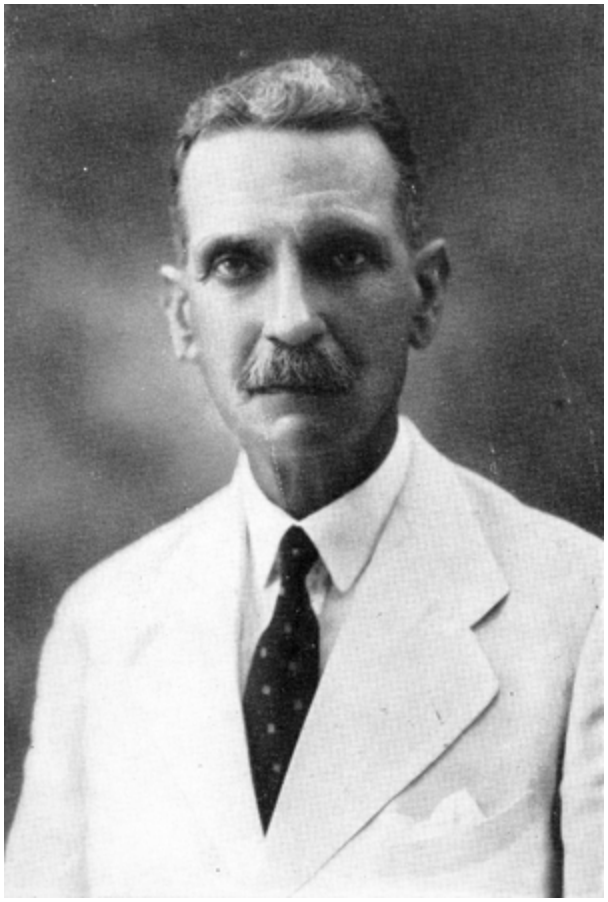
Robert G. Bratcher, secretário de traduções das Sociedades Bíblicas Unidas, de 1958 a 2010, e seu irmão Lewis Malen Bratcher Jr., secretário da Sociedade Bíblica Americana no Brasil, de 1948 a 1956.



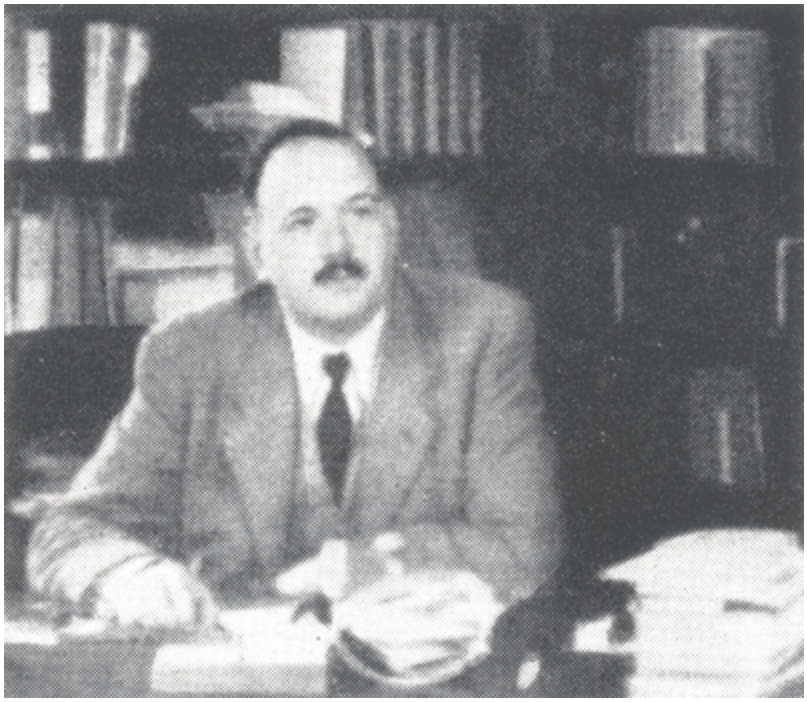
Bispo César Dacorso Filho, presidente da Sociedade Bíblica do Brasil, de 1948 a 1957.



Frederick Glass, colportor da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira no Brasil, de 1897 a 1942.



Olivier Béguin, primeiro secretário-geral das Sociedades Bíblicas Unidas.



Dr. Eugene Nida, secretário de traduções da Sociedade Bíblica Americana e um dos fundadores das Sociedades Bíblicas Unidas.



Antão Pessoa, colportor da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira durante as primeiras décadas do século 20.



NOTAS

[1] BARBOSA, Rui. *Ruínas de um governo.* Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1931, p. 118.

[2] DOLLINGER, Johann Joseph Ignaz; BARBOSA, Rui. *O Papa e o Concílio*. Rio de Janeiro: Brown & Evaristo, 1877, p. 261.

[3] *Ibidem*, p. 284.

[4] TURNER, Charles William. *La Biblia construye en América Latina*. Buenos Aires: Aurora Editorial, 1953, p. 34.

[5] http://pt.wikipedia.org/wiki/Rui_Barbosa

[6] *Idem*

[7] BARBOSA, Rui. *Discurso na Sociedade Acadêmica Beneficente*. Vol. I, Obras Completas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1870, p. 160.

[8] BARBOSA, Rui. *Obras Completas*. Vol. 1, tomo 1. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1951, p. 26.

[9] No sistema federativo, os Estados se reúnem para formar um Estado Federal, conservando cada um a sua própria autonomia.

[10] BARBOSA, Rui. *Obras Completas*. Vol. 23, tomo 5. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1896, p. 37.

[11] *Padroado* foi um tratado firmado entre a Igreja Católica e o Governo Imperial, segundo o qual este nomeava os padres e os bispos, pagava seus salários e construía os templos.

[12] CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2007, p. 157; http:// www.brasilimperial.org.br/dpedro2.

[13] A Sociedade Bíblica Americana e a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, que atuaram no Brasil até a fundação da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), em 1948, usavam a palavra “Escrituras” para designar uma Bíblia, um Novo Testamento, um Evangelho ou outro livro da Bíblia. A partir de 1966, a SBB passou a chamar também de “Escrituras” as Seleções bíblicas, folhetos ilustrados contendo uma passagem bíblica.

[14] Esse fato viria a ser comprovado em 1902, quando Rui Barbosa aceitou o convite das Sociedades Bíblicas para participar, como voluntário, na primeira tradução da Bíblia para o português do Brasil.

[15] http://pt.wikipedia.org/wiki/Rui_Barbosa

[16] CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2007, p. 188.

[17] *Idem*

[18] *Côngrua* era a p ensão que os párocos recebiam do governo para o seu sustento.

[19] *http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm.*

[20] http://www.ihgs.com.br/cadeiras/patronos/ruybarbosa.html

[21] BARBOSA, Rui. *Discurso no Colégio Anchieta*. Vol. 39, tomo 3. Obras Completas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1903, pp. 26-27.

[22] BUENO, Eduardo. *Brasil, uma história*. São Paulo: Texto Editora Ltda., 2010, p. 233.

[23] BARBOSA, Rui. *Cartas da Inglaterra*. Vol. 23, tomo 1. Obras Completas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1870, p. 322.

[24] *Ibidem*, p. 50.

[25] BARBOSA, Rui. *Cartas da Inglaterra*. Obras Completas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1870.

[26] Veja o capítulo 7 deste livro.

[27] William Jennings Bryan foi m embro do Partido Democrata e candidato à Presidência dos Estados Unidos por três vezes, em 1896, 1900 e 1908.

[28] TUCKER, Hugh Clarence. *Reminiscências — 50 anos no Brasil* (manuscrito não publicado). Rio de Janeiro: Colégio Bennet, 1933, p. 89.

[29] Veja o capítulo 3 deste livro.

[30] BARBOSA, Rui. *Resposta a César Zama*. Vol. 23, tomo 5. Obras Completas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1896, pp. 37-38.

[31] BARBOSA, Rui. *A imprensa e o dever da verdade*. São Paulo: São Paulo Com-Arte, Edusp, 1990, p. 80.

[32] BARBOSA, Rui. *Discurso no Senado Federal*. Vol. 41, tomo 3. Obras Completas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1914, p. 86.

[33] COSTA, Jefferson Magno. *Rui Barbosa, um gênio desconhecido e esquecido.* Adaptado por Marcelo Oliveira, janeiro de 2011. Disponível em http://davarelohim.com.br

[34] STEAD, William Thomas. *Revista Forum*. Salvador, 1973, p. 15.

[35] BARBOSA, Rui. *Programa da Tribuna do Povo, OC*. Obras Completas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1903, p. 23.

[36] Em 1890, o índice de analfabetos no Brasil era de 84%.

[37] BARBOSA, Rui. *Reforma do Ensino Primário*. Vol. 10, tomo 1. Obras Completas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1883, p. 121.

[38] BARBOSA, Rui. *Discurso no Colégio Anchieta*. Vol. 39, tomo 3. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1903, p. 57.

[39] *Ibidem*, p. 42.

[40] BARBOSA, Rui. *Memória sobre a Eleição Presidencial*. Vol. 37, tomo 2. Obras Completas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1910, p. 32.

[41] BARBOSA, Rui. *Excursão eleitoral*. Vol. 27, tomo 1. Obras Completas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1912, p. 60.

[42] BARBOSA, Rui. *Visita à terra natal*. Vol. 20, tomo 1. Obras Completas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1948, p. 45.

[43] BARBOSA, Rui. *Secularização dos Cemitérios*. Vol. 7, tomo 1. Obras Completas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1950, p. 163.

[44] Esta carta foi transcrita pelo Rev. Antonio de Campos Gonçalves, revisor da Versão Revista e Atualizada de Almeida, em artigo publicado na revista *A Bíblia no Brasil* nº 74, 1967, p. 1.

[45] TURNER, Charles William. *La Biblia construye en América Latina*. Buenos Aires: Aurora Editorial, 1953, pp. 32-33.

[46] Opa é um tipo de capa sem mangas usada em cerimônias religiosas.

[47] BARBOSA, Rui. *A imprensa e o dever da verdade*. São Paulo: São Paulo Com-Arte, Edusp, 1990, p. 12.

[48] http://www.estudosgospel.com.br/diversos/artigos/frases-c-lebres-sobre-a-b-blia.html

[49] http://www.ihgs.com.br/cadeiras/patronos/ruybarbosa

.html

[50] AMARAL, Sonia Guarita do. *O Brasil como Império*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2009, pp. 181-182.

[51] SBBE. *Relatório anual de 1890*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, pp. 306-308.

[52] A Guerra dos Canudos foi o confronto entre o exército brasileiro e os integrantes de um movimento popular de fundo sócio-religioso, liderado por Antonio Conselheiro, que durou de 1896 a 1897, na então comunidade de Canudos, no interior do Estado da Bahia.

[53] http://pt.wikipedia.org/wiki/Campos_Sales

[54] BUENO, Eduardo. *Brasil: uma história*. São Paulo: Textos Editora Ltda., 2010, pp. 248-258.

[55] www4.planalto.gov.br.

[56] No século 19, surgiram no Brasil as seguintes denominações evangélicas, chamadas históricas: anglicana, batista, congregacional, episcopal, luterana, metodista e presbiteriana.

[57] I Congresso Evangélico Brasileiro. *Manifesto à Nação*. Federação de Igrejas Evangélicas, 1931, p. 9.

[58] REILY, Duncan A. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1984, pp. 247-248.

[59] http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituiçao34.htm.

[60] SBBE. *Relatório anual de 1892*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, pp. 279-280.

[61] LESSA, Vicente Themudo. *Anais da Igreja Presbiteriana de São Paulo*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1938, pp. 137-138.

[62] *Ibidem*, pp. 387-391; http://www.mackenzie.br/10294.html.

[63] MORAES, Ledwar Vieira de; CAMARGO, Lígia Vieira de Moraes. *Um ano de gratidão por um século de bênçãos*. Itapetininga (SP): Igreja Presbiteriana de Itapetininga, p. 26; SOARES, Caleb. *150 anos de paixão missionária*. Santos (SP): Instituto de Pedagogia Cristã, 2009, p. 283.

[64] Veja a relação completa das revisões da Tradução de Almeida durante o século 19 e primeira metade do século 20 no apêndice deste livro.

[65] O Museu da Bíblia tem em seu acervo um exemplar da 1ª edição dessa tradução de João Ferreira de Almeida, Versão Revista e Corrigida, publicada pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira em Lisboa, em 1899.

[66] SBA. *Relatório anual de 1927*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, p. 264.

[67] HALLOCK, Edgar F.; SWELLENGREBEL, J. L. *A maior dádiva e o mais precioso tesouro*. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 2000, pp. 186-190.

[68] A palavra “colportor” vem do francês*colporteur*, que significa “vendedor ambulante” ou pessoa que vende

nas ruas e nas casas. Colportor bíblico é um vendedor ambulante da Bíblia.

[69] SBA. *Relatório anual de 1904*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, pp. 88-98.

[70] SBBE. *Relatório anual de 1890*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, pp. 306-308.

[71] SBA. *American Bible Society History*, Essay nº 15, Part V-C, p. 28; VIEIRA, Ruy Carlos de Camargo. *Vida e obra de Guilherme Stein Jr.* Tatuí (SP): Casa Publicadora Brasileira, 1995, p. 94.

[72] *ABNB* n° 124, p. 18.

[73] *ABNB* nº 139, p. 6.

[74] As atividades do Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos, no período de 1876 a 1889, estão registradas no livro *A Bíblia no Brasil Império*, publicado pela Sociedade Bíblica do Brasil em 2008.

[75] SBBE. *Relatório anual de 1889*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, pp. 306-308.

[76] SBBE. *Relatório anual de 1890*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, pp. 350-352.

[77] *Idem*.

[78] SBBE. *Relatório anual de 1893*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, pp. 295-296.

[79] SBA. *Relatórios Anuais de 1894 e 1927*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, p. 245.

[80] SBBE. *Relatório anual de 1881*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, pp. 278-282.

[81] SBBE. *Relatório anual de 1894*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, pp. 315-317.

[82] SBBE. *Relatório anual de 1896*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, pp. 266-267.

[83] SBBE. *Relatório anual de 1897*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, pp. 295-296.

[84] SBBE. *Relatório anual de 1899*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, pp. 303-305.

[85] SBBE. *Relatório anual de 1890*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, pp. 306-308.

[86] SBBE. *Relatório anual de 1899*. Barueri (SP): Museu da Bíblia.

[87] ÁVILA, Ivan Espíndola de. *A Bíblia, sempre a Bíblia*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1971, pp. 36 e 37.

[88] NICHOLS, Robert Hastings. *História da Igreja Cristã*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1954, pp. 199-202; HALLOCK, Edgar F.; SWELLENGREBEL, J. L. *A maior dádiva e o mais precioso tesouro*. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 2000, pp. 137-148.

[89] *Idem*.

[90] SBBE. *Relatório anual de 1897*. Barueri (SP): Museu da Bíblia.

[91] As edições católicas da Bíblia ou de parte dela eram sempre publicadas com comentários de autores aprovados pela Igreja Católica, com o objetivo de evitar interpretações contrárias às suas doutrinas.

[92] SBA. *Relatório anual de 1904*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, pp. 94-95.

[93] SBA. *Relatório anual de 1927*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, pp. 247 e 263.

[94] A tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo, feita em Portugal entre 1772 e 1790, foi a primeira tradução católica da Bíblia na língua portuguesa.

[95] FERREIRA, G. L. Santos. *A Bíblia em Portugal*. Lisboa: Tipografia de Ferreira de Medeiros, 1906, p. 121.

[96] SBA. *Relatório anual de 1927*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, p. 248.

[97] DWIGHT, Henry Otis. *The Centennial History of the American Bible Society*. Nova York: American Bible Society, 1916, p. 474.

[98] TUCKER, Hugh Clarence. *Reminiscências — 50 anos no Brasil* (manuscrito não publicado). Rio de Janeiro: Colégio Bennet, 1933, p. 128.

[99] http://www.cps.fgv.br/cps/bd/rel3/REN_texto_FGV_CPS_Neri.pdf, p. 8. Os dados de 1890 e 1930 são resultantes de censos feitos, e os demais são estimativas aproximadas.

[100] SBA. *Relatório anual de 1927*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, p. 251.

[101] Papa Bento XV. *Encíclica Spiritus Paraclitus, para a interpretação das Escrituras* n os 43, 46 e 47, 1920. http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xv/encyclicals/documents/hf_ben-xv_enc_15091920_spiritus-paraclitus_sp.html.

[102] MILLER, Stephen; HUBER, Robert. *A Bíblia e sua história*. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 2006, p. 224.

[103] BITTENCOURT, B. P. *O Novo Testamento: Metodologia da pesquisa textual*. Rio de Janeiro: JUERP, 1993, p. 173.

[104] SBA. *Relatório anual de 1928*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, pp. 235-236.

[105] Em 1910, a avenida Central passou a ser chamada avenida Rio Branco.

[106] BUENO, Eduardo. *Brasil, uma história*. São Paulo: Texto Editora Ltda., 2010, pp. 282-285.

[107] Veja o capítulo 18 deste livro; DWIGHT, Henry Otis. *The Centennial History of the American Bible Society*. Nova York: American Bible Society, 1916, p. 224; *ABNB* nº 146, p. 7.

[108] TUCKER, Hugh Clarence. *Reminiscências — 50 anos no Brasil* (manuscrito não publicado). Rio de Janeiro: Colégio Bennet, 1933, pp. 42-43.

[109] Colportagem é a venda de Escrituras de casa em casa.

[110] SBA. *Relatórios anuais de 1988 e 1927*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, p. 246.

[111] As atividades do Rev. Hugh Clarence Tucker no período de 1886 a 1889 foram publicadas no livro *A Bíblia no Brasil Império*, editado pela Sociedade Bíblica do Brasil em 2008.

[112] BUENO, Eduardo. *Brasil: uma história*. São Paulo: Textos Editora Ltda., 2010, pp. 276-277.

[113] http://historiaespetacular.blogspot.com.br/2012/04/imigracao-italiana-no-brasil.html; TUCKE R, Hugh Clarence. *Reminiscências — 50 anos no Brasil* (manuscrito não publicado). Rio de Janeiro: Colégio Bennet, 1933, p. 80.

[114] TUCKE R, Hugh Clarence. *Reminiscências — 50 anos no Brasil* (manuscrito não publicado). Rio de Janeiro: Colégio Bennet, 1933, pp. 100-102; REILY, Duncan A. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1984, p. 282.

[115] O trecho inicial do cais do porto do Rio de Janeiro, na Gamboa, foi inaugurado em 20 de julho de 1910.

[116] TUCKER, Hugh Clarence. *Reminiscências — 50 anos no Brasil* (manuscrito não publicado). Rio de Janeiro: Colégio Bennet, 1933, p. 113; http://www.metodistaonline.kit.net/hctucker.htm; http://www.e-biografias.net/oswaldo_cruz.

[117] As Escolas Normais preparavam professores para o curso primário, equivalente hoje ao primeiro ciclo.

[118] Tucker, Hugh Clarence. *Reminiscências–50 Anos no Brasil*, p. 103, Colégio Bennet, Rio de Janeiro, 1933, manuscrito não publicado.

[119] Veja o início deste capítulo.

[120] Ver cap. 1, subtítulo *Tradutor da Bíblia*.

[121] REILY, Duncan A. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1984, pp. 282-285.

[122] TUCKER, Hugh Clarence. *Reminiscências — 50 anos no Brasil* (manuscrito não publicado). Rio de Janeiro: Colégio Bennet, 1933, p. 106.

[123] Joaquim Cândido da Costa Senna (1852 — 1919) nasceu em Conceição do Mato Dentro (MG), formou-se em 1880 em Engenharia de Minas, na Escola de Ouro, em Minas Gerais, tornou-se professor e diretor dessa escola e, mais tarde, foi eleito deputado e governador do Estado de Minas Gerais e senador federal.

[124] TUCKER, Hugh Clarence. *Reminiscências — 50 anos no Brasil* (manuscrito não publicado). Rio de Janeiro: Colégio Bennet, 1933, pp. 52-53.

[125] ACM (Associação Cristã de Moços de São Paulo). *100 anos servindo a juventude*. São Paulo, 2002, pp. 4-10.

[126] *Ibidem*, pp. 14-15.

[127] TUCKER, Hugh Clarence. *Reminiscências — 50 anos no Brasil* (manuscrito não publicado). Rio de Janeiro: Colégio Bennet, 1933, pp. 110-111; REILY, Duncan A. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1984, p. 282.

[128] http://www.robertreidkalley.xpg.com.br/html/joaomanuel.htm; ACM (Associação Cristã de Moços de São Paulo). *100 anos servindo a juventude*. São Paulo, 2002, pp. 15-16.

[129] TUCKE R, Hugh Clarence. *Reminiscências — 50 anos no Brasil* (manuscrito não publicado). Rio de Janeiro: Colégio Bennet, 1933, pp. 110-111; ACM (Associação Cristã de Moços de São Paulo). *100 anos servindo a juventude*. São Paulo, 2002, pp. 15-16.

[130] TUCKER, Hugh Clarence. *Reminiscências — 50 anos no Brasil* (manuscrito não publicado). Rio de Janeiro: Colégio Bennet, 1933, pp. 110-111; ACM (Associação Cristã de Moços de São Paulo). *100 anos servindo a juventude*. São Paulo, 2002, pp. 15-16; MATOS, Alderi Souza de. *Os pioneiros presbiterianos do Brasil*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, pp. 319-324.

[131] http://www.acmsaopaulo.org.

[132] Seus colegas de seminário foram Antonio Bandeira Trajano, Modesto Perestrello Barros Carvalhosa e Antonio Pedro de Cerqueira Leite.

[133] A partir de 1911, Santana do Sapucaí passou a ser chamada Silvianópolis.

[134] Em 1901, Vital Brasil fundou, em São Paulo, o Instituto Butantã.

[135] FERREIRA, Júlio de Andrade. *O apóstolo de Caldas: vida, época, obras e influência póstuma do Rev. Miguel Gonçalves Torres*. Franca (SP): Gráfica Renascença, 1948; SOARES, Caleb. *150 anos de paixão missionária*. Santos (SP): Instituto de Pedagogia Cristã, 2009, pp. 388-391; MATOS, Alderi Souza de. *Os pioneiros presbiterianos do Brasil*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, pp. 319-324.

[136] REILY, Duncan A. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1984, pp. 132-133.

[137] *Ibidem*, p. 131.

[138] Veja o capítulo 16 deste livro.

[139] MEIN, John. *A Bíblia e como chegou até nós*. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1990, pp. 101-103.

[140] O Rev. Djalma Antônio da Cunha e Silva, mais conhecido como Djalma Cunha, foi diretor da Sociedade Bíblica do Brasil no período de 1960 a 1964 e, durante muitos anos, trabalhou como pastor da Igreja Batista no Estado do Piauí.

[141] VIEIRA, Ruy Carlos de Camargo. *Vida e obra de Guilherme Stein Jr.* Tatuí (SP): Casa Publicadora Brasileira, 1995, p. 151.

[142] *Ibidem*, p. 181.

[143] *ABNB* nº 55, p. 6.

[144] http://www.ueb.org.br/index.php/a-igreja/historia-da-igreja-brasil.html.

[145] *ABNB* nº 137, p. 8.

[146] FRANCESCON, Luigi. *Resumo de uma ramificação da obra de Deus pelo Espírito Santo, no século atual*. São Paulo: Indústrias Reunidas Irmãos Spina, 1958, p. 12.

[147] REILY, Duncan A. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1984, pp. 381-382.

[148] FRANCESCON, Luigi. *Histórico da obra de Deus*. Congregação Cristã no Brasil, 1941; MATOS, Alderi Souza de. *O protestantismo brasileiro no período republicano*, disponível em http://www.mackenzie.br/7071.html; http://www.ibnpaz.hpg.ig.com.br; *ABNB* nº 65, p. 10.

[149] http://www.igrejaassembleiadedeus.org; http://www.cpad.com.br.

[150] A mensagem de Emílio Conde na cerimônia de fundação da SBB pode ser encontrada no apêndice deste livro.

[151] *ABNB* vol. 5, nº 18, p. 11.

[152] FERREIRA, G. L. Santos. *A Bíblia em Portugal*. Lisboa: Tipografia de Ferreira de Medeiros, 1906, pp. 27, 69 e 91.

[153] Durante o Brasil Império, o Governador de Estado era denominado presidente de Estado.

[154] MATOS, Alderi Souza de. *Os pioneiros presbiterianos do Brasil*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, pp. 188, 324 e 432; http://www.mackenzie.br; http://www.ipib.org.br.

[155] *ABNB* vol. 9, nº 32, p. 8.

[156] Veja o capítulo 3 deste livro.

[157] SBA. *Relatório anual de 1927*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, p. 264.

[158] *ABNB* n° 159, p. 2.

[159] Glass, Frederick Charles. *Aventuras com a Bíblia no Brasil*, pp. 127-132, Livraria Evangélica Ltda., Rio de Janeiro, 1963.

[160] *Ibid*., pp. 127-132.

[161] SBA. *Relatório anual de 1925*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, pp. 232-233.

[162] SBA. *Relatórios anuais de 1921 a 1929*. Barueri (SP): Museu da Bíblia.

[163] Em 1893, o político uruguaio Aparício Saraiva, chefe do Partido Blanco, participou da Revolução Federalista no Rio Grande do Sul e, em 1904, liderou uma revolta política no Uruguai.

[164] SBA. *Relatório anual de 1904*. Barueri (SP): Museu da Bíblia.

[165] GLASS, Frederick Charles. *Aventuras com a Bíblia no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Evangélica Ltda., 1963, pp. 187-190.

[166] *ABNB* nº 45, p. 11.

[167] SBA. *Relatório anual de 1928*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, pp. 234-235.

[168] O governo republicano, preocupado com o Centro-Oeste, região isolada dos grandes centros e próxima à fronteira com outros países, enviou para lá o Marechal Rondon, com a missão de abrir caminhos, desbravar terras, instalar linhas telegráficas, fazer mapeamentos de terreno e estabelecer relações cordiais com os índios.

[169] Quatro anos depois, em 27 de outubro de 1912, seria inaugurado, na Praia Vermelha, o bondinho do Pão de Açúcar.

[170] BUENO, Eduardo. *Brasil, uma história*. São Paulo: Texto Editora Ltda., 2010, p. 293.

[171] Após participar do*Congresso de Ação Cristã na América Latina*, em 1916, no Panamá, Erasmo Braga escreveu o livro *Pan-Americanismo: Aspecto religioso*, que foi publicado pela Sociedade de Preparo Missionário, em 1916, em Nova York.

[172] TUCKER, Hugh Clarence. *Reminiscências — 50 anos no Brasil* (manuscrito não publicado). Rio de Janeiro: Colégio Bennet, 1933, p. 116; veja o capítulo 13 deste livro; http://www.mackenzie.br/7071.html; REILY, Duncan A. *História documental do*

protestantismo no Brasil. São Paulo: ASTE, 1984, pp. 229 e 253.

[173] *ABNB* nº 18, p. 3; SILVA JR., Ismael da. *Heróis da fé congregacionais*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Igreja Congregacional Fluminense, 1972.

[174] SBA. *Relatório anual de 1904*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, pp. 88-98.

[175] SBA. *Relatório anual de 1927*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, p. 246.

[176] Veja o capítulo 6 deste livro.

[177] O*Royal Albert Hall* é um antigo edifício de eventos, localizado em South Kensington, Londres, capital do Reino Unido, com capacidade para mais de oito mil pessoas.

[178] STEER, Roger. *The story of Bible Society*. Oxford (Reino Unido): Monarch Books, e Michigan (EUA): Grand Rapids, 2004, pp. 274-280.

[179] FERREIRA, G. L. Santos. *A Bíblia em Portugal*. Lisboa: Tipografia de Ferreira de Medeiros, 1906, p. 122 — informações fornecidas pela *SBBE* em 1906, ao autor do referido livro.

[180] Em 1925, chegou ao Brasil a Igreja Evangélica Holiness, uma ramificação da Igreja Metodista, fundada no Japão, em 1901, pelo Pastor Juji Nakada e pelo missionário Charles Cowman. Nessa época, o pastor da Igreja Holiness, Takeo Monobe, visitou os imigrantes japoneses residentes nas cidades, colônias e fazendas do interior do Estado de São Paulo.

[181] http://www.ibge.gov.br/brasil500/japoneses/razaoemigjaponesa.html; http://www.infoescola.com.

[182] *ABNB* n° 130, p. 6.

[183] http://www.brasilescola.com/historiag/primeira-guerra.htm; BECKER, Idel. *Pequena história da civilização ocidental*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970, pp. 499-505.

[184] TUCKER, Hugh Clarence. *Reminiscências — 50 anos no Brasil* (manuscrito não publicado). Rio de Janeiro: Colégio Bennet, 1933, p. 93.

[185] http://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/o-brasil-na-primeira-guerra-mundial.htm; BUENO, Eduardo. *Brasil, uma história*. São Paulo: Texto Editora Ltda., 2010, p. 298; TUCKER, Hugh Clarence. *Reminiscências — 50 anos no Brasil* (manuscrito não publicado). Rio de Janeiro: Colégio Bennet, 1933, p. 93.

[186] STEER, Roger. *The story of Bible Society*. Oxford (Reino Unido): Monarch Books, e Michigan (EUA): Grand Rapids, 2004, pp. 316-317 e 319.

[187] SBA. *Relatório anual de 1927*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, p. 253.

[188] DWIGHT, Henry Otis. *The Centennial History of the American Bible Society*. Nova York: American Bible Society, 1916, p. 224.

[189] SBBE e SBA. *Relatórios anuais de 1889, 1895, 1903 e 1918*. Barueri (SP): Museu da Bíblia.

[190] O*Canal do Panamá*, inaugurado em 1914, é uma passagem marítima de 81 quilômetros de extensão, que corta o istmo do Panamá, ligando o oceano Atlântico ao oceano Pacífico. Ele é importante para o comércio internacional devido à grande diminuição da rota dos navios que vão da costa Leste dos Estados Unidos para a costa Oeste, percurso que antes era feito através da costa brasileira e da Antártica.

[191] TUCKER, Hugh Clarence. *Reminiscências — 50 anos no Brasil* (manuscrito não publicado). Rio de Janeiro: Colégio Bennet, 1933, p. 93.

[192] O*Memorial Continental Hall* é um edifício de eventos construído em 1905, em Washington, EUA, situado entre a Casa Branca e o Monumento de Washington.

[193] Woodrow Wilson foi eleito presidente dos Estados Unidos por duas vezes seguidas, ficando no cargo de 1912 a 1921. Era membro do Partido Democrata e foi também reitor da Universidade de Princeton e laureado com o prêmio Nobel da Paz, em 1919.

[194] SBA. *Relatório anual de 1937*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, p. 266.

[195] SBA. *Relatórios anuais de 1876 a 1916*. Barueri (SP): Museu da Bíblia.

[196] Em 1916, a Sociedade Bíblica Americana publicou o livro *Autobiografia de Francisco G. Penzotti*.

[197] TUCKER, Hugh Clarence. *Reminiscências — 50 anos no Brasil* (manuscrito não publicado). Rio de Janeiro: Colégio Bennet, 1933, p. 92; PENZOTTI,

Francisco G. *Autobiografia de Francisco G. Penzotti*. Nova York: SBA, 1916, pp. 46-53.

[198] GLASS, Frederick Charles. *Aventuras com a Bíblia no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Evangélica Ltda., 1963, pp. 1-8.

[199] A cidade de Ouro Preto foi a capital do Estado de Minas Gerais de 1823 a 1897.

[200] *Santa Leopoldina* é uma cidade do Estado do Espírito Santo, situada a 51 quilômetros da capital Vitória.

[201] GLASS, Frederick Charles. *Aventuras com a Bíblia no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Evangélica Ltda., 1963, pp. 9-15.

[202] *Ibidem*, pp. 58-66.

[203] http://www.cristianopolis.go.gov.br; TUCKER, Hugh Clarence. *Reminiscências — 50 anos no Brasil* (manuscrito não publicado). Rio de Janeiro: Colégio Bennet, 1933, pp. 93-98.

[204] A cidade de São Sebastião do Alemão (GO), situada a 72 quilômetros da capital Goiânia, a partir de 1947 passou a ser chamada Palmeiras de Goiás.

[205] O missionário congregacional escocês Archibald Macintyre iniciou suas atividades no Estado de Goiás em 1908.

[206] *ABNB* pp. 87-88.

[207] *Ibidem*, pp. 39-43.

[208] http://www.iceb.com.br/web/index.php?option=com_content&view=article&id=46&Itemid=28.

[209] http://www.iceb.com.br/web/index.php?option=com_content&view=article&id=46&Itemid=28.

[210] BUENO, Eduardo. *Brasil, uma história*. São Paulo: Texto Editora Ltda., 2010, pp. 303-325; http://educador.brasilescola.com/estrategias-ensino/o-crescimento-industrial-brasil-na-decada-20.htm.

[211] Em 1855, o Rev. **Robert Reid Kalley** fundou a Igreja Evangélica Fluminense. Nos anos seguintes, ela se expandiu para outros Estados, com o nome de Igreja Evangélica. Em 1916, ela se uniu a outras denominações evangélicas, adotando o nome de Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais. E, a partir de 1942, passou a ser chamada Igreja **Evangélica Congregacional do Brasil (ICEB)**.

[212] *ABNB* nº 113, p. 2.

[213] *ABNB* nº 113, p. 2; nº 18, p. 3.

[214] *ABNB* vol. 7, nº 25, p. 4.

[215] SBA. *Relatório anual de 1904*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, pp. 88-98.

[216] http://aeb-brasil.org.br/hist%C3%B3ria.

[217] SBA. *Relatório anual de 1926*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, pp. 246-247; TUCKER, Hugh Clarence. *Reminiscências — 50 anos no Brasil* (manuscrito não publicado). Rio de Janeiro: Colégio Bennet, 1933, pp.

116-117; MATOS, Alderi Souza de. *O protestantismo brasileiro no período republicano*, disponível em http://www.mackenzie.br/7071.html.

[218] http://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/crisede29.htm; http://www.historiamais.com/crise_de_1929.htm.

[219] SBA. *Relatório anual de 1932*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, p. 148.

[220] A região do Vale do Rio Doce é formada pela união de 102 municípios agrupados em sete pequenas regiões e tem como cidades principais Aimorés, Caratinga, Coronel Fabriciano, Governador Valadares, Ipatinga, Mantena e Timóteo.

[221] *ABNB* vol. 4, n o 2, pp. 13 — 14.

[222] SBA. *Relatórios anuais de 1925, 1926, 1927 e 1928*. Barueri (SP): Museu da Bíblia.

[223] SBA. *Relatório anual de 1927*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, pp. 263-264.

[224] Veja o capítulo 4 deste livro.

[225] SBA. *Relatório anual de 1928*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, pp. 229-231.

[226] SBA. *Relatório anual de 1929*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, pp. 223-224.

[227] TUCKER, Hugh Clarence. *Reminiscências — 50 anos no Brasil* (manuscrito não publicado). Rio de Janeiro: Colégio Bennet, 1933, pp. 95-97.

[228] SBA. *Relatório anual de 1925*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, p. 236.

[229] Erasmo Braga (1877 — 1932), pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, educador, escritor e destacado líder evangélico, faleceu com apenas 55 anos, no dia 11 de maio de 1932.

[230] A avenida Erasmo Braga é uma das principais avenidas centrais do Rio de Janeiro.

[231] TUCKER, Hugh Clarence. *Reminiscências — 50 anos no Brasil* (manuscrito não publicado). Rio de Janeiro: Colégio Bennet, 1933, p. 41.

[232] SBA. *Revista Bible Society Record* vol. 89, nº 1. Nova York, janeiro de 1944, p. 9.

[233] http://www.metodistasonline.kit.net/hctucker.htm; DWIGHT, Henry Otis. *The Centennial History of the American Bible Society*. Nova York: American Bible Society, 1916, p. 473; *ABNB* nº 18, p. 3.

[234] *ABNB* vol. 1, nº 3, p. 13.

[235] DWIGHT, Henry Otis. *The Centennial History of the American Bible Society*. Nova York: American Bible Society, 1916, p. 473; *ABNB* nº 18, p. 3; ROCHA, Isnard. *Pioneiros e bandeirantes do Metodismo no Brasil*. São Bernardo do Campo (SP): Imprensa Metodista, pp. 237-242.

[236] ÁVILA, Ivan Espíndola de. *A Bíblia, sempre a Bíblia*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1971, pp. 41-43.

[237] Epitácio Pessoa foi presidente da República de 1919 a 1922 e João Pessoa, que emprestou seu nome à capital do Estado da Paraíba, foi governador daquele Estado de 1928 a 1930.

[238] *ABNB* nº 118, p. 4.

[239] GLASS, Frederick Charles. *Aventuras com a Bíblia no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Evangélica Ltda., 1963, pp. 240-241.

[240] O nome dessa companhia ferroviária era *Compagnie des Chemins de Fer Fédéraux de l'Est Brésilien*, que administrou estradas de ferro nos Estados de Minas Gerais, Bahia, Sergipe e Alagoas, no período de 1911 a 1935.

[241] GLASS, Frederick Charles. *Aventuras com a Bíblia no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Evangélica Ltda., 1963, pp. 241-242.

[242] *ABNB* nº 118, p. 4.

[243] Na década de 1920, o Estado do Mato Grosso não havia sido ainda dividido em dois Estados.

[244] GLASS, Frederick Charles. *Aventuras com a Bíblia no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Evangélica Ltda., 1963, p. 284.

[245] SBA. *Relatório anual de 1927*. Barueri (SP): Museu da Bíblia, p. 261.

[246] http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia_demografica/analise_populacao/1940_2000/comentarios.pdf; http://www.mackenzie.br/7071.html.

[247] DWIGHT, Henry Otis. *The Centennial History of the American Bible Society*. Nova York: American Bible Society, 1916, p. 473; *ABNB* nº 84, p. 8.

[248] REILY, Duncan A. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1984, p. 137.

[249] A doença de Chagas é uma infecção causada pelo inseto conhecido no Brasil como “barbeiro”. À medida que a doença progride, seus sintomas — insuficiência cardíaca e desordens do sistema digestivo — tornam-se crônicos.

[250] *ABNB* n° 31, p. 2.

[251] *ABNB* n° 154, p. 6.

[252] *ABNB* n° 58, p. 11.

[253] *ABNB* nº 63, p. 22; nº 28, p. 4.

[254] A partir de 1943, a cidade de Nova Olinda (BA) passou a se chamar Olindina. Está situada a 44 quilômetros da cidade sergipana de Tobias Barreto e distante aproximadamente 200 quilômetros da capital Salvador. Sua população em 2004 era de 25.164 habitantes.

[255] GLASS, Frederick Charles. *Aventuras com a Bíblia no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Evangélica Ltda., 1963, pp. 246-251.

[256] http://www.brasilescola.com/geografia/resumo-segunda-guerra-mundial.htm; http://www.onu.org.br/conheca-a-onu/a-historia-da-organizacao /;

http://www.brasil.gov.br/sobre/cidadania/direitos-do-cidadao/declaracao-universal-dos-direitos-humanos.

[257] BUENO, Eduardo. *Brasil, uma história*. São Paulo: Texto Editora Ltda., 2010, pp. 353-355.

[258] ***Gestapo*** é o acrônimo em alemão de ***Ge****heime****Sta****atspo****lizei***, que significa “polícia secreta do Estado”.

[259] http:// www. acm saopaulo.org.

[260] SBA. *Revista Bible Society Record* vol. 87, nº 3. Nova York, setembro de 1942, pp. 36-43.

[261] SBA. *Revista Bible Society Record* vol. 88, nº 7. Nova York, setembro de 1943, p. 98.

[262] SBA. *Revista Bible Society Record* vol. 88, nº 7. Nova York, setembro de 1943, p. 99.

[263] SBA. *Revista Bible Society Record* vol. 89, nº 1. Nova York, janeiro de 1944, p. 10.

[264] SBA. *Revista Bible Society Record* vol. 88, nº 7. Nova York, setembro de 1943, pp. 104-106.

[265] MEIN, John. *A Bíblia e como chegou até nós*. Rio de Janeiro: JUERP, 1990, pp. 101-102.

[266] *Ibidem*, p. 103.

[267] *Ibidem*, p. 104.

[268] *Ibidem*, pp. 107-113.

[269] *ABNB* n° 122, p. 12.

[270] HALLOCK, Edgar F.; SWELLENGREBEL, J. L. *A maior dádiva e o mais precioso tesouro*. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 2000, p. 150.

[271] http://pebesen.wordpress.com/padres-da-igreja-catolica-em-santa-catarina/ padre-huberto-rohden — um-longo — caminho.

[272] ROHDEN, Huberto. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda., 2006.

[273] TUCKER, Hugh Clarence. *Reminiscências — 50 anos no Brasil* (manuscrito não publicado). Rio de Janeiro: Colégio Bennet, 1933, p. 128.

[274] TUCKER, Hugh Clarence. *Reminiscências — 50 anos no Brasil* (manuscrito não publicado). Rio de Janeiro: Colégio Bennet, 1933, pp. 91-92.

[275] Papa Pio XII. *Encíclica Divino Afflante Spiritu sobre estudos bíblicos*. 1943, http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_30091943_divino-afflante-spiritu_en.html.

[276] DORCY, Jean Marie. *St. Dominic's Family*. Tan Books and Publishers, 1983; HALLOCK, Edgar F.; SWELLENGREBEL, J. L. *A maior dádiva e o mais precioso tesouro*. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 2000, p. 138.

[277] BETTENCOURT, Dom Estêvão. *Os estudos bíblicos no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, 1950.

[278] http://www.cnbb.org.br/site/images/stories/Pastoral_bblica_e_animação_biblica_no_Brasil_-_Ir._Aparecida_Barboza.pdf; Concílio Vaticano II. *Constituição Dogmática Dei Verbum, Da Escritura na vida do povo*. Cap. VI, nº 22, 1965.

[279] *ABNB* n° 122, p. 11.

[280] SBA. *Revista Bible Society Record* vol. 88, nº 7. Nova York, setembro de 1943, p. 99.

[281] *ABNB* nº 34, p. 9.

[282] *ABNB* vol. 1, nº 2, p. 9.

[283] *ABNB* nº 24, p. 10.

[284] *ABNB* vol. 1, nº 2, pp. 9-10.

[285] *ABNB* nº 238, pp. 12 — 13; 2Co 1.4 — “nós mesmos somos contemplados por Deus” e não “nós mesmos somos contemplados de Deus”.

[286] *ABNB* nº 28, p. 5.

[287] O*Good News for Modern Man*, o Novo Testamento em inglês popular traduzido pelo Dr. Robert G. Bratcher na década de 1960, foi um grande sucesso de vendas nos EUA. Foram distribuídos 40 milhões de exemplares em apenas cinco anos.

[288] *ABNB* nº 24, p. 10.

[289] *ABNB* nº 24, p. 10; nº 27, p. 8; nº 105, p. 7; nº 118, p. 1.

[290] O Seminário Concórdia foi transferido mais tarde para São Leopoldo (RS).

[291] *ABNB* nº 136, p. 20.

[292] *ABNB* nº 47, p. 8; nº 136, p. 20.

[293] *ABNB* vol. 5, nº 17, p. 13.

[294] *ABNB* vol. 6, nº 22, p. 4.

[295] *ABNB* nº 28, p. 6; nº 34, p. 9.

[296] *ABNB* nº 34, p. 5.

[297] *ABNB* nº 46, p. 8; nº 48, p. 8.

[298] *ABNB* nº 25, p. 10.

[299] *ABNB* nº 57, p. 9.

[300] A Revolta ou Insurreição de Varsóvia foi uma luta armada ocorrida durante a Segunda Guerra Mundial, de agosto a outubro de 1944, na qual o Exército Clandestino Polonês tentou libertar Varsóvia do controle da Alemanha nazista.

[301] Ata de fundação das SBU, preparada e editada mediante orientação da Conferência e disponibilizada pela Secretaria da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (Londres, Inglaterra, 1946).

[302] SBU. *Ata de fundação das Sociedades Bíblicas Unidas*. Elfinsward, 1946.

[303] SBU. *Ata de fundação das Sociedades Bíblicas Unidas*. Elfinsward, 1946.

[304] SBU. *Ata de fundação das Sociedades Bíblicas Unidas*. Elfinsward, 1946.

[305] SBU. *Ata de fundação das Sociedades Bíblicas Unidas*. Elfinsward, 1946.

[306] SBU. *Ata de fundação das Sociedades Bíblicas Unidas*. Elfinsward, 1946.

[307] Os estatutos das SBU estão transcritos no apêndice deste livro.

[308] Ata de fundação das SBU, preparada e editada mediante orientação da Conferência e disponibilizada pela Secretaria da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (Londres, Inglaterra, 1946).

[309] STEER, Roger. *The story of Bible Society*. Oxford (Reino Unido): Monarch Books, e Michigan (EUA): Grand Rapids, 2004, p. 369.

[310] *ABNB* nº 118, p. 11.

[311] BUENO, Eduardo. *Brasil, uma história*. São Paulo: Texto Editora Ltda., 2010, pp. 345 e 358; http://www.brasilescola.com.

[312] http://www.mackenzie.br/7071.html; http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia_demografica/analise_populacao/1940_2000/comentarios.pdf; REILY, Duncan A. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1984, pp. 158-159.

[313] *Relatórios anuais da SBA e da SBBE*. Barueri (SP): Museu da Bíblia.

[314] MILLER, Stephen; HUBER, Robert. *A Bíblia e sua história*. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 2006, pp. 218-219.

[315] *ABNB* n° 65, p. 14.

[316] TURNER, Charles W. *La Biblia construye en América Latina*. Buenos Aires: Editorial La Aurora, 1954.

[317] SBA. *Revista Bible Society Record* vol. 89, nº 4. Nova York, abril de 1944, p. 53.

[318] *Relatórios anuais da SBA e da SBBE*. Barueri (SP): Museu da Bíblia.

[319] *ABNB* vol. 1, nº 1, p. 6.

[320] O Rev. D. Hermann Dohmns era o presidente do Sínodo Rio-grandense da Igreja Evangélica Luterana.

[321] *ABNB* vol. 1, nº 1, p. 15.

[322] *ABNB* vol. 1, nº 1, p. 2.

[323] *ABNB* vol. 1, nº 1, p. 4.

[324] *ABNB* vol. 1, n° 1, p. 3.

[325] *Idem*. As mensagens dos demais oradores na cerimônia de inauguração da SBB, transcritas da ata de sua fundação, encontram-se no apêndice deste livro.

[326] *ABNB* vol. 1, nº 1, p. 4.

[327] *Ibidem*, p. 5.

[328] *ABNB* vol. 1, nº 1, p. 4.

[329] *Ibidem*, p. 6.

[330] *Ibidem*, p. 12.

[331] Palavras do reformador Erasmo de Roterdã, no século 16.

[332] *ABNB* vol. 1, nº 1, p. 15.

[333] *ABNB* nº 119, p. 6.